

GRAZI FONTES

Alriet

Quando o amor acontece





Alriet

Quando o amor acontece

Um Romance de Grazi Fontes

Dedico esta história à minha amiga, Ana Carolina Castilho, e à minha família.

E dedico também a você que vai começar a ler Alriet. Eu espero que você sinta o que eu senti enquanto escrevia a história. Obrigada por dar esta oportunidade a Alriet.

Sumário

[2009](#)

[2010](#)

[2011](#)

[2012](#)

[2013](#)

[2014](#)

2009

*A vida nos surpreende, pois quando você menos espera,
ela te dá um presente. Um presente que você levará para*

vida toda e tem um nome; amizade.



I

ALEC

EU NASCI NUMA TARDE DE VERÃO DO ANO DE 1992, em Dublin, Irlanda. Meu pai estava de passagem, mais especificamente, a trabalho, e minha mãe queria estar com ele, afinal, a gravidez estava estável e ainda faltava mais de um mês para o meu nascimento. Minha mãe sentia sua falta e queria vê-lo, por isso ela embarcou no primeiro trem, logo após o trabalho. Foi uma viagem desconfortável e, muitas vezes, ela pensava que não devia ter se arriscado tanto em sair de Bruxelas naquele estado sozinha, mas ela não desistiu no meio do caminho.

Pelo que entendi da história toda, ela sentiu aquele famoso desejo de grávida e, acredite se quiser, seu desejo era encontrar meu pai. Durante toda a gravidez, minha mãe não queria saber se era menino ou menina antes do tempo, não havia pensado no nome e nem nada, mas no momento em que me viu, ela soube como eu iria me chamar. Ela deu a mim, o nome de um dos personagens de romances melosos que costumava ler bastante.

- *Alecsander*. - Ela sussurrou enquanto me pegava no colo e meu pai repetia, alegremente encantado.

Incrível como eu não me canso de ouvir essa história. Eu gosto do meu nome, de

como surgiu e, especialmente, do lugar onde eu nasci e que nunca tive o prazer de conhecer depois daquele dia, mas isso não quer dizer que eu não pesquisasse constantemente sobre a cidade e o país em que nasci. É um lugar incrível, mas... Os homens usam *Kilt*^[1] e isso é absolutamente estranho a meu ver.

Por ter sido praticamente criado somente pela minha mãe e ter pouco contato com a minha família, eu me tornei muito parecido com ela. Afinal, que homem iria assumir que gostava de ouvir uma história boba de como surgiu o seu nome e seu nascimento ter acontecido antes do tempo porque sua mãe fez uma loucura de amor durante a gravidez?

Nem todos os homens assumem esse tipo de coisa, eu sei, mas isso não quer dizer que todo mundo sabe disso, não é? Mas guardo só para mim, embora seja importante, pois faz parte da minha história.

Estava para completar meu décimo sétimo verão e minha mãe ainda fazia minhas festas de aniversário e convidava os mesmos amigos da rua. Eu, há algum tempo, já não gostava dessas festas, apenas dos doces, é claro. Acho que a minha mãe não percebeu que eu já não sou mais uma criança pequena, embora ela sempre me trate como tal. Eu tentei reclamar dessa vez, mas não deu muito certo.

- Alec, você não vai ter oportunidade de comemorar seus 17 anos de novo. – Ela me repreendeu ao perceber meu incomodo de novo.

A minha mãe sempre repetiu aquela frase. Mas pensando bem, isso sempre vai acontecer, em todos os anos. Nunca faremos aquela idade de novo. Nunca comemorarei meus 15 de novo. Ou os meus 17 anos, como naquele dia. Assim é a vida, entretanto, eu queria que ela entendesse que eu já estou velho o bastante para querer ou não uma festa de aniversário. Quando isso iria acontecer?

Então, contradizendo a minha vontade, eu achei melhor não implicar. Ela queria fazer a festa. Eu a deixei fazer a festa. O fato de sempre estarmos sozinhos e a ausência do meu pai ainda prevalecer entre a gente, e não conseguir superar esta perda ainda, me impedia de contrariá-la. Minha mãe cuidou de mim a vida toda, sozinha. E, pensando nela, e na sua solidão, eu deixei-a fazer o que queria para mim. Ela se sentia feliz em ver nossa casa cheia e eu acho que sou muito parecido com meu pai, pois pelo que ela me contava, ele detestava conversar com desconhecidos e fazer comemorações.

Por isso, durante a festa do meu aniversário, fiz questão de pegar o meu velho *discman*^[2] e ouvir algumas músicas das quais gostava muito, sentado no meu esconderijo do lado do sofá, bem encolhido e desajeitado. Não é que não havia música tocando, até tinha, mas nenhuma das bandas que tocava nos alto-falantes eu gostava.

Eu enfiei os fones nos ouvidos e fiquei somente com os olhos para fora, observando as pessoas conversarem animadas, até que minha mãe foi até a porta e a abriu para alguém passar. Duas garotas entraram e uma delas me chamou a atenção. Loira. Eu gostava muito das loiras, embora não soubesse a razão de preferir as loiras.

Elas eram bem interessantes, para falar a verdade. Mas a loira... Desliguei o *discman* e tirei os fones para prestar atenção nas garotas, especialmente nela. A loira, eu não conhecia e nunca a vi em toda minha vida. A outra, a morena, morava no final da rua e eu nunca nem conversei com ela, nem sabia seu nome.

Como a minha mãe podia ter contato com tantas pessoas e eu não? Se tem uma coisa que eu não puxei a ela, foi ser comunicativo. E esse era o motivo por eu detestar as festas que minha mãe fazia questão de organizar “para mim”. Eu não conhecia ninguém, era ela quem conhecia estas pessoas e eu, há muito tempo percebi que, essas festas, sempre foram para ela.

Continuei ali, no meu esconderijo, observando a garota. Ela era muito bonita e tinha olhos claros. Era magra, parecia uma modelo. Usava um casaco vermelho e uma calça preta. Ela moveu a mão até o cabelo comprido e o jogou para trás me fascinando. Eu não levava jeito com garotas bonitas, mas tinha que continuar tentando me aproximar, não é? Um dia eu iria conseguir alguma coisa!

Levantei-me do chão e arrumei minha roupa. Fui até onde ela estava, perto da mesa, e peguei um copo de refrigerante, aproveitei para me virar para ela antes de beber e poder vê-la melhor de perto.

Olhei para sua mão e ela segurava uma lata de cerveja enquanto conversava. Por que ela podia beber bebidas alcoólicas e eu não? Ela não era mais velha que eu, constatei. Infelizmente, minha mãe controlava meus passos, ainda mais quando estava em casa. Esperava, em breve, poder mudar isso.

Olhei bem para o seu rosto e constatei que ela era mais bonita de perto, tanto que eu não conseguia parar de olhar para ela e sua boca, enquanto ela conversava com sua amiga muito empolgada e ria alegremente. Levei o copo até a boca, sem conseguir afastar os olhos dela e então ela virou o rosto em minha direção.

Senti um frio na boca do estômago incontrolável. Senti minhas mãos suarem.

Ela estava olhando para mim, estava me notando, mas eu sabia que não me olhava contente. Pelo menos, isso eu conseguia notar; entretanto, como todo garoto na puberdade, só o fato de ela olhar para mim, já me deixava animado.

- Perdeu alguma coisa? - Sua voz era muito gostosa, mas seu tom foi muito arrogante. Ela me olhou por inteiro, percebi seu nariz enrugar ao se sentir descontente com o que estava vendo. Eu não podia culpa-la.

Eu não faço o tipo de muitas garotas. Ninguém naquela cidade gostava de roqueiros, achavam que éramos drogados e pervertidos. Ela não seria diferente.

- Oi. - Disse um pouco tímido. - Eu sou Alec, o aniversariante. - Voltei meu copo até a boca.

- Arg. – Ela rosnou. - Não havia um lugar melhor para me trazer Anne? - Eu praticamente engasguei e comecei a cuspir o refrigerante ao ouvir o que ela disse. – Você me leva em cada buraco! – Eu senti raiva no mesmo instante, mas não refutei ao seu comentário.

- Me desculpe! - Disse ao ver as duas olhando para mim e me afastei rapidamente.

Que maneira ótima de começar meu décimo sétimo ano de vida... Voltei para o meu esconderijo e minha música. Eu queria sair da festa correndo para ir ao meu quarto tocar. Era a única coisa que poderia me confortar da raiva e que me empolgava ultimamente, mas mesmo desejando isso, continuei ali, no esconderijo, observando a loira bonita, que

não sabia seu nome e nunca daria bola para mim. Era impossível afastar os olhos. Mesmo ela sendo estupidamente arrogante...

E me descobri apaixonado por ela. Sabe quando muitas pessoas dizem que, quanto mais você é ignorado por uma pessoa que você acha interessante, mais você fica fascinado? Então, eu estava bem assim. E ela sabia que chamava minha atenção e como toda garota que sabia o quão espetacular era, se exibia para mim. Pelo menos eu tinha sua atenção.

*

O problema de se ter dezessete anos ainda é: precisar ir à escola. Se havia uma coisa que eu detestava muito, era estudar. Eu nunca fui ruim nas matérias, pelo contrário, tirava boas notas, pois aprendia com facilidade e por isso me incomodava muito ir sempre obrigado à escola e não poder faltar nenhum dia.

Parecia que minha mãe gostava de judiar de mim. Ela sabia muito bem ativar meu mau humor logo cedo e fez isso por todos aqueles malditos anos escolares. Pelo menos, estava acabando, afinal, era meu último ano indo para aquela maldita escola. Ano de me libertar, mas ainda tinha que sofrer mais um pouco antes de isso acontecer!

Eu não era de ter amigos. Não era só ruim em conseguir falar com as garotas, mas com qualquer pessoa que estivesse a, pelo menos, dois metros de distância de mim. Eu nunca fui bom em falar o que pensava, mas como todo adolescente, eu sentia que faltava alguma coisa.

Às vezes, quando via as pessoas na escola conversando, rindo e caçoando uns dos outros, sentia que queria aquilo, mas nunca me esforcei muito para conseguir. Enquanto alguns se relacionavam com outras pessoas, eu tentava me satisfazer com a música e realmente dava certo. Compor e tocar supria tudo o que passava pela minha cabeça.

- Hora de levantar! – Minha mãe entrou rapidamente no quarto e olhou de esguelha para mim. - Não pode se atrasar no seu primeiro dia de aula. - Ela abriu as cortinas e a janela. Meu quarto ficou todo claro e me obriguei a fechar os olhos.

- Que merda mãe. - Eu cobri meu rosto com o cobertor após resmungar. – Fecha isso!

- Alec! - De novo aquele tom. Juro que não senti um pinga de falta do som reprimido de sua voz nas minhas férias. - Vamos levantar, está na hora, querido.

- Que saco. – Gritei ao senti-la puxar minha coberta me descobrindo por inteiro.

- Vai levantar agora, seu preguiçoso. - Olhei-a sair do quarto e fechar a porta, mas mesmo já distante eu podia ouvir o som dos seus passos se arrastando e também... Encolhi os ombros com o que veio logo em seguida. - Você tem cinco minutos para tomar banho e se vestir, Alec. - Ela gritou bem alto.

Como sempre, eu corri para fazer tudo o que ela havia pedido e quando me sentei à mesa, tudo estava pronto. Minha mãe parou na minha frente e apoiou as mãos na cadeira. Eu comecei a comer em silêncio. Ela ficou ali, olhando para mim. Eu sabia que mais uma vez, como em todos os anos, desde que perdemos meu pai, ela fazia aquele mesmo discurso.

- Como você cresceu! – Ergui os olhos para ela e a encarei. – Seu pai estava certo. Você se tornaria um rapaz aparentemente rebelde, Alec, mas só a aparência. Como ele poderia estar tão certo disso quando você só tinha cinco anos? É claro, é tão parecido com ele.

Era aquela mesma ladainha de sempre. Vi seus olhos ficarem úmidos e, em seguida, ela tentou disfarçar e ergueu a mão enxugando a lágrima que deslizava por um lado de sua face. Parei a colher que levava a boca no meio do caminho e fiquei observando-a.

Às vezes, eu pensava em não abandonar tudo aquilo para não deixá-la sozinha, pois eu sabia que mesmo comigo ali, ela ainda sentia falta de meu pai e, a cada dia que passava, sentia-se mais e mais solitária.

Como eu passava a maior parte dos meus dias fora de casa, estudando e trabalhando, eu sabia o quão solitária minha mãe se sentia quando me via sair todos os dias de manhã e voltar só à noite. Não que precisássemos de dinheiro, mas eu sempre quis cuidar de mim e, por isso, o tio Benjamin, irmão da minha mãe, dono de uma loja de doces, me contratou.

Minha mãe até me incentivou quando soube que eu queria trabalhar e arranjou o trabalho para mim. O que ela não sabia é que todo o dinheiro que eu estava arrecadando, estava juntando para sair dali o quanto antes.

Eu podia ver a decepção em seus olhos antecipadamente, mas... Ela iria disfarçar e concordar, afinal, minha mãe desejava o melhor para mim e isso significava aceitar o que eu queria para o meu futuro. Eu não queria ir embora de cidade ou de país. Eu só queria poder morar sozinho.

Confesso que fiquei aliviado em chegar ao colégio todos os dias naquela semana e não ser infortunado. Não havia mais antigos alunos que esnobavam os mais novos. Ali não era tão diferente de outros lugares no mundo, as pessoas costumavam não se socializar com pessoas que não tinham o mesmo nível social e, muito menos, com pessoas que aparentemente eram estranhas. O que era o meu caso.

Quer dizer, eu era diferente. Vestia sempre preto e era magro e desajeitado ao andar, afinal, minha altura não facilitava muito as coisas.

Há algum tempo, precisei fazer tratamento, pois andava com a coluna torta e de cabeça baixa, o que me causou uma enorme dor nas costas e praticamente me impossibilitou de tocar. E, por causa do tratamento, deixei de olhar para o chão enquanto andava e isso causava, bem, alguns transtornos ao longo do caminho.

Eu costumava atropelar pessoas e bater em coisas o tempo todo, infelizmente, mas eu faria tudo para não parar de tocar, mesmo se isso significasse esfolar as minhas pernas por tanto batê-las tentando manter a cabeça erguida.

*

Eu não acredito em coincidências, não mesmo, mas... Algumas evidências me mostraram que eu deveria começar a acreditar que o destino realmente estava escrito em algum lugar no universo. Já estava na terceira semana desse novo ano escolar e eu havia decidido enforçar aula naquele dia.

Eu teria aula de matemática e, como era um professor novo, ele não sabia em que

nível estávamos na matéria. Aliás, eu estava passando revisão do ano passado, o que achei totalmente desnecessário. Isso era uma porcaria, pois, além de repetir a matéria, o professor era muito ruim e praticamente ninguém conseguia manter-se acordado em plena segunda-feira no primeiro horário, por isso, quando ele deu as costas para toda a sala e deu atenção a uma garota, eu saí rapidamente sem fazer barulho.

Com a mochila nas costas aponteí no corredor e acelerei o passo, esperava que o professor não tivesse me notado fugir. Não era a primeira vez que fugia da aula e não seria a última naquele ano. Eu havia sido pego em flagrante umas duas vezes em quatro anos, ninguém nunca descobria. Ao sair do corredor, olhei para os lados e não vi ninguém na secretaria, atravessei o portão e fui para o lado de fora.

Quando virei à primeira esquina para subir o morro, eu bati em algo. Na verdade, em alguém que tinha praticamente a metade do meu tamanho. Eu disse que não olhava mais para baixo, não é? Então, eu sempre esbarrava em alguma coisa que fosse bem mais baixo que eu...

Ouvi seu gemido e a única coisa que vi foi um cabelo muito cheio, vermelho enferrujado e encaracolado, praticamente não dava para ver seu rosto, caindo com tudo no chão. Eu até tentei segurar o cabelo, mas desisti, pois era uma garota, pois se a pegasse pelo cabelo, ela poderia gritar de dor e também gritar comigo por puxar seu cabelo.

Então achei melhor deixar que ela continuasse caindo. Eu era muito ruim com garotas e tinha muito medo delas. Sinceramente! Escutei um “*crec*” quando o corpo dela tocou o chão, encolhi os ombros e fechei os olhos aguardando seu grito, mas não veio. Abri um olho para bisbilhotar. Tremi um pouco ao ver a garota derrubada no chão. Ela levou a mão na parte de trás da cabeça e esfregou. *O que eu devo fazer agora?* Me perguntei.

- Doeu! – Ela resmungou. Tentou se levantar, mas desistiu ao sentir que não conseguia. Ela fez uma expressão de dor.

- Está tudo bem? – Fiquei preocupado com sua expressão de dor e, desesperado, ofereci minha mão para ela que a pegou. Senti sua pele quente e macia. – Eu sinto muito, eu não te...

- Essa é uma ótima forma de começar numa nova escola. – Disse ao soltar minha mão e começar a bater em sua perna para espalhar a sujeira de sua calça clara. Ela ajeitou o fone que havia caído do ouvido e olhou para mim.

- Eu sinto muito! – Eu consegui dizer. – A culpa é minha. Você é baixinha e eu nunca olho para baixo. Me desculpe mesmo. Eu sou muito desastrado, sempre esbarro em alguma coisa.

- Sem problema. – Ela ajeitou o cabelo, mas seu rosto denotava que sentia dor.

- Vamos até a enfermaria, às vezes... – Eu não conseguia entender a razão de estar falando tanto. Acho que o fato de ver sua dor, me deixava muito preocupado e apreensivo. E falei sem parar.

Mas uma coisa havia mudado; eu estava conversando com uma garota sem me preocupar com o que devia ou não falar. E eu estava indeciso se aquele encontro

inoportuno foi um bom negócio, afinal, eu não me saia muito bem com garotas bonitas.

Quer dizer, eu não me dava bem com garotas de todos os tipos. Elas nunca se aproximavam de mim por espontânea vontade, mas com aquela garota realmente aconteceu diferente. Claro, eu a derrubei no chão. Ótima maneira de conseguir conversar com uma garota. Era a primeira vez que eu não olhava para uma garota com interesse de me aproximar, aquilo simplesmente aconteceu e, como disse, não sei se foi mesmo um bom negócio.

- Nem preciso, sou desastrada demais e logo a dor deve passar. – Ela ergueu o rosto sorrindo.

Tinha uma boca pequena, vermelha, mas carnuda. Seus olhos eram grandes e verdes. Sua pele era branca e tinha um pouco de sardas. Ela era muito bonita. Tinha uma beleza diferente, que ninguém conseguia desviar os olhos dela. Sua beleza era impressionante, mas não era loira.

De repente, ela ergueu a mão com violência até o cabelo e acertou meu rosto antes de alcançar seu objetivo.

- Caramba! – Resmunguei e levei a mão até o queixo sentindo a dor.

- Oh, está vendo, sou um desastre. – Suas mãos pequenas e finas tocaram meu queixo. – Me desculpe, me desculpe. – Ela suplicou. Sua testa estava enrugada e seus olhos grandes expressavam desespero e remorso.

- Não foi nada. – Eu consegui dizer de uma forma abafada e estranha. – Então somos dois desastrados, hein. – Comentei e afastei suas mãos.

Quem diria que conseguiria falar qualquer coisa como aquela. Voltei a esfregar o queixo, abri a boca e fechei-a para me certificar que estava tudo bem.

- Somos uma boa dupla. – Ela riu baixinho e levou as mãos até a cintura. Virou o rosto e olhou para mim com o canto dos olhos. – Eu sou Harriet. – Ergueu a mão para mim vagarosamente e eu a segurei.

- Alecsander, mas todo mundo me chama de Alec. – Seus olhos brilharam de repente.

- Todo mundo é? – Arqueou a sobrancelha desconfiada. – Pessoas desastradas costumam não ter muito contato com pessoas normais.

- Você está sendo bem radical, Harriet. – Eu comentei sorrindo. Até que a conversa com ela estava indo muito bem. – Eu quis dizer, todo mundo que conheço, ou seja, minha mãe. – Ela gargalhou.

- Entendi. Bem-vindo ao mundo dos solitários, Alec. – Harriet se agachou e pegou seu material. – Mas os homens costumam ser cavalheiro mesmo quando são desastrados, sabe?

- Eu sinto muito. – Eu ergui as duas mãos sinalizando para ela parar, mas Harriet continuou.

- Quem sabe numa próxima vez você pega meu material, afinal, todo desastrado repete o ato. – Ela piscou e acenou em seguida. – Deixe-me ir, estou muito atrasada para a

minha primeira aula. – Seu tom de voz não era nenhum pouco empolgante.

Então ela se foi e eu fiquei ali, parado, observando-a se afastar. Seus cabelos não eram só grandes, mas enormes e muito cheios. Passava da cintura, mas me pareciam bem macios. Dava até vontade de tocá-los.

Gesticulei negativamente para me afastar daqueles pensamentos e me virei para voltar ao meu caminho até a árvore solitária perto da quadra de esporte. Sentei-me lá e dormi, é claro. Eu nunca me cansaria de dormir. Não mesmo!

Durante todo o ano, ficamos preparados para os chuviscos de todos os dias, não importava a estação do ano, nós estávamos sempre preparados para a chuva e, muitas vezes, optamos por não presenciá-la. Eu não sabia a hora que a chuva viria e nem me preocupava com ela quando ia até ali, ficava olhando para a escola, pensando nas pessoas que preferiam evitar sentir a chuva e inspirei o ar fresco, sozinho como sempre. Talvez seja por isso que ninguém se aproximava de mim, eu não permitia que isso acontecesse. Até aquele dia. O dia que derrubei uma garota no chão.

*

Desde que encontrei Harriet, pela primeira vez, não a vi pelas próximas duas semanas, até que, em uma das manhãs que eu fazia questão de fugir da aula, estava bem frio naquele dia e caminhei diretamente para meu ponto favorito para ficar sozinho, ao me aproximar, encontrei-a sentada embaixo da árvore lendo um livro. Parei e cruzei os braços, arranhando a garganta. Ela ergueu a cabeça e sorriu.

- Posso compartilhar esse lugar com você? – Sua pergunta foi tão inocente que, ao mesmo tempo me deixou irritado, me comoveu, afinal, uma garota tinha me observado e ela sabia o meu lugar favorito. Como eu não tinha notado sua presença me observando?

- E se eu disser não? – Eu não facilitaria as coisas, não é?

- Eu te persuadiria dizendo que entendo porque gosta daqui e... – Ela ergueu um dedo e olhou para o horizonte, pensativa. – Direi que você foge das aulas todas às segundas-feiras.

- Isso não é persuasão. – Eu me movi para me aproximar, joguei a mochila ao seu lado e me joguei no chão. – É chantagem.

- E ainda direi que você foge das aulas para dormir. – Ela apoiou o livro no colo, o vento bagunçava ainda mais o seu cabelo, tanto que eu não podia ver muito bem seu rosto.

- Isso é uma boa forma de fazer amigos. – Eu resmunguei e apoiei a cabeça na árvore fechando os olhos em seguida.

- Olha só quem fala! – Harriet ironizou. Eu abri os olhos para encará-la, mas não conseguia seus cabelos tampavam o rosto.

- Você devia prender seu cabelo, praticamente ninguém vê o seu rosto perdido atrás dessa cabeleira toda. – A ouvi rir e, em seguida, levantou a mão, me afastei rapidamente para não levar mais um tapa no queixo e isso fez com que Harriet risse novamente e mais alto.

- Você não é nenhum pouco legal! – Ela começou a mexer em sua mochila e, em

seguida, prendeu os cabelos fazendo o que me pareceu ser um coque bem pesado. Finalmente consegui ver melhor seu rosto.

- Eu não gosto de ser legal. – Eu refutei ferozmente. – Eu prefiro falar a verdade. – Suspirei e disse rapidamente o que me veio na cabeça. – E você também não é legal.

- Ótimo. Dois desajeitados chatos. Quão desafortunados somos, não é? – Ela novamente ironizou.

- Eu quero dormir. – Voltei a encostar a cabeça na árvore e fechei os olhos. – Se ficar quieta, posso deixá-la ficar aqui o tempo que quiser, contanto que não perturbe meu sono.

- Fechado! – Harriet respondeu logo em seguida, parecendo muito satisfeita com o combinado.

Eu não fiz questão de olhar para ela e nem falar mais alguma coisa, por isso, ficamos em profundo silêncio pelas próximas duas horas. Quer dizer, eu dormi, então, não sei quanto tempo ela ficou ali, ao meu lado.

Confesso que, alguns meses depois, eu repensei muitas vezes se deveria ter dito não quando ela pediu permissão para ficar no meu esconderijo. Realmente devia ter dito que não poderia ficar ali, pois aquilo acabou se tornando um hábito. E eu passei a vê-la com bastante frequência, um pesadelo. Eu a achava insuportável e inoportuna.



II

HARRIET

EU SEMPRE FUI DE PENSAR MUITO, as pessoas conversavam comigo, eu queria falar, mas meus pensamentos eram tão diferentes que eu tinha certeza que falaria algo que não agradaria alguém. Sempre pensei o pior das pessoas. SEMPRE.

Acho que a culpa é dos livros da poderosíssima Agatha Christie e seus assassinos que ninguém desconfiava. Eu aprendi que você não pode confiar em alguém. Vai que você se torna amigo de alguém e a pessoa te apunhala a faca pelas costas? Por isso, era muito difícil de me relacionar. Eu não conseguia parar de pensar nisso. Achei melhor ficar na ficção mesmo. Pelo menos, eu sabia que aquilo não iria acontecer comigo.

Não posso dizer que não tenho amigos. Eu tenho sim, alguns... Acho que tenho dois somente. Meu avô e minha avó, além dos meus pais, mas com eles eu não posso falar sobre tudo, não é? Eu não podia chegar neles e falar, vovô e vovó eu já assisto filme pornô escondido durante as viagens com meus pais.

Então, eu estava entediada, cansada de viajar, conhecer lugares novos ou visitar os mesmos lugares sempre. Me sentia frustrada, para falar a verdade. Quando conversei com meus pais para poder ficar com meus avós, me estabilizar, ter uma vida normal. Eu disse que queria ser uma pessoa normal, fazer coisas de adolescentes normais.

- Inclusive fazer amigos? – Minha mãe indagou certa vez quando ela estava cansada de me ouvir pedir para ficar com meus avós.

Foi bem difícil convencê-los. Fiquei um ano praticamente implorando.

- É, farei amigos também. – Ela sorriu ao me ouvir. Acho que não acreditava na minha afirmação.

- Eu só irei concordar se me prometer que vai fazer amigos. Que vai ter uma vida normal. – Eu deveria esperar por aquela chantagem, pois se tivesse planejado, com certeza estaria preparada para respondê-la, como... Bem, eu não tinha o que responder. Eu só sabia que estava cansada de passar mais tempo em aviões do que em terra firme.

- Está bem. – Ela arqueou a sobrancelha ao me ouvir e segurou minha mão.

- Não está com febre. – Olhou para meu pai que aproveitou para fazer o mesmo.

- Quando eu vou para Bruxelas? – Eu indaguei sorrindo. Estava praticamente deitada no sofá no hall do hotel. Esperávamos o táxi para nos levar ao aeroporto.

- Hoje! – Minha mãe realmente me surpreendeu. – Seu pai e eu vamos passar alguns dias em Bruxelas de férias para te ajudar a se adaptar a mudança.

- É sério isso? – Eu pulei, senti meus cabelos pularem mais alto que eu e a agarrei. – Eu não acredito, eu não acredito. – Beijeí várias vezes o seu rosto. – Isso é incrível. Obrigada, obrigada, obrigada. – Segurei a mão do meu pai que estava sorrindo.

- Considere isso um presente adiantado de aniversário! – Ela falou.

- Não vou ganhar meu *Ipod*? – Forcei um bico.

- Isso é com seu pai. – Minha mãe gesticulou com a cabeça apontando para meu pai.

- Ah sim. – Olhei para ele piscando.

- Está na mala. – Ele disse revirando os olhos, mas estava sorrindo.

- Ah, é o melhor aniversário do mundo! – Pulei no colo dele. As pessoas nos olhavam, mas quem se importava, não é? Eu estava feliz.

- Deixe-me fazer uma trança nesse seu cabelo, pelo amor de Deus. – Minha mãe estava revirando os olhos.

- Eu gosto dele assim. – Eu afastei as mechas que atrapalharam a minha visão. – São diferentes.

- É que nada com você tem que ser normal. – Meus pais disseram ao mesmo tempo. Essa era a minha frase toda vez que eles falavam sobre o meu cabelo.

*

Eu estava feliz. Tinha um quarto só para mim. Na verdade, eu sempre tive, mas nunca pude aproveitá-lo como gostaria. Como viajava de uma cidade para outra, de um país para outro, eu sempre dormia no mesmo quarto que meus pais, mesmo que eles tentassem me dar alguma privacidade, não era a mesma coisa. Eu acabava ouvindo tudo. E nem todos os hotéis tinham subdivisões.

Quando cheguei em *casa*, na casa dos meus avós, eu fui logo para o meu quarto. O abri e fechei os olhos, inalando o ar. Cheirinho de quarto limpo, mas é meu cheiro, meu quarto. Apreciei por um momento e assim que abri os olhos, fiquei em choque.

- Por que ele está tão rosa? – Me virei para minha mãe. Vovó estava logo atrás dela.

- Sua mãe pediu para que eu pintasse. – Vi as bochechas dela ficarem rosadas. Mordi

o lábio inferior e olhei para minha mãe.

- Você pediu rosa? – Ao ouvir minha pergunta, ela encolheu os ombros.

- Eu posso mudar se quiser querida. – Os lábios de minha avó tremeram. Meu coração ficou apertado. Suspirei.

- Não, tudo bem. – Toquei em sua mão e a beijei. – Eu fico com o quarto do jeito que está, rosa. Posso me acostumar. – Falei revirando os olhos e a abracei.

- Eu vou sair com o seu pai para ver a escola que você vai estudar, quer vir junto? – Olhei para a minha mãe.

- Eu vou ter um ano inteiro para ver a escola. – Entrei no quarto. – A única coisa que penso é a minha cama neste exato momento.

Corri até a cama e pulei nela, caindo de braços abertos. Que sensação incrível. Me esfreguei na colcha de olhos fechados, apreciando o momento. Estava tudo tão cheiroso, tudo tinha cheiro de casa. Abri os olhos e ergui a cabeça. Minha mãe não estava mais no quarto, só a minha avó.

- E os meus livros se comportaram? – Ao me ouvir, minha avó riu.

- Está do jeito que você deixou.

- Eu tenho muitos livros para guardar. – Me levantei da cama. – Vou tomar um banho e guardar as minhas roupas.

- Vou te deixar em paz querida. – Minha avó sorriu e saiu do quarto.

- Obrigada vovó! – Disse, mas acho que ela não me ouviu, pois já tinha fechado a porta.

Olhei ao redor, fui até a janela. Como a casa era de dois andares, eu puxei a cortina. Havia um casal pedalando e uma senhora com bastante idade de andador, tentando carregar a compra. Suspirei. Eu estava em casa e tinha muitos vizinhos. Mordi o lábio inferior sentindo que minha vida seria completamente diferente.

*

Já fazia algumas semanas que tinha voltado para aquela casa e, a cada dia, quando acordava, era como se estivesse sonhando. Me sentia tão feliz. Numa tarde, após a escola, eu resolvi caminhar pelo quarteirão. Calcei os tênis, o tempo começava a mudar.

No meu bairro havia poucas coisas para fazer, como era um lugar de classe média alta, sempre foi muito tranquilo, mas não era muito longe de bairros mais movimentados e interessantes, fui caminhando com o fone de ouvido, ouvindo meu álbum favorito do U2. Enquanto caminhava pensava em uma pessoa.

Fazia poucos dias que eu passava algumas horas embaixo de uma árvore com o único garoto que eu tinha conhecido. Eu não parava de pensar em como nos conhecemos.

Alecsander era um garoto diferente. Parecia ter medo. *Será que ele não gosta de garotas?* Pensei. Só de pensar isso me deixou triste, pois o achava muito interessante. Aquele cabelo escuro e um pouco ondulado era charmoso, sem contar seu olhar que era tão... Intenso.

O que mais me instigava, era ele ser tão discreto e reservado. Não conseguia entendê-lo facilmente e isso me induzia a querer conhecê-lo cada vez mais. Fosse lá o que fosse da nossa vida, eu queria conhecê-lo. Não importando se ele gostava de garotas ou não. Ri do meu próprio pensamento e gesticulei negativamente.

Olhei para o outro lado da rua e avistei uma loja de instrumentos com a placa de aberto acesa. Atravessei e entrei, olhei ao redor. A loja do lado de fora parecia velha e que tinha poucos instrumentos. Por isso que eu nunca me importava com a capa sem ver o conteúdo, sempre acabava me surpreendendo e com aquele lugar, não foi diferente.

Tocava uma música de fundo do álbum dos Beatles, Abbey Road, enquanto olhava os instrumentos. Vi um piano vermelho que não tinha calda e fiquei praticamente sem ar. Quando criança, eu tocava alguma coisa no teclado, mas nunca me aprofundei no assunto por ter viajar de um lado para o outro, pois não haveria tempo suficiente para ter aulas com frequência. Eu toquei numa tecla e fez um barulho alto que até me assustei.

- Está ligado. – Ouvi uma voz atrás de mim e me virei, levando a mão até a boca timidamente.

- Eu sinto muito, não podia tocar? – Eu mordi o lábio olhando para o piano rapidamente.

- Pode sim, sem problema, mas ele está desafinado. – O rapaz era loiro, magro e alto. Se vestia como um *rockstar* da década de 90. Sorri com o pensamento.

- Sem problema. Nunca vi algo tão bonito. – Eu toquei na tampa e a abaixei apenas para sentir a textura.

- Todo mundo que vem aqui, fala a mesma coisa. – Sorri para ele. Eu entendia por que de as pessoas ficarem encantadas. – Você gosta de ouvir o que? – Ele apontou para o meu fone de ouvido.

- Eu gosto de rock. – Levei uma mão até o cabelo, como de costume, para afastar a mecha, mas esqueci que meu cabelo estava preso numa trança. Estava tão nervosa. - Todas às quintas, eu toco com um amigo no *Delirium Tremens*^[3]. Se tiver interesse, poderia nos ver tocar. Nós tocamos rock também, somos fãs de Nirvana, Red Hot e alguns outros.

- Claro, quem sabe um dia. – Eu voltei a olhar para o piano e depois olhei para o relógio no meu pulso. – Minha nossa, preciso ir.

Corri para fora da loja, sorrindo. Minha vida estava começando a mudar. Eu estava conhecendo garotos. Na verdade, conheci mais garotos em tão pouco tempo que em toda a minha vida.

Voltei para casa, mas dessa vez o mais depressa possível que minhas pernas pequenas conseguiam. Eu estava muito, mas muito atrasada para o chá. Minha avó nunca se esquecia do maldito horário do chá. Quando cheguei em casa, eu percebi que não me apresentei para o garoto e nem sabia o nome dele. Droga!

- Bem, é só eu ir ao bar vê-lo tocar que descubro seu nome. É isso. – Resmunguei decidida enquanto jogava o meu casaquinho no cabide e caminhava em passos acelerados até a sala, onde encontraria minha avó à minha espera, tomando seu chá *das 5*.

*

Eu não encontrei Alec no lugar de sempre no outro dia. Queria falar com ele sobre o pub. Eu pensei em convidá-lo para ir comigo no bar e queria conversar com ele fora da escola também, pois todos os dias a minha mãe perguntava como que estava sendo a minha busca por amigos e eu não parava de dizer que estava “*caminhando*”.

Alec era tão difícil, mas iria conseguir, com certeza conseguiria. O procurei pela escola inteira, até que o encontrei na biblioteca. Ele estava tão concentrado lendo seu livro que nem percebeu que eu estava me aproximando dele. Aos poucos, enquanto o via, estava ficando acostumada com a sua presença. Acho que meus pais enlouqueceriam por eu estar fazendo amizade apenas com um garoto. Eles não me disseram quantos amigos eu tinha que fazer, não é?

Alec era muito interessante e um desafio. Qualquer um poderia achar que eu era maluca, é que havia algo dentro de mim que me induzia a me aproximar dele. Era tão louco, eu sei, mas eu queria me aproximar dele de verdade.

Eu sei que combinei com a minha mãe que faria amigos, mas até aquele momento, eu não sabia por que não conseguia, tirando a ideia de que todo mundo queria me matar, na verdade, eu só não tinha encontrado alguém que valia a pena até que Alec me derrubou no chão, todo desajeitado.

Eu o achava muito interessante. Tanto que fiquei empolgada por conseguir convidá-lo para fazer alguma coisa e provar para minha mãe que, enfim, tinha conseguido um amigo.

*

Eu estava ansiosa para chegar em casa naquele dia. Conversar com Alec sempre me deixava assim, eu não sabia que fazer amigos tinha aquela sensação. Eu voltei caminhando da escola, cantarolando a música que tocava nos meus ouvidos.

Atravessei a rua, estava a poucos metros, quando avistei, novamente, a senhora caminhando pela calçada, preocupada com as sacolas que segurava com muito esforço entre os dedos. Elas estavam quase caindo no chão. Fui até ela e parei na sua frente.

- Precisa de ajuda? – Ela ergueu a cabeça para mim. Meu coração se apertou. Como ninguém a ajudava? Perguntei-me olhando a minha volta, pessoas passavam por ela e, praticamente, a ignoravam. A senhora tinha o rosto enrugado do tempo, a pele tinha manchas, seus cabelos eram brancos e parecia que já tinha perdido muitos fios devido a velhice. – Que pergunta a minha. A senhora mora muito longe daqui?

- Não muito. – Sua mão tremeu quando peguei as sacolas. – Na próxima rua.

- Eu a acompanho até lá, se não se importar. – A senhora assentiu, me permitindo ajudá-la, segurei as sacolas nas duas mãos, sentindo o peso. – Eu sou a Harriet.

- Georgia. – Ela sorriu. – Seus pais não vão brigar se demorar muito para chegar em casa?

- Alguns gritos valem a pena de vez em quando. A gente se sente importante quando os pais demonstram ter alguma preocupação. – Sorri e paramos no sinal.

- É aquela casa. – Georgia apontou para uma porta azul que ficava logo atravessando a rua.

- A senhora mora sozinha? – Olhei para os lados antes de atravessar. Georgia me acompanhou.

- Não, minha neta mora comigo, mas ela está trabalhando agora.

- Chegamos. – Disse para ela quando parei na frente da porta.

- Obrigada, querida. Você é um anjo. – Ela tocou em meu rosto e segurou as sacolas.

Voltei para casa pensando que havia feito mais um amigo. Minha mãe ficaria tão feliz quando soubesse das novidades. Fui para casa rindo um pouco da situação,

imaginando a reação dela .

Alguns amigos nos ensinam tantas coisas, na maioria das vezes, nos ajudam amadurecer, pois amizade significa enfrentar as batalhas e as dificuldades do outro que, de certa forma, tomamos como aprendizado.

III

ALEC

O FRIO ESTAVA FICANDO CADA DIA MAIS FORTE. Meu trabalho estava muito agitado, pois era alta temporada e mesmo que Bruxelas fosse a cidade que a maioria dos turistas costumava passar por aqui apenas de passagem, já que muitos deles tinham como destino Paris ou Amsterdã, o turismo estava bem agitado, principalmente no inverno.

As aulas continuavam a todo vapor, mas estava praticamente impossível fazer alguma coisa fora da escola. Era intervalo e estava muito gelado nesse dia. Havia terminado uma prova e fui dispensado logo que terminei. Como estava um dia para lá do normal de tanto frio, optei por ir até a biblioteca, mais uma vez, a procura de um lugar silencioso para ficar, na verdade, tentava evitar Harriet, mas ela insistia em me procurar. Assim que entrei, notei que não havia praticamente ninguém, o que eu gostei muito.

Comecei a folhear algumas revistas de músicas até encontrar uma que estivesse atualizada, mas não obtive muito sucesso. Desisti e fui até uma mesa escondida atrás das prateleiras, joguei a minha mochila na mesa e me sentei. Tentei ler alguma coisa, mas como não tinha nada do meu interesse... Resolvi cochilar. Apoiei a cabeça nos braços e fechei os olhos rapidamente. Eu tinha um sono incomum.

- É sério que vai dormir aqui? - Ah não! Pensei. Ergui a cabeça para olhar para ela. Harriet me achou de novo!

- É impressão minha ou você está me perseguindo *mesmo*? - Indaguei com a voz fraca.

- Você ronca. Vão te expulsar daqui! - Ela ignorou minha pergunta e se sentou na cadeira ao meu lado. Apoiou os braços sobre a mesa e abriu o livro que havia pegado. Li o título.

- Você não se cansa de ler essas histórias? - Resolvi ignorar seu comentário também.

- É só o que podemos encontrar na biblioteca de uma escola em Bruxelas. - Eu tinha que concordar com ela sobre aquilo.

- Existem outros. Por exemplo, tem alguns livros da Agatha Christie em algumas dessas prateleiras. - Olhei rapidamente ao redor. - Recomendo os livros dela, são fantásticos.

- Eu sei, mas eu já tenho todos os livros dela. - Arregalei os olhos diante da declaração dela. - O que foi?

- Como você conseguiu encontrar todos? - Eu gostaria de ver com os meus próprios olhos aquela coleção valiosa. Ela devia estar mentindo para mim só para me impressionar.

- Presente da minha avó. - Harriet sorriu, fechou o livro e me encarou. - Quer conhecer?

- Se eu quero? - Sorri para ela empolgado. - É claro que eu quero. Vai me emprestar algum? - Ela fechou o sorriso desconfortavelmente.

- Eu não empresto minha coleção, é muito valiosa. - Ela umedeceu os lábios e moveu

a cabeça numa tentativa desastrosa de afastar o cabelo do rosto. - Mas você pode ir a minha casa ler. Eu tenho um canto muito legal de leitura e, como você divide sua árvore comigo sempre, posso retribuir o favor e dividir o meu canto contigo. - A boca dela era tão pequena que, às vezes, eu não conseguia ver muito bem os movimentos labiais enquanto a ouvia falar.

- Fechado! – É claro que nem relutei diante de um convite desses, não era louco para recusar afinal, estávamos falando de todos os livros da Agatha Christie! Eu precisava ver com meus próprios olhos aquela coleção para crer que era realmente real.

- E quando você vai? - Ergui a sobrancelha ao ouvir sua pergunta. Ela jogou novamente a cabeça para trás e uma mecha de seu cabelo foi até a minha mão.

- Quando eu vou o quê? - Indaguei confuso, pois senti o perfume dos seus cabelos. Era doce.

- Lá em casa? - Eu pude ver seus olhos ficarem confusos ao me encarar olho no olho.

- Ah. - Apoiei o cotovelo na mesa e a cabeça na mão. - Só posso no fim de semana.

- Por quê? - Seus olhos se transformaram e eu vi curiosidade emanar deles.

- Eu estudo e trabalho. - Ela ficou olhando para mim com uma expressão compenetrada, parecia interessada em saber sobre mim.

- Trabalha com o que? - Novamente vi um reflexo de curiosidade ao meu respeito em seu olhar.

- Eu trabalho para o meu tio numa loja de doces e *waffles*. - Ela facilmente conseguia absorver qualquer informação de mim.

Harriet realmente tinha facilidade de conversar comigo. Ela não aparentava ser solitária como costumava dizer. E, claro, me parecia bem curiosa com tudo o que eu fazia e, não parecia, em nenhum momento, me criticar por ser esquisito como eu era. E, naquela biblioteca, eu percebia que podia estar começando uma amizade de verdade e com uma garota. Quem diria, hein!

*

Eu havia aguardado ansiosamente por aquele fim de semana. Quando bati na porta da casa dela, assustado com o endereço dado, com a rua, vizinhança e, principalmente, com o tamanho da casa, ela abriu a porta sorrindo. E eu podia ver bem o seu rosto. Ela tinha feito uma trança que estava de lado, caindo sobre o ombro direito.

Harriet abriu mais a porta para mim me encarando ansiosa. Ela usava um suéter azul claro e uma calça escura. Não pude evitar olhá-la por inteiro. Ela era bonita. Gostava de vê-la despojada e tranquila, parecia não se preocupar com coisas fúteis de garotas. Nem bem entrei e ela já foi me puxando até o seu canto, bastante empolgada falando sem parar.

No começo, fiquei desconfortável, pois eu estava na casa de uma garota e, aparentemente, não havia ninguém na casa dela. Pelo menos, eu achava que não tinha. Não ouvia um barulho sequer.

Quando Harriet me disse que ela tinha um canto, eu pensei em algo tipo o meu esconderijo, mas... Ela não havia dimensionado o tamanho do seu canto e, por isso, fiquei

abismado ao ver que ela morava numa casa enorme com uma biblioteca de dez metros quadrados e que tinha uma estante de ponta a ponta de seis andares lotada de livros.

Eu girei várias vezes, olhando para cima e para baixo. Estava completamente embasbacado.

Ela foi direto até a prateleira e ficou de lá apontando empolgada para aquela região, me aproximei e verifiquei. Estava tudo tão organizado por ordem alfabética. Peguei um exemplar que não tinha lido ainda.

- Você vai gostar desse livro. - Ela comentou bem próxima de mim.

- Eu sei que vou gostar, afinal, é a última aventura de Hercule Poirot. - Eu carreguei o livro até a mesa de madeira rústica, puxei uma cadeira e me sentei. Harriet sentou ao meu lado.

- Você acha que ela se inspirou em alguém para criar um personagem como esse? - Eu sabia a quem ela estava se referindo.

- Eu realmente não sei muita coisa sobre ela, mas muitas vezes, me perguntei isso também. - Ela apoiou o cotovelo na mesa e ficou olhando para mim.

- Eu li algumas coisas sobre ela na internet. - Harriet afastou-se um pouco e tirou um objeto do bolso.

- Você já leu todos esses livros? - Voltei a olhar ao redor.

- Ainda não. - Ela sorriu. - Meus pais nunca param de comprar livros para mim.

- Ainda bem que você gosta! - Eu voltei a olhar para o livro e abri o primeiro capítulo.

- E como eu gosto! - Harriet se levantou e foi até uma prateleira, pegou um livro e voltou com ele aberto. - Eu vou ouvir música enquanto leio, está bem?

- Ok! - Fiquei em silêncio logo em seguida e ela se sentou novamente.

Harriet levou os fones até as orelhas e segurou um aparelho que nunca vi pessoalmente em minha vida, mas sabia que era um *ipod*, o aparelho do momento, mas eu não disse a ela que não tinha visto um pessoalmente até aquele dia. Tenho certeza que ela caçoaria de mim eternamente.

De repente, a porta se abriu desviando a minha atenção do aparelho e uma mulher da mesma altura e de cabelos dourados entrou. Ela era mais velha, claro, mas pude perceber a semelhança entre as duas e identificar de quem se tratava.

- Oi. - A senhora carregava uma bandeja e sorria de orelha a orelha.

- Mãe, esse é o Alec, o rapaz de quem eu falei. - A mulher sorriu novamente para mim.

- Olá, Alec, eu sou Hannah, seja bem-vindo em nossa casa. - Eu gostei da forma que a mãe de Harriet me olhou. Parecia realmente feliz por eu estar ali.

Quando a mãe de Harriet saiu, ela virou o rosto em minha direção e depois olhou algo que havia na minha mochila. Aquele tipo de bolso que costuma ficar do lado de fora

da mochila e tinha muitos furos, por isso ela conseguiu notar que havia algo lá dentro. Ela estreitou os olhos e enfiou a mão dentro do bolso.

- Paleta? – Harriet arqueou a sobrancelha.

- É. – Sussurrei. Não queria falar sobre o que mais gosto de fazer com ela.

- Você toca? – Ah, droga. Ela podia parar de ser curiosa? Encolhi os ombros e assenti. – Que tipo de música?

- Rock. – Fiquei olhando para o livro, tentando não olhar para ela, mas Harriet ainda continuava me observando.

- Que incrível! – Ela disse extasiada. – Eu gostaria de ouvir algum dia.

- Sem chance! – Eu dei de ombros. – Ninguém nunca vai me ouvir.

- Você não percebeu ainda que quando eu quero alguma coisa, eu persisto bastante? Acho bom você começar a treinar uma música para tocar para mim. – Eu fiquei de costas para ela, tentando prestar atenção no livro. – Eu não desisto Alecsander!

*

As minhas visitas na casa dela se tornaram frequentes. Todos os fins de semana, Harriet e eu passávamos o tempo todo juntos. Aos poucos, eu fui me afeiçoando a ela e, tenho quase certeza, que ela também gostava de estar comigo. Eu passei a cuidar dela como um irmão cuida de uma irmã. Tirando o fato de ela ficar me importunando para me ouvir tocar, eu até que conseguia gostar dela, quando ela parava de me irritar, é claro.

Ela era realmente desastrada, bem mais que eu, para falar a verdade e, por isso, esqueci-me um pouco de mim e comecei a cuidar e me preocupar com dela. Foi inevitável. Muitas vezes, ela quase foi atropelada e outras vezes, quase causou estragos para algumas pessoas. Ela não conseguia controlar, mas eu sim. O fato de estar esperando a qualquer momento, o desastre acontecer, evitava algo muito ruim.

Eu sabia que Harriet gostava da minha companhia quando eu não estava por perto, pois ela fazia questão de aparecer de vez em quando no meu trabalho e, às vezes, íamos caminhando até a casa dela após o expediente ou, íamos a uma cafeteria tomar chocolate quente perto de sua casa para aquecer um pouco por causa do frio e da chuva.

Aquilo se tornou um hábito que parecia que tanto eu quanto ela passamos a gostar, mesmo se tornando rotina. Éramos adolescentes. Não tínhamos muita perspectiva do que seria o nosso futuro.

Aquele era o dia de nos aquecer com um chocolate bem quente com bastante creme. Nos sentamos perto da janela e, assim, podíamos observar a chuva cair. Fizemos o nosso pedido e olhei para ela. Tinha um pouco de respingos nos seus cabelos encaracolados e suas mechas estavam muito bagunçadas.

- Alec, eu quero ouvir você tocar. - Ela anunciou com a sua voz trêmula de frio. – Que música você já tocou?

- Muitas. - Os olhos dela brilharam. – Eu não toco só uma.

Isso era algo que eu gostava muito em Harriet. Eu podia entendê-la apenas a

observando. Ela não escondia o que passava em sua cabeça e nem as emoções.

- E quando eu vou ouvir mesmo? - Ela apoiou os braços sobre a mesa me encarando. Nosso chocolate chegou e aguardei a garçonete se afastar para respondê-la.

- Isso é bem complicado, Harriet! Eu nunca toquei para ninguém e... - Levei o copo até a boca, mas o parei no meio do caminho quando a porta se abriu e eu vi aquele cabelo deslumbrante e loiro flutuar com o vento quando ela entrou. - Merda.

- O que foi? - Harriet se virou para a porta sem tentar disfarçar e seus olhos foram em direção para o rosto da garota. - Ah. - Ela se virou para mim, sorrindo.

- Ah nada. - Resmunguei, tentei não dar importância, mas meus olhos seguiam a garota. Ela estava mais bonita desde que eu a vi pela única e última vez.

- Quem é ela? - Harriet se virou novamente, sem nenhum pouco de discrição.

- Eu não sei seu nome. - Voltei a fixar meu olhar a Harriet. - Mas a acho muito bonita.

- Por que você não vai lá conversar com ela? - Eu ri de seu comentário inocente.

- Eu não tive muito sucesso da última vez. - Comentei e peguei um *waffle* de Harriet.

- Vamos mudar isso agora, Alec! - Harriet se levantou decidida, não tive tempo de impedi-la, mas, pode ter certeza que, um dia, eu iria revidar a vergonha que passei naquele momento.

Uma coisa que descobri naquele momento, foi que, ter amigos era basicamente a pior coisa do mundo. Amigos achavam que podiam te ajudar a conquistar qualquer garota e, as coisas ficavam muito estranhas, pois era uma garota muito bonita que estava me ajudando a conquistar outra.

Eu fiquei muito irritado com Harriet. Nunca passei tanta vergonha na minha vida, como naquele dia.

IV

HARRIET

EU NÃO ACHAVA QUE O IRRITARIA. Foi a primeira vez que fiz algo tão estúpido com alguém. Eu realmente não sabia lidar com o fato de ter amigo. Quando Alec me convidou para ir à cafeteria, achei que poderia falar com ele, sobre os garotos que tocam num pub perto dali. Eu estava esperando ficar tarde para levá-lo até lá. Queria que ele os conhecesse, mas é claro que estragaria tudo. Sempre faço as coisas erradas. Eu sou um desastre.

A garota nem quis saber dele. Eu o fiz passar vergonha. Primeiro por que me aproximei dela parecendo uma lésbica embriagada, depois fui dizendo que meu amigo estava interessado nela. Ela o olhou por inteiro e vi seu nariz ficar retorcido. Que garota imbecil. Ao ver a reação dela, Alec se levantou e foi embora a passos muito largos e apressados, que as minhas pernas não alcançavam.

- Alec, espera. – Eu estava de salto alto. – Por favor, Alec.

- Vai embora, Harriet. – Ele estava muito nervoso, suas mãos estavam fechadas firmemente enquanto caminhava.

- Por favor, me espera, Alec. – Eu gritei. – Eu estou ficando sem ar.

- Me deixe em paz! – Ele se virou para mim e levou a mão até o cabelo o bagunçando.

Eu parei ao sentir meu peito dar um salto com força. Ele estava incrivelmente maravilhoso. Eu podia achar meu amigo bonito, não podia? A luz parca iluminava pouco seu rosto. Senti o perigo emanar dele quando Alec se aproximou. Seu maxilar estava rígido.

- Me desculpe, eu nunca fiz nada desse tipo. – Bufe e uma mecha do cabelo voou em torno do meu rosto. – Eu achei que os amigos ajudavam uns aos outros.

- Você não é minha amiga. – Ele se virou e continuou caminhando.

- Você está falando isso porque está bravo. – Eu tirei os sapatos, senti os pés ficarem gelados e molhados. – Me espera.

- Pare de ser chata, Harriet. – Ele se virou de novo e como eu corria seguindo-o, eu trombei nele. Ele me segurou a cintura e levei as duas mãos em seu peito. Fiquei o olhando por um longo tempo. Olhei para sua boca. Por um momento, achei que ele fosse me beijar, pois olhava para minha boca também, mas se afastou abruptamente.

- Ela não te merece, está bem. É uma nojenta. – Eu suspirei. Sentia meu peito bater com força. – Confesso que estou surpresa por descobrir que você gosta de garotas. Eu nunca o vi olhando para nenhuma.

- Você o quê? – Ele esfregou o cabelo e ficou me olhando.

- Ah, eu achei que você não gostava de garotas. Eu não tenho preconceito, está bem. – Eu levei as mãos na cintura. – Não tinha outro tipo de garota para se interessar não? Tinha que ser o tipo de garota popular?

- Ela é bonita. – Ele se defendeu, encolhendo os ombros.

- É, tenho que admitir. – Deslizei a língua pelos lábios. – Mas tem outras garotas tão bonitas quanto ela.

- Eu não sei. Acho que tenho fetiche por garotas difíceis. – Ele sorriu. – Nunca mais faça isso, Harriet, eu não gosto.

- Não farei. – Ele relaxou os ombros ao me ouvir. – Prometo te pedir permissão antes.

- E minhas respostas serão um sonoro “não”. – Ele enrolou o braço no meu, me guiando pelo caminho que tomava antes.

- Nunca mais diga que não somos amigos. – Alec sorriu e me abraçou pelo ombro. Eu realmente não gostei de ouvir aquilo.

- Amigos brigam de vez em quando. – Ele olhou a hora. – Vamos embora, temos aula amanhã cedo.

E, mais uma vez, esqueci de falar para ele a respeito da banda.

*

Eu voltei na loja de instrumentos. Eu queria ver se o piano vermelho ainda estava lá e o garoto também. Acontece que ao saber que Alec tinha interesse em outra garota, me jogou um banho de água fria. Eu não sabia se era pior pensar que ele era gay ou saber que gostava de uma garota que não fosse eu. Claro, se ele tivesse algum interesse, teria me perseguido e não o contrário.

Embora perseguir não faça parte da índole de Alec e ele deixou muito claro que não ia atrás de ninguém. Só me restava pensar nele como meu amigo. E não foi difícil. Alec era uma companhia agradável, mesmo tentando a todo custo me manter afastada.

Quando entrei na loja, olhei ao redor. O piano não estava mais lá. Com certeza tinham vendido. Fazia muito tempo que tinha ido até lá. Dei uma volta por toda a loja e fiquei vendo os discos. Lá ainda tinha estoque de vinil. Peguei um para ver do Pink Floyd. Eu nunca tinha visto aquele disco pessoalmente. Aproximei o nariz para sentir o cheiro.

- Tem cheiro de disco velho. – Ouvi a voz do garoto atrás de mim e me virei. Ele havia cortado o cabelo e sorriu ao me reconhecer.

- Eu gosto. – Eu devolvi o disco no mostruário. – Eu me chamo Harriet.

- Harriet nunca foi me ver tocar no bar. – Ele apoiou o braço no mostruário. – Eu me chamo Leonard.

- Eu sei, estou te devendo uma. Mas não tenho companhia para ir. – Eu cruzei as mãos na frente do corpo.

- Vai comigo. – Ele disse, sorrindo.

- Fechado. Você ainda toca de quinta-feira? – Ao me ouvir, ele assentiu. – Então, estarei lá na quinta. – Ele piscou e se afastou quando um cliente entrou na loja.

Eu saí da loja cantarolando que havia escutado há pouco. Tinha um encontro. Meu

primeiro encontro. É óbvio que estava extasiada. Tirei o celular do bolso e liguei para Alec. Eu sabia que ele estava trabalhando, mas sempre me atendia quando ligava.

- Eu tenho um encontro. – Eu disse de uma vez.

- É? – Ele não pareceu contente com aquela informação. – Com quem?

- Ah, você não conhece. Acabei de conhecer... – Eu achei melhor omitir sobre ter conhecido Leonard antes.

- Tome cuidado, está bem?

- Está bem, papai! – O respondi como sempre faço com meu pai. Ironizando.

*

Na quinta-feira, Alec me ligou antes de eu sair para ir ao pub para ter certeza de que eu não estava me precipitando com esse encontro. Eu achava fofo quando ele fazia papel de irmão mais velho. Garanti que tomaria cuidado.

Meu avô me levou. Eu esperava não ter que ligar para ele me buscar. Quando cheguei, o pub estava lotado. Procurei uma mesa e encontrei um lugar perto do palco, no balcão. Eu não tinha me enfeitado muito. Se Leonard tinha se interessado por mim naquela tarde depois de caminhar, sem maquiagem, acho que ele não iria se importar naquele momento. Só tinha passado um batom nos lábios para hidratá-los. Eu estava de jaqueta preta de couro e coturno. Praticamente imitando o estilo de Alec. E me achava muito descolada com aquela roupa.

Leonard e o amigo tocaram algumas músicas e quando chegou o intervalo, ele foi até onde eu estava. Estava maravilhoso com uma jaqueta jeans rasgada no ombro. Parecia tão sexy. Suspirei, encantada.

- Você veio mesmo. – Ele se sentou na cadeira ao meu lado. Fiz questão de cruzar as pernas.

- Surpreso? – Mordi o lábio. Eu achei que devia fazer isso, afinal, as mocinhas dos livros que eu li costumavam fazer isso e os rapazes adoravam.

- Com certeza. – Ele pediu uma água. – O que achou das músicas?

- Ótimas. – Eu pedi um suco. – Fez boas escolhas. Como as escolhe? – Eu cogitei falar sobre Alec com ele, mas pensei melhor. Terei outra oportunidade. Pelo menos, era o que eu mais queria.

- Por enquanto, eu estou indo pelo meu gosto musical. – Ele umedeceu os lábios.

Ficamos conversando alguns minutos, ele bebeu toda a sua água e voltou para o palco e cantava olhando para mim. Me peguei imaginando Alec no palco, tocando. Será que ele tocava aquelas músicas também? Senti raiva, por ele nunca me deixar vê-lo tocar. Respirei fundo e fui até o banheiro. Quando voltei, Leonard descia do palco e vinha em minha direção.

Ele segurou minha mão e me puxou para um canto. Não conversamos mais e nem precisamos. Eu beijava na boca pela primeira vez. O beijo era delicioso. Leonard era muito intenso, sua boca praticamente não me dava espaço para respirar. Eu só conseguia

pensar que dava meu primeiro beijo. Jamais esqueceria o que estava sentindo, aquele momento. Foi incrível. Belíssimo.

Eu sabia que estava certa quando decidi que devia morar com os meus avós, embora detestasse ficar longe dos meus pais.

Eu estava tendo uma vida normal. Como uma garota normal. Eu estava descobrindo e experimentando o que até aquele momento não tinha experimentado. Cheguei em casa radiante aquela noite. Acho que me sentiria muito feliz por alguns dias.

No dia seguinte, cheguei na escola com um sorriso de orelha a orelha. Até achei estranho Alec notar isso em mim, geralmente ele não nota, ou se nota, nunca comenta. Mas foi diferente. Quando cheguei, ele arqueou a sobancelha.

- Ontem foi bom pelo jeito. – Não foi uma pergunta, ele estava afirmando. Assenti enquanto entrávamos.

- Foi incrível. – Eu suspirei. – Eu dei meu primeiro beijo.

- Uau! – Ele parou de andar e eu parei também para olhar para ele. – Puxa vida!

- O que foi? – Eu senti meu sorriso se desfazendo ao perceber que ele estava caçoando de mim. – Para de ser idiota, eu gostei. Tive meu primeiro beijo. Acho que você nunca beijou em toda sua vida. – Me virei e me afastei pisando firme.

- Você não sabe nada sobre mim, Harriet. – Eu pude ouvi-lo enquanto me afastava dele. Seu tom de voz continuava expressando que caçoava de mim. Achei melhor ignorá-lo e fui para a minha sala.

Não queria vê-lo por um bom tempo. Eu não fui à biblioteca encontrá-lo no intervalo e nem o aguardei na hora de ir embora. Não queria vê-lo. Quando cheguei em casa, meu celular estava tocando, deixei no mudo, ao ver de quem se tratava.

Naquela tarde, bem no finzinho dela, eu fui até a loja de instrumentos. Eu não tinha planejado ir até lá, mas como estava irritada com Alec, achei que deveria ver Leonard novamente. Quando entrei, ele veio na minha direção com um sorriso discreto estampado no rosto.

- Eu estou quase indo embora. – Ele beijou suavemente minha bochecha. Queria beijar ele de novo. Estava sentindo borboletas flutuarem no meu ventre de ansiedade. – Só vou precisar fechar tudo antes de ir.

- Eu te espero. – Disse olhando ao redor. – Vou te esperar lá fora. – Saí e fiquei lá fora esperando.

Eu não sei quanto tempo fiquei ali fora esperando, tudo lá dentro já estava apagado. Olhei pelo vidro e não conseguia enxergar nada, a placa já informava que estava fechado, tentei girar a maçaneta, mas estava trancada. Suspirei e olhei para o lado. Leonard deveria sair por outro lugar. Caminhei para a esquina mais próxima, mas não havia sinal dele. Suspirei e voltei até a frente da loja. Fechei os olhos e ri. Havia sido ingênua por acreditar que Leonard gostaria de me ver de novo, eu sei. Provavelmente havia notado minha inexperiência com os beijos.

Eu não parei na frente da loja, simplesmente continuei caminhando quando voltei

por aquele caminho. Caminhei bastante, praticamente sem rumo definido, eu só queria seguir em frente. Olhei a minha volta e avistei o *Jardin Mont des Art*^[4]. Eu estava perto da estação central. Fechei os olhos pensando o que deveria fazer. Estava frio e parecia que iria chover a qualquer momento, mas não me importei, não queria ir para casa naquele estado. Tirei o celular do bolso e verifiquei quantas ligações de Alec eu havia ignorado. Liguei de volta e ele atendeu no primeiro toque.

- Eu estou no *Jardin Mont Des Art*. Vem aqui. – E desliguei. Não esperei para ouvir sua resposta. Ainda estava irritada demais com ele, mas queria que ele estivesse do meu lado.

Caminhei pelo jardim até conseguir subir e ver o centro da cidade e a basílica de *Koekelberg*. Fiquei parada, com as duas mãos nos bolsos, sentindo o vento e vendo o dia escurecer diante dos meus olhos. Algumas pessoas caminhavam pelos jardins, casais apaixonados se beijavam por entre as passagens. Era bonito de se ver.

Não sei quanto tempo fiquei ali admirando aquele lugar, observando as pessoas e vendo o céu escurecer até Alec chegar. Eu não o vi no jardim caminhando até onde eu estava e não ouvi seus passos enquanto ele se aproximava de mim. Eu só sei que gostei quando ele me abraçou pelo ombro e beijou o topo da minha cabeça.

Eu tive a sensação de que ele sabia exatamente o que eu havia acabado de passar, mas não precisava conversar sobre o que tinha acontecido comigo. Ele era um bom amigo. O melhor de todos.



V

ALEC

CONHECER A HARRIET, ÀS VEZES, acho que foi a pior coisa que aconteceu na minha vida e, também, a melhor. Sempre me senti confuso em relação a isso algumas vezes. Ela se intrometia na minha vida, era irritante e muito curiosa. Sempre detestei quando minha mãe fazia isso, imagina quando era alguém que mal conhecia? Eu ficava muito furioso. Entretanto, continuava me preocupando com ela, me sentindo muito protetor.

E ela resolveu se encontrar com um garoto que ela mal conhece. Saber aquilo me deixava abismado. Como eu poderia permitir que a garota que eu considerava uma irmã, saísse com um garoto que eu não conheço? Fui estúpido, muito estúpido. Deveria ter feito algumas perguntas como: quando o conheceu. Seu nome completo. Onde mora. Esse tipo de perguntas.

Algumas vezes, eu me sentia um irmão mais velho, mesmo sabendo que tínhamos a mesma idade. Isso era tão contraditório.

Eu não conseguia parar de pensar nisso durante o meu trabalho na loja e a noite, quando sabia que ela estava lá, com o garoto. Não saber o que estava acontecendo, me irritava. Eu até cogitei ir até ela, mas eu não me lembrava se ela tinha me falado o local ou se realmente me disse onde iria ir com o tal, pois mesmo que eu buscasse na minha memória, eu não conseguia uma resposta. Eu estava com raiva dela.

Enquanto aguardava notícias de sua noite, fiquei no meu quarto tocando uma música

no violão. Estava ouvindo a música no meu velho *discman*, tentando acompanhar as notas e, algumas vezes, arriscava algo diferente. Eu nem sabia que conhecia aquela música toda, até que percebi que a estava cantarolando junto com o vocalista. Aumentei a voz para acompanhar o ritmo.

Eu estava tocando *Open Your Eyes* do *Snow Patrol* e me recordei que ouvi aquela música com Harriet quando ela estava de olhos fechados e mexendo a cabeça quando estávamos na biblioteca naquela semana. Fiquei irritado, muito irritado e, por isso, parei de tocar, guardei o violão com raiva, tirei o CD que Harriet me emprestou do meu *discman* e o guardei dentro da mochila. Não queria nunca mais ouvir aquela música.

Os irmãos costumam se sentir assim, não é? Mas nada justificava a minha atitude. E eu fiquei mais bravo, muito bravo comigo mesmo por realmente não conseguir compreender por que eu agi daquela forma quando a vi no dia seguinte, a única coisa que queria fazer era afastá-la de mim. E consegui. A magoei. Eu não achei que ela fosse me ouvir.

Acabei percebendo que Harriet sabia muito bem como se afastar de alguém. Às vezes, achava que era seu dom fazer aquilo.

Perdi tempo em ligar depois que agi daquela forma, eu sei, mas queria mostrar que me importava com ela. Eu esperava que Harriet entendesse isso. E como eu esperava! Já tinha perdido a esperança quando saía do trabalho. Ela não me atenderia e por isso, fiquei surpreso ao ver o meu celular tocar. Ela estava com raiva no telefone e eu não sabia se era de mim, realmente.

Eu sei que eu devia ter ido para minha casa, ficar com a minha mãe, mas algo dentro de mim queria encontrá-la para poder me desculpar. Quando cheguei ao jardim, ela estava concentrada olhando para o nada. Seus cabelos estavam alvoroçados por causa do vento, ela vestia um casaco preto longo que se ajustava na sua cintura. Suas mãos estavam dentro dos bolsos. Me aproximei dela e a abracei no ombro. O nariz estava vermelho e a boca um pouco ressecada.

Beijei sua testa e nem sei por qual razão agi assim. Acho que só quis demonstrar alguma coisa que um irmão poderia fazer naquele momento. Não conversamos por longos minutos e não quis perguntar por que ela tinha me chamado até ali. Ficamos apenas olhando o entardecer, as pessoas caminhando pelo jardim e sentir a temperatura baixar mais conforme a noite caía.

Ela não parecia mais tão chateada comigo, mas eu queria me desculpar. Harriet se tornou importante para mim e eu percebi durante aquela tarde sem conseguir falar com ela, que não podia mais viver sem ela. Eu só não admitiria tudo isso, pois eu tinha tanta certeza que ela iria se aproveitar de mim e da amizade que tínhamos construído.

- Eu estou ficando com muito frio. – Ela finalmente quebrou o nosso silêncio. Sua voz estava trépida.

- Devíamos vir aqui mais vezes só que no verão, daqui a pouco vai chover e o tempo vai ficar feio. – Também sentia frio.

- É, pode ser. – Ela me abraçou a cintura. – Mas não importa em que época do ano estamos, aqui sempre chove.

- Este é o charme de Bruxelas. Me desculpe pequena sereia por ser tão idiota. – Ao me ouvir, ela ergueu o rosto para me olhar. Sua testa estava enrugada. – O que foi?

- Nada. – Ela voltou a olhar para o chão. – Tudo bem, eu não estou mais chateada com você. Já passou.

- Você estava certa. – Eu suspirei e virei o rosto para o lado ao vê-la erguer novamente a cabeça. – Eu nunca beijei uma garota.

- Vai por mim, é nojento. – Ao ouvi-la, eu ri.

- Se fosse tão nojento, você não estaria nas nuvens na escola hoje. – Voltei a olhar para ela.

- Eu estava tentando te reconfortar, agora para de ser ingrato. – Ela mordeu o lábio inferior. – Você quer saber como é beijar?

- Eu gostaria. – Ela arqueou a sobrancelha e fechou os olhos. – O que você está fazendo, Harriet? – Senti meu coração acelerar.

- Me beija. Só assim para saber como é. – Ela umedeceu os lábios.

- Eu não pedi para te beijar. – Eu toquei seu queixo e ela abriu os olhos.

- Quer saber ou não como é beijar? – Ela ficou impaciente. Estávamos abraçados, no meio do jardim, poucas pessoas passavam por nós. Por que não beijá-la? Me perguntei.

Aproximei o rosto do dela e toquei meu nariz no seu. Eu ri ao sentir o ar quente de sua respiração roçar meu rosto, e quando suguei o ar, senti seu perfume. Fechei os olhos e rocei meus lábios nos seus. Sua boca era quente e macia. Senti meu coração ficar acelerado o que dificultou os movimentos dos meus lábios. Fiquei muito tempo assim, praticamente petrificado. Meu corpo todo estava tremendo. Ela suspirou e arranhou a garganta.

- Meu pescoço está doendo. – Seus lábios se mexeram contra os meus. Senti o seu hálito roçar minha pele de novo.

Era tão bom sentir algo quente roçar minha pele naquele frio. Fiquei com o corpo todo arrepiado. Nunca tinha sentido nada parecido com aquilo.

- Me desculpe, eu não consigo. – Afastei o rosto completamente do dela.

- Sem problema. – Ela sorriu e afastou uma mecha que ia até a sua boca.

- Amanhã poderei ir até sua casa ler alguma coisa? – Achei melhor mudar completamente de assunto. Ergui o rosto para olhar para frente.

- Eu sabia que toda essa desculpa tinha algum interesse envolvido no meu cantinho particular. – Ela revirou os olhos.

- É claro, eu tenho que fazer o que acho melhor para mim. – Umedeci os lábios. – E aí, posso ir ou não?

- Talvez, vou avaliar ainda se você merece essa consideração toda. – Ela se afastou de mim e começou a correr. – Se você ganhar de mim, talvez tenha uma chance.

- Eu tenho as pernas maiores que as suas, posso ganhar facilmente em poucas

passadas. – Harriet riu de mim o que me deixou mais motivado a ganhar.

*

Sempre me senti bem recebido na casa de Harriet. Quando seus pais não estavam viajando, eles faziam questão para que eu ficasse para o jantar e lá, a comida sempre foi muito boa e diferente de tudo o que eu estava acostumado. Eles eram mais sofisticados para todas as coisas. Gostavam de ir ao teatro, ouvir jazz e muita coisa que nem eu e muito menos Harriet gostava, mas era muito interessante ver o quão eram diferentes no estilo.

Certa noite, conversávamos sobre minha família, meus pais e como minha vida era. Eu não tinha tanta proximidade com a família deles. Sempre fomos eu e minha mãe muitas vezes. Enquanto contava um pouco sobre as festas de aniversário que ela me obrigava a participar no meu aniversário e outras coisas estúpidas que mães fazem, percebi que não a havia apresentado para Harriet. Fiquei olhando para ela e percebi seu interesse.

Ela me levou até a porta na hora de ir embora e, como sempre, me pedia desculpas por qualquer coisa que seus pais pudessem fazer para me incomodar. Harriet, depois de algum tempo, não se incomodava mais de vestir pijamas quando eu a visitava. E, a cada fim de semana, ela usava um diferente. Achei sua atitude muito interessante, pois ela estava praticamente na rua e não se importava que as pessoas que passassem por ali, olhassem para ela.

- Tem certeza que não quer que meu pai te leve em casa? – Ela umedeceu os lábios e cruzou os braços. Estava com frio. Ela tinha prendido o cabelo no alto da cabeça. – Eu posso pedir para ele ou meu avô.

- Não, sem problema. Eu pego o trem para chegar mais rápido. – Desci os degraus e ela me acompanhou.

- Está muito tarde, é perigoso. – Eu me virei para ela e a toquei no ombro.

- Sem problema. – Beije seu rosto. – Te ligo assim que chegar em casa.

- Está bem. – Ela olhou para as pantufas de tigres nos pés e me virei para continuar descendo, mas parei no final da escada.

- Sabe. – Me virei para ela e ajeitei melhor meu casaco. – Acho que podíamos mudar nosso programa do próximo fim de semana. Você poderia ir até em casa assistir filme comigo. Alugo alguns filmes e comemos muita pipoca.

- Sério? – Ela sorriu de orelha a orelha em expectativa.

- Se não fosse sério nem estaria te convidando, Rapunzel. – Ela mordeu o lábio inferior e eu pisquei para ela, ao perceber que ficou irritada com o apelido.

- Está bem então. Eu levo os refrigerantes. – Ela estreitou os olhos.

- Minha mãe não gosta de refrigerante. – Harriet levou as mãos para frente do corpo e bufou. Ela me pareceu pensativa.

- Sua mãe gosta de bolo?

- Nós dois gostamos. – Ela riu com a minha resposta, inclinando a cabeça para trás.

Seu riso era delicioso de ouvir.

Acenei me despedindo dela e atravessei a rua, quando olhei para trás, Harriet ainda estava me observando partir. Acenei de novo e ela fez o mesmo.

*

Como era um garoto tímido e pouco relacionado no assunto amigos quanto sobre garotas, falar para minha mãe que vou ter visitas em casa no sábado e que esta visita era, de fato, uma garota, deixou a minha mãe completamente extasiada.

Eu já havia comentado um pouco sobre Harriet para minha mãe, não foi bem um comentário legal, só disse que ela tinha uma biblioteca espetacular e que minha amizade era puro interesse nos livros da Agatha Christie. Nunca falava a respeito de Harriet para minha mãe, até que resolvi apresenta-las.

Se ela fantasiou muitas coisas entre mim e Harriet? Sim, ela fantasiou. Não parava de perguntar como ela era, como nos conhecemos de verdade e falar de sua biblioteca dos sonhos não era o suficiente. Até perguntou se já tínhamos nos beijado. Foi uma semana completamente perturbadora.

Sinceramente, não aguentava mais responder tantas perguntas completamente sem sentido. Eu sabia que a minha amizade com a Harriet era bem diferente. Ninguém nunca acreditou que poderia existir amizade entre homens e mulheres. E eu estava achando que nós dois éramos a exceção, pois nem eu acreditava que isso seria possível. Entretanto, queria provar para mim mesmo que podia dar certo. Já estava dando certo. Mesmo ela sendo uma garota irritante vez ou outra.

No sábado, eu cheguei em casa faltando uma hora para Harriet chegar. Minha mãe já tinha preparado tudo. Eu não tive que me preocupar com nada. Na verdade, minha mãe queria impressionar Harriet para algo mais, pois ela não entendia que o que eu queria, era ter uma amizade como esta. Eu descobria um pouco sobre Harriet todos os dias. Embora tentasse não demonstrar, eu gostava de tê-la como minha amiga. Eu já sabia tudo o que ela gostava. Tanto que escolhi alguns filmes que faziam o estilo dela.

Conviver com a Harriet me ensinou muita coisa. Garotas são imprevisíveis. Temos que pensar bastante o que devemos falar, pois não é todo dia que elas estão de bom humor, principalmente se estiverem naquele dia. O dia da TPM. Harriet mudava de humor a cada minuto. Tinha momentos que ela estava alegre, que estava ranzinza e outras vezes muito dramática. E como eu sabia que ela estava naquele dia, achei que devia fazê-la rir e depois chorar. Escolhi um filme de comédia e o outro de drama.

Tomei banho e me vesti. Achei que devia recebê-la do mesmo jeito que ela me recebia em sua casa; de pijamas. Eu não costumo ter pijamas. Eu transformo minhas roupas velhas em pijamas. Quando cheguei na cozinha, minha mãe me olhou da cabeça aos pés e engasgou com a água que ela acabava de engolir.

- Vai trocar de roupa, Alec. – Eu a olhei por inteiro. Ela estava impecavelmente bem vestida, seus cabelos pretos estavam bem penteados, ela usava um suéter vermelho e calça jeans. Estava bem apresentável. Querendo realmente impressionar Harriet. Revirei os olhos.

- Ela não se preocupa. – Eu peguei um pedaço de pão recheado que estava dentro da bandeja.

- Você vai assustar a garota. – Minha mãe levou a mão até o cabelo.

- É sério, mãe. Nem deveria se preocupar. – Eu engoli o pão e suspirei ao ouvir a campainha. Fiquei aliviado por ela chegar antes do horário. – Eu atendo.

Eu não fiquei surpreso ao ver como Harriet estava vestida quando abri a porta. Olhei atrás dela e acenei para seu pai. Ele buzinou e foi embora.

- Entra. – Falei rindo. Ela vestia sobretudo e pantufa. – Minha mãe enlouqueceu quando me viu de pijama.

- Coisas dos pais. – Ela deu de ombros. E me entregou uma sacola pesada. – Fiz bolo de chocolate.

- Você fez? – Eu estava perplexo em saber aquilo.

- Tive ajuda, mas fiz sim. – Ela tirou o sobretudo, ficando apenas com a calça e blusa do pijama.

- Filho... – Minha mãe parou de falar ao sair da cozinha quando viu Harriet. Olhou-a da cabeça aos pés e sorriu, gesticulando negativamente.

- Festa do pijama! – Harriet falou sorrindo.

- Eu não concordei com esse negócio de garotas. – Eu a corriji.

- Eu sou a Harriet. – Ela foi até minha mãe a abraçando.

- Chame-a de Lili. – Eu respondi pela minha mãe. – Ou se preferir, Lilith que nem aquele filme da Disney.

- Ele sempre gostou de pôr apelidos nas pessoas, Lili? – Harriet perguntou para minha mãe que acabou rindo.

- Sempre gostou de fazer isso, igual ao pai. – Minha mãe tirou a sacola da minha mão. – Fique à vontade, Harriet, vou trazer as coisas para a sala.

- Quer ajuda? – Minha mãe gesticulou negativamente enquanto caminhava em direção à cozinha. Harriet se virou para mim. – Que filme você escolheu para assistirmos?

Amizade é segurar a mão quando o outro precisar, é enfrentar o sofrimento, é partilhar dos momentos felizes, dos sonhos e pesadelos.

VI

HARRIET

EU SEMPRE ACHEI QUE FOSSE UMA PESSOA ISOLADA do mundo por causa das condições pela qual fui submetida desde que nasci. Meus pais viviam viajando e, conseqüentemente, eu também. Eles me deram sempre o melhor e muita atenção para mim. Meus pais me davam tudo, mas eu sabia que faltava algo. E, por incrível que pareça, eles também notaram isso.

Fazia um ano que tinha me estabilizado fixamente em um país, uma casa, uma cidade... Eu não gostava da ideia de morar com meus avós e ter que ficar longe dos meus pais, mas eu precisava de um lugar para qual voltar todos os dias e ter certeza que isso iria permanecer por um período longo. Essa era a consequência de desejar tanto uma coisa. Você sempre está sujeito a perder algo para conquistar o que tanto quer.

Eu não havia perdido nada exatamente. Meus pais não haviam morrido nem nada, mas desde que resolveram me dar uma vida normal, eles passavam a maior parte do tempo longe de mim e, conseqüentemente, ficavam pouco tempo comigo. O que me entristecia, pois eu era muito grudada a eles. Tanto que nos falamos todos os dias por telefone.

Fazia um ano que havia me mudado e quando as aulas estavam terminando, eu achei que seria como aquelas pessoas que não encontravam a profissão certa a seguir logo que termina os estudos, mas sempre foi tão óbvio o que eu queria fazer que, quando finalmente fiz a escolha do curso que iria estudar, eu não conseguia parar de pensar nisso, estava contando os dias, horas e minutos.

Faltava pouco mais de um mês ainda para começar as aulas na Universidade Livre de Bruxelas. Estava ansiosa, é claro, pois eu havia decidido que profissão iria seguir quando tinha quinze anos, só esperava concluir meu estudo o quanto antes. E chegou o tão esperado momento e eu não tinha mais unhas, pois as ruía de tanta ansiedade. Quem me ajudava muito a passar o tempo era Alec. Aliás, ele ajudava a ocupar minha mente. Então, eu ia sempre até a casa dele, quando a minha ansiedade me dominava.

Alec não me criticava por eu ser do jeito que era. Ele simplesmente me aceitava, sem fazer críticas às minhas excentricidades. Não que eu fosse extravagante ou coisa do tipo, mas eu era, digamos, atrapalhada e chamava um pouco a atenção por causa do meu cabelo. Aliás, as pessoas costumavam nos olhar quando andávamos por aí, na rua.

Eu, a menina ruiva, bem baixa ao lado dele e Alec, bom, ele era o garoto alto, magro e de cabelos um pouco compridos, mas com um estilo gótico. Eu sempre dizia a ele, que éramos uma boa dupla. Uma dupla excluída é claro, mas que tinha um pouco de atrativo. Todo mundo olhava para nós. Era até interessante.

Éramos devoradores de livros da Agatha Christie poxa vida! - e gostávamos das mesmas músicas. Não havia a menor possibilidade de não sermos amigos. Quando ele me derrubou no dia que nos conhecemos, eu soube que seria para sempre. Eu conhecia um pouco sobre tudo o que acontecia no mundo e ele, tocava violão e cantava muito bem. Finalmente consegui ouvi-lo tocar e cantar.

Certa vez, cheguei em sua casa sem avisar e Lili me deixou entrar, ela havia me dito

que Alec estava no quarto ensaiando alguma música nova e mesmo chamando por ele enquanto ia em direção ao seu quarto, ele não me respondia. Então abri a porta do quarto sorrateiramente, para não atrapalhá-lo. Quando entrei no quarto, fechei a porta as minhas costas e me encostei nela, cruzando os braços. Apreciando. Foi quando descobri que tinha me tornado sua fã. Eu só não disse isso para ele.

Sua voz era grave e combinava com a música que ele tocava. O ritmo me guiava para um mundo que não conhecia. A sensação que ele me proporcionava cantando naquele momento, era indescritível. Arrepiava todo meu corpo.

- Que lindo! – Eu não sei por qual razão fiz aquele comentário.

É claro que acabei estragando o momento. Não queria que ele parasse. Ele não podia parar de cantar aquela música. Tornava tudo tão lindo! Alec ficou chateado por estar invadindo sua privacidade.

- Você não pode entrar no meu quarto sem pedir permissão. – Alec jogou o violão na cama. – Não pode Harriet.

- Mas eu pedi, Alec.– Eu deixei uma camada forte de ar sair. Estava nervosa. – Você não precisa mais ter vergonha de mim. – Olhei ao redor e senti o rosto queimar. Eu nunca tinha entrado em seu quarto. Na verdade, nunca entrei no quarto de um garoto.

- Eu não ouvi você pedindo permissão. – Alec foi até onde eu estava e abriu a porta, saindo do quarto. Fui atrás dele.

-Me desculpa, está bem? Sua mãe me deixou entrar. – Eu acelerava o passo para acompanhá-lo. – Eu te chamei várias vezes. – Levei a mão até os cabelos, segurando-os com força. – Queria te convidar para ir ao cinema comigo, mas acho que você não é uma boa companhia hoje. – Me virei para sair, caminhando em direção a saída. – Tchau Lili. – Gritei.

-Tchau querida, bom cinema! – Ela me respondeu de algum lugar que eu não sabia onde. Bati a porta com força quando sai. Respirei fundo e entrei no carro.

Quando estava levando a chave na ignição, Alec apareceu batendo no vidro. Abaixei e ele enfiou a cabeça para dentro do carro.

- O que você achou da música? – Após indagar, ele abaixou a cabeça.

- A música é boa. – Eu dei de ombros.

- Eu sei que a música é boa, mas eu quero saber se você gostou de me ouvir cantando. – Ele ergueu o rosto finalmente e me olhou diretamente nos olhos.

- Eu achei tão bom. Poderia ouvir você tocar todos os dias. – Finalmente sorri para ele.

- É sério? – Ele mordeu o lábio inferior e levou a mão até o cabelo, jogando-os para trás.

- Eu não mentiria para você. – Eu brinquei com seu cabelo. – Quer ir ao cinema?

- Vou trocar de roupa. – Ele sorriu torto o que achei muito charmoso. – Me espera lá dentro.

- Você ainda me deve um pedido de desculpa. – Eu disse ao sair do carro. Alec riu enquanto subia lentamente a escada. O alcancei.

- Eu já disse, não disse? – Ele aparentava estar confuso, mas tinha um sorriso sacana no rosto.

- Você não merece minha amizade. – O cutuquei com a ponta do dedo.

Com Alec era sempre assim. Ele era tímido demais para fazer qualquer coisa. Eu tinha que tomar a frente em tudo e acabei o ajudando a superar muita coisa que ele não conseguia fazer. Depois daquele dia, nunca mais parei de ouvi-lo ensaiar. Era tão bom no que fazia. Ele amava tocar. E ouvi-lo, me acalmava a alma.

Definitivamente, eu adorava ouvi-lo cantar. Alec com aquela voz incrível me contagiava e eu tinha certeza que havia muito talento musical que ele desconhecia ter ainda. O incentivei a tentar entrar numa banda. Era esse o sonho dele, mas... O seu grande problema era ter que falar com outras pessoas. Isso nunca dava certo. Sempre acontecia algo estupidamente estranho para atrapalhar e, claro, não dava certo.

Alec e eu criamos um hábito sagrado. Quando o sábado não era na minha casa, era na dele. Tínhamos que nos ver sempre. Ou líamos algum livro, ou víamos um filme ou série. Isso aconteceu tão naturalmente que nem percebemos que se tornou frequente. Eu chegava em sua casa nesse dia.

Como havíamos combinado, ele me ajudaria quando eu teria meus excessos de ataques de ansiedade pré-universitários. Eu o chamava de âncora, afinal, desde que entrou em minha vida (ou eu entrei na dele), era tudo o que ele fazia na minha vida. Me ancorar. Alec não me deixava flutuar demais. Sempre me dava uma dose de realidade brutal quando isso acontecia e isso era o que eu mais admirava nele.

Alec abriu a porta para mim. Sua casa, como sempre, estava limpa e a pequena sala rústica, de móveis escuros e paredes claras, me recebeu. Eu achava a casa dele muito aconchegante. Sempre me sentia bem ali. Tão bem quanto a casa dos meus avós. Acho que até mais.

- Olá, Rapunzel! – Sua mãe apareceu carregando um copo com suco e sentou-se ao sofá.

- Tia Lili. – Sorri para ela e a beijei na testa, mas meus olhos foram até Alec o culpando por ter me dado aquele apelido.

- Mãe, eu já disse, ela prefere ser a Ariel. – Eu revirei os olhos e me sentei ao lado dela.

- Eu prefiro ser a Harriet. Só Harriet. – Depositei meus pés sobre a mesa do centro, acompanhando tia Lili.

- Mentirosa! – Alec apareceu com uma tigela de pipoca, dois copos e depositou-os sobre a mesa. - Você prefere suco ou refrigerante?

- Hoje é dia de refrigerante? – Na casa de Alec era assim. Tinha dia certo para tudo. Só ele que não era muito certo.

- Neste fim de semana estou liberado. – Ele torceu o nariz e enrugou a testa

desgostoso.

- E vamos ver um filme? – Arqueei a sobrancelha.

- Vamos! – Ele ficou impaciente. – Só assim para você parar de contar os dias até as aulas começarem.

- Você sabe que eu não resisto a um filme, não é? – Eu peguei um pouco de pipoca e levei até a boca. – Refrigerante.

- Certo. – Ele se virou e sumiu logo em seguida.

- Eu pensei que, talvez, poderíamos sair mais tarde. – Eu disse a Lili.

- Ótima ideia. – Lili se intrometeu empolgada. Alec me disse uma vez, que ela comentava que a gente só ficava em casa.

Eu nunca vou me esquecer, da primeira vez que Lili me viu. Eu me senti tão importante, pois ela sorriu de orelha a orelha e disse o quanto era bom me conhecer. Aliás, como era bom saber que o filho dela estava fazendo amizades.

Bem. Acho que ela percebeu alguns meses depois, que seria só eu e ele. E isso a desanimou um pouco. Eu não podia melhorar isso. Fazer amizade era muito difícil. Não é todo mundo que quer ter um laço de amizade com uma garota que tem cabelo até a bunda, enrolado, cheio e de uma cor enferrujada, totalmente fora e moda. E tinha o fato de ser fanática por leitura e filmes. Não é fácil conhecer pessoas assim como eu. Entretanto, eu conheci o Alec e ele era uma pessoa peculiar. Ninguém gostava de ouvir a verdade e ele, nossa, adorava falar o que se passava em sua cabeça.

Eu tive que discordar de Lili. Não foi uma boa ideia sair naquele dia. Fomos a um bar que tocava rock americano. Eu não estava vestida adequadamente e é claro que as pessoas estavam olhando para mim. O que valeu de ter ido foi por poder ouvir música boa e ver como Alec olhava para a banda que tocava. Ele ansiava muito poder tocar.

Me levantei da cadeira quando vi uma oportunidade surgir, é claro, para estragar tudo, fui até o vocalista e conversei um pouco com ele. Quando disse o que tinha feito a Alec, ele não acreditou. E bem, eu não acreditava que ele estava recusando aquela chance. Discutimos e cada um foi para um lado. Eu soube que ele não estava tão bravo comigo, quando cheguei em casa e cinco minutos depois, ele me ligou.

- Eu só queria saber se você chegou bem e sem acontecer nenhum acidente no caminho. – Eu queria rir, mas continuei séria.

- Alec. – Eu comecei, mas ele me interrompeu.

- Você não pode decidir essas coisas por mim, Harriet. – Tremi. Desde que ele arranhou apelidos para mim, Alec não me chamava mais pelo nome. Quer dizer, não naquele tom.

- Só tenta, Alec. Amanhã eles vão ensaiar e querem fazer um teste com você. – Eu murmurei e fiquei satisfeita por ele não me interromper. – Vai amanhã ao ensaio lá no bar e mostra o que você sabe. Eles estão precisando de um guitarrista. – O ouvi suspirar. – Por favor?

- Eu quero, mas... – Eu até podia vê-lo engolir em seco.

- Eu vou com você. – Sussurrei mais baixo do que o normal.
- Eu vou pensar. – Ele disse por fim.
- Me liga amanhã quando decidir. – Eu desliguei o telefone, um pouco chateada.

Ele foi ao bar sozinho sem que eu soubesse. Alec não me ligou no dia seguinte e nem no outro. Ele simplesmente apareceu em minha casa sem avisar e completamente sorridente. Eu continuava chateada e preocupada, mas o deixei entrar. Fomos até o meu “canto” para conversar.

Eu não queria demonstrar que estava preocupada e muito menos chateada. Ele não me ligou e eu podia entender isso, afinal, Alec estava no seu direito. Estava chateado comigo e com razão. Eu não podia simplesmente tentar ajudá-lo se ele não queria isso. Eu sabia que devia parar com isso. Já tinha dado errado uma vez, quando tentei fazê-lo se aproximar de uma garota que ele gostava e que o desprezava. Eu tinha que aprender a controlar minhas ideias, pois eu sempre acabava magoando-o. E, sabendo isso, eu achei muito estranho vê-lo sorrindo daquele jeito.

- Eu fui! – Ele falou assim que fechei a porta do meu canto nas minhas costas.
- Legal! – Eu continuei séria.
- Eu fui sozinho! – Ele demonstrou sua empolgação.

- Fico feliz que você tenha feito isso sozinho. – Mas eu queria ter ido, ter acompanhado, ter visto com meus olhos o quanto era talentoso e as pessoas o reconhecerem por isso. É claro, eu não disse o que pensava.

- Eu entrei para a banda. – Ele levou as mãos até os bolsos da calça preta que usava.
- Que legal. – Passei por ele e fui até a mesa, me apoiando nela. Cruzei os braços.

- Tenho ensaio todos os sábados e já tenho data para a estreia com a banda. – Ele umedeceu os lábios, jogou o cabelo para trás. – Daqui duas semanas. – Ele tirou a mochila das costas e a abriu, tirou alguns papéis. – Preciso ensaiar muito.

- Que bom Alecsander! – Meu tom de voz expressou o que eu estava sentindo. Ele fechou o sorriso instantaneamente.

- O que foi? – Ele se aproximou, jogou a mochila sobre a mesa e me encarou.
- Por que você não me ligou? – Seus ombros caíram simplesmente.
- Eu estava chateado com você. – Ele disse finalmente.

- Eu sei, mas nós combinamos de ir juntos, lembra? – Eu apoiei as mãos sobre a mesa, ficando de costas para ela. Alec estava muito perto.

- Você combinou comigo, mas eu não disse que sim, nem que não, Harriet. – Encolhi meus ombros.

- É claro! – Concordei, tristemente. – Mas mesmo assim...

- Eu não estou mais chateado. – Ele disse finalmente. – Se não fosse por você, eu nunca teria conseguido isso. Por que ficarei chateado com uma pessoa que me deu o que eu tanto queria?

- É! – Era aquele jeito dele de pedir desculpas e dizer que estava certa e sabendo disso: – Você vai me contar tudo nos mínimos detalhes ou não? – Alec sorriu novamente.

- Você está me confundindo com uma garota para contar nos mínimos detalhes? – Eu gargalhei e peguei os papéis que estavam em sua mão.

- Vamos dar uma olhada nisso! – Eu me virei e sentei apoiando os braços sobre a mesa.

- Eu preciso da sua ajuda, você sabe. – Ele se sentou também.

- É claro que precisa! – Eu não quis demonstrar o quão surpresa estava com aquela declaração. Alec não era muito de assumir que precisava de alguém. – Vai se acostumando, você vai sempre precisar de mim.

- Eu sei. – Ele encostou o ombro no meu, empurrando.

Eu sempre quis vê-lo tocar em um palco e por muitas horas. Alec nunca tocava muito tempo quando eu estava por perto. Mas nos últimos meses, matei toda a minha curiosidade. Ele tocava muito bem e tinha um bom repertório. Aliás, ele gostava das mesmas bandas que eu, então, era um pouco suspeito falar, não é?

VII ALEC

EU JÁ DISSE QUE ACHAVA HARRIET INTROMETIDA? Pois é, ela era muito intrometida. Queria sempre decidir o que fazer na minha vida, mas no final, eu acabava concordando com ela. Eu nunca tive muita atitude. Harriet estava tentando me ajudar a ser dono de mim.

Depois que ela entrou em minha vida, eu nunca tinha pensado o que queria fazer depois que terminasse os estudos. Sinceramente, eu havia guardado dinheiro para no fim, não saber no que investir e depois que ela deixou minha vida de cabeça para baixo, eu comecei a planejar. De repente, comecei a ver o que aconteceria em minha vida depois de alguns anos.

Não sei dizer como isso aconteceu, mas aconteceu. Me transformei e, ao mesmo tempo, continuo sendo do mesmo jeito. Tenho os mesmos princípios e os mesmos pensamentos, gosto das mesmas músicas e de fazer as coisas que sempre faço. Era estranho, mas bom ao mesmo tempo.

A primeira vez que subi no palco, Harriet estava comigo. Eu vomitei e ela foi comigo no banheiro para me acalmar. Naquele momento, eu entendia seu nervosismo com a faculdade. Havíamos invertido o papel. Eu era o ansioso e ela estava me acalmando.

Me recordo que seus avós e minha mãe também estavam lá. Quando consegui subir no palco, Harriet me acompanhou e fingiu fazer a segunda voz. Ela não era muito boa cantando, mas estava lá me acalmando. Na segunda música, eu me acalmei um pouco e na terceira, ela já não estava mais ao meu lado. E depois, eu não vi mais nada. Só pensava nas notas, nas músicas e em cantá-las. Foi bom demais, pois mesmo me acalmando, a adrenalina ainda dominava meu corpo.

Depois da primeira apresentação, eu não conseguia mais parar de pensar na música. Ela se tornou minha vida e algo que me trazia tudo o que estava faltando sem que eu soubesse o que era. Simplesmente preenchia o que estava vazio.

Tocar se tornou a minha terapia. Harriet me mostrou que eu podia tocar para muitas pessoas e a música me mostrou que eu podia me comunicar com as pessoas sem precisar realmente falar com elas. A forma que tocava e cantava, já passava a mensagem do que eu estava sentindo.

Harriet, aos poucos, não pode ir as minhas apresentações que aconteciam durante a semana. Ela estava estudando e tinha que se dedicar. Eu não me ressentia por ela não estar indo, mas sentia sua falta enquanto olhava para as pessoas espalhadas pelo bar. Ela sempre chamou atenção. E não era por causa de seu cabelo enferrujado e cheio, mas Harriet cantava muito empolgada todas as músicas, mesmo desafinando o tempo todo.

Ela se tornou meu alicerce. Sem se dar conta disso.

Aquele era um dia diferente. Estava completando 13 anos que ele havia morrido. Avisei Harriet que não poderia vê-la, pois teria que sair com a minha mãe. Estar tocando, subindo no palco, me fazia recordar muito dele e o que eu senti nos primeiros anos depois de sua morte, havia voltado com força. Meu pai também tocava e o primeiro violão que

toquei tinha sido o dele.

Lembrar-me dele me levava sempre à noite de sua morte, a tristeza de minha mãe e como os anos seguintes foram tão difíceis. Tanto eu e minha mãe precisávamos dele, mas tivemos que nos virar para seguir em frente. Sua vida foi interrompida no meio do caminho, mas a nossa não. O luto demorou muito a desaparecer, até que entendemos que tínhamos que seguir em frente. E seguimos.

Eu tinha poucas recordações dele, mas havia uma em especial que eu nunca esqueci, apenas a escondi em minha mente, quando o vi tocar para minha mãe uma canção. Eu não me recordava qual a música, mas eu havia decidido que algum dia tocaria a mesma música e naquele mesmo ritmo para alguém.

Sáímos cedo, estava chovendo forte. Eu vesti meu casaco preto e o coturno, minha mãe usava um sobretudo que Harriet havia dado no dia do seu aniversário. Quando chegamos ao cemitério, havia uma floricultura aberta do lado de fora, minha mãe foi até lá para comprar uma muda de flores, eu a aguardei na entrada, olhando para a rua parada. Chuviscava sobre nós, mas estávamos tão anestesiados com o sentimento que pouco notávamos.

Quando entramos, notamos algumas pessoas ao longe e continuamos o nosso caminho. O vento machucava a minha pele, mas não estava me importando. Aquele era um momento importante para mim. Nos aproximamos da lápide de pedra, que estava um pouco mofada. Observei que havia algumas flores amarelas diante dela. Alguém mais tinha visitado o túmulo de meu pai recentemente, provavelmente um de seus irmãos.

- Eu as deixei agora pouco. – Harriet apareceu ao meu lado. Ela estava com touca cor de vinho sobre os cabelos soltos e usava um sobretudo preto.

- Cheguei a pensar que alguém da família dele veio aqui. Eles nunca vêm. – Suspirei e voltei a olhar para a lápide. – Obrigado por vir.

- Por nada. – Ela veio até a mim e me abraçou a cintura, apoiando a cabeça em meu peito.

Minha mãe se ajoelhou e tocou a lápide como se o tivesse tocando mais uma vez. Observei-a atentamente. Uma lágrima deslizou por seu rosto e ela rapidamente a secou. Me afastei de Harriet e fui até ela, a abraçando. Fechei os olhos para confortá-la, até que senti outros braços a nossa volta. Harriet nos abraçava. E minha mãe começou a chorar. Ficamos assim por muito tempo, em silêncio. Não precisamos falar nada. Cada um tinha seu pensamento.

Eu estava triste, mas foi a primeira vez que não senti aquele aperto forte no peito que eu costumava sentir a cada ano após a morte de meu pai. Eu não sabia dizer se eu realmente havia superado ou se a presença de Harriet que me confortava. Não pedi para ela vir, mas fiquei muito feliz por ela nos acompanhar naquele dia. Foi importante para mim e ela sabia disso. Eu não precisava dizer.

*

Após o trabalho naquele dia, eu iria ensaiar, mas tinha algum tempo livre. Fui até um café que ficava perto do ensaio, ao entrar, encontrei Josh, o baterista sozinho numa mesa e

fui até lá. O cumprimentei antes de me sentar na frente dele. Pedi o que iria beber e apoiei os braços. Eu já estava tomando café, quando Harriet me ligou.

- O que vai fazer hoje? – Ela perguntou de uma vez, logo que atendi.

- Eu vou ensaiar. – Eu olhei o relógio.

- Ah! – Ela suspirou, pude ver sua expressão de decepção sem que ela estivesse presente. – Tem certeza?

- Tenho. Já está combinado. – Eu bebi um gole do café.

- Queria que você fosse comigo num lugar. – Ela fez uma pausa. – Onde você está? Eu ouço vozes ao fundo.

- Estou tomando um café com o Josh. – Ele enrugou o nariz e gesticulou negativamente.

- Faz tempo que não nos vemos. – Ela sempre fazia esse comentário, pois nossos horários quase não davam. Quando eu não estava tocando, ela estava fazendo trabalho da faculdade.

- Eu sei, mas nesse fim de semana poderemos nos ver. – Avistei uma garota entrar na cafeteria enquanto levava o copo até a boca, mas parei no meio do caminho. Os olhos dela se encontraram com os meus e sorriu para mim. – Eu preciso ir, Harriet. A gente se fala. – Desliguei o celular no momento que a garota passava por mim. Virei meu rosto acompanhando-a com os olhos.

- Você tem certeza que não namora com a Harriet? – Olhei para Josh e neguei. – Parece um casal.

- Somos muito amigos. – Me levantei e sentei ao lado de Josh, para ficar olhando a garota.

Ela tinha o cabelo longo, um tom de loiro quase branco. Sua pele era tão branca e parecia muito macia. Sua boca estava pintada com um batom vermelho. Achei bastante tentador. Ela continuou olhando para mim.

- Vai lá, Alec. Para de ser mole. – Josh disse rindo. – Se você não for, eu vou.

- Você não faria isso. – Fiquei irritado com aquele comentário.

- Faria sim. Não dê mole para mim. – Ele bateu com o seu cotovelo no meu, me empurrando. – Vai logo.

- Está bem. – Me levantei e levei a mão até o cabelo, bagunçando. Queria estar tocando num palco naquele momento. Geralmente, estar no palco facilitava bastante. Quando me aproximei da mesa, apoiei a mão na cadeira vazia. – Posso?

Ela assentiu e apontou na direção da mesa. Me sentei e me apresentei. Foi a primeira vez fora do palco que consegui beijar uma garota. Ela era interessante e muito bonita. Sua voz era fina e um pouco irritante. Foi divertido deixá-la quieta o tempo todo. Se eu me lembro do nome dela? Não, não me lembro. Mas o que importava mesmo para mim, é ter conseguido fazer algo que jamais tive coragem de fazer.

Eu não fui ensaiar aquele dia. Estava muito ocupado. E claro, achei melhor não

contar a Harriet sobre isso. Ela iria ficar muito irritada por saber que não ensaiei e deixei ela de lado por uma garota.

*

Muitas coisas boas estavam acontecendo comigo. Eu tinha Harriet, minha melhor amiga. Tinha a banda que estava dando tudo tão certo, as apresentações se tornaram frequentes. Me sentia cansado, mas estava muito satisfeito com o resultado. E tinha as garotas. A cada dia, eu me superava. Não me sentia mais inibido. Estava sendo muito bom tudo aquilo.

E tinha meu emprego. Não era dos melhores, mas como fazia anos que estava trabalhando para meu tio, ele resolveu abrir outra loja e me promover. Estava guardando dinheiro. Sempre fui uma pessoa que economizava bastante e com o dinheiro das apresentações, mesmo não sendo muito, todos iam para a minha poupança.

Eu não havia contado para ninguém dos meus novos planos, inclusive minha mãe não sabia. Aquela nova vida, me fazia desejar liberdade e privacidade. Não podia continuar trazendo garotas para a casa de minha mãe. Ela vivia reclamando e, por isso, pretendia me mudar o quanto antes para um apartamento ou casa. Por isso, quanto mais shows, mais rápido eu iria conseguir.

Harriet não fazia ideia do que eu estava planejando. Talvez a surpreendesse com tanta mudança. Aliás, ela andava tão ausente. Estava muito ocupada com os trabalhos e provas. Ao contrário dela, eu não pensava em estudar ainda. Não conseguiria aguentar aquela pressão.

Como não podia vê-la com frequência, nos dias que não tocava e estava de folga. Minha mãe e eu saíamos juntos. Almoçávamos fora, assistíamos a um filme ou fazíamos qualquer outra coisa diferente.

Neste dia, minha mãe queria comer algo diferente e beber cerveja. Saímos tarde de casa, por volta das duas horas da tarde, pois no domingo, não temos o costume de acordar muito cedo. Fomos até a *Praça de l'Agora* que fica próxima a uma das estações de metrô mais movimentadas da capital. Chegando lá, levei-a direto ao *Belgian Fries* para comer uma das melhores batatas do mundo. Depois caminhamos pela praça, observando as pessoas até que chegamos à galeria *Royales*.

Minha mãe parou e ficou olhando para o prédio todo. A estrutura era toda rustica e, de longe, podia-se notar o monumento. Ouvi minha mãe suspirar e sorrir. Estreitei os olhos. Pelo jeito, ela se recordava de algo.

- Seu pai me trouxe aqui uma vez. – Seus olhos se umedeceram. – Quando estava grávida, andávamos por aqui e fiz seu pai correr para me comprar um chocolate lá dentro.

- Quer ir lá mãe? – Eu enrolei meu braço no dela.

- Estou satisfeita. – Ela umedeceu os lábios. – E não estou grávida, já passou minha vontade faz muito tempo.

- Podemos levar para casa. – Ela sorriu para mim.

- Devíamos comprar alguns para Harriet. – Ela se animou e começamos a caminhar

em direção a praça.

- Acho que ela vai precisar de chocolate depois de tanto estudar. – Ao me ouvir, ela riu.

- Vamos levar para ela em sua casa hoje, Harriet vai adorar. – Assenti e entramos na galeria.

Eu nunca entrei na galeria, na verdade, e por isso, fiquei impressionado. Tudo era muito conservado e bonito. Minha mãe ficou deslumbrada com as lojas. Mulheres, vai entender.

VIII

HARRIET

A BANDA QUE ALEC TOCAVA ESTAVA INDO MUITO BEM. Ele tinha dado muito certo com o grupo todo e a banda era bem enérgica, tinha harmonia e química. Mas o melhor, na minha opinião, foi ver Alec mudar. Ele estava mais confiante com tudo, principalmente, com suas opiniões, é claro. Comprou algumas roupas melhores, mas não menos escuras ou rasgadas. Aquele estilo resumia a personalidade rebelde dele, mas muito inteligente.

Alec mandou fazer algumas camisas personalizadas com frases que, algumas pessoas, podiam achar sem sentido, mas conhecendo-o como só eu conhecia, entendia muito bem que aquilo tinha a ver com ele.

Ele havia se tornado um alvo masculino desde então. Seu jeito despojado e despreocupado chamava atenção das mulheres que faziam questão de cair em cima dele por onde passava. Ser rebelde e guitarrista, era sexy para elas. Eu nunca disse para ele, mas acho que aquele meu empurrãozinho o libertou. Tanto que ele já havia perdido as contas de quantas mulheres se envolveu em dois meses que estava na banda.

Já eu, estava focada no curso. Havia feito alguns amigos na faculdade. Eles não me achavam muito estranha, como era no colégio. Eram pessoas de outros países também e isso me favorecia. Não foi difícil fazer amizade com eles. Sempre que dava, os levava comigo para assistir a apresentação da banda de Alec em algum bar no centro, mas era difícil acompanhar a banda quando se estava estudando e fazendo provas. Ele tocava todos os dias, mas eu tentava.

Nos afastamos um pouco, conseqüentemente, e quando percebemos que estávamos muito afastados, sem saber o que estava acontecendo na vida do outro, decidimos que isso teria que mudar, tínhamos que nos ver, pelo menos duas vezes na semana, nem que fosse por apenas quinze minutos e eu sabia que ele sentia minha falta, só não queria admitir.

Eu voltava para minha casa a pé, segurando meu caderno contra o peito. Estava um frio de congelar os dedos e não via a hora de chegar em casa para tomar um chocolate quente que só minha avó sabia fazer. Meus dentes batiam um contra o outro, tremendo de frio. O ar que eu jogava para fora, fazia fumaça diante dos meus lábios. Eu adorava ficar olhando essa fumaça e andava distraída, como sempre.

Olhei rapidamente para o lado da rua, para atravessá-la e coloquei um pé para frente. Foi um grande erro, eu sei. Eu devia parar na calçada, mesmo sabendo que naquela rua não havia muito movimento, mas nesse dia foi diferente. E bota diferente nisso! Uma moto passava a toda velocidade e, em seguida, alguns carros. Parecia uma perseguição, mas eu nem notava, estava concentrada na fumaça que saía da minha boca e quando percebi estava sendo puxada com força de volta para a calçada e, claro, cai no chão, batendo a bunda e as costas com força.

- Aw! – Disse ao sentir o choque do chão duro contra as minhas costas e a bunda. Pelo menos, pensei em segurar a cabeça para não batê-la. Meus cadernos caíram no chão da pista. – Meus cadernos. – Murmurei, mas um carro passou por cima deles e eu fiquei em choque vendo-os esvaçados. – Meu Deus, meus caderninhos...

- Você está bem? – Ouvi uma voz atrás de mim e foi só assim que senti duas mãos apertarem meu ombro.

- Meus cadernos. – Murmurei novamente.

- Moça? – Achei a masculina muito bonita e ouvi-la de novo, me fez virar e olhar para o dono da voz. Eu tremi. Era o homem mais lindo que tinha visto em toda a minha vida. – Está tudo bem?

- Aw, não. – Meus lábios tremeram. – Minhas costas.

- Você consegue se mover? – Ele afastou as mãos dos meus ombros e ficou de frente para mim. Era alto e forte. Ele carregava uma bolsa de lado. Parecia estudante. Agachou-se de frente para mim. Seus cabelos eram curtos e castanhos, os olhos castanhos bem claros quase verdes, a pele branca e tinha a barba por fazer.

- Acho que sim! – Tentei me mover e senti novamente a dor, mas continuei tentando me levantar. Ele segurou minhas mãos e me ajudou a ficar em pé.

- Vamos sentar em algum lugar. – Ele olhou para os lados a procura de algo. – Vai precisar andar um pouco.

- Arg. – Eu resmunguei.

- Se apoia em mim enquanto vamos até lá. – Ele apontou para o outro lado da rua e havia uma cafeteria a mais ou menos, duzentos metros. Resmunguei de novo. Ele pegou o que restava do meu material e se aproximou de mim.

- Obrigada! – Enrolei meu braço em volta do seu e segurei em sua mão.

- Seus pés doem? – Ele perguntou, enquanto atravessávamos a rua.

- Não, só a minha bunda e as costas. – Eu fechei um pouco os olhos e senti seu perfume.

- Vai doer por um bom tempo. – Finalmente atravessamos e continuamos o caminho.

- E, provavelmente, minha bunda vai ficar roxa. – Eu e meu controle de pensamentos que não consigo controlar. Eu sempre falo o que penso. O ouvi ri.

- Se você quiser, eu posso ver isso depois. – Eu arqueei a sobrancelha. Estava sendo flertada, é isso?

- Eu não mostro minha bunda para desconhecidos. – Ele riu de novo e sua mão me apertou bem firme.

- Podemos parar de sermos apenas desconhecidos, o que acha? – Eu ergui o rosto para ele. O bom de ter cabelos grandes e cheios é que podia esconder bem o meu rosto, mas eu podia ver a expressão da outra pessoa facilmente. Eu vi que ele tentava ver bem o meu rosto.

- Eu me chamo Harriet. – Disse após um longo tempo. O sorriso dele aumentou. Eu sabia o que ele estava pensando. Eu dei o passo que desejava.

- E eu me chamo Willian. – Ele umedeceu os lábios. – Sou americano.

- Um americano em Bruxelas. – Fingi surpresa e ele me olhou desconfiado.

- Pois é! – Ele virou o rosto e eu fiz o mesmo. – Chegamos.

- Que ótimo, não aguento andar por mais tempo não. – Ele abriu a porta para mim e entramos. Senti rapidamente a pele do rosto aquecer. Assim que nos sentamos, uma garçonete veio até nós e Willian fez o pedido.

- Quando vou poder ver sua bunda? – Ele disse assim que a garçonete se afastou. – Tem que ser o quanto antes já que o roxo sempre some depois de um tempo.

- Você precisa me convencer que vale a pena. – Eu peguei um laço dentro da minha bolsa e preendi o cabelo em um coque. Vi os olhos dele pregados em mim.

- Que tal hoje? – Ele disse de uma vez sorrindo.

- Ver minha bunda hoje? – Expressei minha surpresa. – Eu já disse, você precisa... – Ele me interrompeu.

- Não. Sairmos. – Ele apoiou os braços sobre a mesa, mas não deixava de me encarar.

- Ah! – Falei surpresa. – Onde?

- Você decide, eu não conheço muita coisa aqui. – A garçonete chegou com o nosso pedido.

- Fechado! – Disse antes de experimentar o meu chocolate quente.

E foi assim que conheci meu primeiro namorado. O homem que viu a minha bunda pela primeira vez. E pode ter certeza, ele não a viu roxa.

*

Willian foi meu primeiro amor. Me apaixonei no instante que olhei para ele. Nós fomos muito felizes enquanto estávamos juntos, mas, infelizmente, não deu certo. Havia uma coisa que aprendi durante a minha vida solitária que tínhamos que dar valor as pessoas que sempre estão por perto e nunca deixar de lado amigos e familiares, pois nunca sabemos o que pode acontecer no dia seguinte, ainda mais por amor. Willian não gostava de Alec. Eles não se davam bem de forma alguma e, por mais que eu tentasse, eles nunca seriam amigos.

Eu nunca deixaria de ver Alec nos únicos quinze minutos, duas vezes por semana, que tínhamos livres. E nunca deixaria de vê-lo tocar no meu tempo livre. Eu estava ali para apoiá-lo, embora, sempre que tivesse a oportunidade, ele me deixava de lado por algum rabo de saia. Era nessas horas que eu corria até Willian e ele não gostava nada disso.

Aguentei isso por longos seis meses que me pareceram bem mais. Uma briga atrás da outra. As reconciliações logo em seguida. Noites em claro. Willian tinha ciúmes de todo mundo, especialmente de Alec, o que me deixava cansada. E não adiantava repetir milhares de vezes que não havia nada entre nós. Sempre encontraria um motivo para desconfiar. Eu não aguentei por muito mais tempo.

E lá estava eu, chorando as mágoas com Alec, em seu quarto. Antes de dizer o que tinha acontecido, ele deixou o som no computador rodando e o nosso álbum preferido do *Coldplay* rodando, X&Y. Ele me abraçava e me deixava chorar em silêncio. Eu sabia o

que ele estava pensando, mas Alec nunca iria expor o que pensava sobre Willian, sabia que iria me magoar e o que eu menos precisava naquele momento, era chorar mais. Fix You começou a tocar quando ele quebrou o silêncio, o que me fez chorar mais. Com um lenço na mão, levei-o até o nariz e funguei várias vezes.

- Podíamos assistir um filme, que tal? – Ele disse depois de um tempo.

- Você não vai tocar hoje? – Ergui o rosto para encará-lo e ele sorriu para mim.

- Não importa agora. Eu aviso eles. – Meus olhos marejaram.

- Eu não quero te atrapalhar, Alec. – Seus dedos tocaram meus lábios.

- Eu já disse que isso não importa agora. Eu quero ficar com você nesse momento. – Eu fechei os olhos sentindo a carícia de seus dedos em meu queixo.

- Obrigada. – Ele beijou minha testa.

- Precisamos ir a uma locadora. – Ele anunciou e se afastou.

- E que filme vamos alugar? – Me levantei e esfreguei o rosto.

- A Troca. – Torci o nariz. - O que foi?

- Mais um filme da Angelina Jolie? – Indaguei e ele encolheu os ombros, sorrindo.

- Ela é muito gata e estamos precisando de adrenalina e terror hoje. – Alec pegou sua jaqueta de couro e eu percebi que era nova.

- Não está quente para usar isso? – Eu abri a porta de seu quarto para sair.

- Eu não ligo. – Ele deu de ombros. – Mãe, Rapunzel e eu vamos à locadora. – Gritou.

- Está bem. – Ouvi tia Lili responder da cozinha.

- Eu acho que devíamos escolher mais um filme. – Ele abriu a porta da casa e deu passagem para mim. – Que tal um pouco de comédia também.

- Contando que locamos A Troca, tudo bem. – Ficamos lado a lado.

- Obrigada, Alec. – Eu disse, por fim.

- Eu sou seu amigo, Rapunzel. – Enruguei o nariz. – Eu estarei aqui para você sempre que precisar.

- Eu te amo, sabia? – Eu senti meus olhos umedecerem de novo.

- Não espere uma declaração vindo de mim. – Eu ri ao seu anúncio, mas eu sabia que ele sentia o mesmo.

- Está bem! – Eu encostei levemente meu ombro um pouco abaixo do seu peito. – E você, vai me contar como anda sua vida amorosa? – Olhei para o chão rapidamente.

- Não. – Ele riu logo em seguida.

- Ah, qual é Alec, eu conto tudo para você! – Eu fiquei indignada.

- Você conta porque quer, eu não pedi para me falar nada. – Ele, como sempre, delicado.

- Nunca mais vou contar mais nada pra você também. – Eu o ouvi ri e o olhei de viés.

- Ainda bem, estava farto de ouvir os detalhes sórdidos de suas noites sexuais. – Parei e me virei para ele, indignada.

- Pelo que me lembro, você fazia algumas perguntas também. – Eu cutuquei o seu peito com o dedo indicador, a cabeça inclinada para poder olhar em seu rosto. – E você me contava os detalhes. Até me deu algumas dicas.

- Minhas dicas foram muito boas, não é? – Eu nunca imaginei que fosse vê-lo tão confiante em toda a minha vida, como estava naquele momento.

- Você é um imbecil às vezes. – Disse e acelerei o passo, deixando-o para trás.

- Você se lembra da loira que me deu um fora há, mais ou menos, 1 ano? – Eu parei e me virei para ele.

- O que tem aquela idiota? – Cruzei os braços. Aquela garota era uma estúpida.

- Eu a encontrei de novo. – Ele levou as mãos até os bolsos da calça preta.

- É claro que a encontraria de novo, estamos em Bruxelas, aqui nós sempre encontramos as mesmas pessoas sempre. – Eu dei de ombros.

- Ela é Inglesa, não mora aqui. – Ele disse. – Vem na casa de sua prima nas férias e se chama Eloyse. – Sorriu para mim e eu percebi que alguma coisa estava acontecendo entre eles. – Nos encontramos ontem e ela se aproximou de mim. Acho que nem lembra como eu era antes.

- Vocês saíram depois? – Ele sorriu largamente.

- Não. Eu achei que não devia dar tanta atenção para ela assim. – Mordi o lábio. – Mas vamos sair ainda. Ela me mandou mensagem hoje. – Ele tirou o celular do bolso e mostrou para mim. – Não respondi ainda.

- Não se faça de difícil, Alec. – Eu ri. – Isso é coisa de mulher.

- Não é isso que quero fazer, Rapunzel. – Ele umedeceu os lábios. – Mas eu gostei dela desde a primeira vez que a vi e se facilitar tanto as coisas, vou me magoar. Eu só preciso ter certeza.

- Ainda continuo achando coisa de mulher isso. – Ele riu diante do meu comentário. – Me deixe ver a mensagem. – Ele me entregou o celular.

- Eu não sei o que responder. – Ele disse um pouco inseguro. O velho Alec estava de volta, para meu desespero.

- Não precisa, eu já fiz por você. – Devolvi o celular e ele leu.

- Amanhã? – Alec enrugou a testa.

- Ela vai, tenho certeza. – Eu disse convicta. – E eu estarei lá, é óbvio.

- Eu dei um beijo nela ontem. – Ele disse depois de um longo minuto de silêncio.

- Ah! – Eu sorri. – E como foi?

- Delicioso. – Ele inspirou fundo. – Eu tremi pelo corpo todo.
- Isso é um bom sinal, Alec. – Agarrei seu braço e continuamos a andar.

Eu não consegui dormir naquela noite direito, ainda estava chateada pelo término entre mim e Willian e me sentia preocupada com Alec e essa tal Eloyse. Ela morava em outro país e poderia magoá-lo a qualquer momento quando fosse embora, mas eu não podia deixá-lo ficar se remoendo, afinal, ele gostou dela no primeiro momento que a viu. Isso devia ser um bom sinal.

Eu estava certa por um lado. Era um bom sinal para Alec. Eu cheguei a pensar que Eloyse entrou na sua vida dessa vez, para ficar, mas foi uma tristeza para mim. Meus quinze minutos duas vezes por semana com Alec diminuíram. Quando ia vê-lo tocar, era praticamente impossível conversar com ele. Eloyse estava sempre lá e parecia fazer questão de afastá-lo de mim. Eu realmente estava feliz por ele. Alec estava amando e era correspondido. Parecia um relacionamento feliz. Ele estava feliz e eu tentei me contentar com isso.

Algumas vezes, pensei em ligar para Willian. Eu precisava conversar com alguém, mas ele era a última pessoa que eu podia procurar. Nos magoamos muito no tempo que ficamos juntos e eu sabia que nunca daria certo. Ele era ciumento e eu não conseguia lidar com esse tipo de situação. Eu não era como as garotas dos livros de romances que li que achava lindo saber que o amor de sua vida sentia ciúmes. Sempre fui organizada demais. Precisava ter tempo para tudo na minha vida e não apenas para uma pessoa só.

Mas com o distanciamento de Alec, eu percebi que precisava ter mais amigos tão próximos como ele na minha vida. Eu não senti tanta tristeza quando terminei com Willian como me senti ao ter meu melhor amigo longe de mim, mas precisaria me acostumar. Alec estava feliz e isso devia ser o suficiente para mim. Mas não era.

Eu sou Harriet Zamboni e meu lado mimada estava gritando em meus ouvidos. E por mais egoísta que estava sendo, eu não podia controlar. Eu só queria ter meu amigo Alecsander de volta e me vi torcendo para que o namoro dele acabasse logo. Eu sabia que ele ficaria arrasado se isso acontecesse, mas eu estaria ali para ajudá-lo da mesma forma que ele me ajudou.

Não sei por qual razão me incomodava tanto o relacionamento de Alec com Eloyse. Eu sabia que ela não gostava de mim, apenas me tolerava. E o meu sentimento por ela era recíproco, mas mesmo querendo que eles se separassem, desejava a felicidade dele. Eloyse parecia fazê-lo feliz e, ao longo dos dias e meses que se seguiram, tornei minha presença menos frequente em sua vida. Não me sentia mais importante para ele, afinal, havia Eloyse.

Nossos fins de semanas que tínhamos para ver filme ou ler algum livro se tornaram cada vez mais escassos. Eu sentia sua falta. E mesmo fazendo novos amigos, não era a mesma coisa. Eu não tinha mais a ideia de que as pessoas iriam me matar, como pensava antigamente, mas fazer amizade com mulheres intelectuais e magníficas estava fora de questão, o fato de eu ser ruiva e ter o cabelo cheio, afastava as mulheres. Ninguém queria falar com uma pessoa estranha e desajeitada.

Os homens se aproximavam de mim para conseguir algo, alguns até faziam piadas

sobre a cor dos meus pelos pubianos. Entretanto, consegui me aproximar de algumas pessoas no fim das contas e, ainda assim, me sentia muito sozinha. Não queria ficar sozinha. Alec estava seguindo a vida dele e ver isso, doía meu coração. Mas eu tinha que seguir em frente, não é?

E eu tentei.

Amigo que é amigo cuida se preocupa e respeita cada momento seu. Conhece seus defeitos e aceita como são, até quando o outro se intromete nos seus assuntos, mesmo com o intuito de ajudar.

IX

ALEC

ELOYSE, DEFINITIVAMENTE, ERA A MULHER DOS MEUS SONHOS. Nunca imaginei que poderia namorar uma garota como ela. Jamais achei que fosse capaz, mas ali estava eu, com a garota mais bela que já vi em toda a minha vida. Eloyse era mais velha do que eu 1 ano. Morava sozinha, era independente. Tinha um bom trabalho, estudava medicina e conseguia ter tempo para mim.

A admirava muito. Ela passava noites em claro para podermos passar os fins de semana comigo. Ela sempre respeitou minha mãe, o que me fazia admirá-la muito. Eu gostava de fazê-la rir, pois ela tinha uma covinha na bochecha direita. Parecia muito meiga, mas na cama era onde eu mais gostava de estar com ela. Com Eloyse era tudo intenso e muito feroz. E eu adorava aquilo.

Quando decidi passar aquele fim de semana com Eloyse, num feriado prolongado, pois sabia que as provas finais estavam chegando e não poderíamos nos ver até que suas férias finalmente chegassem, eu pretendia falar o que sentia para ela.

Ao comprar as passagens, olhei para o computador na minha frente e minimizei a janela do navegador. Havia trocado há muito a foto de plano de fundo que estávamos eu, Harriet e minha mãe por uma que estamos Eloyse e eu nos beijando. E ao olhar a fotografia, me recordei de Harriet, embora não soubesse por que ela apareceu em meus pensamentos. Peguei o celular e mandei uma mensagem, avisando que iria dizer a Eloyse o quanto a amava.

Harriet não me respondeu. Era terceira ou quarta mensagem que enviava e ela não respondia. Respirei fundo e abri a pasta de fotografias que estava na minha área de trabalho. Havia uma pasta com o nome dela e a abri. Havia muitas fotos nossas. Tínhamos nos distanciado um pouco devido a suas ocupações com a faculdade, mas sabia que seria passageiro. Harriet e eu tínhamos uma amizade muito forte.

Observando-a sorrir nas fotos. Senti sua falta. Peguei o celular novamente e mandei outra mensagem. Dessa vez, escrevi algo diferente.

“Espero que não esteja arrancando esses cabelos alvoroçados por causa das provas”

Joguei o celular de volta sobre a mesa e continuei olhando as fotos, observando Harriet através delas. Eu havia me acostumado em tomar conta de alguém nos últimos anos que se passaram. Eu fiquei pensando se quando ela iria atravessar uma rua, se estava atravessando direitinho, olhando para os lados ou se não estava sendo salva por outros Willian's por aí.

A verdade era que sentia mais falta dela do que gostaria de admitir a Harriet. Sempre quando tinha uma pequena folga na loja de doces e da banda, ia visitar Eloyse e quando não era assim, era ela quem vinha me visitar. E meu tempo ficou escasso, mas eu não conseguia parar de pensar em Harriet, mesmo sem nos falarmos.

Olhei o celular. Ela não me respondeu e, por isso, fiquei preocupado. Precisava saber se ela estava bem. Eu liguei, mas ela não me atendeu.

Algumas vezes, me perguntava se a culpa foi minha ou ela que preferiu se afastar de mim. Eu nunca chegava a uma conclusão. Não sei por que a nossa amizade tomou esse rumo. Eloyse não era igual a Willian. Ela gostava de Harriet, pelo menos, eu achava que sim. Nós nunca falamos muito sobre minha amizade com Harriet, na verdade. E elas pouco conversaram para falar a verdade.

Mesmo estando em Londres e preparado para expor meus sentimentos a Eloyse, eu ainda pensava nela. E eu não devia estar pensando nisso naquele momento. Eu estava no apartamento de Eloyse e a aguardava chegar do trabalho.

De repente, o que eu menos pensava, era no que eu sentia pela minha namorada. Eu só pensava em Harriet e na falta que ela fazia em minha vida. Quando ela estava na minha vida, eu não sentia falta de nada. Entretanto, estando com a garota dos meus sonhos e longe de Harriet, parecia que faltava algo para preencher dentro de mim. Era tudo muito louco para mim. Me sentia incompleto.

Olhava pela janela os prédios e ouvia a cidade fazer barulho do lado de fora. Mas eu não me sentia nenhum pouco feliz ali e como eu poderia estar sentindo isso se eu tinha a vida que eu queria? Eu estava enlouquecendo, embora meus olhos estivessem olhando para fora do prédio, eu não focava nada em particular.

A cada minuto que passava dentro daquele apartamento e sentia que Eloyse estava para chegar a qualquer momento, me sentia mais e mais incompleto. Minha mente vagueava por tudo o que consegui conquistar na minha vida. Me tornei gerente de uma das lojas do meu tio, toco numa banda que eu gosto e, às vezes, canto e ainda tenho uma namorada linda pra caramba. A mulher dos meus sonhos. A mulher que pensava um dia formar uma família e Harriet não havia sumido, ela ainda era minha amiga. Só não nos víamos com frequência.

Minha garota estava para chegar e eu devia pensar nela. Eloyse era perfeita! Doce, feminina, delicada e meiga. Ela gostava de mim do jeito que eu era. Nunca me criticou por nada. Nem pelas minhas roupas rasgadas e meu cabelo comprido. Até dizia que aquilo era meu charme. Eu gostava de receber elogios dela. Era muito bom. Sempre foi bom ter uma mulher bonita me elogiando e admirando. Melhor ainda, me desejando. No entanto, eu sentia falta de mais alguma coisa.

A minha vida com Eloyse estava indo muito bem, por que, de repente, estou me sentindo sufocado ali enquanto a esperava? Olhei o celular. Harriet não me respondeu e nem retornou minhas ligações. O que estava acontecendo com ela?

Eu não podia continuar ali me sentindo daquela forma. Encostei a testa no vidro e fechei os olhos. Tinha que voltar e procura-la. Teria outra oportunidade para dizer o quanto amava Eloyse. Preocupado do jeito que estava, iria estragar o nosso feriado, juntos.

Por isso, quando Eloyse chegou do trabalho naquele dia, disse que precisava resolver algumas coisas pessoais em Bruxelas e iria voltar. Eu não fui muito sincero, fazia só um dia que estava em Londres e já queria voltar. Só que eu não podia continuar sentindo aquilo. Eu não queria estar ali. Devia ter contado que iria encontrar Harriet. Ela entenderia quando contasse a ela, Eloyse gostava de Harriet.

Me senti mais ansioso por voltar para casa do que para encontrar Eloyse. Eu estava

me sentindo diferente. Liberto. Parecia que ficar longe dela, aliviou os pesos que, até então, não havia percebido sobre meus ombros. Eu só pensava em Harriet. E que fazia bastante tempo que não a via.

Quando cheguei à estação de trem, fui com a mochila nas costas, direto para sua casa. Achei melhor não passar em casa ainda. Fiquei decepcionado por não encontrá-la. Sua avó me disse que ela havia saído com alguns colegas da faculdade e talvez fosse voltar tarde. Era bom saber que ela ainda estava viva e sem uma perna quebrada. Fiquei parado, na escada, quando a porta foi fechada e olhei para o céu. Harriet fez novos amigos. Aquilo era bom. Mas eu precisava saber se ela estava bem.

Fui para casa e minha mãe se assustou em me ver abrir a porta e entrar. Eu vi sua expressão mudar para assustada, com certeza pensou que algo ruim aconteceu entre mim e Eloyse. Joguei a mochila no sofá e fui até ela a abraçando. Ela me devolveu o abraço e escondeu o rosto em meu peito.

- O que aconteceu? – Ela se afastou e ergueu o rosto para me encarar.

- Nada. Eu tenho pensado em Harriet e queria vê-la. – Minha mãe sorriu. – Ela está silenciosa demais. Não responde minhas mensagens, estou preocupado.

- Eu também penso muito nela. Sinto falta da nossa Rapunzel! – Eu ri baixinho com o comentário da minha mãe.

- Vou ligar para Eloyse e avisar que cheguei. – Fui para o meu quarto, joguei a mochila na cama e fui até a janela com o celular na mão.

*

Era de madrugada. Fui até a janela e olhei para fora chateado, pois foi a primeira vez que briguei com Eloyse. Quando contei por que voltei para casa, ela mudou completamente. Achei que não havia nada de errado a minha amizade com Harriet, mas estive enganado todo esse tempo. Fechei a cortina e deitei na cama. Adormeci logo em seguida.

Acordei com a campainha tocando. Abri os olhos e os esfreguei. Vi onde eu estava e recordei tudo o que havia acontecido ontem. Novamente, a campainha tocou e me levantei rapidamente. Só podia ser Harriet por vir em casa sem avisar. Saí correndo do quarto e fui atender a porta. A abri rapidamente e a claridade tomou conta dos meus olhos.

- Que bom que você veio, Harriet! – Eu disse antes de verificar quem era.

- O que? – Meus ombros caíram instantaneamente ao reconhecer a voz de Eloyse, pisquei algumas vezes, forçando a vista. – Você estava esperando por ela?

- Oi, Eloyse. – Abri mais a porta. – Entre, está frio aqui fora.

- Você não respondeu a minha pergunta. – Ela cruzou os braços.

- Para com isso, Eloyse. – Murmurei e dei um passo em sua direção. – Harriet é minha melhor amiga e sinto falta de conversar com ela.

- Eu sempre desconfiei dessa sua amizade. Quando começamos a sair, você falava demais nela, mas eu achei que pudesse te conquistar. – Ela inspirou fundo.

- Mas você me conquistou muito antes de eu conhecer Harriet, eu já te disse isso. – Toquei em sua mão tentando puxá-la para dentro de casa. – Eu já te contei essa história.

- Você não percebe como se transforma quando fala dela, Alec. – Ela suspirou parecendo muito ressentida.

- Para com isso. Eu amo você. – Disse com convicção, pois era a primeira vez que falava aquelas palavras. – Eu não posso ter uma namorada e uma amiga?

- Eu não posso ser as duas coisas? – Senti um pouco de raiva ao ouvi-la dizer esse absurdo. Ela não sabia o que Harriet significava na minha vida.

- Eu quero você como minha namorada. Não dá para ter uma amizade e um relacionamento ao mesmo tempo com uma pessoa só. Isso não funciona para mim, El. – Ela apertou minha mão e depois se afastou.

- Vê o que você quer da sua vida. Ela ou eu. – Eloyse arrumou a mala no ombro direito e se virou. – Mas tome uma decisão rapidamente, Alec.

- Você não pode estar fazendo isso com a gente. – Fechei os olhos e senti uma pontada na cabeça.

- Mas eu estou. – Olhei para o seu lábio rosado falando aquilo.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Quis ir atrás dela e dizer que minha decisão já estava tomada, mas quando a via se afastar, Harriet caminhava sorridente em direção a minha casa do lado oposto de Eloyse. Olhei as duas. Uma dava as costas para mim por motivo algum e a outra, não importava o tempo que passasse, sempre viria me procurar. Minha decisão só poderia ser uma.

- Eloyse! – Ela se virou para mim. – Eu não vou abrir mão da minha amizade com Harriet.

- Então você não me ama. – Eloyse levou uma mão até o rosto e enxugou a lágrima.

- Eu amo as duas. – Torci o nariz ao dizer aquilo. Não me agradava expressar o sentimento, ainda mais na frente de Harriet. – Eu amo você como minha namorada e ela como minha irmã. Se você não pode conviver com isso, eu sinto muito, mas eu tenho certeza que posso amar outra mulher como amei você, mas não posso substituir um amor fraterno e sincero como eu tenho por Harriet.

- Essa é sua escolha? – Eloyse indagou. Harriet parou na frente da minha escada, com um olhar sério, sem entender o que estava acontecendo. Eu queria abraçá-la.

- Não. A escolha é sua. Reflita antes de tomar qualquer decisão. – Naquele momento, eu não amava Eloyse. Eu sentia repulsa e raiva, muita raiva.

- Você já sabe qual é a minha decisão então. – Eloyse deu as costas e foi-se. – Adeus Alecsander.

Harriet ficou me encarando e cada vez que olhava para ela, eu tinha vontade de abraçá-la. Mas ela continuava me encarando, pedindo explicações.

- Acho que estou solteiro por sua causa! – Disse por fim. – Você, como sempre, estragando a minha vida. – Ela torceu o nariz.

- Eu posso ir embora se você quiser! – Ela apontou para a direção que veio.

- Nem morta. Acho que devíamos assistir a um filme. – Ela gargalhou ao me ouvir. Ah, eu fiquei feliz e não existia mais aquela sensação de que algo estava faltando.

- Nada melhor do que um filme para aplacar um amor perdido. – Ela me abraçou. – Eu senti sua falta.

- Eu também. – A puxei pelo braço para entrarmos em casa. – Por onde você andou e por que não me ligou, nem respondeu minhas mensagens? Fiquei preocupado.

- Mudei o número e não tive tempo ainda de te informar. Os estudos estão tomando meu tempo. Mas quando soube que você foi em casa, não poderia deixar te ver. Achei que estivesse precisando de mim. – Ela foi em direção ao sofá e se jogou nele. – Que falta que eu sinto dessa sala.

- Dessa vez, eu tenho internet e posso pegar alguns filmes. – Eu disse. – Vou buscar meu laptop.

- Não sairei daqui! – Tirou o celular do bolso e se esqueceu de mim. Quando voltei, ela ainda olhava para o aparelho.

- Um Iphone, hein. – Ela, como sempre, apaixonada por tecnologia.

- Ganhei. – Ela ergueu o rosto sorrindo. – É lançamento.

- Eu sei. – Abri o laptop e o liguei. – Que filme?

- Foi Apenas Um Sonho ou Bastardos Inglórios. – Ela continuou mexendo no celular.

- Bastardos Inglórios é violento, você não gosta desse tipo de filme. – Eu olhei o que ela estava fazendo no celular.

- O filme não é para mim, Alec, é para você. Hoje é o seu dia. – Ela apagou a tela do celular e olhou para mim. – Eu não me importo quais filmes vamos assistir, contanto que fique bem, para mim, já é o bastante.

- Ainda bem que você não faz me arrepender por ter escolhido você. – Eu disse por fim.

- Você me escolheu? – Ela sorriu e começou a cutucar minha cintura com os dedos, provocando cócegas.

- Não consigo viver sem minha Rapunzel. – Esclareci. – Se eu namorar novamente, as minhas namoradas terão que te aceitar.

- Isso só irá acontecer se você namorar com alguma amiga minha. – Seu celular tocou, mas ela não deu importância, estava focada em mim.

- Você tem alguma amiga bonita para me apresentar? – Indaguei sabendo que aquela resposta era praticamente impossível.

- Tenho. Agora conheço muitas pessoas, sabe? – Ela mordeu o lábio. – E eu estou namorando, ele tem uma irmã muito bonita, vou apresentá-la a você. – Sorri para ela. – Aliás, ela é loira também. Você prefere as loiras ainda, não é?

Fiquei olhando para seu rosto. Harriet havia mudado um pouco. Seus olhos grandes e verdes continuavam os mesmos, mas eu tinha a impressão de que ela estava diferente. O cabelo não estava todo solto e por isso conseguia vê-la melhor. Eu queria entender o que tinha de diferente nela, mas sabia que isso seria só questão de tempo para descobrir.

Comecei a baixar o filme, enquanto ela me contava o que tinha aprontado nesses meses todos que ficamos afastados. Percebi que ela tinha feito tantas coisas, conhecido tantos lugares e que tinha tanta coisa para contar e eu, não tinha quase nada, minha vida tinha se resumido a trabalhar, a tocar e a Eloyse. Só isso. Eu havia parado no tempo e nem percebi.



X

ALEC

EU NÃO SENTI FALTA DE ELOYSE NENHUMA VEZ, por incrível que pudesse parecer, eu não sofri. Aos poucos, eu fui percebendo que não gostava dela de verdade. Eu havia idealizado estar com ela. Queria aquela mulher, pois a achava impossível e, quando a tive, não quis largar tão facilmente e não percebi que ela me arrastava para o mundo que imaginava ser perfeito, mas não era. Se fosse tão perfeito, eu não teria sentido falta de Harriet nenhuma vez. Não pensaria nela com frequência. Eloyse deveria bastar, não é? Mas não bastou.

A minha vida voltou ao normal, só que dessa vez, eu via Harriet todos os dias. A via com seu namorado, o professor. A via com a irmã de seu namorado. Tinha que vê-la todos os dias e ela também tinha essa necessidade. Íamos até o seu canto apenas para ler um na companhia do outro. Assistíamos a filmes na minha casa e não havia ninguém para nos atrapalhar.

Não quis sair para um jantar com a irmã de seu namorado. Achei que fazer amizade, era o suficiente. Não precisava de um relacionamento novo tão cedo. Sem contar que havia muitas mulheres querendo minha atenção.

Em um belo dia, fui até a universidade buscar Harriet como tínhamos combinado. Ela apareceu no portão, sorrindo como sempre, havia feito uma trança e estava agarrada aos cadernos, como costumava fazer. Ela parou na minha frente, parecendo ofegante.

- Eu vou fazer uma tatuagem. – Anunciou de repente.

- Quando? – Eu senti que minha sobrançelha arqueava tentando compreender quando ela tomou essa decisão. Harriet era tão intempestiva!

- Hoje, agora! – Ela estava histérica.

- Mas não iríamos... – Ela me interrompeu.

- Vamos comigo, vai? – Como dizer não a ela me olhando com essa expressão

pidonha?

- O que você vai tatuar? – Ela sorriu e tirou o papel entre os cadernos. Olhei e estranhei um pouco. – Muito diferente. Onde vai ser?

- Bom. – Ela mordeu o lábio inferior. Eu achei aquilo bonitinho. – Eu queria fazer na nuca.

- Seu namorado não vai gostar de ver o meu nome na sua pele. – Continuei olhando.

- Eu já contei ao Julian e expliquei que isso tem a ver com a nossa amizade. – Não sei por que, mas a estava achando muito bonita naquele dia. Sempre a achei, mas havia algo diferente em Harriet que chamava minha atenção. Talvez fosse o fato de ela usar batom.

- Já que ele não se importou. – Eu dobrei o papel. – Então precisamos ver um lugar confiável para fazer esta tatuagem.

- Você poderia me levar onde você fez. – Ela pediu.

- Eu tenho um lugar melhor para você fazer isso. – Segurei seu braço.

- Com quantas tatuagens você está agora? – Ela me olhou curiosa. – E por que você não me deixa ver nenhuma?

- Porque eu não gosto de expor. – Paramos no ponto de ônibus. – E são em lugares que somente algumas pessoas veem.

- Eu pensei também que, ao invés de fazer na nuca, poderia fazer na virilha. – Eu fechei os olhos um instante e, depois, olhei ao redor para ver se alguém mais nos ouvia.

- Meu nome na sua virilha Harriet? – Tinha certeza que se estivesse bebendo alguma coisa naquele momento, cuspiria o que estava na boca, ao ouvir aquilo. Mas não pude evitar de reagir ao ouvi-la. Eu estremeci, eu sou homem, oras! Harriet pode ser minha amiga, mas a minha carne é muito fraca. Não é todo dia que uma mulher fala que vai tatuar seu nome na virilha dela. Eu fiquei excitado, muito excitado. Não por Harriet, é claro, mas pelo simples fato de imaginar a tatuagem em sua pele, na verdade, em sua virilha. Eu podia imaginá-la nua e... Chacoalhei a cabeça ao perceber para onde o meu pensamento caminhava. – Eu imagino que Julian não vá gostar disso. – Libertei o ar que nem havia percebido que segurava.

- É verdade! – Seus ombros caíram e eu fiquei ressentido por tê-la desanimado, ela estava tão empolgada e era maravilhoso vê-la empolgada.

- Acho que ninguém iria concordar com isso. – Eu toquei em seu ombro a confortando, mas meus pensamentos estavam me perturbando. - Quem sabe se fizer outro desenho não seja melhor? – Mesmo que eu quisesse evitar, não conseguia parar de pensar em sua virilha, em como era sua pele por baixo daquela roupa. O estrago já havia sido feito e me sentia completamente perturbado.

- Vou precisar da sua ajuda para escolher esse desenho de qualquer forma. – Eu sorri para ela. – Mas vai ser na virilha!

- É claro que vai. – Eu acenei para o ônibus que se aproximava. – Vamos. Tenho o lugar certo para levá-la.

- Obrigada, Alec. – Ela disse sorrindo, ingenuamente, sem perceber o que estava acontecendo comigo.

Nem eu sabia o que estava acontecendo comigo e ordenei para minha mente e meu corpo a pararem com isso imediatamente. E nada melhor do que força de vontade para conseguir meu objetivo.

Não tive mais, por alguns dias, aquele tipo de pensamento em relação à Harriet, mas para isso, tive que sair naquele mesmo dia com uma mulher que fosse o oposto dela. Morena e alta. Eu sempre tive preferências por loiras, mas nesse dia, não tive escolha. Eu realmente precisava afastar meus pensamentos da minha melhor amiga.

Eu não vi a tal tatuagem. Harriet até quis me mostrar, mas eu achei melhor evitar qualquer vislumbre de qualquer outra parte de sua pele que eu não deveria ver. Ela realmente tinha um parafuso a menos e era o que eu mais admirava nela, sua espontaneidade e personalidade. Só que ela não tinha limites também, tanto que, uma semana depois, estávamos em um intervalo no bar onde a minha banda tocava de vez em quando e a ouvia descrever sua tórrida noite de amor com o professor. E a surpresa dele ao ver a tatuagem.

Tenho certeza que ele ficou surpreso. E ouvi-la descrever a forma que ele olhava o desenho, eu imaginava. Eu não podia continuar imaginando aquilo e, ainda bem que meu intervalo acabou e não pude ouvir mais. Só me recordo que saí naquela noite acompanhado de duas mulheres. Uma loira e outra morena. As duas eram perfeitas. Eu sempre gostei de mulheres altas e elas eram. Tinham pernas incríveis. Sem contar o sexo que foi espetacular! Nunca tinha feito com duas mulheres ao mesmo tempo e esperava que não tivesse sido a única vez.

*

A gente não comemorava o natal. Harriet sabia disso, mas ela insistia que precisávamos mudar esse hábito. Eu sabia que ela nunca entenderia o quão complicado era aquela data para nós, afinal, não havia perdido seu pai em um acidente e que sempre gostava deste feriado.

Já fazia muito tempo que ele não estava mais com a gente, mas sem ele, era muito estranho e vazio. Quando perdi meu pai, eu tinha cinco anos. Eu não tinha muitas recordações, mas o pouco que lembrava, me fazia falta. Ele me carregava em seus ombros, jogava bola comigo, me fazia voar. Era muito bom, mas isso nunca mais aconteceu quando o perdi.

E fomos convidados para festejar aquele dia na casa de Harriet, com os seus pais e avós. Minha mãe aceitou ir, mas eu sabia que aquilo estava acabando com ela. Ela gostava de ir ao cemitério velar em seu túmulo e passar algumas horas conversando com a lápide como se fosse meu pai.

Quando entramos em sua casa, fomos muito bem recebidos. Harriet ainda se arrumava e havia apenas os familiares. Não vi seu namorado e nenhum outro amigo. Eu via pouco seus pais desde que me tornei amigo de Harriet, pois eles sempre estavam viajando a trabalho e, por isso, me surpreendi por encontrá-los ali, mesmo sabendo que eles estariam. Mas conhecia muito bem seus avós e os adorava.

Fomos servidos com vinho em uma taça. Minha mãe demonstrava em sua expressão a surpresa tanto com a casa quanto com a riqueza da família de Harriet. Eu sentei ao seu lado quando pegou a taça.

- Se não se sentir bem, podemos ir para casa. – Disse a minha mãe.

- Eu estou bem, Alec, não se preocupe, só estou surpresa por você nunca ter comentado o fato de Harriet ser rica. – Eu sorri. Ela estava se referindo a sala a qual estávamos. Quando a levei uma vez na casa de Harriet, estava tarde e ela não tinha conhecido a casa ainda.

- Eu não achei que fosse necessário. – Disse a minha mãe e bebi um gole do vinho.

- Aí está ela! – Disse a avó de Harriet, ela se levantou do sofá e percebi que estavam todos olhando para a escada, inclusive minha mãe. Eu me virei também e senti que arregalava os olhos.

Ela descia a escada lentamente. Usava um vestido preto e calçava um sapato alto. Seu cabelo estava com um penteado diferente. Eu podia ver seu rosto muito bem e ela estava maquiada. Eu nunca imaginei que a veria maquiada algum dia.

Eu queria ir até ela, mas me contive. Harriet desceu os degraus lentamente, olhando para o chão. E eu olhava para ela de cima a baixo embasbacado, por nunca ter percebido que Harriet tinha seios.

Não eram quaisquer seios. Era muita carne que eu estava vendo ali. Ela conseguiu descer sem nenhum incidente e caminhou até o meio da sala. Olhei-a por inteiro de novo. Vi os cachos vermelhos em suas costas, bem cuidados. Eles estavam um pouco mais curtos. Pegava somente parte de sua coluna, não estava como o habitual, que ultrapassava sua bunda. Ela estava feminina. Bonita. Aliás, que fique bem claro, sempre a achei bonita, mas naquela noite, ela estava perfeita. Harriet parou na minha frente.

- Você costuma se vestir desse jeito no natal? – Eu disse o que me veio na cabeça.

- Sim. – Ela sorriu timidamente. – E toda vez tenho que tomar cuidado na hora de descer a escada.

- Eu preciso participar dos próximos natais então. – Vi suas bochechas ficarem vermelhas. – Você está deslumbrante, Rapunzel. – Ela gargalhou e seu riso tomou conta de todo o ambiente.

- Até que enfim veio um elogio de você. – Ela disse. – Feliz natal, Alec.

- Feliz natal, Harriet. – Sussurrei. Eu não conseguia desviar os olhos dela.

- Trouxemos um presente. – Minha mãe interveio.

- Trouxemos? – Indaguei confuso.

- É claro. – Ela piscou. – Mas só abrirá depois, Harriet.

- Não precisava, tia Lili. Queria só que vocês estivessem aqui. – Harriet abraçou minha mãe. Eu não conseguia desviar os olhos dela. A campainha tocou. – Julian e sua irmã chegaram.

Julian. Eu havia me esquecido dele. Observei-a se afastar e ir até a porta lentamente,

tomando todo o cuidado do mundo para não cair naqueles sapatos. Eu o vi abraçá-la, beijá-la na boca e isso me recordou que ele havia visto sua tatuagem na virilha. Me sentei no sofá e voltei a beber o meu vinho.

O que estava passando pela minha cabeça afinal? Pelo menos, não fiquei vendo-os se agarrarem. Agarrei a irmã do professor também. Ela fazia mesmo o meu estilo. Passei o natal bem acompanhado. E a virada do ano também...

*

As coisas estavam melhorando para mim. A banda começou a progredir. Tínhamos mais lugares para tocar e, conseqüentemente, ganhávamos mais dinheiro. Até dava para me sustentar apenas com isso, mas eu gostava do meu trabalho na loja do meu tio. Eu não podia esperar mais para fazer o que queria fazia muito tempo. Morar sozinho e ter o meu canto.

Fazia dias que não via Harriet, mas sabia que, a qualquer momento, iríamos nos encontrar. Com certeza, deve estar enlouquecendo com tantas provas e trabalhos para fazer. Precisei daquele tempo e me senti melhor ao me afastar dela um pouco. Sabia que estava confuso por termos passado muito tempo longe um do outro, embora sentisse muito sua falta, mas as coisas estavam acontecendo como tinha que ser. Pelo menos, esperava que sim.

Tinha passado dois meses procurando uma casa para comprar e aguardei a mudança de ano para escolher uma entre as que gostei. Guardei muito dinheiro por todos esses anos e tinha condições de comprar a casa em um bairro bom. Via os classificados todos os dias e durante a parte da manhã, acordava cedo para fazer visitas e fazer uma boa escolha. Aquele dia, Harriet me ligou, como eu sabia que iria acontecer em breve.

- Você não está em casa? – Ela disse assim que atendi.

- Não. – A ouvi suspirar.

- Fui até o seu trabalho, mas também não te encontrei. E onde você está? – Ela me pareceu ansiosa. Disse o endereço. – Chego aí em instantes.

- Harriet. – Ela desligou sem dar tempo de dizer que não poderia esperá-la chegar.

Continuei olhando a sala, depois fui para o quarto. Eu tinha vindo ver aquela casa, duas vezes naquela semana. Eu queria aquela, mas o preço estava um pouco puxado. Eu tinha metade do dinheiro e, com certeza, conseguiria fazer um empréstimo para conseguir comprá-la. O que mais me contentou na casa, além da localização, era o fato de ter a maioria dos móveis.

- Alec. – Ouvi a voz ofegante de Harriet e, em seguida, ela surgiu no cômodo e parou, olhando ao redor. Vi aquela sua expressão curiosa.

- O que você acha? – Levei as mãos até os bolsos. A opinião dela era muito importante.

- Aconchegante e é perto de tudo. – Ela entendeu a que eu estava me referindo. – Está localizada num lugar muito bom. Vale a pena comprar, mas é muito grande para uma pessoa apenas.

- É isso que estou tentando decidir. – Suspirei e fui até a janela. – Tem dois andares. É mais do que eu imaginei. O preço está um pouco alto, mas posso fazer um empréstimo.

- É um grande passo, Alec. - Ela parou do meu lado e me abraçou. – Eu acho que vale muito a pena essa compra.

- Obrigado. – Disse e sorri para ela. – Quando quiser dormir num lugar diferente, poderá dormir aqui. Tem quatro quartos.

- É claro que eu irei dormir aqui, nem que seja para dormir no sofá. – Eu ri e ela me acompanhou.

- Você não existe, Rapunzel. – Eu a abracei. – E é claro que não a deixaria dormir no sofá, que tipo de homem acha que eu sou?

- Existo sim e estou aqui do seu lado para te contar uma novidade também. – Ela se afastou abruptamente. – Ganhei um carro. Agora temos um carro.

- Temos? – Eu a segui até o lado de fora. Era engraçado ver como ela não tinha problema em compartilhar suas coisas. Mesmo sendo coisas recém adquiridas.

- É seu quando precisar. – Ela jogou as chaves em minha direção e eu as peguei no ar. – Vamos ao banco pegar esse dinheiro e comprar logo essa casa.

- Obrigado. – Eu me virei para o corretor e o informei o que iria fazer. – Ligo assim que tiver uma posição.

- Está certo. – O senhor trancou a porta e guardou a chave no bolso.

- Qual banco vamos primeiro? – Perguntei assim que entrei no carro.

- Posso trazer algumas coisas minhas para sua casa assim que você a comprar? – Ao ouvi-la, gesticulei negativamente. – Por quê?

- Estou vendo que não vou ter minha liberdade tão almejada. – Ao me ouvir, ela riu.

- Prometo não atrapalhar os seus encontros casuais. Ninguém vai saber da minha presença aqui. – Ela tocou em meu braço, sorrindo. – Posso te ajudar com as despesas e fazer comida também.

- Seus pais... – Ela me interrompeu.

- Eu posso trazer a minha biblioteca... – Ela virou o rosto para o lado, olhando para a paisagem do lado de fora. Eu não estava surpreso por ela estar atingindo meu ponto fraco.

- Todos os livros? – Ao me ouvir, ela virou o rosto e assentiu concordando. – Não posso recusar a um pedido como esse.

- É claro que não pode. – Ela me abraçou o pescoço e eu quase me desconcentrei no volante. Sua presença ainda me perturbava e senti-la tocar seu corpo no meu, me deixou confuso.

Harriet foi fundamental aquele dia. Finalmente, compramos a casa. Não demorei muito a me mudar. Minha mãe ficou orgulhosa de mim, pois aquela foi minha primeira grande conquista. Eu até a vi dizendo o quanto meu pai estaria orgulhoso de mim se visse o que eu estava conquistando.

A banda estava no seu melhor momento e, bem, Harriet realmente cumpriu o que disse e passou a morar comigo. Aos poucos fomos decorando juntos. Ela dava toques femininos pouco sutis e eu os meus toques masculinos, para o ambiente ficar bem neutro.

Eu podia não estar tão livre assim como desejava, mas até que não era tão ruim assim. Harriet arrumava a casa e cozinhava. Isso era algo que eu não conseguia fazer e facilitou a minha vida. E realmente começamos a dividir o carro. Outra coisa que facilitou muito a minha vida.

Ela não me falou mais sobre Julian depois que se mudou e nem os vi juntos desde que ela ganhou o carro. Achei estranho no primeiro momento, mas não comentei nada. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde, ela iria me contar o que havia acontecido com seu relacionamento. Ela sempre contava. Harriet não conseguia esconder nada de mim por muito tempo.

2013

Amigo que é amigo está sempre pronto a ajudar e nunca pede nada em troca. Amizade verdadeira é pura e não exige provas de sua autenticidade, pois podemos identificá-las através dos

gestos.

XI

HARRIET

ERA UM ANO CHEIO DE MUDANÇAS e eu não podia me sentir mais realizada. Estava começando meu primeiro trabalho como revisora da editora mais conhecida do país. E não era só isso. Eu trabalharia para uma distribuidora de livros em meu tempo livre. Ou seja, leria muitos livros na íntegra, antes de todo mundo, afinal, não era qualquer distribuidora de livros. Era **A** distribuidora.

Julian, mesmo após o rompimento do nosso namoro, continuou sendo meu amigo, um pouco distante, mas a amizade prevaleceu. Ele me indicou nos dois empregos. Isso foi muito importante para mim. Mas, sabe o que mais achei interessante em tudo isso? Eu aceitei tranquilamente a condição de amiga e percebi que estava amadurecendo de verdade.

Havia decidido quando finalmente consegui o emprego que não procuraria mais namorados. Estava farta de ficar em busca. Decidi deixar o homem da minha vida aparecer quando tiver que acontecer. Ele não estava muito longe, eu podia sentir isso, só que não era a hora ainda, então, decidi me dedicar exclusivamente ao trabalho, a minha família e aos meus escassos amigos que ainda restavam.

É claro que eu estava me referindo a Alec. Ele era o único amigo que ainda estava do meu lado. Alguns passaram por minha vida desde que o conheci, mas nunca ficaram de verdade aqui, do meu lado. Eu ainda mantinha contato. Se eu os chamasse para irmos a um bar, com certeza, eles iriam, no entanto, se eu fosse chorar ou pedir apenas companhia na TPM, com certeza, ninguém iria aparecer, somente Alec.

Às vezes, fico me perguntando como pude ter um amigo tão bom como ele. Alec não falava, nem nada, mas ele demonstrava nos seus gestos seu carinho por mim. Sua amizade por mim era sincera e a minha por ele, era da mesma intensidade. Eu realmente não podia viver sem ele. O ouvi bater duas vezes na porta do meu quarto, dispersando meus pensamentos.

- Rapunzel. - Eu podia fingir detestar na frente dele, mas aquele apelido era música para os meus ouvidos. - Eu preparei um jantar especial de comemoração.

- Pode entrar, Alec, eu não estou pelada. - A porta se abriu e ele colocou apenas a cabeça para dentro.

- Você vem? - Eu fiquei olhando para ele.

- É claro que eu vou. - Eu olhei para a roupa que segurava na mão e desisti de dobrá-la, jogando-a sobre a mesa. - O que você preparou para nós?

- Seu prato preferido e um filme em sua homenagem. - Ele sorriu ao pronunciar a última palavra.

- Estou ficando com medo de você. - Disse enquanto o seguia degraus abaixo.

- Vamos pegar nossos pratos e sentar no sofá. Logo vai descobrir. - Ele foi rapidamente para a cozinha, o acompanhei e vi que já estava pronto.

- Pizza? - Eu sorri e peguei o meu prato e o dele. - Você leva o pacote da pizza todo?

- Indaguei antes de sair da cozinha e ir até a sala. - Vinho, hein. - Gritei.

- Eu estou bem atrás de você, não precisa gritar que não sou surdo. - Me virei e vi que ele estava rindo.

- Desculpe, achei que você ainda estava na cozinha. - Me sentei no sofá e ele fez o mesmo. Depositou a caixa da pizza sobre a mesa de centro e pegou o controle. - Vamos ver a verdadeira história da Rapunzel.

Gargalhei assim que ele terminou a frase, logo ele me acompanhou e demorou um pouco para começarmos o filme. Eu o achava uma figura! E sabia que depois de assistir aquele filme, ele caçaria de mim eternamente e não demorou a acontecer, assim que o filme terminou, ele se enrolou no meu cabelo.

- Você é um idiota, Alec. - Anunciei, mas sem conseguir disfarçar o sorriso. - Um completo idiota.

- Pelo menos, sou um idiota que te diverte. - Ele pegou seu copo com vinho e o virou. - Quer mais? - Apontou para a garrafa.

- Não, estou satisfeita. - Apoiei os pés sobre a mesa no centro. - Eu gostei do filme. Não sei por que não assisti ele antes.

- Eu também. Aquele cavalo é muito legal, mas viajaram em algumas partes. Cavalo farejador é muito estranho e cômico ao mesmo tempo. - Alec me abraçou o ombro e me encarou. - Eu estou feliz que tenha conquistado esses trabalhos tão desejados.

- Eu também. Acho que esse é um ano de realizações para nós. - Disse. - Parece que estou vivendo um sonho. Nem acredito que estou trabalhando para duas editoras que são tão importantes no país.

- Eu tinha certeza que iria conseguir. - Alec disse com tanta convicção que eu até acreditei nele. - Pelo menos, a partir de agora, vou ter mais sossego e terei mais tempo livre sem você.

- Eu sei que não vive sem mim. - Disse bem certa daquilo e estreitei os olhos. - E sem minha organização e, muito menos, da comida.

- É, tem suas vantagens tê-la por perto. - Ele se levantou. - Você se importa de guardar as coisas, eu estou tirando uma música no violão e queria treinar mais uma vez hoje.

- É claro, pode ir. - Eu fiquei olhando-o se afastar.

- Quando for dormir, avisa para parar com o som. - Ele começou a subir a escada,

- Combinado! - Mas eu não fiz o que ele me pediu.

Eu nunca o interrompia. Gostava de ouvi-lo tocar e cantar. Alec respeitava muito o fato de alguém morar ao lado e ele costumava dormir cedo. Nessa noite, eu fiquei ouvindo-o tocar atrás da porta, pois me acalmava. E podia ouvi-lo cantar baixinho, com a sua voz rouca e sexy. Era muito bom. Não tinha cabimento pedir para ele parar. Me sentia como se tivesse cometendo um assassinato.

Meu tempo ficou escasso. Muito escasso. Quando chegava em casa, tinha muitos e-mails da distribuidora para ler, sem contar as revisões e traduções que precisava fazer. Eu quase não tinha tempo de organizar a casa e cozinhar, mas dei um jeito quando vi o estado desprezível de pó e bagunça que estava na nossa sala. Contratei alguém. É claro.

Eu encontrava com Alec pelo corredor da casa, poucas vezes na semana, mas criamos um hábito incrível de mandar e-mail um para o outro, pelo menos uma vez ao dia, para contar como foram os últimos acontecimentos. Não que de um dia para o outro fosse acontecer tantas coisas. Eu não tinha muito o que falar nos e-mails que enviava, apenas reclamar das garotas que trabalhavam comigo e não viam a hora de me prejudicarem para que fosse demitida. Eu não tinha culpa por ser eficiente e chamar a atenção do chefe.

Alec costumava dizer, quando estávamos conversando sobre isso, que eu era prepotente por me achar inteligente demais. Mas eu sou, porra. E sou mais inteligente que ele e isso, Alec não admitiria nunca nem por tortura. E ele ainda tinha o discernimento de me dizer, que eu ficava feia quando me elogiava demais. Como se tivesse me importando com a opinião dele. Eu não estava nem aí se ele me achava feia ou bonita. Quer dizer, eu me repetia em pensamentos para não me importar. Ou seja, discutíamos até por e-mail. Como disse, era um hábito.

Uma vez, tinha ido trabalhar mais cedo, pois tinha uma meta para cumprir, mas não estava me sentindo muito bem, sentia muita cólica e me dispensaram mais cedo para me recuperar em casa, quando cheguei, percebi que estava silencioso demais. Eu não havia recebido e-mail ainda de Alec e constatei que ele não tinha acordado, pois ele sempre fazia questão de me mandar e-mail logo que despertasse para me contar o que andava fazendo e o que iria fazer no dia, mas naquele dia, especialmente, ele não fez nada disso.

Quando cheguei, atravessei a sala e fiquei satisfeita por não ter ninguém em casa. Subi os degraus até o segundo andar e caminhei lentamente pelo corredor, me livrando da roupa.

Tirei o casaco e comecei a desabotoar a blusa branca de manga comprida. Fechei os olhos um instante. A dor era tanta que não estava conseguindo caminhar por mais tempo. Parei um pouco e me apoiei na parede. Minhas mãos começaram a tremer, eu me sentia zozna, passei a respirar fundo em busca de ar e estabilidade.

A porta do quarto de Alec abriu e uma mulher surgiu no corredor. Era loira, magra e vestia um conjunto de sutiã e calcinha. Eu sabia que ele trazia mulheres para casa, mas não imaginava encontrar uma.

- Oh. – A loira disse. – Me desculpe.

- Lauren. – Alec apareceu logo em seguida, vestindo apenas uma cueca boxer.

Eu desviei os olhos para não olhar muito. Eu nunca tinha visto suas tatuagens e percebi que ele tinha muitas, mas havia uma bem grande que chamava a atenção e parecia um desenho a lápis de uma águia.

Eu não tinha imaginado que Alec ao invés de ser magro, ele tinha um corpo definido. Ah, qual é, as roupas que ele usa não mostravam muito isso. Eu não tenho culpa por não ter reparado antes. Não tinha como saber!

- O que faz aqui, Rapun... Harriet? – Ele se corrigiu.

- Cólica! – Eu levei uma mão até a cabeça. – Eu não consigo ficar muito tempo em pé.

Ele se aproximou rapidamente e eu fechei os olhos para não olhá-lo. Alec estava muito perto e cheirava a sexo. Pensar nisso, me fez esquecer da cólica e eu fiquei arrepiada com a presença dele, mas uma dor languida surgiu em meu ventre e me trouxe de volta. Jesus, ser mulher é uma merda. É sempre nessa época que eu reclamo de ter nascido e odiava o fato de ser mulher.

- Eu te levo até o quarto. – Ele segurou minha mão e me puxou para perto, me pegando no colo em seguida.

- Alec. – Eu o repreendi, mas abracei seu pescoço e apoiei a cabeça.

- Fica quietinha. – Ele sussurrou. Abriu a porta do meu quarto e me levou até a cama. – Você precisa de algum remédio? Precisa comprar?

- Eu já tomei, mas não está passando. – Eu levei o braço até a cabeça, para tapar os olhos.

- Minha mãe costuma tomar chá e isso sempre a ajudou. – Ele se sentou na cama e segurou minha mão. – Você quer que eu faça?

- Não precisa, eu não quero estragar o seu encontro. – Continuei com o braço tapando os olhos.

- Rapunzel, Rapunzel. Você é mais importante do que um caso relâmpago. E, aliás, Lauren já estava de saída. - Alec soltou minha mão e se levantou. – Volto num instante.

Ele demorou, mas voltou como havia prometido e cuidou de mim. Ele ficou do meu lado, até o remédio e o chá fazerem efeito e eu dormi. Quando acordei, era bem tarde da noite. Havia passado a maior parte do dia, dormindo.

Me levantei da cama, calcei os chinelos e sai do quarto me sentindo leve como uma pena. Fui até a sala e vi que a TV estava ligada, mas não tinha alguém assistindo. Fui até a cozinha e o encontrei preparando algo. Ou melhor, tentando preparar algo. Ele havia ligado o som no volume ambiente e estava tocando de fundo She Will Be Loved do Maroon 5 na rádio.

- O que você está fazendo? – Indaguei ao entrar.

- Você está melhor? – Alec vestia uma camisa preta do Led Zepplin e calça preta, calçava seu coturno desbotado e tinha uma corrente pendurada entre o bolso da frente e o de trás. Pelo jeito, iria sair.

- Estou. Vai sair? – Ele me olhou.

- Sim, vou tocar, mas preciso terminar essa sopa que minha mãe me explicou como fazer para você comer. – Ele continuou me encarando.

- Você não foi trabalhar hoje? – Ele encolheu os ombros e eu o olhei acusatória. – Você não foi para ficar com uma mulher, Alec?

- Ela é muito gostosa, vale esse sacrifício. – Eu dei uma risada de escárnio.

- A sorte é que o dono é seu tio. Deu pelo menos uma justificativa? – Ele encolheu os ombros novamente. – Alec! – O repreendi.

- Eu falo amanhã. Prometo que isso nunca mais vai acontecer. – Ele se virou novamente para o fogão e mexeu a colher. – Parece que a sopa está ficando boa.

- Vamos ver. – Eu disse e apoiei o cotovelo na mesa. – Vai tocar onde hoje?

- Você não vai brigar comigo por ter trazido alguém para cá hoje? – Ele depositou a colher na pia e se virou para mim.

- Por que faria isso? – Indaguei arqueando a sobrancelha. – Sinceramente, eu não tenho direito de cobrar nada, não é?

- Hum. – Ele murmurou. – Estive pensando. Temos dois quartos aqui embaixo. Podíamos fazer nossa biblioteca em um deles, o que acha? Você não trouxe todos os livros ainda e está ficando sem espaço no seu quarto.

- Você entrou no meu quarto? – Eu arqueei a sobrancelha.

- Eu precisava pegar alguns livros. – Ele sorriu com o canto dos lábios.

- Você fala sério sobre a biblioteca? – Eu estreitei os olhos.

- Acho que devemos fazer a nossa biblioteca. Quero fazer uma parecida com a que você tinha na casa dos seus avós. – Ele sorriu de volta e cruzou os braços. – E estou louco para a coleção completa de Agatha Christie vir para cá.

- Interesseiro! – Eu procurei algo para jogar nele, mas não encontrei.

- Bem, preciso ser recompensado por você tomar praticamente posse da casa. – Eu ri, mas concordei.

- Está certo. – Eu olhei para ele. Alec sorria com os olhos. – Mas com a mesma condição: que nenhum livro saia daqui, entendeu?

- É claro. Eu também não quero que saia nada daqui. – Ele voltou a se virar e apagou o fogo. – A sopa está pronta.

- Obrigada, Alec. – Eu senti vontade de abraçá-lo, mas não fiz.

Ele se moveu e foi até onde eu estava, parando na minha frente. Ele abaixou-se um pouco e beijou minha testa. Fechei os olhos e estremeci. Simplesmente me recordei da cena que vi mais cedo. Eu não tinha que me recordar disso naquele momento. Era estranho e, bem, me dava calor.

- Eu já vou. Se precisar de qualquer coisa, pode me ligar que venho correndo. – Ele tocou uma mecha do meu cabelo.

- Como sempre, você está preocupado comigo. – Ironizei, mas no fundo, gostava de saber quando ele se preocupava comigo.

- É claro, você é um desastre ambulante. – Ele foi até a sala, eu me virei na cadeira seguindo-o com os olhos, o vi pegar as chaves e ir até a porta. – Tchau Rapunzel. Se me ligar, não se esqueça de me esperar com a janela do quarto aberta e seus cabelos do lado de fora me esperando para vir te resgatar. Não quero ficar gritando na sua janela para não

acordar a vizinhança.

- Vai à merda, Alecsander. – Eu o ouvi gargalhar antes de fechar a porta e sumir.

*

As “namoradas” de Alec passaram a ser presença frequentes na casa, mas eu nunca mais o vi de cueca e ele era bem discreto quando trazia suas companhias para passarem a noite. Eu realmente não me senti incomodada com a presença delas, mas, de vez em quando, encontrava com uma seminua pelo corredor.

E nossa, sentia um pouco de inveja delas. Eram tão bonitas e femininas. Algumas eram bem elegantes, usavam sapatos altos e não tinham nenhuma dificuldade em caminhar. Pareciam flutuar sobre os sapatos. Completamente diferentes de mim. Que tropeçava toda hora.

Uma vez, me olhando no espelho do quarto, totalmente nua. Fiquei reparando no meu corpo, no meu cabelo. Nada parecia proporcional para a minha altura. Cabelo longo demais, tinha muita carne e não havia regime que me fizesse perder aquilo.

Eu não devia me importar com essas mulheres bonitas que Alec saía. Elas eram o estilo dele. Eu não queria ser como elas e, muito menos, o tipo dele. Me vesti rapidamente e voltei para o laptop. Tinha que esquecer aquele absurdo.

Mas eu não conseguia parar de pensar e eu não parei de ver aquelas mulheres bonitas e sofisticadas, isso me deixava insatisfeita a cada vez que olhava para uma delas. Eu não era assim. Estava me desconhecendo completamente. E como não conseguia trabalhar, eu achei melhor dar uma volta.

Mandeí mensagem para uma colega da minha turma na faculdade e pedi para ela me encontrar num bar próximo a universidade. Eu precisava desabafar com alguém. Com certeza, uma mulher me entenderia. Eu e Ceci fazíamos trabalhos juntos e pouco conversávamos, somente sobre trabalho. Mas ela poderia me ajudar. Eu tinha certeza que sim.

Eu cheguei primeiro e pedi uma cerveja. A primavera estava começando e não fazia muito frio. Estava mais fresco que o normal, mas o tempo estava gostoso, indicando que a chuva se aproximava. Escolhi uma camisa social branca e uma calça preta para ir até lá. Avistei Ceci chegando. Ela foi logo se sentando e chamando o barman.

- Oi. – Ela sorriu para mim.

- Oi. – Falei constrangida. Eu nunca tinha conversado com Ceci sobre nada além dos trabalhos da faculdade.

- Está com algum problema no Trabalho de Conclusão? – Ela perguntou preocupada. Eu sorri.

- Não. – Eu levei a garrafa até a boca. – É sobre outra coisa que quero falar. – Olhei para ela e entendi por que foi a primeira pessoa que pensei em chamar. Ela era feminina, bonita e elegante. – Eu preciso de ajuda.

- Que tipo de ajuda? – Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa e uniu as mãos, enrolando os dedos.

Eu contei tudo o que estava sentindo e ela prestou atenção em cada palavra que anunciava, me fazia perguntas e arqueava a sobrancelha quando citava Alec e suas garotas bonitas dentro da casa que dividimos. Eu não parei de falar, até me sentir aliviada com o desabafo. Ceci sorriu.

- Eu posso te ajudar. – Ela disse. – Mas me apresenta esse Alec que ele me parece bem interessante. – Torci o nariz. Eu nem sei por que falei sobre ele.

- Você não me ouviu, eu o descrevi, como você pode achar ele interessante? – Indaguei indignada.

- Ele é. Só você não percebe. – Eu torci o nariz. – Eu te ajudo Harriet, mesmo se você não me apresentá-lo, mas estou curiosa para conhecê-lo.

- Bom. – Eu sorri para ela. – Contanto que não ande pela casa de calcinha e sutiã, tudo bem para mim. – Ceci gargalhou.

- Combinado! – Cecilia bebeu sua cerveja. – Então, termina essa bebida, que vamos começar a transformação agora.

- Mas está tarde! – Eu anunciei na defensiva.

- Nunca é tarde para isso. – Cecília virou a garrafa de uma vez. – Vamos?

- Bem. – Falei em dúvida. Observei-a levantar graciosamente e algumas pessoas olharam para ela. Eu também queria ser notada como ela, então me levantei. Ninguém olhou para o meu corpo como fizeram com ela. Mas olharam para o meu cabelo.

- A gente vai começar com calma. Não podemos radicalizar de uma vez e precisamos descobrir o que combina mais com você e isso demanda tempo. – Ceci me segurou pelo braço. – Eu estou empolgada em fazer isso Harriet. Vejo muito potencial em você, além de sua inteligência. Imagino uma mulher elegante, confiante e extremamente bonita. Você pode ser tudo isso, só basta querer.

- Como aprendeu essas coisas? – Indaguei enquanto saíamos do bar.

- Minha mãe é uma consultora de moda. – Eu a olhei, abismada.

- Por isso você é tão sofisticada e está sempre na moda. – Eu murmurei.

- Você também pode ser tudo isso. – Cecilia chamou um táxi. – Vamos comprar alguns sapatos e aprender a caminhar com eles, o que acha?

- Bom, eu acho. – Eu não iria discordar, não é? Eu havia pedido por aquilo.

- E vamos para a sua casa. – Eu sorri. Ela realmente se interessou por Alec. E, com certeza, ele iria se encantar com Ceci, afinal, ela era alta, bonita e loira.



XII

HARRIET

REALMENTE. NÃO FOI DIFÍCIL PARA CECILIA conquistar Alec. Ele estava constantemente receptivo as investidas das mulheres. Só que... Não foi como Ceci esperava. Alec desde que Eloyse saiu de sua vida, decidiu ficar solteiro por tempo indeterminado, principalmente por estar sendo muito assediado.

Seus relacionamentos nunca duravam muito e os que duravam, eram divididos com mais de uma mulher. Eu o entendia, pois sabia que ele ainda amava Eloyse e sentia sua falta. Bem, pelo menos, eu achava que era isso.

Nós nunca mais falamos a respeito. Nem sobre Eloyse e nem sobre meu último relacionamento desastroso com Julian, meu antigo professor de literatura estrangeira. Eu nunca disse a Alec o que havia acontecido entre mim e Julian. E não pretendia contar. Pelo menos, não naquele momento, a não ser que ele perguntasse.

Acho que nossa vida amorosa com outras pessoas, sempre acabaria no mesmo ponto de interrogação. Por que Alec estava na minha vida? Por que eu me importava tanto com ele? Ninguém entenderia nossa ligação fraterna.

Mas eu tinha esperança de que o homem certo iria aparecer. O homem que estava destinado a mim, entenderia. Bem, eu esperava que sim, pois não poderia estragar uma amizade tão forte como a minha e de Alec. Eu o queria do meu lado para o resto da vida, então, acharia alguém que realmente entendesse isso e não fingisse entender.

Já fazia dois meses que meu processo de mudança havia começado e, aos poucos, eu fui comprando roupas novas, mas usei poucas, pois Ceci não autorizava ainda. Ela estava apenas me explicando o processo de combinação das peças e me orientando, mas eu olhava os tecidos, as peças, os sapatos. Eram tão lindos. Aliás, eu aprendi a andar de sapato alto e fiquei emocionada quando andei pela casa toda sem tropeçar e sem olhar para o chão. Me senti mais alta e mais feminina só de conseguir isso.

O fato é que, a cada dia, alguma coisa estava mudando em mim. Eu me sentia confiante e bonita. E Alec notava cada detalhe. Meu cabelo estava mais macio e menos cheio. Ceci não me deixou alisá-lo de forma alguma, achava-o perfeito para mim. Ela disse uma vez que eu só precisava saber o que fazer para melhorá-lo.

Eu passei a usar protetor solar todos os dias, a fazer limpeza de pele e que tipo de creme usar. Ceci me ensinou um pouco a cada dia. E ela me disse o momento certo de começar a me transformar diante dos olhos das pessoas. A nossa festa de formatura. Eu nunca fui muito sensual, mas pretendia ser. Queria que os homens me desejassem. Entretanto, eu não parava de pensar em como seria a expressão de Alec quando notasse minha sensualidade na festa. Provavelmente não deixaria ninguém se aproximar.

Pode parecer estranho, mas aguardava por sua aprovação. Enquanto olhava os lingerie novos, ou quando experimentava as roupas que ainda não tinha usado. Eu havia aprendido a combinação de cada roupa e acessórios.

Havíamos escolhido um vestido bonito e longo. Era tomara que caia cor de vinho com um rasgo enorme nas pernas e ela fez questão de escolher um sapato do tipo cinderela para mim. Ceci dizia que ficava perfeito nos meus pés. Eu cortei as pontas do meu cabelo, fiz massagem e a cada vez que fazia, sentia-o mais bonito e macio. Passei a admirar os meus cachos cada vez mais.

Ceci me deixou maquiar sozinha, pois havia me ensinado e confiava que não iria errar. Me olhei no espelho, com aquele vestido roxo, destacando na minha pele branca e meu penteado. Me senti bonita, muito bonita. Ela me deixou sozinha no quarto após se arrumar e foi ao encontro de Alec, que iria me acompanhar na festa. Iríamos só nós dois. Eles saíam de vez em quando, mas eu sabia que o relacionamento deles estava esfriando aos poucos. Quando saí do quarto, Alec me esperava do lado de fora. Cecilia não estava mais. Ele se virou e eu vi sua expressão catatônica.

- Cadê a Ceci? – Levei as mãos até a saia do vestido e o alisei. Ergui a cabeça e o encarei. Ele continuava parado, me olhando. – A Ceci já foi? - Olhei-o da cabeça aos pés. Ele não estava nada mal.

Vestia um smoking preto e uma camisa branca por baixo. A gravata borboleta roxa. Com certeza, aquilo era coisa de Ceci para combinar com meu vestido. Ele estava elegante. Seu cabelo, todo penteado para trás, mostrava seu rosto e a barba por fazer que parecia ser de propósito. O que o deixava sexy e misterioso. Eu até podia ver as formas do seu corpo melhor naquela roupa. Com certeza, as mulheres iriam cair em cima dele a noite toda. Constatei isso logo em seguida e senti meu peito apertar. Ele estava tão... perfeito. E era o meu par. Minhas pernas começaram a tremer e senti um friozinho desconhecido subir pelo meu ventre.

- Alec? – Disse voltando a olhar para seus olhos. Ele continuava olhando para mim de cima a baixo. Sua sobrancelha arqueou e depois ele fechou os olhos.

- Está bonita, Rapunzel. – Ele finalmente disse alguma coisa. – Muito bonita.

- Obrigada. – Senti a minha bochecha esquentar. – Você não está nada mal também.

- Está tudo pronto? – Ele se aproximou e pegou em minha mão. Olhou para os meus pés. – Não acha melhor ir com um sapato mais baixo e trocar antes de entrarmos na festa?

- Não se preocupe. – Eu segurei em sua mão e comecei a puxá-lo. – Agora eu sei andar nesses sapatos.

- É mesmo? – Eu senti uma pontada de ironia no tom de sua voz.

- Quer ver? - Eu comecei a descer os degraus normalmente, sem olhar para o chão.

- Que avanço, Rapunzel. – Esse tom sarcástico me irritou muito.

Fomos em silêncio até o local da festa. A colação de grau havia sido na noite anterior e eu não tinha comparecido. Estava muito ocupada decidindo ainda qual seria o meu vestido da festa. Entramos e Alec me segurava pelo braço dando a impressão de que tinha medo de me ver cair a qualquer momento.

Eu adorava esse tipo de preocupação de sua parte, mas, às vezes, aquilo me irritava. Fui até o meio da pista ao encontro de Ceci e algumas pessoas da turma, começando a dançar. Aliás, aprendi a dançar aquele tipo de música. Não era meu estilo preferido, mas era uma festa e precisava socializar. Ceci repetia isso toda hora para mim.

Eu dancei bastante aquela noite. Na verdade, dancei a noite toda. Aproveitei bastante, eu acho. Vi Alec ao lado de Ceci, mas ele não tirava os olhos de mim e pouco conversavam. Eu detestava aquela preocupação dele naquele momento. Parecia estar pronto para me salvar caso algum incidente acontecesse. Eu o entendia. Sempre fui desastrada e não mudaria da noite para o dia. Por isso havia treinado tanto todo aquele tempo.

Meus pais não puderam ir à festa e meus avós diziam que não se encaixavam naquele tipo de confraternização, por isso não vieram. Lili não estava se sentindo bem. A única pessoa importante da minha vida que estava ali, era Alec. Me contentei apenas com Alec.

Vi Ceci conversar com ele alguma coisa e depois desaparecer. Ela não veio até a mim e eu não fui atrás dela. Devia ter ido somente ao toalete e voltaria a qualquer momento. Só que, eu não vi mais Ceci naquela noite. Ela desapareceu completamente e Alec não parecia tão preocupado com a ausência dela. Aliás, ele não afastava os olhos de mim.

Mesmo sabendo que ele estava preocupado comigo, tinha a impressão que seus olhos acariciavam meu corpo. Eu podia sentir suas mãos tocarem em mim como se fosse real. Meu corpo se arrepiava diante do pensamento. Eu devia estar tão bêbada, por desejar aquilo. Não era mais uma adolescente recém-chegada na escola e que acabava de conhecer o primeiro garoto que aparecia na sua frente e, muito menos, se interessava por ele achando que algo podia acontecer. Isso foi há muito tempo. Alec deixou claro sua

preferência por loiras, mas... Eu não podia evitar o que estava sentindo. Fechei os olhos um momento, sentindo a música.

De repente, alguns homens se aproximaram de mim, me oferecendo bebida e me convidando para dançar. Eu aceitei todos os convites, menos a bebida. Já estava vendo tudo embaçado, não podia ficar mais bêbada.

Fiquei feliz com tanta atenção que estava recebendo. Alguns pediam meu telefone, outros apenas dançavam e pediam um beijo, mas eu não estava interessada em nenhum deles. Não conseguia mais afastar os olhos de Alec. Ergui o dedo e o chamei, para se aproximar de mim. Ele sorriu timidamente e continuou parado. Continuei insistindo, mas ele não veio. Desapontada, virei o rosto e dei atenção para um homem moreno que se aproximava e colava o corpo no meu.

Eu não queria que ele notasse o quanto havia me magoado por me recusar. Eu sabia que ele não tinha obrigação nenhuma comigo, mas fiquei ressentida de alguma forma. Abracei o pescoço do homem que me disse o nome, mas não tinha prestado atenção e o olhei. E enrolei os dedos em seus cabelos escuros e acompanhei a música agitada, rebolando. Ergui o rosto para encará-lo e sorri. Até que senti um toque suave nas minhas costas. Me afastei um pouco do homem e virei o rosto. Alec estava atrás de mim.

Ele demorou, mas veio até onde eu estava. Me afastei do rapaz e me virei para Alec. E ele começou a dançar na minha frente. Eu parei, observando-o e rindo. Ele só podia estar brincando. Não levava nenhum jeito com aquela dança. Mas eu não disse isso.

Continuei a dançar, mas sem tirar os olhos dele, sorrindo. Isso eu não podia evitar, não é? Ele era desajeitado demais. Dançamos umas duas músicas, até que *I Won't Give Up* do Jason Mraz começou a tocar logo em seguida. Alec enrugou o nariz desgostando um pouco da música. Típico dele. Eu parei de dançar e apontei na direção do bar.

- Vou pegar uma bebida. Você quer? – Eu passei por ele, mas Alec segurou meu braço e me puxou. Ele levou as mãos até a minha cintura. Isso me arrepiou. Eu não estava esperando por aquele toque.

- Vamos continuar dançando. – Ele murmurou perto do meu ouvido. Eu senti um arrepio tomar conta do meu corpo.

- Não sabia que você dançava esse tipo de música. – Disse e o abracei o pescoço.

- Eu não sei. – Ele me conduziu. – Acho que é só dois para lá e dois para cá no ritmo da música.

- É mais ou menos isso. – Acaricieei sua nuca e ele fechou os olhos um momento.

Ficamos em silêncio, dançando e nos encarando a música toda. Ele não tirava os olhos dos meus e eu não tirava os olhos dele. Eu nunca tinha percebido, até aquele momento, que Alec era tão bonito. Devia ser a roupa e o jeito com que me olhava, eu não sabia dizer, mas o achei muito incrível naquela noite.

Quando a música acabou, paramos, mas não nos afastamos. Ficamos ali, parados, olhando um para o outro. Ao fundo tocava *Call Me Maybe* da Carly Jepsen. Algumas pessoas empolgadas começaram a dançar, mas eu não prestava atenção nelas. Somente em Alec. Só tinha olhos para ele.

Eu senti que não havia mais ninguém ao nosso redor. Era somente eu e ele. Estávamos em um mundo completamente nosso naquele momento. Ele moveu sua mão e a guiou até meu rosto. Eu fiquei apreciando o roçar delicado de seus dedos em meu rosto. Suspirei e fechei os olhos um instante, quando os abri, Alec ainda continuava me olhando. Vi seus olhos descerem para meus lábios e estacionarem ali. Ele umedeceu os lábios e começou a aproximar o rosto do meu.

Foi a primeira vez que senti o ar faltar com a expectativa de ser beijada por alguém. Os cabelos dele caíram sobre seus olhos. Eu os senti roçar em minha testa quando ele aproximou o rosto do meu. Sua boca roçou a minha e eu me senti abrindo os lábios para recebê-lo. Eu queria muito beijá-lo. Toquei em seu rosto.

Eu iria receber seu beijo, se a música não tivesse mudado para uma muito agitada e alta, nos assustando. E então eu percebi que aquilo tudo não durou muito, mas para mim pareceu uma eternidade.

Alec afastou um pouco o rosto do meu, ficou me olhando e eu percebi em seus olhos a constatação do que ele quase acabou de fazer. Ele estava totalmente arrependido do que estava prestes a fazer. De repente, ele virou o rosto e se afastou completamente de mim. Levou a mão até o cabelo e o jogou para trás.

Eu fechei os olhos decepcionada. Eu queria aquele beijo, me parecia tão certo. Inspirei fundo antes de abrir os olhos e encará-lo. Eu era uma mulher inteligente, devia saber como sair de uma situação completamente constrangedora como aquela. E eu consegui. Comecei a dançar desastradamente e a cutucá-lo com o ombro até fazê-lo sorrir. O que não foi difícil.

Mesmo tentando negar para mim e para ele o que estava sentindo, algo dentro de mim remoia o que quase havia acabado de acontecer. Alec parecia não demonstrava nada para mim. Olhava em seu rosto, ele estava sorrindo e se divertindo.

Após duas músicas, eu fui até o banheiro para me refrescar. Algo estava engasgado na minha garganta. Olhei para o meu reflexo no espelho e meu rosto estava vermelho. Respirei fundo e voltei para o meio da pista. Alec não dançava mais, ele estava sentado no bar e havia uma mulher ao seu lado conversando com ele.

Ele não pensava em mim ou no clima que havia pairado sobre nós e eu devia fazer o mesmo. Ignorar o que havia acabado de acontecer. Olhei novamente na direção dele e percebi que aquela garota não era Ceci. Na verdade, a mulher que estava ao seu lado, era o oposto de nós duas. Nunca vi Alec se interessar por mulheres morenas. Aquela foi a primeira vez. Fui até ele e fiquei ao seu lado, no balcão. Me virei para ele apoiando o braço na bancada.

- Eu já vou embora. – Ao me ouvir, ele se virou para me encarar.

- Está bem. – Ele retirou a chave do bolso e me entregou, voltando sua atenção para a mulher, que falava algo. Peguei a chave de sua mão, sentindo meu corpo tremer apenas por roçar meus dedos nos seus.

- Até amanhã, então. – Toquei em seu ombro, mas Alec me ignorou. Me afastei dele e me direcionei até a saída sem compreender porque sentia o meu coração doer tanto com a atitude dele. Já estava acostumada a ir embora dos bares que ele tocava sozinha porque

ele sempre tinha compromisso com alguma mulher depois das apresentações. – O que está acontecendo comigo? – Resmunguei olhando para o céu ao sair do salão.

Estava me sentindo muito perdida e confusa.

*

O dia seguinte foi muito estranho. Alec não havia dormido em casa e quando acordei, muito tarde, ele não tinha chegado ainda. Tomei café forte, pois sentia dor de cabeça por ter exagerado na bebida alcoólica. Quando me sentava no sofá, toda descabelada, ele apareceu.

Eu nunca tinha me importado com a minha aparência quando Alec estava por perto, até aquele dia. A primeira coisa que fiz, quando o vi entrar em casa, foi levar as mãos até a cabeça e amenizar o estrago no meu cabelo. Eu devia parecer uma assombração, mas Alec já estava acostumado comigo daquele jeito, ele parou na frente do sofá, uma mão dentro do bolso e a outra segurava o chaveiro. A gravata estava pendurada em volta do pescoço e havia uma mancha de batom na camisa branca.

- À noite foi muito boa, hein! – Eu ironizei.

- Não posso dizer o mesmo para você. – Ele riu apontando para minha cabeleira bagunçada.

- Estou com uma forte dor de cabeça. – Suspirei e levei a mão até a testa. – Nunca mais vou beber em toda a minha vida.

- Você fica engraçada quando bebe. – Ele se sentou ao meu lado e notou o que eu estava assistindo na televisão. – Você não gosta de esporte.

- Eu acabei de sentar no sofá quando você chegou, não tive tempo de procurar alguma coisa interessante na televisão. – Me levantei e entreguei o controle para ele. – Acho que devia almoçar com a sua mãe hoje, não tenho condições de fazer nada para comermos na situação que estou.

- Sem problemas. Vou tomar um banho e ir. – Alec se levantou também e desligou a televisão.

- E eu vou dormir. – Não precisávamos falar nada a respeito da noite anterior. Estávamos constrangidos com o que poderia ter acontecido, pelo menos, eu achava isso, pois o clima entre nós ficou completamente estranho. Subi a escada rapidamente e quando cheguei no quarto, fechei a porta e me encostei nela. Meu coração estava acelerado. – Será que isso pode ficar ainda mais estranho?

Fui até a cama e agarrei meu travesseiro antes de deitar. Escondi o rosto nele sentindo uma imensa vontade de gritar com o mundo, mas eu sabia que não podia. Consegui dormir após controlar as palpitações e meus pensamentos que vagueavam até aquele momento. Foi difícil, mas finalmente consegui descansar o resto do dia.

Isso não quer dizer que a semana que se seguiu foi tranquila. No trabalho, eu não conseguia parar de pensar no que quase aconteceu, enquanto tomava banho também não e em nenhum outro momento, minha mente não me deixava em paz. E quanto mais o via, mais eu ficava desesperada, pois mexia comigo e com o meu bom senso. Eu queria beijá-

lo.

Aquilo não devia estar acontecendo. Me sentia tão cansada, mesmo conseguindo dormir todos aqueles dias, parecia que a mente e o corpo estavam em guerra. Isso me deixava completamente destruída e exausta.

Na sexta-feira, eu estava saindo do trabalho. Havia acabado de receber um elogio do chefe da empresa, mas nem isso me deixava contente. Trabalhar todos os dias aliviava minha tensão, mas todo dia tinha que voltar para casa e me desanimava saber que tinha que o encontrar a qualquer momento.

E, em algum momento, eu o veria com alguma mulher diferente. Eu não queria aquilo. E naquele dia eu tinha certeza que Alec levaria alguém para casa. Eu não queria e não precisava passar por aquilo. Havia me transformado para me sentir mais confiante e não ficar com medo como estava me sentindo ultimamente depois do quase beijo que podia ter acontecido entre nós. Alec não devia me atingir daquela forma. Retirei o celular da bolsa e olhei os contatos.

Em um primeiro momento pensei em enviar mensagem para algum garoto da faculdade, mas as opções não eram boas. Avistei o nome de Julian e fechei os olhos, respirando o ar profundamente. Ele não aceitaria me encontrar. Com Julian nunca foi apenas sexo e ele não me ajudaria também em nada.

Continuei procurando na minha lista de contatos. A olhei repetidas vezes, até que percebi que não tinha opções, mas escolhi alguém para conversar. Tinha certeza que poderia conversar com aquela pessoa, pois iria me entender muito bem. Após enviar a mensagem, saí do prédio. A temperatura estava agradável e mesmo indicando que poderia chover a qualquer momento, o dia estava propício para encontrar alguém ou conhecer novas pessoas. Só não queria ir para casa.

Enquanto caminhava, em direção ao Brasserie de La Senne, eu pensava nas variadas cervejas que poderia experimentar e a possibilidade de ficar muito embriagada quando chegasse em casa para não notar a presença de Alec e de encontrar com alguma mulher nua pela casa que tenha passado a noite com ele. Eu estava completamente perturbada e me sentia muito vulnerável. Parecia que minha alma havia sido descoberta e não estava sendo muito fácil cobri-la novamente. Antes de entrar no pub, meu celular apitou, li a mensagem e respondi. Sorridente, peguei a comanda e me acomodei em um lugar reservado.

A iluminação do ambiente era bastante limitada, combinava com a decoração do lugar que era muito rústico. Eu nunca fui naquele bar e estava me arrependendo naquele momento de nunca ter me dado a oportunidade de conhecer. Me senti bem recebida e acolhida. Era uma sensação muito estranha e boa ao mesmo tempo. Fiz o meu pedido e aguardei.

Havia um palco sendo improvisado no outro lado e fechei os olhos pedindo imensamente para minha mente não associar a música ao vivo a Alec. Não queria pensar nele. Pelo menos, não naquele momento. Recebi a mensagem e sorri. Quando a bebida chegou me adiantei para pedir outra cerveja, pois a primeira, eu iria virar de uma vez.

Algumas pessoas estavam entrando no pub. Ninguém que valesse a pena olhar

demoradamente, pois estavam todos acompanhados. A porta abriu novamente, quando a segunda cerveja estava sendo servida e eu sorri. Acenei sem conseguir ser discreta, o que foi engraçado, pois consegui fazê-la ficar completamente vermelha.

- Você poderia ser mais discreta, por favor. – Ceci disse antes de me cumprimentar com um beijo no rosto. Ela estava incrivelmente maravilhosa. Vestia uma saia preta de couro e bota, a blusa de manga comprida na cor rosa e, como sempre, estava bem maquiada. – Já esqueceu tudo que te ensinei?

- Eu já tomei uma cerveja inteira. – Eu mexi os ombros fazendo pouco caso do que ela disse. – Não quero pensar em boas maneiras agora.

- Por que isso agora? – Ela arqueou a sobrancelha me observando atentamente. Ceci mexeu os cabelos lisos, longos e loiros os jogando para trás.

- Ah. – Encolhi os ombros. Eu nem sei por que a convidei para ficar embriagada comigo. Só achei que nós devíamos fazer isso.

- Isso tem a ver com Alec? – Ela desviou os olhos.

- Não. – Pausei. – Quer dizer, não sei. Eu não entendi o que aconteceu com vocês na festa. Você desapareceu. – Mudei o foco da conversa, o que a fez sorrir, voltando a me encarar.

- Não aconteceu nada. Na verdade, me envolver com Alec foi um erro. – Ela mordeu o lábio inferior. – Ele não quer um relacionamento comigo.

- Eu disse que ele não quer se envolver com ninguém. – Toquei sua mão para confortá-la. Ceci me surpreendeu ao apertar a minha mão me confortando. – Eu sinto muito.

- Não precisa se desculpar, Harriet. Eu devia ter percebido que Alec nunca gostaria de mim. – Ceci esboçou um sorriso forçado, um pouco conformado. – Ele nunca vai gostar de ninguém. Pois ele gosta apenas de uma pessoa.

Eu abaixei a cabeça para não olhá-la em seus olhos. Eu sabia que ela estava certa. Jamais Alec deixaria de amar Eloyse, mas constatar isso me machucou profundamente. Olhei para minha cerveja e afastei a mão da de Ceci. Ergui a cabeça.

- Não vamos falar de homens neste momento. Vamos aproveitar esta noite. – Eu ergui a long neck. – A nossa noite.

- A nossa embriaguez! – Ceci sorriu e brindamos.

Conversamos muito àquela noite. Ceci me informou que iria viajar e, provavelmente, não nos veríamos tão cedo. Ela precisava daquela viagem e, embora eu tenha me aproximado dela mais do que deveria e do que gostaria de admitir, foi muito bom me tornar sua amiga e eu queria muito ajuda-la a superar o que estava sentindo com relação a Alec. Olhando para a mulher que me ajudou muito durante os últimos meses, finalmente descobri que poderia confiar em mais uma pessoa. Com certeza, meus pais ficariam orgulhosos por finalmente ter mais uma pessoa na minha lista de amigos.

Quando cheguei em casa, eu praticamente não aguentava ficar em pé. Pelo menos, facilitou a dormir rapidamente e uma noite inteira, sem sequer pensar em Alec. Não me

importava em acordar com dor de cabeça no outro dia. O que me preocupava mesmo era em conseguir não pensar nele e não sentir desejo pelo meu melhor amigo. E a bebedeira, não estava surtindo o efeito correto, pelo contrário. Eu quis me enfiar em seu quarto logo que cheguei.

*

Eu não consegui ficar em casa durante o sábado. Alec estava jogando vídeo game na sala e vê-lo sem camisa me desconcentrava. Eu não podia suportar vê-lo daquele jeito. Era demais para mim. E mesmo sentindo uma imensa dor de cabeça, achei melhor sair de casa. Quando estacionava o carro em frente à casa dos meus avós, Georgia atravessava a rua com seu andador e as costumeiras sacolas do supermercado. Saí do carro e ela sorriu ao me reconhecer. Percebi que seu andar estava mais lento do que antigamente, mas ela não desistia e continuava fazendo as coisas que gostava sozinha.

- Harriet. – Ela se recordava ainda do meu nome. Fechei a porta do carro e fui até ela, já pegando suas sacolas.

- Como vai a senhora? – A abracei no ombro e beijei sua bochecha carinhosamente. – Posso ajuda-la de novo?

- Claro, querida. – Ela sorriu de fechar os olhos. – Por onde tem andado? Nunca mais a vi.

- Estou morando em outro local. Divido uma casa com um amigo.

- Independência é tudo. – Georgia ergueu o rosto para me olhar nos olhos. Ela os estreitou. – Você está triste?

- Triste? – Ela assentiu confirmando. – São as coisas do coração.

- Quer tomar um chá comigo? – Eu não esperava por esse convite e ela notou que isso me deixou surpresa. – Eu estou velha, mas vivi o suficiente para poder te ajudar.

- O meu caso não tem solução. – Suspirei. – Eu não faço ideia do que está acontecendo comigo.

- É normal se sentir assim. – Ela abriu a porta da casa. – Entre querida.

- E sua neta, como está? – Eu fechei a porta atrás de mim.

- Viajando a trabalho. – Olhei ao redor. A sala era pequena, mas me senti acolhida. Havia uma pintura enorme na parede, reconheci quem era a pessoa da pintura. Era Georgia quando mais jovem. Continuei olhando a sala, a espera pelo seu retorno. Os móveis eram uma mistura de claro e escuro, tudo combinando. – Eu já coloquei a chaleira no fogo. Sente-se, por favor.

Ela arrastou o andador até onde eu estava e tirou as sacolas da minha mão.

- Eu posso levar até a cozinha. – Ela ergueu o rosto e arqueou a sobrancelha me encarando muito séria. – Talvez seja melhor não.

- Boa menina. – Ela tocou a palma da minha mão duas vezes, sorrindo. – Já volto.

Ela não demorou muito a voltar. Carregava a bandeja com uma mão que continha duas xícaras e açúcar. Parecia estar habituada a fazer aquilo sempre. Me sentei no sofá e a

aguardei preparar tudo.

Conversar com Georgia não foi difícil. Soube um pouco de sua vida, das atividades físicas que praticava todas as manhãs para se manter ativa. O que me surpreendeu mais, foi saber que ela não devia andar fazia anos, mas por praticar atividades, conseguiu manter seus músculos ativos. Georgia, estava com 86 anos, tinha uma saúde sensível, mas era muito sã. Sua memória estava impecável.

Gostei muito de poder conhecê-la melhor. Falei sobre minha vida e amigos, contei sobre minha família e as viagens que já tinha feito, até que ela conseguiu entender que a pessoa que me perturbava o sono, era a única pessoa diferente que havia na minha vida. Não foi muito difícil descobrir. Só havia Alec e ele fez parte da maioria das coisas que lhe contei sobre a minha vida em Bruxelas.

Georgia tinha uma sabedoria incrível. E falar o que estava sentindo não foi difícil. Finalmente havia encontrado alguém com que pudesse conversar sobre Aleksander. Desabafar o que estava sentindo, foi um alívio para mim. Georgia foi uma boa ouvinte.

XIII

ALEC

EU NÃO CONSEGUIA PARAR DE PENSAR no que aconteceu naquele dia. Quando olhava para ela, me recordava e ainda sentia seus lábios roçando os meus. A forma que ela os abriu e que estava pronta para se entregar ao beijo. Eu queria muito ter continuado, mas eu não sei o que aconteceu comigo e congelei de novo. Eu percebi que estava prestes a beijar a minha melhor amiga. E, ao mesmo tempo que achava ser o certo, parecia-me muito errado.

A primeira vez que estive tão próximo dela assim e a vontade que eu tive de beijá-la era diferente da noite de sua formatura. Antigamente, a vontade que tive de beijá-la, era a mesma de beijar qualquer outra mulher, mas naquela noite, havia algo em mim que eu desconhecia. Foi um sentimento que nem com Eloyse eu senti. Quando me recordava da forma que ela ofereceu a boca para mim, eu me senti feliz e, ao mesmo tempo, com muito desejo. E foi um desejo forte, praticamente incontrolável. Eu nunca senti isso em toda a minha vida.

E me arrependia de não ter continuado. Nunca me arrependi de nada em toda a minha vida, mas me arrependia de não beijá-la, de não ter sentido os lábios dela de verdade contra os meus, de ter cruzado minha língua com a sua. E eu só pensava nisso e só queria isso, no que deveria ter acontecido. E eu tinha receio de nunca saber se aquilo era o certo e de não saber o que deveria ter acontecido de verdade conosco. Eu sempre ficava no; e se isso e se aquilo.

Eu fui covarde. Terminar a noite na cama de outra mulher, sabendo que poderia estar com ela, não me ajudou em nada. Eu achei que estar com uma mulher iria apagar o que estava pensando aquela noite, mas não foi bem assim. Eu queria Harriet. Eu a estava desejando muito a noite toda. E qualquer pessoa poderia notar o que estava acontecendo comigo. Ceci percebeu. Só um louco não perceberia.

Quando toquei em seu corpo com o meu, eu vibrei em expectativa. Mas sentia medo ao mesmo tempo. Eu considerava Harriet uma irmã. A irmã que eu gostava de cuidar quando atravessa a rua distraidamente, quando sentia cólica e quando estava com o coração quebrado por causa de um amor perdido. Eu não queria estragar a cumplicidade que tínhamos. Não podia fazer isso conosco. Por isso, congelei. Tive medo de estragar o que tínhamos. A achava importante demais para mim.

Harriet pareceu-me se esquecer disso naquele momento. Ela não pareceu se importar com nada e, muito menos, nem depois de o beijo não ter acontecido. Pelo menos, se tinha percebido que algo muito forte aconteceu entre nós, ela não demonstrou. Continuou dançando e sorrindo. E me senti um boboca, obrigado a disfarçar, infelizmente.

Eu não sei o que eu queria realmente que ela fizesse. Talvez desejei que ela me puxasse e me beijasse, tomasse a iniciativa, pelo menos, eu não estaria tão sozinho no que estava sentindo naquele momento. E ela não fez nada. Não demonstrou nada. Não parecia tão afetada com o que poderia ter acontecido. Eu era o único a sentir algo assim.

Ela não tinha muito tempo quando estava estudando e trabalhando, eu achei que seu tempo fosse aumentar quando suas aulas acabassem, mas me enganei. Eu pouco a via e

quando isso acontecia, era tão rápido que não dava tempo de trocar mais do que duas palavras. Nem nos finais de semana eu a via, mas também andava muito ocupado com a banda.

Aliás, falando nela, me tornei vocalista e, conseqüentemente, aumentaram as minhas fãs. Tinha tanta opção que eu não sabia qual escolher. Só que, não importava com quantas mulheres saísse ou se fossem tão deslumbrantes. Eu não conseguia esquecer a visão estonteante de Harriet naquela noite. Ela estava deslumbrante. Feminina, sexy, gostosa pra caramba! Seus seios eram cheios e deliciosamente notáveis.

Acontece que ela era uma flor que começava a brotar, mas que, naquele dia, desabrochou se tornando linda e estonteante. Se tornou confiante e mesmo com sua áurea intelectual, era sexy na medida certa. Mas ela não parecia perceber o que causava. E eu não conseguia desviar os olhos.

Estava ficando louco de tanto pensar. Tinha passado um mês desde o pequeno incidente entre nós e não tivemos a oportunidade de conversar. Tinha a nossa troca de e-mail diário, mas não era mais suficiente para mim. Eu queria vê-la, poder conversar e, talvez, abraçá-la. Eu queria muito fazer isso. A oportunidade que eu desejava tanto chegou sem que eu precisasse elaborar um plano. Eu estava em meu quarto, ensaiando uma música e ouvi uma batida leve na porta. Meu coração acelerou, pois eu sabia quem era. Harriet sempre respeitava minha privacidade. Embora fosse um pouco desastrada, ela sempre me respeitava.

- Entre. - Disse e apoiei o braço sobre o violão, descansando-o.

- Oi. - Ela colocou a cabeça para dentro do quarto. - Atrapalho?

- Não. - Eu não conseguia desviar os olhos de sua boca. - Entra.

- Bem. - Ela entrou e caminhou até a cama.

Eu observei seus passos, a forma que estava vestida. Ela estava tão diferente e eu gostava dessa mudança dela. Era sinal de independência. E isso queria dizer que ela não precisava de mim para cuidar dela ainda. Só que eu nunca abriria mão disso. Gostava de cuidar dela. Era muito bom.

- Chegou cedo hoje. - Ela se sentou ao meu lado da cama. - Aconteceu algo, Harriet?

- Eu consegui terminar o trabalho de hoje com sucesso. - Ela esfregou as mãos na calça. - Pensei que podíamos fazer uma sessão cinema em casa. Faz tempo que não fazemos isso.

- Faz mesmo. - Eu tirei o violão do colo e o depusitei na cama, atrás da gente. - Eu peguei um filme que me recordei de você quando vi a capa. - Ela revirou os olhos.

- Lá vem você com esses filmes sobre contos de fadas. - Ela inspirou fundo.

- Pelo que li da sinopse, a personagem é parecida demais com você. - Eu estava mentindo, em partes, pois já tinha visto muitas vezes aquele filme nas últimas semanas, mas faria qualquer coisa para assistir aquele filme com ela. Era tão, mas tão a cara dela. - Vamos.

- Posso saber pelo menos qual é o nome? - Eu apenas gesticulei, negando. - Você é

um porre. - Ela se levantou e caminhou até a porta. - Vou fazer a pipoca.

- Está bem. - Eu fiquei olhando-a sair, sorrindo. Me sentia um bobo, mas era uma sensação muito boa quando estava perto dela.

Enquanto a tive por perto, no meu quarto, eu não conseguia parar de imaginar a beijando ali mesmo, a fazendo se deitar e ficar com meu corpo sobre o dela. Sentir aquilo era tão estranho para mim. Era algo que não estava acostumado e não tinha sentido em toda a minha vida.

Eu realmente desconhecia o que estava sentindo e sabia que precisava tomar cuidado com as minhas atitudes a partir daquele momento. Não podia estragar as coisas com ela. Harriet era minha amiga. Aliás, minha melhor amiga. E mesmo sentindo aquela química forte entre nós, praticamente palpável, devia tomar cuidado.

Eu fui até a sala e ela já tinha preparado a pipoca e arrumado a mesa de centro. Carreguei meu laptop e o conectei a TV. Fui até ela quando começou a chamada do filme e me sentei ao seu lado, abraçando-a pelos ombros e Harriet encostou sua cabeça em meu peito e uma mão foi até minha barriga. Me mexi e fechei os olhos para me concentrar no filme.

Levei uma mão até seus cabelos encaracolados e apoiei meu queixo em sobre sua cabeça. Eu não olhava para a tela, tinha olhos apenas para o nosso reflexo na TV, juntos. Era assustador ver aquilo, pois identificava algo diferente nela de todas as coisas pelas quais nunca imaginei. A ouvi rir e prestei atenção ao que acontecia no filme.

- Ah! - Ela ergueu o rosto e eu vi que ela estava emocionada. - Dessa vez fizeram uma miniatura de mim.

- Também acho. - Toquei seu queixo. Ela voltou a deitar a cabeça no meu peito. - Já sabe que tenho um novo apelido para você, não é? - A ouvi rir e enrolei um dedo em seu cabelo, sentindo a textura, o perfume.

- Dessa vez, eu gostei. - Harriet anunciou e percebi que ela estava me cheirando, pois sua voz soou abafada.

Como me concentrar em não agarrá-la? Estávamos, de alguma forma, bem íntimos naquele momento. Eu engoli seco e fechei os olhos, contando até dez, vinte, trinta. Ela não parava de me cheirar. Respirei fundo, pois estava perdendo o controle. Eu sentia todo seu corpo colado no meu e isso era demais para mim.

Faltava milímetros de autocontrole para não entrar em ação. E então, ela voltou a prestar atenção no filme e tudo ficou normal. Quer dizer, um pouco normal. Afinal, não era normal sentir aquele desejo desenfreado por Harriet. Eu não estava acostumado com isso.

Quando o filme acabou, senti que ela relutava um pouco em se afastar. Meus olhos encontraram os seus e desejei saber o que se passava em seus pensamentos. Eu daria qualquer coisa para saber isso. Ela sorriu. Seus cabelos estavam bagunçados e não sabia se era por minha causa, por ter bagunçado e pude imaginar como seria acordar ao lado dela. Eu estava muito ferrado mesmo. Com certeza estava. Me levantei e peguei nossos copos sujos, levando-os até a cozinha e senti que ela me olhava.

- Meus pais me convidaram para fazer uma viagem com eles no próximo mês. - Ela anunciou.

- Para onde? - Encostei-me à pia e cruzei os braços olhando para ela que estava jogada sobre o sofá.

- Dublin. - Ela sorriu.

- Sério? - Eu quis sorrir de volta, mas ainda estava sobre o efeito de nossa aproximação.

- Por que está surpreso? - Ela se levantou e foi até a cozinha, parando na porta de braços cruzados.

- Não estou. - Eu anunciei rapidamente.

- Queria saber se você quer ir comigo passar um fim de semana. - Eu sabia que aquela pergunta viria, mas não estava pronto para respondê-la.

- Eu não tenho nada programado com a banda ainda, mas não posso te dar uma posição agora. - Queria muito ir à cidade em que eu nasci e, principalmente, queria ir com ela, mas estava com medo, muito medo. Iríamos passar um fim de semana inteiro juntos.

- Tudo bem, sem pressa para decidir. - Ela suspirou.

- Obrigado, Merida^[5]. - Quis descontrair, pois sentia o clima muito carregado ali.

- Vai te catar! - Ela sorriu. Foi um sorriso genuíno, que eu conhecia muito bem e nunca na minha vida, vi alguém sorrir daquele jeito para mim.

- Boa noite, Merida. - Eu continuei caçoando. Ela revirou os olhos e se virou para sair. - Durma bem e sonhe comigo.

Ela imediatamente se virou para mim e me encarou. É claro que me arrependi no mesmo instante por ter comentado algo tão estúpido e clichê. Me virei, constrangido e fingi que iria lavar a louça. Como se não tivesse feito aquele comentário.

Ouvi seus passos se afastarem, depois o barulho na hora de subir degrau por degrau e finalmente soltei a respiração. Eu nem tinha percebido que estava prendendo o ar e, muito menos, que meu coração estava acelerado. Tinha coisas que eu não podia controlar em mim. E eu achava isso uma merda bem grande!

*

Os dias que se seguiram, não foram tão fáceis. Eu não a via como de costume, mas não parava de pensar nela e nos momentos que a encontrava, mexia comigo, mesmo me esforçando para evitar aquela forte atração. Decidi que precisava passar mais tempo longe tocando e procurando outras mulheres para me distrair, mas sempre evitava trazê-las para casa. Eu não queria que Harriet encontrasse nenhuma de minhas companheiras amorosas do momento. E não entendi por que passei a pensar dessa forma repentinamente.

Os e-mails continuavam sucessivamente todos os dias. Teve um dia que ela me mandou um com o título: eu fui promovida. E, imediatamente, o abri, mas não havia nenhum conteúdo, nada. Eu cliquei em responder, mas desisti logo em seguida. Achei melhor conversar pessoalmente sobre aquele assunto. Talvez ela não tivesse muito tempo

para escrever.

Como eu não tocara naquele dia, cheguei em casa, após o trabalho, e fui preparar algo para comermos. Como se fossemos comemorar a sua promoção. Eu só pensava no abraço que daria nela quando chegasse em casa. Talvez conseguisse algo mais do que apenas um abraço. É claro que eu comprei pizza. Não era muito bom na cozinha, só sabia lavar e secar os pratos. Preparei a mesa com cuidado. Separei um dos vinhos que tínhamos em estoque e o coloquei no congelador, para gelar.

Tomei banho e me arrumei. É claro que queria comemorar com ela. Só que ela não apareceu como imaginava que iria acontecer. Eu não podia culpá-la. Não havíamos combinado nada, mas não conseguia controlar a minha mente. Antes de ela chegar, eu não parava de pensar em Harriet comemorando a promoção com outro homem. E, quanto mais ela demorava, mais isso me perturbava. Eu havia bebido todo conteúdo do vinho a espera por ela. Estava furioso. Quando ela chegou já era mais de meia noite.

- Oi. – Ela jogou a bolsa no sofá, estalando o pescoço. Me parecia muito cansada.

- Você está se encontrando com alguém? – Foi a única coisa que consegui dizer.

- Quê? – Ela me olhou confusa um momento, mas desviou os olhos em direção à mesa. – Ah, você preparou isso para mim? – Harriet sorriu.

- Hum. – Apenas resmunguei. Ela não havia respondido a minha pergunta.

- Trabalhei até agora, estou faminta. Obrigada Alec. – Ela se serviu. – Você comprou a minha favorita. – Ela levou o prato até o micro-ondas. – Não vai comer?

- Não estou com fome. – Fui até a cozinha. – Você não me respondeu. Está namorando alguém?

- De onde tirou essa ideia? – Ela levou o dedo até a boca ao tocar no pedaço de pizza que esquentou.

- Você não fica muito tempo em casa nos fins de semana, eu achei que... – Ela gesticulou negativamente.

- Ah, isso. – Harriet deu de ombros algumas vezes. – Por que isso tem importância? Você está sempre ocupado, preciso me ocupar também.

- Você costuma me contar quando conhece alguém. – Levei as mãos até a cadeira e a apertei.

- Se eu não te contei é por que não tem ninguém. – Ela não costumava comer a pizza de maneira adequada, mas de uns tempos para cá, Harriet estava se controlando para não devorar metade da pizza de uma vez.

- Então? – Eu fiquei satisfeito com a resposta dela. Harriet não mentia para mim. Ela não tinha razões para esconder nenhum namorado de mim. Mas com certeza, ela encontrava alguém. – Você não sai sozinha sempre.

- Ah, isso não. – Ela ficou olhando para a pizza um momento e olhou para mim aguardando minha autorização.

- Pega isso logo com as mãos, Harriet. – Eu disse sorrindo. Ela sorriu para mim.

- Isso é feio. – Ela disse tristemente.

- Eu gosto de ver como você devora. Fique a vontade. – Eu peguei um pedaço da pizza e o coloquei sobre o prato, o esquentando. – Vou te acompanhar.

- Mesmo? – Assenti diante de sua insegurança. – Obrigada. – Ela comeu o outro pedaço rapidamente. Realmente, estava faminta. – Georgia.

- Georgia? – Eu estava de costas, retirando o prato do micro-ondas, quando a ouvi. Me virei, a olhando confuso.

- É uma senhora que conheci. – Ela mordeu o lábio inferior. – Estou fazendo companhia a ela.

- Por quê?

- Gosto de conversar com ela. E nós conhecemos alguns lugares juntas. – Harriet se serviu do vinho que coloquei sobre a mesa. – Qualquer dia te apresento a ela. A mulher é incrível.

- Ela tem filho? – Ao ouvir minha pergunta, Harriet arqueou a sobrancelha.

- Deve ter. – Ela deu de ombros. – Tem uma neta, muito bonita por sinal. Talvez podemos te...

- Eu não quero conhecer ninguém. – Disse rispidamente. Não queria ouvi-la me oferecer outra garota. Eu queria ela.

Estávamos sozinhos naquela casa e podíamos fazer tantas coisas. Será que ela não percebia nada do que poderia acontecer conosco? Olhando para ela, descontraída e, aparentemente, satisfeita com a promoção no trabalho, ela parecia não se importar com o fato de morar comigo. Entretanto, a imagem de Harriet oferecendo os lábios para mim naquela noite, me demonstrava que ela nem sempre falava tudo o que sentia para mim.

Ainda a observando, tão feminina e sexy como estava, com certeza muitos homens deviam se interessar por ela e, ainda assim, continuava solteira. Por que continuava sozinha? Poderia ter o homem que desejasse.

- Parabéns pela promoção no trabalho. – Ergui meu copo de vinho.

- Você viu meu e-mail. – Ela disse constrangida. – Parece que as minhas responsabilidades só aumentam naquele lugar. – Ergueu o copo também e o tocou no meu.

Eu não sei por que não estava surpreso com seu constrangimento naquele momento. Afinal, ela não era o tipo de pessoa que comemorava muita coisa. Nem aniversário fazia isso direito. Tudo bem que eu também não, mas ela era uma mulher. Mulheres sempre encontravam um pretexto para comemorar qualquer coisa, não é? E quanto mais eu notava nela, mais ficava admirado por aquela mulher. Eu estava ficando obcecado.

No dia seguinte, nos encontramos no corredor, ela estava saindo e eu só levantei cedo para vê-la um pouco. Eu sei que me torturava propositalmente e que não parava de pensar um instante sequer nela e no beijo que quase trocamos. O que aconteceria depois se tivéssemos nos beijado? Estaríamos juntos hoje? São perguntas que não teria nunca uma resposta. Eu não podia voltar no tempo para descobrir. Se arrependimento matasse...

XIV

ALEC

ESTAVA FICANDO AGITADO demais com esses pensamentos perturbadores. Eu precisava conversar com alguém, mas era com Harriet que eu conversava sobre mulheres antigamente e não existia mais ninguém. Nem os integrantes da banda conversava abertamente sobre isso. Eles não eram como ela, curiosa. Não faziam perguntas como Harriet fazia. Ela sempre me ajudava nesse assunto.

Percebendo que acabaria explodindo a qualquer momento, fui até a casa da minha mãe, pois sabia que ela não me forçaria a nenhuma loucura. Eu não queria falar com ela sobre Harriet, mas não tinha escolha, não é? Talvez ela pudesse me ajudar a esquecer esta loucura. Fui até a casa dela logo depois que Harriet saiu para trabalhar. Minha mãe se preparava para sair também, mas como conhecia todos os seus horários, sabia que ainda dava tempo de conversar.

Chegando lá, minha mãe me levou até seu quarto. Eu deitei em sua cama, enquanto a observava se arrumar e fazia perguntas do cotidiano. Não sabia como começar aquela conversa, mas ela percebeu que eu queria conversar sobre um assunto complicado, pois se sentou na cama olhando para mim.

- O que o traz aqui a essa hora, Alec? - Minha mãe pousou uma mão sobre minha perna.

- Harriet. - Ela arqueou a sobrancelha e depois sorriu.

- Depois de todo esse tempo? - Não era uma acusação, mas seu tom era surpreso. - Quando vocês se tornaram amigos, eu achei que isso podia acontecer, mas a amizade de vocês foi evoluindo para um nível que eu achava impossível se tornar um relacionamento.

- Eu não gosto dela mãe. - Eu tratei logo de acrescentar. - Não desse jeito que as pessoas sentem quando estão apaixonadas, mas eu não paro de pensar e desejar ela.

- Normal estar confuso. - Minha mãe respirou fundo. - Principalmente com a amizade de vocês em risco.

- Eu não quero estragar nossa amizade. - Eu olhei para minhas mãos. - E não tem como me relacionar física e emocionalmente com ela dessa forma e, ainda assim, manter a nossa amizade, mãe. - Minha mãe sorriu e gesticulou negativamente.

- É aí que você se engana, Alec. - Ela umedeceu os lábios antes de continuar. - Você pode ter os dois sim, pois não existe um relacionamento sem uma amizade verdadeira envolvida, porque amizade significa se preocupar com a pessoa, querer o bem dela acima do seu, é você saber tudo a respeito dela, conhecer todos os seus defeitos e, mesmo assim, gostar da pessoa. Um bom relacionamento precisa de uma boa amizade para dar certo. Se você não tem isso com sua namorada, nunca vai dar certo, pois não sabe nada sobre ela.

Prestei bastante atenção em tudo o que ela disse e nunca tinha percebido que o que minha mãe dizia estava certo, até aquele momento.

- Obrigado! - Eu disse após um longo minuto de silêncio.

- Descubra o que você realmente quer antes de tomar qualquer atitude. - Minha mãe

se levantou e foi até a penteadeira do quarto. Colocou os brincos nas orelhas e o relógio no pulso. - Está na minha hora.

- Eu a levo até o ponto. - Me levantei também. - Quando vai me assistir tocar? - Eu fui até a janela, mas me virei rapidamente. - Agora eu sou o vocalista. Está bem legal.

- Vamos marcar. Talvez precise de companhia para ir. - Ela se aproximou de mim. - Vou pedir para Harriet ir comigo.

Primeiramente senti um arrepio ao ouvir apenas a menção do nome dela, por mais estranho que pudesse me parecer, eu achava certo mesmo assim ter aquela sensação em mim. Abracei minha mãe fortemente agradecendo seu conselho de novo e a acompanhei até o ponto. Assim que ela embarcou, eu resolvi que precisava pensar. Eu tinha que descobrir primeiro o que estava sentindo em relação à Harriet antes de tomar qualquer atitude.

Fui até o museu Porte Hal. Andei calmamente pelos corredores, mas meu destino era o jardim onde havia bancos e podia apreciar o ar livre. Algumas pessoas andavam de um lado a outro, mas ninguém ali se importava com a minha presença. Me sentei em um banco isolado e olhei para os lados, reparando nas pessoas, nos casais e crianças que acompanhavam os pais.

Era ali que meu pai me levava, pelo menos me recordo disso em relação a ele. Desde sua morte, eu tinha ido poucas vezes lá, mas algo me dizia que ir naquele lugar, me ajudaria a pensar e acalmar os ânimos. Eu achava que não iria conseguir compreender, naquele momento e nem naquele lugar, os meus reais sentimentos por Harriet, no entanto, me seria útil pelo menos para controlar os ânimos. Eu estava precisando me tranquilizar e aquele lugar trazia paz.

Eu realmente estava certo sobre não conseguir compreender meus sentimentos naquele dia, mas pelo menos me ajudou a controlar a minha confusão. Me senti mais lúcido e confiante e ajudou a acalmar os pensamentos, me levou a algum lugar. Eu saí dali sabendo o que precisava fazer: esperar.

O mês passou rapidamente. Harriet e eu não falamos mais sobre seu convite de irmos a Dublin juntos. Eu queria ir, com ela, pois a cada dia que passava eu constatava que sentia sua falta e a desejava toda vez que a encontrava. Meu coração disparava sempre que pensava nela. Quando a via, ele praticamente saltava para fora do peito. Nunca senti isso em toda a minha vida, somente Harriet foi capaz de me fazer sentir isso.

Sentia falta do roçar de seus lábios nos meus e era como se tivéssemos feito aquilo inúmeras vezes e não duas. Eu achava muito louco isso, mas conforme deixava fluir aquele sentimento dentro de mim mais eu sentia vontade. Tudo aumentava e se tornava intenso.

Todos esses anos tendo encontros com outras mulheres, achando que estava apaixonado por uma que havia fantasiado na adolescência e nada se comparava ao que eu sentia somente por pensar em Harriet. Era diferente e muito forte. Ela era minha melhor amiga e isso me deixava com receio de estragar o que havíamos construído juntos, mas não podia controlar o que acontecia dentro de mim.

Harriet estava tão perto e eu a procurei por tanto tempo sem saber que a mulher que

roubaria o meu coração já fazia parte da minha vida há muito tempo. Quando a encontrava meu corpo todo vibrava e chegou num limite que se tornou incontável. Eu precisava aprender a me controlar ainda, pois desde que deixei aquele sentimento surgir como devia ser, se tornou descomunal. Por isso, que decidi não fazer essa viagem com ela.

Eu não estava preparado para passar dois dias inteiros com a Harriet. Apenas a levei até a estação, a acompanhei até a plataforma e nos abraçamos em despedida. Eu dei uma desculpa esfarrapada para não ir, mas fui bem convincente. Iria tocar e não podia abandonar a banda que precisava de mim. Ela compreendeu. Harriet sempre me apoiava.

- Se você mudar de ideia... - Ela usava um batom vermelho e isso me dava vontade de beijá-la.

- Eu te ligo. - Levei a mão em seu rosto, acariciei sua bochecha e percebi sua surpresa. Ela levou a mão até meu cabelo o bagunçando. - Ah, Merida. - Ela revirou os olhos.

- Eu gosto do seu cabelo. - Ela sussurrou. Meus olhos se conectaram com os seus.

- E eu gosto do seu. - Sorri e descí minha mão para brincar com uma mecha. Eu realmente gostava de tudo nela.

- Mentiroso. - Ela suspirou. - Você gosta de cabelos loiros e lambidos.

- Eu acho que isso está mudando em mim. - Conteí propositalmente. Ela precisava começar a notar meu interesse.

- Ah, eu quero saber o que o está mudando, hein... - O trem estava chegando. - Quando eu voltar, vai me contar tudo sobre essa nova mulher que você está interessado.

- Não quis dizer isso. Não tem nenhuma mulher. - Eu precisei corrigir. - Eu não estou interessado em ninguém, mas não tenho mais preferência por cor de cabelo, se é liso ou enrolado. Eu só quis dizer que gosto do seu cabelo.

- Conta outra, você vive reclamando do meu cabelo. Por que mudou de ideia? - Ela deu de ombros depois de pensar um momento. - Tudo bem, o importante é que eu gosto dele. - Concordei com ela. Eu nunca admitiria que gostava de seu cabelo desde o princípio. - Que pena você me dizer isso agora, pois vou cortá-lo.

- O quê? - Eu olhei todo o seu cabelo, de cima a baixo e de baixo para cima. Ela riu. - Ah, não faz isso, Merida.

- Como você é bobo, Alec. - Harriet se afastou. - Eu vou cortar só um pouquinho. - Ela juntou os dedos: indicador e polegar.

- Eu vou com você ao cabeleireiro. - Anunciei. Harriet arqueou a sobrancelha desconfiada. - O que foi?

- Você está diferente. - Ouvimos o anúncio do embarque. - O que está acontecendo?

- Um dia você vai saber. - Olhei atrás dela, algumas pessoas já embarcavam. - Já está na hora de ir. - Apontei para o trem.

- Está bem, qualquer coisa me liga. - Ela jogou um beijo para mim e pegou a bolsa, se virando logo em seguida.

- Boa viagem. - Eu sussurrei mais para mim do que para ela. – Cuidado com os estranhos.

- E você, use camisinha. – Senti meu rosto ficar quente e ela riu.

- Faz tempo que eu não... – Eu fui até ela. Precisava esclarecer aquilo. Não queria que ela pensasse que eu estava naquela vida ainda. – Eu não saio com ninguém faz algum tempo.

- Isso não quer dizer que não vai sair hoje. Continue se protegendo. – Ela tocou meu queixo. Parecia não se incomodar com a ideia de eu transar com outras garotas. Olhei seu rosto atentamente. Ela não me olhava diretamente nos olhos e parecia esconder algo de mim. Foi a primeira vez que notei que ela ficava desconfortável quando falávamos sobre outra mulher. Harriet desviava os olhos dos meus e tentava demonstrar que não se incomodava. Ela se importava comigo, mas aquilo era muito mais do que amizade. Sorri para ela e toquei em seu queixo suavemente.

- Eu não quero dormir com outra mulher. – Sussurrei.

- É? – Ela abaixou a cabeça. Novamente anunciaram que o trem partiria em alguns minutos. Ainda tinha tempo.

- É. – Eu aproximei o rosto do dela e rocei suavemente a boca na sua de propósito.

Eu achei que fosse ter um ataque cardíaco, pois meu coração estava incontrolável.

- Não tem mais nenhuma mulher na minha vida. – Deslizei a língua por sobre seus lábios. Sua mão segurou fortemente minha camisa. – Só existe uma ruiva que não me sai da cabeça. – Ela riu baixinho contra a minha boca.

- Preciso ir. – Ela me olhou tristemente.

- Não precisa. – Eu toquei em sua cintura, fazendo-a tocar o corpo no meu.

- Meus pais estão me esperando. – Ela afastou o rosto do meu e apoiou os braços sobre o meu peito.

- Que pena. – Dei um selinho nela.

- Você poderia ir. – Ela piscou.

- A apresentação... – Harriet encolheu os ombros ao me ouvir.

- Sem problema. – Ela tentou se afastar de mim, mas eu não deixei. – Eu preciso ir.

- Ainda temos um minuto. – Levei uma mão até sua nuca e enrosquei meu dedo em seu cabelo. Harriet fechou os olhos.

Do mesmo jeito que tinha feito antes, ela ofereceu os lábios para mim. E, naquele momento, eu não pensava em outra coisa que não fosse beijá-la.

Foi um beijo tranquilo. O nosso primeiro beijo. Eu não ouvia mais nada ao nosso redor, perdi a noção de tempo e espaço. A boca dela estava quente, receptiva, macia e muito úmida. Sua língua enroscava com a minha. Eu fiquei sem fôlego, pois além de beijá-la profunda e ferozmente, meu coração estava me fazendo perder o pouco de ar que me restava para respirar. Foi ela que me afastou.

- Nos vemos depois. – Ela me deu um beijo suave e se virou.

Eu fiquei a olhando desaparecer dentro do trem, antes de ir embora. Fiquei deslumbrado com o beijo, me sentia outra pessoa. Harriet sentia o mesmo por mim. E eu não via a hora de encontrá-la de novo. Como já era noite, tinha mesmo uma apresentação para fazer. Fui para o local, em direção o camarim improvisado, ao entrar, me deparei com Josh, o baterista, que estava deitado no sofá.

- Cadê o pessoal? - Eu peguei a garrafa dele de cerveja que estava sobre a mesa ao lado e me sentei no outro sofá. Apoiei os pés sobre a mesa, relaxando. Eu estava me sentindo extasiado ainda.

- Bebendo lá fora. - Ele se sentou. - Eu não acredito que você não foi viajar com aquela sua amiga gostosa.

- Tenho compromisso com a banda. - Josh riu sarcástico. - Do que você está rindo?

- Você que inventou esse show. Não precisávamos dele e nem tínhamos nada marcado. - Ele se levantou e pegou as baquetas, girando-as no ar. - Agora que estou solteiro, se você não quiser comer a sua amiga, pode passar ela para mim que estou aceitando aquela peituda. - Me levantei com os punhos fechados.

- Não fale assim da Merida, Josh. - Ele riu novamente e deu de ombros. - Eu esfolo sua cara se repetir uma coisa dessas ou se tocar um dedo nela, me ouviu?

- Se não for você ou eu, vai ser outro, Alec. - Josh tirou a cerveja da minha mão. - Está na hora de decidir o que quer, meu amigo.

Esfreguei o rosto quando ele saiu, pois o momento de êxtase passou com o comentário daquele idiota. Josh já tinha comentado comigo sobre Harriet antes, mas eu nunca dei importância, sempre fiz questão de ignorar seus comentários patéticos e estúpidos. Eu não sei por qual motivo dei importância naquele dia. Devia estar sobre o efeito dela ainda. A única coisa que eu desejava, era que o fim de semana passasse logo para que ela voltasse para casa. Talvez se bebesse me ajudaria a amenizar a minha ansiedade e expectativa para o que iria acontecer quando ela voltasse.

É claro que meu plano não deu muito certo. Eu bebi muito como tinha planejado, mas nem tudo saiu de acordo com o planejado. A bebedeira me deixou confuso e todas as mulheres que se aproximavam de mim, eu enxergava Harriet. Eu não sei exatamente o que aconteceu, tudo me parecia um borrão, mas eu sei que alguma coisa aconteceu naquela noite, pois senti culpa no dia seguinte, mesmo sem me lembrar.

Estava me sentindo obcecado por Harriet, já tinha dado um passo e ela me mostrou que queria aquilo tanto quanto eu. Eu precisava dar mais um passo, pois ficaria maluco a qualquer momento se não fizesse alguma coisa. Eu não podia esperar mais do que já tinha esperado. Eu já tinha a resposta que queria dela. Harriet me beijou também e isso demonstrava que ela também sentia algo por mim.

Quando ela voltou, eu não estava em casa, no domingo à noite, havia surgido um show fora da cidade para fazer, mas decidi mandar um e-mail chamado: Encontro a dois. E a convidei para sair comigo no próximo sábado. Sua resposta demorou, mas chegou na segunda-feira à noite. E então achei melhor não encontrá-la durante a semana. Iríamos ter

um encontro, afinal.

Não levantei cedo para vê-la sair para o trabalho durante aquela semana. Achei que era o certo a ser feito. Na sexta, mandei um e-mail para recordá-la e avisá-la que nos encontraríamos no restaurante. Deixei o endereço e o horário combinado. E ela apenas concordou. Eu sei que devia levá-la ao lugar, mas morando com ela, tornava tudo muito estranho e complicado.

Será que Harriet sentia o mesmo que eu em expectativa? Será que pensava no nosso beijo? Será que ela queria mesmo me dar aquele beijo ou eu imaginei algo onde não existia? Muitas perguntas e não sabia as respostas, mas tinha certeza que conseguiria as respostas, mesmo que tivesse que seduzi-la para conseguir o que queria.

Optei por passar o dia todo de sábado com a minha mãe. Contei a ela o que iria fazer naquela noite e depois que tivemos a primeira conversa sobre a Harriet, me senti mais a vontade para falar com ela sobre qualquer assunto. Se tornou mais fácil do que imaginava. Minha mãe não me cobrava apenas me escutava e dava sua opinião quando solicitava.

Almocei com a minha mãe e percebi o quanto estava ausente na sua vida. Eu não tinha notado, até aquele momento, o quanto sentia sua falta e, tinha certeza, ela devia sentir a minha, mas nunca falava, pois sempre fez tudo para me fazer feliz. Passamos a tarde assistindo a filmes e comendo pipoca. Eu selecionei seu gênero preferido de filmes para ela e ficava a olhando, admirando-a. Percebi o quanto ela estava cansada.

- Já pensou em parar de trabalhar, mãe? - Indaguei quando terminamos o segundo filme.

- Nem morta. - Ela me pareceu surpresa com aquela pergunta. - Eu preciso ocupar o meu tempo.

- E já pensou em arranjar um namorado? - Ela estava bebendo o refrigerante e quase engasgou.

- Isso está fora de cogitação. - Ela desviou os olhos.

- É só uma sugestão, mãe. - Falei sorrindo, mas um pouco aliviado, não conseguia imaginar a minha mãe com um namorado.

- Me divirto de vez em quando. - Minha mãe levou o copo até a mesa de centro. - Vou ao cinema com algumas amigas e faço compras, isso é uma terapia para mim.

- Eu só me preocupo por achar que você está trabalhando demais. - Eu acariciei seu rosto e me levantei, encerrando a conversa. - Eu vou tomar banho e me arrumar tenho um encontro daqui a pouco. - Estava muito ansioso.

- E eu vou sair com as minhas amigas hoje. - A olhei desconfiado. - Vou gastar um pouco, está bem? - Ela se explicou.

- Ótimo. Qualquer coisa, estarei com o celular ligado. - Ela pegou os copos e a tigela que estavam na mesa, indo até a cozinha.

- Está certo. Se precisar de algo, eu te ligo. - Ela gritou. - Mas não vou precisar, como sempre.

Não foi bem como eu tinha imaginado, é claro. Eu cheguei ao restaurante Chez Leon

no horário marcado. Era um restaurante muito requisitado da Rua dês Boucherse^[6] e mesmo morando em Bruxelas em toda a minha vida, eu nunca tinha conhecido aquele restaurante. Outro fator importante do restaurante - o lugar era muito romântico, com dois andares e bastante movimentado. Eu fui à mesa que estava reservada em meu nome e me sentei.

Pedi para que preparassem um champanhe e duas taças. Quando o garçom se afastou a avistei entrar. Ela vestia um vestido preto de mangas compridas e com rendas nos braços, um pouco curto na minha opinião, pois eu tinha certeza que chamava a atenção. Seu cabelo estava arrumado e tive vontade de tocá-lo, de emaranhar meus dedos nele e puxar sua cabeça para trás para beijá-la de novo. Estava sentindo muito sua falta. Beijá-la me instigou a querer mais e mais estar com ela. Eu imaginava tudo aquilo enquanto Harriet se aproximava. Ela usava sapatos de salto e caminhava confiante e elegantemente. Enquanto ela se aproximava, tocava *It's Time* do Imagine Dragon de fundo e me imaginei tocando aquela música para Harriet. Sorri para ela, que parou na frente da minha mesa.

- Que lugar incrível. - Me levantei e aproximei, pegando-a desprevenida. A beijei suavemente. Ela tocou meu rosto e afastou a boca da minha.

- Você está deslumbrante. - Toquei em seu braço e apontei a cadeira a minha frente. Puxei-a e ela se sentou, sorrindo, mas notei uma tonalidade diferente nos seus olhos.

- Champanhe. - Ela apontou para o balde de gelo com a garrafa dentro. - Estamos comemorando?

- Sim. - Olhei bem para seus olhos. Eu tinha muitos motivos para comemorar, mas o mais importante, eu não iria dizer: Finalmente estamos tendo um encontro. - A nós. A todos esses anos que passamos juntos. - Eu peguei a garrafa e a abri.

- O que está acontecendo com você? - Parei o movimento do braço a caminho de sua taça e a encarei.

- Como assim? - Ela tinha que estragar meu monólogo. Sinceramente, comecei a rir e ela me acompanhou.

- Você está muito diferente. - Ela pegou a taça e a ergueu para mim. A servi, mas não prestava atenção no que fazia. Meus olhos estavam conectados com os seus e o corpo todo vibrava de expectativa.

- Nós precisamos sair juntos mais vezes, Harriet. - Eu não deveria falar aquilo. Queria falar outra coisa e ela arqueou a sobrancelha, entendendo o que não devia.

- Você não me disse uma vez que te fazia passar vergonha? - O garçom se aproximou trazendo o cardápio.

- Isso não é verdade. - Umedeci os lábios antes de continuar. - Eu gosto, para falar a verdade.

- Hum. - Ela bebeu um gole de champanhe e depositou a taça sobre a mesa, olhando para o cardápio. Ela alisava a língua pelo lábio inferior até o superior diversas vezes. Finalmente, a compreendia. Harriet estava nervosa, por isso estava agindo daquele jeito. - Podemos sair quando quiser, menos...

- Durante a semana. Eu sei. - A interrompi. - Você devia vir me ver tocar mais vezes. Temos um repertório novo.

- É claro que eu vou. - Ela me entregou o cardápio e olhou para o garçom. – Eu quero um carbonnades flamandes^[7].

- Não tivemos tempo de conversar sobre o que aconteceu antes de você viajar, Harriet. - Eu olhei rapidamente as opções no cardápio, mas não tinha nada que me interessava olhar além dela. – Nós precisamos conversar.

- Não temos o que conversar. Aconteceu. – Os seus lábios tremeram.

- Estamos em um encontro, Harriet. – Ela mordeu o lábio inferior um momento. – Você não entende o que isso significa para mim?

- Eu entendo Alecsander. – Ela bebeu um pouco do seu champanhe. – Eu só não gosto de falar sobre isso, assim.

- Eu quero saber o que vamos fazer agora. – Ela me encarou.

- É assim que você costuma agir em um encontro? – Harriet suspirou.

- Assim como? – As coisas não estavam acontecendo do jeito que eu gostaria.

- Tentando falar sobre um beijo que aconteceu. Me parece que você quer se explicar. – Ela abaixou a cabeça um momento e, em seguida, voltou a erguê-la. – Isso não parece um encontro. Você está arrependido? – Eu percebi seu olhar se transformar. Ela ficou triste e gesticulei negativamente.

- Não é isso. – Esfreguei o rosto. Como as mulheres poderiam pensar tão diferente de nós? Me perguntei. – Como foi a sua viagem? – Achei melhor mudar de assunto, pois eu realmente não havia planejado o que falar a ela durante o encontro. Harriet abriu e fechou a boca.

- A viagem foi ótima. – Ela começou a mexer com a toalha da mesa. – E as apresentações do fim de semana, como foram?

- Faltou você. – Ao me ouvir, ela sorriu.

Eu realmente não sabia o que estava fazendo até aquele momento, quando percebi que o encontro significava de fato. Não precisávamos falar sobre o que aconteceu. Na verdade, o beijo foi o começo.

- Eu escrevi uma música nova. – Ela sorriu mais ainda. – A letra fala sobre uma garota ruiva que bagunçou a minha vida.

Ao me ouvir, ela gargalhou. Era muito bom ouvi-la rir.

- E vai usar meus apelidos na letra da música? - Ela indagou sorrindo e mordeu o lábio inferior para segurar o riso, mas acabei sorrindo.

- Achei que não gostava deles, Rapunzel. - Ela gargalhou e inclinou a cabeça para trás. Seu riso me contagiou e a acompanhei. Ela usava um colar de ouro que se destacava na pele branca. Queria tanto sentir seu perfume.

Conversamos um pouco sobre sua viagem para Dublin e as novas obrigações dela no

trabalho até os pratos chegarem. Com Harriet era sempre bom conversar. O assunto fluía naturalmente e sempre acabávamos rindo juntos. Eu me perguntava enquanto a olhava, porque nunca tinha notado antes a química que havia entre nós. Pedi uma garrafa de vinho para acompanhar a refeição, brindamos novamente e conversamos nos recordando de alguma coisa do passado.

Estava tudo caminhando muito bem, mas meu celular começou a tocar para meu desespero, mas tentei ignorar já que não estava esperando ligação de alguém e não queria desperdiçar aquele momento, no entanto as chamadas se tornaram insistentes que eu não tive outra escolha senão atender. Tirei o aparelho do bolso, olhei o visor e não reconheci o número. Quase ignorei a ligação, mas uma voz em meu ouvido disse-me que era importante, por isso tanta insistência.

- Hum. – Harriet me observou atentamente e a mostrei que era um número desconhecido. Ela enrugou a testa, estranhando.

- Alô? - Eu disse.

- Senhor Alecsander Bevilacqua? - Uma voz feminina, esganiçada e assustada se anunciou do outro lado.

- Sim. - Eu olhei para a mão de Harriet, seus dedos brincavam com a borda da taça. – Com quem eu falo?

- É a sua mãe. Ela passou muito mal e está no hospital. – A mulher ignorou minha pergunta e foi direto ao assunto. Eu ergui os olhos para os de Harriet.

- Onde ela está? - Minha voz soou firme. Ouvi o endereço. - Chego em 15 minutos.

E realmente chegamos ao hospital em 15 minutos. Dirigi enlouquecidamente até chegar, enquanto Harriet tentava me acalmar, mas eu não conseguia controlar o nervosismo.

Minha mãe estava terrivelmente doente e não disse nada para mim. E, além de isso me apavorar muito, ela ficou internada por muitos dias. Eu só pensava em cuidar dela, em estar ao seu lado. Nunca tinha passado por aquilo, vê-la tão fraca, abatida e pálida me assustava, mas o que me apavorava mais era ver os dias passarem e sua saúde não melhorar nenhum pouco. Harriet não saiu do meu lado em nenhum momento. Ficávamos juntos o tempo todo, mas eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse minha mãe.

HARRIET

DEPOIS DO BEIJO ALGO TINHA MUDADO NELE, ou melhor, conosco. Me pegava tendo expectativa de encontrá-lo, mas não sabia como fazer isso, já que nossa vida caminhava sempre ao contrário, entretanto a nossa amizade continuava, ainda mais num momento como aquele. Não importava a distância que estivesse entre nós, sempre manteríamos a amizade. É algo que não poderíamos mais controlar, mesmo se quiséssemos.

Uma vez, li num livro pelo qual não lembro o nome agora, mas dizia que poderia passar dias ou anos sem nos encontrarmos, se a amizade fosse verdadeira, quando nos encontrarmos iria continuar intacta como devia estar, como aconteceu, quando nos afastamos uma vez e comprovamos isso. Eu não queria só ser sua amiga, entretanto ele precisava da Harriet amiga naquele momento. Tudo estava indo bem. Tivemos um encontro. O que aconteceria naquele dia depois do jantar? Eu não sei, realmente, mas não me importava muito com aquilo. Minha mente e coração estavam somente com Lili.

Eu nunca vi Alec tão abalado e preocupado. É claro, sua vida mudou da noite para o dia. Ele não conseguia fazer nada, além de acompanhar sua mãe no hospital. Tia Lili não estava mais vigorosa. Estava pálida, cansada e cada dia mais magra. Exames atrás de exames para verificar o estado de sua saúde. Eu não suportava vê-la sofrendo daquele jeito. A acompanhei de perto nas duas semanas que se seguiram com ela internada no hospital. Sua magreza era evidente, mas aos poucos ela começou a recuperar o vigor.

Todos aqueles dias se arrastaram. Havia feito um acordo no trabalho de ficar durante a tarde no hospital e pude trabalhar de lá mesmo. Contanto que Alec pudesse seguir um pouco com a vida. Eu o obriguei a trabalhar, mas nem sonhava com a banda. Ele não tinha estômago para nada mais do que podia suportar. Alec não conseguia ficar muito tempo longe de tia Lili, com razão, não é? Ela era sua única família. Eles não tinham mais ninguém. Não suportaria perdê-la.

A única coisa que pude fazer, eu fiz, que foi ficar do lado deles. Meus pais e meus avós vieram visitá-la algumas vezes. Eles não sabiam, mas estava muito grata pelo conforto que estavam dando a Alec e sua mãe naquele momento. Meus pais pagaram todas as despesas do hospital e tudo o que fosse necessário. O tio de Alec que, na verdade, era o dono da loja a qual ele trabalhava, não veio visitar uma única vez a mãe dele.

Eu nunca soube o que havia acontecido entre a mãe e o pai de Alec para a família deles não serem tão presentes na vida dele. Eu sabia que Alec gostaria de ter seus avós por perto, mas nunca falava sobre isso. E tinha ciência de que Alec jamais me contaria. Se é que ele sabia o que tinha acontecido. E mesmo assim, sabendo que havia alguma coisa errada com a família do pai dele, eu não achava certo que Alec passasse por isto sozinho. Eu tinha que estar com ele. Quando via tia Lili passar mal, eu ficava furiosa ao constatar que dia após dia ela não receberia visita de nenhum Bevilacqua. Poxa vida, ela era a mãe de Alec e foi esposa de um Bevilacqua. Ela fazia parte da família, querendo eles ou não.

Entretanto, tinha certeza de uma coisa. Eles podiam não ter família de sangue, mas tinha a minha família e eu esperava que aquilo fosse o suficiente ou, de alguma forma,

suprisse a necessidade de uma família de verdade. Quando finalmente tia Lili pode ir para casa, Alec e eu imediatamente a levamos para a *nossa* casa.

Lá era grande e nós dois poderíamos cuidar dela. Meus pais, mais uma vez, me mostraram como é bom ter uma família e poder fazer parte dela, contrataram uma enfermeira para tomar conta de Lili, assim, não nos atrapalharia. Eu não estava preocupada se ficar com a tia Lili fosse me atrapalhar, mas ter uma profissional, que sabia tudo o que precisava ser feito numa emergência era o suficiente para ficar mais tranquila, afinal, eu não aguento ver sangue e muito menos cuidar de alguém numa emergência. Eu tenho um reflexo muito estranho. Se vejo sangue, desmaio e se vejo alguém vomitando, vomito também. Eu tento ser forte, mas não sou, nenhum pouco.

Era final de semana, tinha o dia todo para ficar em casa hibernando. Estava sentada no sofá, ao lado de tia Lili que ajeitava-se na cadeira de rodas. Assistíamos a uma série muito famosa, mas muito violenta. Quando apareceu uma cena de morte, eu tampei os olhos. Ouvi tia Lili rir do meu lado e a encarei.

- Do que está rindo tia? – Ela arqueou a sobrancelha.

- De você. – Ela segurou minha mão. – Ainda com medo de sangue?

- Muito. – Eu torci o nariz e apertei sua mão. Estava quente. Gostava de sentir que ela estava viva.

- Você não precisa ficar aqui comigo, Harriet. – Ela afastou a mão.

- Existe uma diferença entre precisar e querer. – Eu voltei a olhar para a TV. – Eu quero ficar aqui.

- Não tem outro jeito de te persuadir, não é? – Ela respirou profundamente.

- Não, não tem mesmo. – Me levantei. – Vou fazer uma pipoca e depois escolheremos outra série para ver, só vejo morte nessa aí.

- Está bem. – Ela juntou as duas mãos e continuou olhando para a TV.

- Volto já. – Eu fui até a cozinha e quando me aproximei, meu celular tocou. Olhei o visor. Era uma mensagem de Alec. A abri para ler e respondi o que ele perguntava. Era sempre assim, quando estava fora de casa, me mandava mensagem de hora em hora. Ele estava muito abatido e preocupado com a mãe. Como eu já disse, nunca o vi tão abalado como nesses dias.

Após assistirmos um pouco de TV, tia Lili foi para o quarto com a enfermeira e fiquei na sala, zapeando os canais, mas nada me agradava até voltar para o canal de séries americanas. Eu não o ouvi entrar em casa, só quando se sentou ao meu lado e segurou minha mão. Olhei para ele e o abracei em seguida.

- Obrigado. – Ele sussurrou em meu ouvido. Senti um arrepio.

- Você sabe que não precisa me agradecer. – Ele se afastou e tocou em meu queixo acariciando.

- Eu sou grato mesmo assim. – Ele entrelaçou os meus dedos, olhei um momento para eles, mas subi os olhos para seu rosto. As olheiras estavam fundas e escuras. Ele estava tão cansado. – Eu não percebi isso antes, mas naquele dia que trombei em você pela

primeira vez, aquilo aconteceu para mudar minha vida. E eu sou muito grato por aquela trombada Harriet. – Alec sussurrou. Eu senti meus olhos umedecerem.

- Às vezes acho que aquilo foi um infortúnio. – Ele sorriu ao ouvir meu comentário.

- Eu também. – Ele ficou me olhando. Sabe aquele olhar de quem deseja uma mulher? Alec me olhava dessa forma! E eu queria beijá-lo, mas não era o momento certo para isso. A mãe dele estava em nossa casa e precisava descansar. Olhando-o nos olhos, senti meu coração se apertar. Alec nunca se interessou por ruivas e baixinhas. Desviei o olhar. Ele não podia estar interessado por mim. Eu não fazia seu tipo. – Já viu a sua mãe?

- Sim. – Ele tocou em meu queixo me fazendo olhar para ele novamente. – Por que você virou o rosto?

- Porque eu estou assistindo. – Umedeci os lábios. Seus olhos desceram rapidamente para minha boca.

- Eu vi você mudando os canais quando cheguei. Não estava assistindo nada. – Maldita hora para ele reparar em alguma coisa. – Por que desviou os olhos de mim?

- E por que você está fazendo esse tipo de pergunta? – Eu rosnei e senti minhas bochechas esquentarem.

- Por quê? Bom... – Foi a vez de ele desviar os olhos. – Não é assim que eu quero conversar com você, não nessas circunstâncias. – Ele voltou a me olhar.

- Do que você está falando, Alec? – Eu tinha uma sobrancelha arqueada e o olhava com desconfiança.

- Você acha que minha mãe vai ficar bem? – Ele mudou rapidamente de assunto e eu deixei isso acontecer, é claro. Olhei-o de cima a baixo. Seus cabelos estavam caídos, como sempre, sobre seus olhos.

- Eu acredito que sim. – Eu sorri. – Ela vai ficar bem, Alec, precisa ter fé e acreditar.

- Eu tenho medo do que pode acontecer. – Ele pegou uma mecha de meu cabelo.

- Não vamos remoer isso, Alec. É melhor aguardar e ela aparentemente está ficando melhor a cada dia, não o contrário. – Eu acariciei seu ombro.

- É, eu sei, mas tem alguma coisa aqui. – Ele apontou para o coração. – Que não para de remoer dentro de mim.

- Foi o susto. – Eu segurei sua mão novamente. – Essa semana ela vai retornar ao médico, não pode ficar pensando o pior até ter uma resposta que está tudo bem, isso só atrai coisas negativas.

- Você acredita nisso mesmo? – Ele sorriu. Eu assenti e sorri de volta. – Ah, Harriet, você não existe. – De repente, ele me abraçou com força.

Muitos toques ali, outros aqui. Acontece que, quando ele não me tocava, eu tinha que tocá-lo. Era uma necessidade sem controle. Eu não queria ficar pensando nele desde o dia do meu baile de formatura, mas se tornou inevitável quando ele me beijou na estação e ali, com o problema que estávamos lidando, eu pensava no que podia ter acontecido naquela noite. Ou no jantar antes de descobrirmos sobre o estado de saúde de tia Lili.

Havia muitos momentos para conjecturar e nenhum eu sabia a resposta, mas queria saber por que eu estava sentindo tantas coisas ao mesmo tempo, mesmo sabendo que esse tipo de sentimento não poderia acontecer com a gente. Éramos amigos e não queria acabar com o que tínhamos. Era tão bonito e sincero, tudo podia desabar se algo desse errado, mas queria e precisava saber, não conseguiria conviver com aquela dúvida por muito mais tempo.

Eu o afastei para olhá-lo nos olhos, percebi mudanças acontecerem em seu rosto. Alec estava com dúvidas e me parecia ter medo. Isso me encorajou, pois ele também queria aquilo tanto quanto eu naquele momento. Fechei os olhos e inclinei a cabeça, oferecendo meus lábios.

Até que senti sua boca se apossar da minha. Meu corpo todo vibrou com o contato suave de seus lábios sobre os meus, levei uma de minhas mãos até seu pescoço para acariciar sua nuca e Alec levou as suas até minha cintura, me puxando para mais perto dele. O abracei o pescoço e ele continuou me puxando, fazendo-me sentar em seu colo.

Aquilo era muito bom. Me sentia flutuar. Borboletas libertaram em meu estômago e um frio ingressou ferozmente por minha coluna, mas, ao mesmo tempo, sentia um calor se acender onde suas mãos tocavam em mim. Ele me apertou mais contra seu corpo e me fez deitar no sofá, ficando com o corpo sobre o meu.

Sua boca não desgrudava da minha e a língua penetrava ferozmente como se sua vida dependesse disso. Suas mãos começaram a deslizar por minhas pernas que estavam descobertas e enquanto o sentia me tocar, percebia o quanto ele me desejava e parecia fazer muito tempo que Alec desejava isso.

Ele afastou o rosto do meu, me encarando. Alec arfava, seus olhos caíram para o decote do meu pijama, o segui e percebi o que estava atraindo-o. O subir e descer da minha respiração. Ah, qual é, eu estava quase sem ar por causa desse beijo enlouquecedor e intenso.

Percebi seus olhos escurecerem ao voltar a olhar para mim. Tudo o que eu queria era poder continuar aquele momento. Ele voltou a aproximar o rosto do meu e eu senti que o ar estava me faltando novamente. Queria tanto, mas tanto aquele beijo. Tinha plena certeza que seria maravilhoso.

- Harriet. – Senti alguém tocar em meu ombro me chacoalhando. – Acorda, Harriet. – Abri os olhos e Alec estava agachado na minha frente.

- Alec? – Eu indaguei um pouco perdida. Olhei para os lados e vi onde eu estava. No sofá e dormindo. Olhei a TV que estava ligada.

- Você vai ficar com torcicolo. – Ele anunciou antes de se levantar e erguer a mão para mim. – Vem, eu te levo até o quarto.

- Que horas são? – Eu segurei em sua mão e senti meu corpo todo vibrar. O abracei a cintura enquanto ele me guiava até a escada.

- Uma da manhã. – Senti perfume feminino emanando dele e isso afundou meu coração que batia descompassado até aquele momento e por sua causa.

Se antes havia pensado que tínhamos uma chance depois daquele encontro, estava

enganada. Fiquei olhando-o e sentindo que meu coração se afundava cada vez mais. Meus olhos umedeceram. Beijá-lo foi um erro, não deveria ter permitido que aquilo acontecesse. Nunca mais as coisas seriam iguais entre a gente, pois eu não poderia amá-lo como homem e ser sua amiga ao mesmo tempo.

Ele havia voltado a fazer seus shows naquela semana. É claro que Alec não ficaria sozinho no fim da noite, ele nunca ficava. Suspirei enquanto ele me guiava lentamente, olhei-o de esguelha, sentindo-me desapontada. Alec nunca se sentiria atraído por mim. O beijo na estação foi um equívoco. Paramos na frente do meu quarto e fiquei de frente para ele. Alec me olhou desconfiado.

- O que você quer falar comigo, Rapunzel? – Ele indagou sorrindo, mas eu não achava graça nenhuma naquele momento.

- Nem com a sua mãe doente você consegue ficar afastado das mulheres, Alec? – Eu respirei fundo após desabafar. – Ah, quer saber, não é da minha conta. – Abri a porta rapidamente e entrei no quarto. Deixei-o plantado, é claro e de boca aberta.

É óbvio que não queria vê-lo tão cedo. Estava envergonhada por causa do meu surto de ciúmes e nunca mais deixaria aquele tipo de sentimento me enlouquecer daquele jeito. Eu jamais fui assim em toda a minha vida e não começaria a ser por causa de Alec. Precisava de muito trabalho para me esquecer de tudo aquilo, era a única coisa que me abduzia para outro mundo.

Consegui deixar de lado meu sentimento, pois me repetia que era absurdo tudo aquilo acontecer. Antes de sabermos sobre o estado de tia Lilia, após o retorno com o médico, eu conversei com a tia Lili para saber se poderia voltar ao trabalho normalmente ou se a enfermeira podia ficar com ela. É claro que Lili aceitou, mas Alec não. Ele ficou bem chateado comigo, tanto que resolveu tirar férias quando eu tomei a decisão de voltar a trabalhar na empresa. Ele nunca me entenderia e esperava que fosse por essa razão de ele estar tão chateado comigo e não pela minha atitude ciumenta naquela noite.

Um dia antes da consulta que levaríamos tia Lili para saber se ela poderia ter uma vida normal ou teria que continuar algum tratamento, eu estava arrumando a cozinha. Pensava no trabalho que precisava entregar no dia seguinte. Alec apareceu e ficou me olhando enquanto eu terminava de limpar o fogão.

- Poderíamos contratar alguém para fazer o serviço todos os dias e não esporadicamente. – Ri ao ouvi-lo.

- Também acho. – Olhei para ele, fechando o forno. – Você não saberia lidar com isso.

- Não mesmo! – Ele riu. Pegou um copo e o encheu de água. – Estive pensando. Faz muito tempo que não saímos juntos.

- Talvez por que somos adultos agora e temos obrigações muito importantes que pessoas normais chamam de trabalho. – Retirei o avental, o dobrei e o guardei na gaveta ao lado dele.

- Não saímos nunca juntos, Harriet. Podemos dar uma volta pela cidade, beber uma cerveja com *mojito* e comer *nachos*. – Eu sabia exatamente onde ele queria me levar. O

olhei com o canto dos olhos. – Quanto tempo faz que não bebe uma cerveja com *mojito*?

- A última vez foi com Julian. – Suspirei e ergui os olhos para ele. – Quando você quer ir?

- Agora. – Ele cruzou os braços, sorrindo. Olhei para o relógio do micro-ondas e percebi que não era tarde.

- Eu me arrumo em 10 minutos. – Me afastei e caminhei em direção a escada.

- Está muito frio, se agasalhe bem. – Ele estava bem atrás de mim. Acelerei o passo e entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim.

Eu sei que tomei a decisão de não me importar com o que estava sentindo, mas meu coração parecia não me ouvir. Me vesti rapidamente. Não queria impressionar ninguém, nem Alec. Depois de sentir o perfume de outra mulher emanando do corpo dele, me decepcionei. Não tinha mais razão para me vestir para impressioná-lo, me decepcionei e ele parecia não se importar com o beijo que demos, pois se realmente se importasse, não se aproximaria de outra mulher, ainda mais num momento como o que estava passando.

Vesti uma calça escura e sobretudo preto. Calcei botas e luvas. No cabelo, optei por uma touca para me aquecer por completo. Quando desci, Alec ainda estava se arrumando. Fui até a cozinha beber água e aguardá-lo. Quando ele apareceu, eu não consegui controlar as batidas fortes do meu coração que parecia perfurar meu peito e saltaria para fora a qualquer momento.

Eu nunca disse o quanto gostava do jeito que ele se vestia. O cabelo um pouco comprido e o ondulado fazia-o se parecer com John Meyer, só que bem mais bonito do que o próprio cantor, mas Alec era tão mulherengo quanto ele. Ele calçava coturno e estava com uma calça preta um pouco apertada. Quando levantou o braço direito para vestir o sobretudo que, praticamente, o cobria por inteiro, pude vislumbrar uma de suas tatuagens. Estreitei os olhos ao notar algo familiar escrito. Ele havia marcado meu nome em sua pele e tinha certeza que ele não tinha aquela tatuagem antes. Quantas vezes o vi vestindo aquela camiseta? Inúmeras. Pensei. Mordi o lábio inferior. Ele havia se tatuado recentemente.

- Vamos? – Eu não consegui responde-lo de imediato, pois estava completamente sem fala. Queria ver mais o que ele tinha tatuado. Apenas assenti e avisamos Lili que iríamos sair e fomos até a praça Saint Gery. Eu sabia que ele iria me levar lá.

- Desde quando você tem uma tatuagem com o meu nome? – Perguntei assim que me sentei na mesa do Mappa Mundo.

- Do que você está falando? – Ele sorriu parecendo estar desconfortável com a minha pergunta.

- Eu vi a tatuagem quando você estava vestindo o sobretudo. – Levei a mão até o braço direito dele e o acariciei.

- Não tenho nenhuma tatuagem com seu nome, Harriet. – Ele chamou o garçom que veio nos atender. – Isso está lotado hoje.

- E nem é alta temporada ainda. – Suspirei.

- Quando for alta temporada, podíamos patinar no gelo. – Ele fechou o cardápio e entregou ao garçom. Pedindo para mim e para ele.

- Se tiver tempo. Vou adorar, nunca patinei no gelo. – Umedeci meus lábios.

- Sou um amigo desnaturado. – Ele sorriu de fechar os olhos. – Assim que inaugurar a pista, vou te trazer.

- Duvido muito. – Apoiei os braços sobre a mesa e inclinei a cabeça o desafiando. – Você é o amigo mais desnaturado que existe Alec.

- Eu não vou ser mais desnaturado, prometo. – O garçom chegou com as cervejas. – Te alegrar virou minha missão de vida.

- Não me faça promessa que não possa cumprir, Alec. – Me servi e ergui o copo.

- As promessas. – Alec disse assim que ergueu o seu copo.

- A saúde de sua mãe. – Eu disse.

Foi uma noite agradável, embora esquisita. Tentamos fingir que nada tinha acontecido entre a gente e percebi o quanto ele estava desconcertado e eu, bem, isso estava acabando comigo e sentia que a nossa amizade estava a ponto de desabar. Qualquer erro que algum de nós cometesse poderia ser o fim de uma amizade de muitos anos. Eu não queria isso e, talvez, estivesse na hora de me relacionar com outra pessoa. Acho que se eu namorasse, Alec perceberia que não tinha razões para ele estar agindo daquela forma por causa de um beijo que havíamos dado. Foi um momento apenas, não foi?

XVI

HARRIET

OS ACOMPANHEI AO MÉDICO PARA RECEBER A notícia dos exames que Lili realizou após a consulta. Segurava a mão de Lili fortemente enquanto o diagnóstico para saber sua real situação era anunciado. Como ela teve uma parada cardíaca e por sorte foi socorrida rapidamente, por isso que ela não ficou com nenhuma sequela, mas estava bem finalmente. Poderia continuar a vida, mas precisaria continuar de repouso, cuidar da alimentação e fazer pouco esforço físico por enquanto.

Teria que ir a algumas consultas frequentes com o cardiologista para avaliar a situação, mas de certo modo, ela estava bem. Infelizmente, ela teria que ter companhia de uma enfermeira por bastante tempo e precisaria usar um desfibrilador para ajudar a levar seu coração ao ritmo normal caso algo distinto acontecesse. Após sairmos da sala, eu os deixei a sós me despedindo.

- Harriet. – Alec me chamou. Eu estava no corredor branco indo em direção à saída, de cabeça baixa. Eu me virei para ele quando me chamou.

- O que foi? – Eu ajeitei a bolsa no ombro.

- Eu pensei que, bem... – Ele levou as mãos nos bolsos. Eu descobri há muito que isso era um sinal de nervosismo de sua parte. – Eu pensei que minha mãe poderia ficar conosco.

- É claro, Alec. – Eu sorri. – A casa é sua, você faz o que quiser. – Me senti estúpida por responder daquela forma. Lili precisava dele mais do que eu da casa que, aliás, eu me apossei.

- Eu quero seu consentimento, você me ajuda com as despesas, a casa é sua também. – Ele inspirou fundo.

- É claro que ela pode ficar. – Eu cruzei os braços. – Eu não a deixaria morar sozinha nessas circunstâncias.

- Obrigado. – Ele deu um passo em minha direção e me abraçou. Foi bem desconcertante, pois Alec mal tocou nas minhas costas e se afastou.

- Eu preciso ir. – Eu anunciei um pouco cansada e me virei. – Te vejo em breve.

- Ah, Harriet. – Parei novamente e me virei. – Diga a seus pais que consegui um aumento e poderei pagar as despesas com a enfermeira. Não é necessário que eles paguem mais.

- Alec. – Eu levei uma mão até o cabelo e o joguei para trás. Olhei atrás dele. Lili e a enfermeira se aproximavam de nós caminhando alegremente. Fechei os olhos. Queria refutar aquele comentário, mas não devia. Se falasse qualquer coisa, poderia ferir seu orgulho e acabar de vez com a nossa amizade. – Eu falarei com eles.

- Obrigado de novo, Harriet. – Ele se virou e foi até onde Lili estava.

E então, eu fui. Se ele queria me magoar, acabou de conseguir isso. Entrei no carro e fiquei olhando para a rua. Estava movimentada de carros e pessoas. Ventava um pouco e o

vento zunia do lado de fora. Liguei o carro e saí dali às pressas. Ao invés de ir para o trabalho, fui para casa.

Ao entrar, olhei o lugar que eu ajudei organizar e decorar. Fui diretamente para a nossa biblioteca, ao entrar, olhei ao redor. Tanto Alec como eu, nos empenhamos em comprar livros mensalmente. Ele procurava livros raros de alguns autores dos quais ele gostava e eu, ganhei muitos nos últimos meses.

Fui até uma prateleira, a que Alec organizou e escolhi um livro de sua coleção de Stephen King. Me sentei no sofá e o abri para ler. Eu não tinha muito em mente ao começar a ler, simplesmente queria sumir daquele mundo e eu sabia que a única forma de isso acontecer, mesmo que por um curto espaço de tempo, era com um livro. E eu consegui. Fui completamente sugada para dentro da história, perdi a noção de tempo e espaço. Tanto que me assustei quando Alec entrou e tocou em meu ombro, me assustando. Eu ergui o rosto para ver quem era.

- Está tarde, Harriet. – Ele sentou ao meu lado do sofá, olhou para o livro que tinha na mão. Eu vi a forma que sua sobrancelha se arqueava lentamente. – O que te deu para ler esse livro?

- Eu não posso lê-lo? – Indaguei rispidamente.

- Pode ler o que quiser, mas você não gosta de Stephen King. – Eu torci o nariz. Nem eu sabia o que tinha me levado a escolher um livro de sua coleção.

- Me deu vontade, Alec. – Anunciei e levantei-me do sofá. – Que horas são?

- Já passou do horário de você dormir. – Ele se ergueu também e pegou o livro de minha mão. – Vai precisar dormir com a luz acesa?

- Engraçado você! – Eu caçoei. – Eu sou adulta, não tenho medo dessas coisas.

- Eu ia me oferecer para dormir com você para zelar seu sono, sua ingrata. – Ele depositou o livro sobre a mesa. – O que você acha? – Alec sorriu e ergueu sugestivamente as sobrancelhas, subindo e descendo. Aquele sorriso estava bem malicioso.

- Eu acho que você bebeu. – Inspirei fundo. Eu sabia que ele estava brincando comigo, mas meu coração estava frágil ainda e não impunha nenhuma resistência.

- Eu, realmente, não sei como agradar uma mulher. – Ele disse se lamentando. – Só queria cuidar de você, Harriet. Esse livro pode influenciar as pessoas.

- Está bem, está bem. Zele meu sono o quanto quiser, mas vai dormir no chão. – Eu me virei e caminhei até a porta.

- Fechado. – Ele veio atrás de mim.

- Vai sair de férias mesmo? – Eu acelerei o passo até a escada.

- Eu já estou de férias, não percebeu ainda? – Eu parei de subir a escada e me virei para ele.

- Não. – Eu senti vergonha.

- Tudo bem, você voltou a trabalhar então estava ocupada demais para perceber alguma coisa. – Eu notei pelo seu tom de voz que ele havia aceitado o fato de eu voltar a

trabalhar. – Por que você não foi trabalhar hoje?

- Não estava muito interessada. – Dei de ombros.

- Quem dera poder ter essa liberdade no meu trabalho. – Ele estava em meu encalço.

- Contanto que entregue o meu trabalho no prazo. – Dei de ombros novamente. - Eu posso cuidar de Lili nos fins de semana. – Eu disse enquanto me virava para voltar a subir a escada.

- Obrigado. – Ele me alcançou no corredor e entramos no quarto. Imediatamente, ele se jogou na cama.

- Alec! – Eu praticamente gritei.

- Você achou mesmo que eu iria dormir no chão? – Ele sorriu maliciosamente. – Não tem problema eu dormir no seu lado, Harriet.

- É, não tem. – Fui obrigada a concordar. – Eu preciso tomar banho.

- E ainda se faz de boa moça comportada. Vai me provocar, é isso? – Eu fechei os olhos e optei por não respondê-lo. Peguei meu pijama na gaveta e a peça íntima rapidamente, a escondendo no meio do pijama. Fui para o banheiro do meu quarto. – E fica bem cheirosa, não se esqueça que você vai ter uma companhia hoje para dormir.

- Cala a boca, Alec. – Eu o ouvi gargalhar. – Se continuar rindo, te expulso a pontapés do meu quarto. – Seu riso imediatamente parou, o que me fez rir e ficar sorrindo bobamente durante o banho.

Alec nunca brincou comigo daquela forma. Nunca sugeriu nada sexual desde que passei a morar com ele. Eu sabia que era apenas uma brincadeira e que ele estava apenas tentando me fazer esquecer os acontecimentos do livro que estava lendo, mas mesmo tendo isso em mente, eu não podia evitar sorrir como uma mulher apaixonada. Isso realmente mexia comigo. Era uma coisa boba, mas para mim era tudo.

Qualquer esforço que fosse fazer seria completamente em vão. Eu podia esquecê-lo um pouco quando estava muito ocupada no trabalho, mas a quem eu queria enganar? Quando o trabalho acabava, ele invadia a minha mente. Era por isso que havia aceitado todos os trabalhos nos últimos dias. Estarei tão atarefada por tanto tempo que nem sei quando poderia sair para me distrair e, evitaria vê-lo, claro.

A única distração que eu tive foi àquela noite, enquanto Alec dormia, eu o observava no sono profundo. Eu quis gravar aquele momento para minha vida toda, pois tinha certeza, que seria a única vez que o teria deitado na minha cama ao meu lado. E ele estava ali apenas por pensar que um livro de Stephen King fosse me assustar.

Eu nem consegui fechar os olhos àquela noite, mas não foi por medo e nem nada parecido. Eu achei melhor passar a noite em claro, gravar cada som, cada movimento que ele fazia enquanto dormia. Eu sabia que no dia seguinte iria estar muito cansada, mas teria valido a pena, completamente, pois aquilo nunca mais iria se repetir.

Foi nessa noite que eu constatei que estava perdidamente apaixonada pelo meu melhor amigo e poderia surgir muitas pessoas em minha vida, mas somente por ele que teria um sentimento como aquele. Descobri que todas as brigas que tive com Julian e

Willian tinham fundamento, pois estava muito claro que Alec era tudo para mim.

Eu não sei quando me apaixonei, eu sabia apenas que desde o instante que o conheci, que deveria me aproximar. Eu nunca quis fazer amigos, sempre viajei muito e nunca tinha fui a uma escola de verdade, até aquele ano. Mas com Alec foi diferente, eu devia ter percebido naquela época, quando o conheci e percebi que sentia alguma coisa, deveria saber que o sentimento perduraria. Sempre foi diferente com Alec.

Sempre foi ele.

Mas ele me via apenas como uma amiga e eu tentaria não me importar se o visse com outra mulher, eu continuaria apaixonada por ele mesmo e eu aprendi nesse tempo todo de amizade que poderia suportar isso, afinal, o vi com tantas mulheres todos esses anos. Saber disso não mudava nada. Afinal, o sentimento sempre esteve escondido ali.

Não foi fácil, após assumir para mim o que estava sentindo, vê-lo sair à noite para tocar com a banda e imaginar que ele esteve na companhia de alguma mulher quando chegava mais tarde que o normal. E também foi por isso que resolvi que nunca mais iria vê-lo tocar. Eu estava apaixonada, queria muito o seu bem e o seu sucesso, mas tinha um pouco de bom senso. Por que me machucar, não é? Não sou masoquista!

Quando eu saía do trabalho mais cedo e eu sabia que ele não estaria em casa, sempre ia ou para casa de meus avós ou visitar Georgia. Naquele dia, eu sabia que o encontraria em casa, pois conhecia toda a agenda da banda e não queria vê-lo. Não podia, para falar a verdade. Eu sei que não poderia continuar me escondendo por tanto tempo e o resto da vida, eu só precisava de um tempo para me acalmar. Finalmente eu descobri o sentimento que tinha por ele e tinha que saber lidar com isso para conseguir enfrentar.

Eu estava fechando os programas do computador antes de ir embora do trabalho e verifiquei que havia recebido alguns e-mails. Foram duas semanas incessantes de trabalho, mas recebi muitos elogios dos chefes e, claro, mais trabalhos. O que me deixou muito satisfeita. Eu estava frenética. Estava terminando de ler o último e-mail de uma escritora importante, quando recebi outra notificação. Vi que era de Alec e senti meu coração palpitar fortemente.

“Vamos assistir a um filminho hoje?”.

Estava como título. O abri e li muito rápido. Suspirei e apoiei a cabeça na mesa. Estava cansada e louca por minha cama. Quando Alec passava os dias da semana em casa, eu sempre chegava muito tarde. Esperava que ele desistisse de me esperar e fosse dormir.

“Eu não te vi praticamente em nenhum momento das minhas férias. Quero ficar um tempo com você, Harriet. Não é justo o que esse trabalho está fazendo com você. Vem para casa, está bem? Vou encomendar a pizza que você gosta. Estou te esperando. Até daqui a pouco, A”.

Reli o e-mail novamente e senti um pesar, mas não consegui fazer o que ele pediu. Eu não podia ir. Ignorei o e-mail e desliguei o computador. Peguei o celular e disquei para Georgia que me atendeu no primeiro toque.

- Posso te visitar hoje? – Minha voz soou engasgada e baixa. Eu queria chorar.

- É claro querida. Vou preparar algo para nós.

- Obrigada, já estou saindo do trabalho. – Desliguei o celular e o joguei na bolsa.

Demorei a chegar à casa de Georgia, pois passei nos meus avós e conversei um pouco com eles, depois fui ao seu encontro. Quando ela abriu a porta, eu a abracei com força.

- Eu não aguento mais. Ficar longe não está dando certo. – Disse desesperadamente para ela enquanto a abraçava.

- Talvez devesse seguir meu conselho. Você não pode morar na mesma casa que ele. – Ela me guiou até o sofá e me fez deitar em seu colo.

- É tão difícil. Eu não sei se consigo ir embora. – Enxuguei o rosto.

- Você tem duas opções Harriet: ou conversa sobre vocês ou não mora mais com ele. Isso está acabando com você. – Ela tocou em meu rosto.

- Eu sei. – Suspirei, finalmente percebendo que havia uma mala na sala. – Isso é uma mala?

- Sim. Minha neta chegou hoje. – Me ergui de seu colo.

- Cadê ela? – Eu a procurei olhando ao redor.

- Está dormindo. – Olhei atentamente para Georgia. Ela estava feliz, muito feliz. – Eu sei que logo ela terá que voltar para a África, mas teremos tempo para aproveitar um pouco juntas.

- Quero muito conhecê-la. – Segurei suas mãos, sorrindo.

- E ela quer te conhecer. – Georgia mordeu o lábio inferior.

Eu fiquei até tarde com Georgia conversando, ela me mostrou os presentes que recebeu da neta que, finalmente, eu conheci. Percebi que Mirela estava desconfortável com a minha presença, mas não disse nada. Tentei ir embora para deixá-las a sós, mas Georgia não parava de conversar. Ela estava muito feliz e eu não queria desapontá-la indo embora. Como sempre, meu plano de chegar tarde e Alec já estar dormindo, deu certo quando cheguei em casa.

Eu sei que o desapontei. Ele não me mandou e-mail me convidando para assistir filme outra vez. Fiquei triste, mas estava fazendo o que achava ser melhor para mim. Toda vez que chegava em casa, o conselho de Georgia ecoava na minha cabeça. Eu não podia morar mais com Alec, em hipótese alguma. E quanto mais a ideia se fixava na minha cabeça, mais eu procurava um lugar para ficar, pois sentia uma urgência a cada dia.

Continuei cuidando de tia Lili nos fins de semanas na parte da noite, como havia prometido a ele. Ela estava indo muito bem em sua recuperação e falava em voltar para sua casa, mas eu não queria que ela fosse. Gostava da presença dela. Lili deixava o ambiente mais aconchegante com a sua presença e era sempre bom conversar sobre os filmes com ela. Eu pedi para ela ficar mais algum tempo e ela me fez prometer que a deixaria fazer pelo menos a comida para nós, sem que Alec imaginasse isso, por mim estava ótimo. Eu estava muito atarefada com o trabalho para me negar este luxo.

Eu contava a ela, enquanto fazíamos o jantar naquele sábado à noite, sobre um homem que começou a trabalhar na empresa como meu gerente e todas as mulheres do

escritório o admiravam, inclusive eu. Mas não era uma admiração sexual, eu realmente o achava inteligente, mas tia Lili não acreditou muito nisso.

- Como ele é? – Ela indagou enquanto descascava algumas cenouras para a sopa que eu preparava.

- Alto, forte do tipo atlético e é loiro. – Eu suspirei. – Ele é bem bonito e tem o cabelo curto.

- Só isso que ele tem? – Ela se encostou à pia ao meu lado.

- Ele sempre deixa a barba por fazer. – Falei pensativa. Parei de lavar o prato para pensar. – Usa sempre roupa social. É um deus grego, se for pensar bem.

- Mas... – Ela me incentivou a continuar.

- Tem uma aliança enorme no dedo. – Eu falei sorrindo. Eu não quis dizer que ele não me interessava por já estar apaixonada por outro.

- Quem tem uma aliança enorme no dedo? – Eu ouvi a voz de Alec atrás de mim. Ele foi até sua mãe e a abraçou.

Fazia muito tempo que não o via. Como ele havia voltado a trabalhar, eu não esperava encontrá-lo naquele dia. Alec tinha deixado a barba aparecer, estava incrivelmente maravilhoso. Como sempre vestindo preto.

- O novo gerente de Harriet. – Lili disse sorrindo.

- Então, a Harriet está interessada em alguém? – Ele tocou em meu ombro.

- Eu não estou interessada em ninguém. Eu só comentei com a sua mãe que as mulheres do meu trabalho estão enlouquecidas por ele. – Eu peguei o pano de prato para secar a minha mão.

- Cadê sua enfermeira, mamãe? – Alec se sentou na cadeira nos encarando.

- Eu dei à noite de folga para ela. – Eu respondi por tia Lili.

- Sem a minha autorização, moça? – Ele estava bem chateado.

- Me pune se você quiser. – Eu peguei a cenoura da mão de Lili e a cortei, colocando na panela.

- O que está fazendo? – Ele se levantou e foi até a panela, sentir o cheiro. Eu observei-o fechar os olhos e inspirar o ar. – Adoro o cheiro da sua comida. – Ele abriu os olhos e me encarou. Seus olhos azuis se fixaram nos meus. – Tem certeza que não está apaixonada por esse homem?

- Eu nem o conheço e não me interesso por homens comprometidos. – Eu não sabia por que estava dando-lhe explicação.

- Como ele é? – Alec voltou a se sentar.

E eu me vi descrevendo o gerente novamente. O mais engraçado foi o interesse genuíno de Alec. Ele me perguntava todos os detalhes e alguns que eu não sabia nem como responder.

- Você gosta de tipos como ele? – Que tipo de pergunta era aquela? Me perguntei. Eu não esperava por aquilo.

- Acho que sim, não sei. Ele se veste bem, tem um corte de cabelo legal e deixa a barba por fazer, até fica sexy a combinação. – Eu não sabia para onde aquela conversa estava indo.

- Se ele não fosse casado, seria um ótimo partido, Harriet. – Eu senti as bochechas esquentarem ao comentário de Lili. Alec olhou para a mãe dele descrente de que ouviu aquele comentário.

- Você se lembrou de um ponto importante: ‘ele é casado mãe’. – Alec se levantou. – Vou tomar banho e depois eu volto.

- Está bem. – Me aproximei novamente do fogão e mexi na panela. Eu nem notei a aproximação de Alec até senti-lo bem atrás de mim.

- Você vai manter distância desse homem, Harriet. – Ele tocou meu ombro. Todo o meu corpo vibrou, fechei os olhos e respirei fundo. – Ele não é o homem certo para você. – Ele disse bem próximo do meu ouvido.

- Talvez eu nunca vá encontrar esse homem, Alec. – Eu disse em um sussurro.

- É aí que você se engana. – Ele se afastou e senti frio de repente. Aguardei-o sair da cozinha para me apoiar na pia.

Eu havia me esquecido da presença de Lili e do resto do mundo lá fora. Ainda podia sentir o toque suave e a aproximação de Alec atrás de mim. Peguei um copo para beber água numa tentativa frustrada de me controlar, me virei de volta para Lili que não afastava os olhos de mim e conversei com ela, como se nada tivesse acontecido comigo, mas me sentia ruborizar com o calor.

Eu só conseguia pensar numa coisa: Eu não podia ficar perto de Alec por mais tempo. Essa ideia de morar com ele, foi a mais estúpida que já tive em toda a minha vida. Eu sei que era apenas uma adolescente na época e que não sabia o que estava fazendo, mas queria ser independente também, como Alec estava sendo. Eu me espelhei nele no início e gostei muito. Não tinha meus pais pegando no meu pé ou os meus avós controlando todos os meus passos.

Eu só precisava tomar coragem de manter um pouco mais de distância dele, pois sabia que nunca seria feliz me torturando daquele jeito como estava fazendo. Alec, desde Eloyse, não namorou ninguém. Talvez nunca tenha se esquecido dela. Estava na hora de partir.

XVII

ALEC

POUCO NOTEI O QUE ACONTECEU EM TODA MINHA VIDA até chegar a tal ponto quando, finalmente, comecei a notar que algo surgiu entre mim e Harriet. E era como se minha vida tivesse passado como um borrão em todo esse tempo. Nada, anteriormente, significou alguma coisa para mim. Foram apenas experiências das quais levarei como aprendizado, mas que não havia motivo algum para sentir orgulho.

Eu sei, não faz o menor sentido pensar dessa forma, mas para mim parecia uma revelação importante. O passado parecia apenas uma recordação breve de tudo o que eu vivi e somente os momentos dos quais estive com Harriet eram os mais importantes e os únicos que estavam gravados em minha memória.

Cada minuto que estive ao seu lado, foram os únicos minutos que recordei até agora com todos os detalhes. Eu só tinha certeza de uma coisa. Era ela. Sempre foi *ela* o tempo todo. Eu só não tinha notado ainda o que estava bem embaixo do meu nariz em todo esse tempo.

Mas tudo ficou tão claro para mim tanto quanto saber que a água é cristalina. Eu estava certo como o hoje sempre vai ser hoje e quando virar a noite vai deixar de ser. Parece bem confuso, mas para mim não era nenhum pouco.

Percebi seu olhar em minha direção de forma diferente. Eu só não sabia desde quando ela sentia o mesmo que eu, se foi no dia de sua formatura, ou no dia que nos beijamos ou muito antes disso, mas não importava realmente quando aconteceu para ela, pois para mim, saber que ela sentia o mesmo era o suficiente.

Eu planejava fazer algo que nunca consegui fazer com nenhuma mulher. Talvez por não levar muito jeito com isso, mas queria conquistá-la e ser digno disso. Harriet merecia que fosse dessa forma. Aliás, ela merecia tudo o que pudesse fazer e fiz uma promessa a mim mesmo, que o faria, por toda a minha vida.

Desde a minha conversa com a minha mãe, percebi que a sintonia e cumplicidade que tínhamos eram únicas, exclusivamente nossa. Essa conexão não seria plantada em outro lugar com outras pessoas, pois isso seria totalmente impossível. Havia química entre nós. Um desejo palpável entre homem e mulher. Uma amizade que os dois fariam qualquer coisa um para o outro ser feliz.

Foi à amizade que nos faz conhecer melhor a cada momento e atraiu confiança mútua. Há um cuidado especial que geralmente temos quando amamos muito alguém. É você pensar primeiro no bem estar da outra pessoa antes do seu. Eu sempre tive tudo isso, o tempo todo, com Harriet. Só não sabia o que era exatamente, mas definitivamente eu sei. Eu me apaixonei no instante que a conheci.

Me recordo nitidamente como reparei nela, em sua maneira desajeitada e completamente distraída, mas lembro-me também, da forma que olhei para sua boca em formato de coração, pequena e vermelha. Eu me atraí por sua boca, por suas sardas e seu cabelo enorme e cheio que chamava atenção por onde passava. Eu só não tinha ideia do que era tudo aquilo.

E não importava por quanto tempo mais me negasse o que estava sentindo. Nenhuma das mulheres com as quais fosse sair seria tão importante para mim quanto ela. Harriet era a minha metade. E eu tinha decidido realmente conquistá-la como todo homem deve fazer com a mulher de sua vida. E faria isso todos os dias, pois ela despertava esse tipo de sentimento em mim.

Por mais nervoso que estava me sentindo, tinha algo a meu favor. Pelo menos, eu achava que era uma vantagem para mim. Eu a conhecia tão bem e sabia tudo o que se passava em sua cabeça que estava tão certo de que ela estava muito confusa com o que estava acontecendo, mas acabaria com sua confusão. Demoraria um pouco, mas eu mostraria no fim das contas que ela não poderia ter medo disso tudo. Éramos perfeitos um para o outro.

Após ouvi-la falar de outro homem, eu tomei a decisão de não esperar mais, afinal, surgiu um concorrente muito forte, na minha opinião. Um homem sofisticado e intelectual poderia conquistá-la se o desejasse fazer, mas eu não sabia com certeza se ele estava interessado em Harriet e, por isso, decidi que precisava evitar o interesse, é claro.

Eu sabia que ela estava me evitando. Harriet não queria mais estar comigo e deixou isso claro quando ignorou meu convite para assistirmos a um filme juntos. Ela não me dava oportunidade para cortejá-la e, aos poucos, me expulsava de sua vida. Isso me deixava irritado, pois ela nunca foi de guardar algum segredo ao meu respeito, mas a entendia, ela estava confusa em relação a mim e não podia me contar como costumava fazer, não é?

Ela costumava me contar tudo o que acontecia com ela e, desde a noite que minha mãe ficou doente e quando a levei para beber mojito de cerveja, ela se manteve distante de mim. Na verdade, Harriet, desde a noite da formatura está tentando me evitar, mas iria acabar com aquele plano idiota dela de me evitar.

Aproveitei que estava sozinho com a minha mãe em casa e fui até o seu quarto. Entrei e olhei em volta aliviado por ela realmente estar sozinha sem a companhia da enfermeira. Eu gostava do quarto de hóspedes, Harriet o decorou para receber minha mãe antes de ela receber alta do hospital. Tinha cortinas azuis e brancas que combinam com o tom dos lençóis das camas.

A TV estava ligada em um canal de filmes, mas minha mãe não dava importância a ela. Tinha um livro nas mãos sobre o colo, com as pernas cobertas e apoiava a coluna na cabeceira. Ela sorriu para mim através dos óculos de leitura. Inspirei fundo, agradecendo mentalmente por minha mãe estar comigo ainda.

Sentei em sua cama de frente com ela, que deixou o livro de lado e me olhou sorrindo. Segurei em sua mão e beijei a palma. Eu precisava muito de sua ajuda, mas não queria cansá-la.

- Está tudo bem? - Eu esfreguei sua mão quente na minha, apreciando o contato dela contra o meu.

- É claro que estou. Vocês me bajulam toda hora. - Eu ri do comentário dela. Minha mãe estava com as bochechas rosadas e parecia nova em folha. - Você precisa de alguma coisa?

- Cadê a enfermeira? - Indaguei olhando novamente ao redor.

- Ela foi dar uma volta, estava entediada e como você está aqui agora, eu a liberei. - Minha mãe apoiou as mãos sobre as pernas. - Você não vai ficar chateado por eu dispensá-la, não é?

- Claro que não. - Eu arranhei a garganta e percebi que não sabia por onde começar.

- O que você precisa, Alec? - Minha mãe foi direto ao assunto.

- De ajuda? - Indaguei indeciso.

- Com o que? - Ela sorriu para mim, me mostrando que me ajudaria no que fosse preciso.

- Harriet. - Seu sorriso alargou-se tanto naquele momento.

- Eu percebi mesmo que não tiveram nenhum avanço ainda. Pare de ser mole, Alec. Comece a investir logo. - Minha mãe exaltou a voz e fiquei surpreso.

- Não é assim tão fácil. - Umedeci os lábios. - Eu sei que ela quer, mas acha isso errado.

- Então mostre que não é. - Minha mãe parecia irracional, não é? Ela não me parecia muito realista no momento. Talvez fosse culpa do efeito dos remédios.

- Não é tão fácil mostrar assim. Eu não quero assustá-la. - Arranhei a garganta. - Eu quero fazê-la acreditar que pode dar certo, mas não sei como começar. - Minha mãe ficou me analisando. - Não pareço fazer o tipo de Harriet e eu quero mostrar que sou sim o único tipo dela.

- Que possessivo, Alec. - Minha mãe comentou entre risos, mas parou ao perceber que eu estava falando muito sério. - Acho que você deveria se vestir melhor, não precisa mudar seu estilo, mas melhorá-lo.

- E isso é possível? - Eu fiquei confuso, me olhei e voltei a olhar para ela. - O que tem de ruim no meu estilo?

- Não dá para levar você a sério por muito tempo. No começo do relacionamento pode até ser legal, mas depois de um tempo não mais. - Eu olhei para um ponto do quarto, pensativo. - O cabelo também.

- Harriet gosta do meu cabelo. - Eu imediatamente levei a mão até a cabeça.

- Não precisa cortá-lo muito, só um pouco e cuidar também é bom. - Minha mãe bufou. - Eu gosto do seu estilo, Alec, mas me parece um adolescente ainda e não um homem como você quer ser visto.

- Estou vendo que sou bem errado. - Minha mãe riu.

- Outra coisa que precisa fazer é jogar esses cordões que ficam pendurados na calça fora. Isso é ridículo e aposto que Harriet pensa o mesmo, só não comenta por respeitar o seu gosto. - Minha mãe não estava sendo muito legal naquele momento.

- Estou começando a achar uma má ideia pedir conselhos para você. - Minha mãe riu novamente.

- Você precisa amadurecer, Alec. Não é porque você tem sua casa e sua liberdade que te faz um adulto. Você precisa ter atitudes maduras para isso. – Ela suspirou. – E precisa chamá-la para sair novamente.

- Ah, isso eu concordo. – Eu deixei os ombros caírem.

- Você é um homem bonito, Alec e uma pessoa maravilhosa, só não tem estilo e precisa ter mais atitudes. – Fixei meus olhos nos de minha mãe. – Eu posso te ajudar se quiser ainda.

- Eu não tenho outra escolha. Faço qualquer coisa por Harriet. – Disse finalmente.

- Nunca fale isso para ela. – Minha mãe bufou. – Não dessa forma.

- Por quê? – Eu fiquei confuso.

- Vai assustá-la, pois parece um psicopata falando. – Eu gargalhei.

- Eu não sou um psicopata. Só não sei como abordar essa garota direito. – Minha mãe riu. – É difícil quando tanta coisa está em jogo.

- Começa aos poucos, com os cabelos. – Ela apontou para minha cabeça.

- Acha que isso vai dar certo mesmo? – Ela assentiu.

- Tenho certeza que sim. – Minha mãe disse convicta. – Por que não aproveita que ela não está em casa e vai cortar o cabelo?

- Agora? – Eu falei surpreso. – É domingo.

- Agora! Shoppings ficam abertos de domingo, Alec, não me venha com essa desculpa esfarrapada. – Ela se livrou da coberta, depositou os pés no chão e lentamente se levantou. – Eu vou com você e aproveitamos para comprar algumas roupas melhores.

Eu detestava esse tom sarcástico e mandão de minha mãe. Ela era cruel às vezes.

*

Quando cheguei em minha casa mais tarde, Harriet estava saindo da cozinha. Ajudei a minha mãe se sentar no sofá. Busquei as sacolas que estavam na porta e me joguei ao lado dela no sofá. Nunca mais iria acompanhar uma mulher ao shopping.

Prometi isso a mim mesmo enquanto minha mãe me arrastava de loja em loja para escolher alguns modelos de camisetas que fossem combinar comigo. Eu estava exausto e nem tinha me importado com o fato de que tinha cortado o cabelo, mas Harriet havia percebido no instante que entrei em casa. Ela ficou parada, bem perto da porta da cozinha me olhando. Virei meu rosto e foi assim que percebi o seu choque.

Não era bem essa a reação que eu esperava de Harriet. Ela não demonstrava outra reação além de embasbacada. Sua boca estava aberta e a testa enrugada. Ela desviou os olhos após passar um longo minuto a encarando e deu passos lentos em nossa direção. Ouvi minha mãe rindo baixinho ao meu lado no sofá, mas não a olhei. Fiquei observando seus movimentos lentos enquanto se aproximava.

- O que você fez com o seu cabelo? – Ela se sentou ao meu lado, olhando para minha cabeça.

- Gostou? – Eu indaguei sorrindo, me esforçando para não demonstrar nervosismo. Me sentia novamente um adolescente.

- Você não respondeu a minha pergunta. – Ela parecia indignada. E, acredite, eu também estava totalmente indignado por ter feito aquilo.

- Eu cortei meu cabelo!? – Eu realmente estava sendo irônico?

- Que merda foi essa, Alec? – Harriet se aproximou de mim, praticamente se jogando, mas fez isso apenas para me olhar mais de perto. – Seus olhos são verdes e não azuis? – Eu adoro o seu jeito espalhafatoso.

- É o que parece, não é? – Eu arregalei os olhos. – Está tão ruim assim? – Perguntei preocupado. Eu tinha uma vontade imensa de olhar para minha mãe e dizer: eu não avisei que cortar o cabelo era uma péssima ideia? Mas Harriet não me deixou fazer isso.

- Você vai pegar mulheres para caralho! – Ela disse com a voz engasgada, me surpreendendo.

- Isso é bom, não é? – Minha mãe estava certa, como sempre.

- Vejo que é o seu objetivo, afinal. – Ela se afastou bruscamente e desviou o rosto. – Eu quero aproveitar que estamos todos reunidos agora e dar uma notícia. – Harriet juntou as mãos sobre o colo e as olhou ao mudar de assunto.

- E o que seria? – Minha mãe quem perguntou me parecendo estar empolgada. Eu fiquei apenas a olhando, pois senti que o que viria a seguir não era nada bom. Sua atitude ficou estranha e ela me pareceu triste.

- Eu vou voltar a morar com os meus avós. – Ela inspirou fundo. – Até encontrar um lugar para chamar de meu, só meu.

- Como é que é? – Eu praticamente gritei.

- É isso mesmo que você ouviu. – Ela me encarou e novamente seus olhos estavam tristes em minha direção. Senti, naquele momento, que eu a deixava triste. Ela estava assim e a culpa era minha, e eu não sabia o que fazer para mudar isso. Harriet não colaborava comigo.

XVIII

ALEC

ELA NÃO QUER FAZER ISSO! - E NEM PRECISAVA FAZER AQUILO. Percebi isso enquanto reparava o seu olhar e sua expressão. Eu nunca imaginei que fosse ouvir aquilo algum dia. Harriet era uma mulher independente, não tinha mais ajuda financeira dos seus pais para manter-se e podia fazer o que quisesse. Na verdade, ela sempre fez o que quis o tempo todo. Seus pais eram muito liberais. Tanto que quando veio morar comigo, eles aceitaram.

Havia alguma coisa muito errada e eu não queria que ela fosse embora. Senti a esperança escapando de minhas mãos. Se com ela morando na mesma casa que eu, quase não a encontrava, imaginei quando ela não estivesse mais ali. Com certeza não a veria mais, nunca mais e isso me desesperou.

Teria que marcar um compromisso com bastante antecedência para conseguir encontrá-la. Achei isso uma merda bem grande. Fiquei a olhando, estagnado. Minha mãe e ela conversavam, mas eu não dava importância. Me levantei rapidamente do sofá totalmente em silêncio, percebi seu olhar pregado em mim, fui até a porta da casa e sai, batendo a porta com força logo em seguida.

Não perguntei nada e nem tentei convencê-la a ficar. Sentia um misto de vazio e tristeza, pois sabia que não a veria mais e nem sua amizade seria mais a mesma. Eu não podia deixá-la ir, mas não a obrigaria a ficar. Harriet tinha o direito de escolher o que fazer de sua vida, embora desejasse ser como um homem antiquado naquele momento, só para decidir por ela.

Fiquei andando pela calçada, olhando somente por onde pisava, mas sem prestar atenção aos lugares por onde passava. Caminhei por algumas horas, meu celular tocava sem parar, mas eu simplesmente o ignorava. Eu não pensava em mais nada a não ser no que eu deveria fazer quando ela fosse embora.

Quando voltei para casa era mais de meia noite. Ao entrar, havia apenas a luz da cozinha acesa. Tranquei a porta e joguei a chave sobre a mesa lateral de mármore. Parei um momento, ao ver um porta-retratos que continha uma foto minha com Harriet na prateleira de baixo da mesa e o peguei. Harriet me abraçava sorrindo, aquela foto era a mais recente que tiramos juntos. Ela havia tirado enquanto assistíamos a alguma coisa na TV.

Eu olhava para ela sorrindo. Não me recordava de vê-la tirar essa foto, mas eu sabia o que estava pensando e observando naquele momento. Sua boca. Eu só pensava em sua boca, em beijá-la naquele momento. Pelo menos, era isso que estava aparecendo na foto.

- Você demorou. - Eu virei o rosto em direção à escada. Ela descia lentamente os degraus, me olhando. Para piorar minha reação, ela usava uma camisola um pouco curta e transparente. - Eu estava preocupada, por onde andou?

- Eu sou adulto, faço o que quero com a minha vida. - Eu observei seus ombros caírem e ela parou onde estava. Devolvi o porta-retratos no mesmo lugar onde estava. - Já que você vai embora, não te devo satisfação. - Eu estava odiando falar aquilo, mas me

sentia tão irritado que não consegui controlar.

- O que está acontecendo, Alec? - Ela voltou a descer os degraus.

- Não sei do que você está falando. - Disse e me movi até a escada. Subindo lentamente os degraus. Parei de frente com ela. - Quando pretende ir?

- Não é da sua conta também. - Ela ergueu o rosto me encarando.

- É sim. Preciso saber o dia para fazer uma festa, é claro. - Eu voltei a subir os degraus e escutei seus passos me acompanharem.

- Você odeia festa. - Ela riu logo em seguida.

- Você acha que me conhece, Harriet, mas não sabe nada sobre mim. - Chegamos ao corredor. - E se eu quero dar uma festa em comemoração de sua partida, eu darei.

- Você vivia dizendo que odiava as festas que sua mãe fazia e que precisava fazer um pouco de social com as pessoas, e achava isso insuportável. É claro que eu te conheço. - Ela tentou soar um pouco alegre. - Eu sei que você está chateado por eu ir embora.

- Não estou não. - Anunciei rispidamente.

- Ah, está sim, muito chateado. - Ela tocou em meu braço e eu parei um momento apenas para olhar seu rosto.

- Você não sabe nada sobre mim. - Tornei a dizer.

- Vai ser melhor assim, Alec. - Ela suspirou.

- E a nossa amizade como vai ficar? - Eu disse por fim o que pensava. - A gente quase não se vê.

- Podemos voltar com o nosso hábito de 15 minutos por dia duas vezes na semana. - Ela sorriu. - Eu preciso disso, Alec. Por favor, me entenda.

Eu não queria aqueles míseros 15 minutos com ela. A veria tão pouco. Achei muito injusto e desumano ela fazer aquilo comigo. Fiquei olhando para seu rosto, observando-o. Sua boca rosada era tão chamativa. Suas bochechas estavam coradas e ela estava ofegante. Desci os olhos para o decote da camisola. Senti a garganta ficar seca.

- Se eu não souber o motivo, não vou entender. - Eu acariciei seu rosto, ela fechou os olhos estremecendo. - Viaja comigo? - Me ouvi dizendo sem nem saber por que estava pedindo aquilo. Seus olhos arregalaram. - Um fim de semana em Dublin, comigo.

- Não posso. - Ela sussurrou. Parecia estar sofrendo, na verdade, ela estava sofrendo.

- Por favor. - Continuei tocando seu queixo. Sua pele era tão macia. - Precisamos de um tempo juntos como uma despedida e depois, prometo que me contentarei apenas com os 15 minutos duas vezes por semana.

- Por que isso agora? - Ela tocou minha mão e apertou meu pulso, afastando o rosto.

- Uma despedida. - Minha mão formigava querendo continuar tocando o rosto dela.

- Eu não vou estar muito longe, Alec. - Observei a forma que ela mordia o lábio inferior e como tremia. - Mas prometo que vou pensar. - Eu ainda tinha uma chance,

afinal.

- Pelo menos tenho um talvez. - Ela sorriu com a minha resposta.
- Que dia exatamente? - Harriet encostou-se na parede.
- Domingo, dia 23. - Eu queria o quanto antes.
- Mas você tem shows para fazer. - Ela estava incrédula.
- Cancelo. - Harriet desviou os olhos. - Não se preocupe com isso agora.
- Você deixaria de tocar e de sair com algumas garotas só para passar um fim de semana comigo? - Ela não fazia ideia do que seria capaz de fazer por ela.
- Sem dúvida. Já fiz isso algumas vezes, se você se não recorda. - Eu queria prensá-la na parede e mostrar o que gostaria muito de fazer naquele momento.
- Então eu vou. - Tive a minha resposta antes do que eu esperava.

Tentei segurar o sorriso, mas foi evidente que não consegui, pois ela me acompanhou sorrindo também. Só precisava abraçá-la para completar minha felicidade, mas eu sabia que abraçá-la não seria o suficiente para mim naquele momento. Eu podia beijá-la, pensei, mas desejava privacidade para nós dois e assediá-la não era a melhor maneira de mostrar o que eu realmente estava sentindo.

Eu precisava correr contra o tempo. Estar a sós, em um lugar diferente e sem nenhuma preocupação. Vai me dar a oportunidade de fazer o que eu mais queria: dizer o que sentia por ela.

Eu não tinha percebido em que época a havia convidado para viajar comigo, até ouvir minha mãe falando e, mesmo assim, Harriet aceitou fazer aquela viagem e eu consegui convencê-la a passar mais tempo comigo.

Tanto que ela passou o fim de semana anterior a viagem trabalhando para não deixar nenhuma pendência para trás. Sem contar que ela adorava passar o natal com a sua família. Era tradição deles e sempre nos arrastava com ela. E aproveitei para aumentar o tempo da nossa viagem. Eu iria convencê-la a não se mudar. Harriet se tornou minha desde que foi morar comigo. E eu sou bastante possessivo em relação a isso.

Eu comprei as nossas passagens e pedi autorização ao meu tio para ficar aqueles dias longe do trabalho. Ele concordou, pois sabia que o compensaria mais para frente. Minha mãe estaria bem acompanhada pela enfermeira e não deixou de nos incentivar em nenhum momento durante a semana. Eu conversava com ela todos os dias e percebia que sua saúde estava estável. Não tinha por que me preocupar mais. Contanto que ela cumprisse todas as normas de não aprontar nada e ela disse que cuidaria para isso não acontecer, já que não gostaria de atrapalhar um momento entre mim e Harriet novamente. Eu tinha muita sorte de tê-la como mãe.

No domingo, a poucas horas de viajar, eu fui buscar Harriet na casa de seus pais e ela saía vestindo seu casaco pesado. Estava caindo alguns respingos de neve, ela desceu os degraus com sua maleta e algumas pastas debaixo do braço. Olhei-a por inteiro. Ela estava radiante. E eu me sentia da mesma forma. Ouvi o som dos sapatos e ela bateu no vidro do carro. Destravei a porta do passageiro do *‘nosso carro’* e ela entrou.

- Caramba, que frio. - Ela retirou as luvas e me deu um beijo no rosto. Sua boca estava vermelha de batom. Ela estava tão linda.

- Você está linda. - Não consegui controlar meus pensamentos. Suas bochechas ficaram vermelhas.

- Você também não está nada mal. - Anunciou olhando para mim de cima a baixo. - Onde comprou essas roupas?

- Na loja!? - Eu não podia evitar, tinha que provocá-la. Harriet caía toda vez. - Você precisa comprar mais alguma coisa Princesa Merida?

- Alec! - Me repreendeu. - Você nunca vai parar com esses apelidos idiotas?

- Óbvio que você já sabe essa resposta. - Ela bufou. - Tem que entender que todos esses apelidos têm um pouco a ver com você.

- Me sinto uma criança, às vezes. - Ela umedeceu os lábios. Eu dei a partida no carro.

- Você me parece uma mulher, independente dos apelidos que te dei. - E que mulher! Pensei.

- Sei não. - Ela falou indecisa.

- Se quiser, posso te mostrar que falo a verdade. - Até imaginava como fazer isso. - Na nossa viagem. - Acrescentei rapidamente.

- Combinado. - Seus olhos grandes estavam fixos em mim. - Já sabe o nosso roteiro?

- Sim. - Respondi, embora desejasse mais do que nunca mostrar o quanto ela era uma mulher pra mim no meu quarto. - No porta-luvas tem um caderno pequeno. Dá uma lida e me diz o que você acha.

- Ótimo. - Ela o retirou, folheou e o guardou em seguida na bolsa. - Acho melhor olhá-lo com calma no trem.

Fomos para casa apenas para pegarmos as malas e o taxista chegou no horário combinado. Nos despedimos de minha mãe, demos sermão a ela e fomos para a estação Brussels Mid^[8]. Eu estava muito animado. Enquanto aguardávamos o trem, Harriet mexia em sua mochila, ela encontrou uma touca e a colocou na cabeça, em seguida, voltou a mexer na mochila e tirou mais uma touca e empurrou sobre a minha cabeça.

- Eu não estou com esse frio todo. - Levei a mão até a cabeça, mas ela a segurou.

- Deixa assim Alec. - Olhei fixamente para seus olhos.

- Por quê? - Eu arqueei a sobrancelha.

- Quando eu viajava com meus pais e estava no inverno, nós tínhamos esse hábito. - Ela umedeceu os lábios. - Não tem um motivo, mas acho legal isso. Tudo bem se não quiser usar. - Ela afastou a mão, mas eu a segurei e a apertei contra o peito. Eu estava louco para beijá-la.

- Eu vou usar. - Ela sorriu e nunca imaginei que um dia fosse fazer uma mulher sorrir daquela forma e muito menos por usar uma touca na cabeça. - Você não existe Harriet. - Toquei seu queixo.

- Eu sei que não consegue viver sem mim. - Ela não imaginava o quanto estava me esforçando para me manter distante dela daquele jeito.

- Você não faz ideia! - Eu disse, mas o som do trem chegando, não deixou que ela me escutasse.

Eu só sabia de uma coisa. Começaria agir naquele trem e aproveitaria que a viagem seria bem demorada. Aguardei o trem ficar em movimento para tomar alguma atitude. No nosso vagão, havia apenas nós dois. Ficamos de frente um para o outro, mas Harriet olhava para o lado de fora, concentrada. Estava muito frio, por isso, peguei uma das mochilas e tirei de lá dois lençóis. Ergui um para Harriet e a cobri sobre os ombros. Ela ficou me olhando, surpresa.

- O que foi? – Cobri meus ombros, me sentei ao seu lado e peguei em sua mão, entrelaçando nossos dedos. Ela olhou para as nossas mãos unidas.

XIX

ALEC

EU, COM CERTEZA, estava me expressando muito com os olhos naquele momento. Provavelmente a estava devorando e admirando-a. Eu queria que ela me entendesse.

- Você pensou em tudo. – Com a outra mão, ela segurou a ponta do lençol.

- Eu não deixaria você passar frio, não é? – Empurrei seu ombro com o meu.

- Obrigada, não tinha pensado na possibilidade de passar frio durante a viagem de trem. – Olhei para sua boca rapidamente. Estava seca.

- Você pensou na touca. – Eu olhei para a cabeça dela rapidamente. – Acho que os lençóis não serão suficientes. – Eu soltei sua mão e a abracei nem volta dos ombros, segurei sua mão com a minha livre e comecei a brincar com seus dedos.

- Obrigada. – Ela disse, sugando o ar. Apoiou a cabeça sobre o meu ombro. – Por que mesmo não viajamos de avião?

- Para apreciar a paisagem. – Eu respondi e apoiei o queixo em sua cabeça. – Vamos desembarcar em Hamburgo e pegaremos outro trem para Dublin de lá.

- Você tem certeza que conseguiremos chegar antes da virada do natal? – Ela ergueu a cabeça e ficou me olhando.

- Tenho sim. – Aproximei o rosto do dela e beijei sua bochecha demoradamente. Ela ficou ereta e surpresa.

- Por que você fez isso? – Harriet suspirou, mas não deixou de me encarar.

- Eu quis. – Mordi o lábio inferior um instante e beijei-a novamente bem demorado. Dessa vez, ela fechou os olhos. – Sua pele é macia. – Levei minha mão até seu rosto, acariciando-o. – E você tem algumas pintinhas no nariz. – Toquei levemente o seu nariz enquanto falava e, logo em seguida, ela fez o mesmo, mas aproveitou para se afastar.

- Jura que você está reparando isso? – Suas bochechas ficaram rosadas e percebi seu desconforto com aquelas pintas.

- Estou. – Eu continuei olhando para seu nariz e depois, desci o olhar para seus lábios, suspirando. – Por que você decidiu não morar mais comigo, Harriet?

- Ah, bem. – Ela me olhou confusa com a mudança da conversa.

- Está acontecendo alguma coisa que você não quer me contar? – Eu voltei a segurar sua mão.

- Não está acontecendo nada. – Ela desviou os olhos até a janela. A neve aparecendo do lado de fora. Branca e bonita. Um pouco de verde despontava sobre a neve deixando tudo mais bonito.

- Eu tenho duas teorias. – Ela voltou a me olhar. – Mas não quero acreditar que seja nenhuma delas.

- E quais seriam? – Ela parecia estar me desafiando, pois tinha certeza que nunca iria

acertar.

- Você está incomodada com a presença de minha mãe em casa e isso tira a sua privacidade. – Eu umedeci os lábios. Ela o olhar para eles e aquilo me deixou com a garganta seca.

- Eu adoro a sua mãe e não se esqueça que, insisti para que ela ficasse conosco. – Harriet suspirou. – É um absurdo pensar isso, Alec.

- Eu sabia que iria me responder isso. – Ela sorriu para mim.

- E a segunda teoria? – Harriet estava certa que eu iria errar.

- Você está apaixonada pelo seu novo chefe e o fato de morar comigo atrapalha qualquer chance de conseguir alguma coisa com ele. – Ela riu diante do que eu disse. Eu sabia que não era aquilo, mas queria que ela me contasse a razão.

- Não. Eu não faria uma coisa dessas por causa de um homem. – Ela disse após conseguir controlar o riso.

- Então, por que você está indo embora, Harriet? – Ela fechou os olhos. – Você não gosta mais de morar na nossa casa?

- Você percebe o que disse Alec? – Ela umedeceu os lábios. – Não é minha casa, é sua. Não existe um “*nossa casa*”.

- Sempre existiu, desde que a compramos. Você a decorou e organizou tudo para mim. Me ajuda com a despesa. – Eu fechei os olhos. – A casa é tão sua quanto minha. Por que falar que a casa é nossa te incomoda agora, depois de tanto tempo?

- Eu não quero falar sobre isso, Alec. – Ela se afastou de mim, abri os olhos e a vi colada na janela. – Não vamos estragar a nossa viagem.

- Por que não me fala mais nada? – Ela fechou os olhos diante da minha pergunta. Respirou profundamente e olhou para o lado. – Somos melhores amigos, Harriet, falamos tudo para o outro.

- Não é tudo o que acontece na minha vida que eu conto para você, Alec. – Harriet continuou parada, sem olhar para mim, apenas para a paisagem do lado de fora.

- Como o fim do seu namoro com o professor Julian. – Ela se virou para mim.

- Eu achei que você não quisesse saber. – Ela deixou os ombros caírem, acompanhado de um longo suspiro. – Não importa mais agora. Faz tanto tempo, não temos motivo para tocar nesse assunto.

- Está bem, não quer me contar, eu entendo isso. – Eu peguei em sua mão e a puxei para se aproximar de mim. - Deita no meu colo.

- Obrigada. – Eu fui até a ponta e ela deitou a cabeça em minhas pernas. Eu fiquei brincando com o seu cabelo, a olhando. – Me fala um pouco sobre como escolheu os locais que iremos visitar em Dublin.

- Assim que chegarmos, teremos uma festa no hotel. – Eu levei os dedos por seu queixo e fiquei acariciando-o. – Não andaremos pela rua durante a noite.

- Devemos chegar depois do horário do almoço, não é? – Ela fixou aqueles olhos grandes, verdes e expressivos em mim.

- Acho que um pouco mais tarde, por volta das cinco e descansaremos para a festa. – Eu continuei a olhando nos olhos. – Você trouxe o presente que eu te dei?

- Sim, vou usá-lo como pediu. – Ela foi fechando os olhos. – Eu me senti uma princesa com aquele presente. – Harriet sussurrou e suspirou.

Eu não respondi. Deixei-a dormir com minhas carícias em seu cabelo e meus dedos em seu queixo. Fiquei a olhando dormir por muito tempo, tanto que perdi a noção de quantos minutos se passaram ou se passaram horas. Harriet dormia com a boca um pouco aberta e isso era uma tortura para mim. Como se me convidasse a beijá-la. Ergui sua cabeça um pouco a segurando com a mão e aproximei meu rosto do dela, roçando meus lábios nos seus. Deslizei a língua contornando sua boca toda e a senti suspirar. Voltei sua cabeça novamente por meu colo e virei o rosto para o lado de fora, através do vidro, havia apenas neve e escuridão.

A viagem foi mesmo cansativa. Quando eu dormia, Harriet me deixava apoiar em seu colo e fomos revezando durante a viagem toda. Eu só queria aproveitar mais a viagem de trem para ficar mais perto dela. Foi à única forma que vi para ter mais tempo com ela do que conseguiria se tivéssemos viajado de avião. Eu não toquei mais no assunto sobre ela ir embora, pois conforme a observava dormir, a ouvi falar meu nome e eu percebi que só havia um motivo para ela querer ir embora de repente. Eu.

Saber que ela sonhava comigo, que sussurrava meu nome, me mostrava tudo o que eu gostaria de saber. Eu entendia seu motivo agora, mas isso não queria dizer que tudo seria mais fácil. Eu sabia que ela sentia atração por mim e queria usar isso a meu favor para conquistá-la, as coisas mudaram completamente, ao saber que seus sentimentos eram iguaizinhos aos meus. Achava bom e ruim ao mesmo tempo. Bom por saber que tirei a sorte grande. A mulher que eu queria passar o resto dos meus dias gostava de mim. E o ruim, por perceber que Harriet estava com medo de esse sentimento estragar tudo o que tínhamos. Eu sabia que era isso, pois me sentia da mesma forma. Ela precisava aceitar o que estava sentindo em primeiro lugar. Eu também tive esse medo e precisei aceitar antes de tomar alguma decisão do que fazer com o que estava sentindo. E, por isso, decidi que precisava tomar muito cuidado.

Foi pensando nisso que me arrumei para cearmos o natal. Eu escolhi sozinho as roupas, sem a ajuda de minha mãe e escolhi também o vestido que Harriet usaria essa noite sem que ela palpitasse. Eu escolhi o melhor hotel de Dublin que teria uma festa e fogos de artifícios. A famosa rede Westbury Hotel, em Dublin, foi onde meus pais ficaram quando eu nasci e minha mãe o recomendou. Disse que os quartos eram incríveis. Por isso, não hesitei em reservá-lo. Foi muito difícil conseguir um quarto as vésperas de natal, mas consegui e não tinha contado ainda a Harriet que teríamos que dividir o quarto durante nossa estadia e ela ficou surpresa e, ao mesmo tempo, assustada quando eu disse alguns momentos antes de chegarmos.

- Esse quarto é muito grande e bonito, não acha? – Disse a ela assim que entramos no quarto.

- Por que você mentiu para mim dizendo que estava tudo certo com a viagem? - Ela

jogou sua mochila na cama, dei a gorjeta ao carregador de bagagem e o aguardei se retirar para respondê-la.

- Nós já dormimos no mesmo quarto algumas vezes, Harriet. – Eu me sentei na cama. – Não vejo problema.

- Está bem. – Ela fechou os olhos. – Eu não trouxe um pijama decente.

- Você nunca teve um pijama decente. Todas essas roupas para dormir, são indecentes, não se faça de rogada agora, pois já te vi muitas vezes assim. – Me levantei e fui até a lareira elétrica a acendendo.

- Você tem argumentos para tudo. – Ela girou nos calcanhares e andou pelo quarto todo. – Tem um sofá-cama.

- Eu sei. – Estava concentrado no fogo e pensando que não dormiria no sofá.

- Vamos descansar? – Ela parou ao meu lado. – Quem dorme no sofá?

- Harriet, já dormi na mesma cama com você. – Me virei para ela.

- Mas... – Ela cruzou os braços.

- Vamos dormir e nos aquecer para curtirmos a noite, está bem? – Eu fui até a cama e me desfiz dos sapatos.

- Ai, como você é chato. – Ela disse e foi até o sofá. – E nenhum pouco cavalheiro.

Eu deixei-a dormir no sofá, é claro. Se ela quisesse conforto, dormiria comigo, na cama. Eu não iria resistir se ela deitasse na mesma cama que eu. Seria uma tentação, por isso, optei por deixá-la fazer o que quisesse, até aquela noite, pois estava cansado para fazer qualquer coisa naquele momento e precisava repor as energias antes. Me arrumei primeiro enquanto Harriet tomava banho. A ouvi encher a banheira e podia imaginar as espumas sobre o corpo dela. Arrumei minha gravata com o corpo e a mente em alerta. Os perfumes de suas essências estavam impregnando o ar. Me arrumei rapidamente para não me torturar por mais tempo e saí do quarto.

Caminhei pelo jardim do hotel, respingos de neves caíam sobre as pessoas na festa, a piscina estava enfeitada, as plantas verdes e grandes tinham as pontas esbranquiçadas por causa da neve. Estava tudo muito bonito. Todos estavam elegantes, inclusive eu. Uma banda irlandesa tocava e a maioria das pessoas na festa falava inglês. Eu as entendia bem. Ainda bem que minha mãe me obrigou a aprender inglês, além do Francês do nosso país. Peguei uma taça de champanhe, virando-a em seguida e devolvi-a a mesa. Fiquei olhando para a banda que tocava uma música do U2 que eu gostava muito.

- Nem aqui você esquece a banda. – Me virei ao som de sua voz.

- Eu nem pensava nisso. – Sorri e olhei para ela de cima a baixo. Eu a imaginei naquele vestido esses dias todos, mas vê-la dentro dele, me mostrou que a imaginação nunca seria párea para a realidade. – Você está um espetáculo.

- Obrigada. Alguém o escolheu para mim. – Eu sorri diante de seu comentário, ela parecia tímida.

- Vermelho fica bem em você. – E olhei o decote que fiz questão que ficasse a vista.

Sua cintura fina e a curva do quadril, faziam-na se parecer com uma sereia. – Está muito sexy, Harriet, minha pequena sereia.

- Você tem bom gosto. – Ela cruzou as mãos uma na frente da outra. – Algumas pessoas ficam olhando para mim. – Estou ficando constrangida.

- Por favor, deixe-os olharem e sintam inveja de mim. – Me aproximei dela e toquei em sua cintura, ela estava um pouco mais alta por causa do sapato. – Eu estou com você agora.

- Alec. - Ela umedeceu os lábios. Na boca, tinha passado um batom vermelho, mas pouca maquiagem. Seu cabelo estava preso do lado e jogado sobre o ombro direito.

- Você é minha esta noite, Harriet. – Não consegui me controlar. Deslizei minhas mãos até as suas e a fiz me abraçar. – Dance e passe essa noite inteira ao meu lado, Harriet? – Não era só um pedido, era muito mais do que isso. Eu esperava que ela entendesse.

- Eu já estou aqui, com você. – Ela me acompanhou na dança.

- Por enquanto vou me satisfazer com isso. – Eu aproximei meu rosto do seu ouvido e mordisquei o lóbulo de sua orelha.

- Alec. – Ela arfou.

- Essa noite é nossa, Harriet. Vamos fazer tudo o que quisermos sem pensar nas consequências. – Afastei o rosto um pouco para olhá-la nos olhos.

- E você deseja fazer algo especial? – Ela sorriu.

- Desejo. – Olhei para os seus lábios. A música acabou e nós paramos.

- E o que você deseja, Alecsander? – Sua voz soou rouca parecendo antecipar meus atos.

- Faz meses que eu desejo uma única coisa. – Uma nova música começou ao fundo. – Mas hoje eu não desejo só isso. Eu quero mais. Eu quero você.

- Alec! – Ela umedeceu os lábios, não conseguia afastar-me dela. A música foi interrompida novamente, mas dessa vez, para anunciarem que faltava menos de um minuto para dar meia noite. Harriet olhou para o lado, levei minha mão até seu queixo e a fiz me olhar de volta. – A contagem.

- Eu não dou a mínima para a contagem. – Umedeci meus lábios. – Eu só quero olhar para você. É só isso que me importa agora. – Suas bochechas coraram. – Eu quero beijar você, Harriet, desde àquela noite no baile. Eu não consigo parar de pensar. – Ela me olhou confusa e depois percebi que estava angustiada.

- Eu também, mas... – Toquei seus lábios com a ponta dos dedos. Faltava dez segundos para meia noite, as pessoas contavam ao nosso redor.

- Não existe ‘mas’ agora. – Eu a fiz inclinar a cabeça para mim. – Vamos pensar no que queremos. Eu quero você. Só você agora.

- Alec, Alec, Alec... – Ela sorriu e me abraçou o pescoço, oferecendo os lábios para mim.

- Feliz Natal, Harriet. – Então, me apossei de seus lábios.

Não estava mais roçando sua boca na minha. Não estava me torturando mais pensando como seria beijá-la. Sua boca era macia, o hálito quente e molhado. Eram lábios magníficos. Tanto que não queria me afastar nunca mais. Eu estava ganhando o presente de Natal que tanto desejava. Até estava achando que papai Noel existia por me dar um presente tão almejado quanto aquele.

HARRIET

EU ACHAVA QUE ERA UM SONHO. Que ainda estava no quarto do hotel dormindo e que a qualquer momento, Alec iria me despertar. Eu não poderia negar que alguma coisa estava diferente, principalmente quando decidi voltar para casa dos meus avós tão de repente, mas eu não aguentaria ficar no mesmo ambiente que ele, sentindo o que estava sentindo, afinal, eu nunca fui o tipo de mulher que Alec sempre se interessou.

Eu sabia muito bem que ele preferia as loiras, altas e que pareciam modelos. Eu achei que poderia aguentar, mas me enganei quando o vi chegar àquela noite após fazer compras com Lili. Quando o vi, com o cabelo cortado, todo confiante e sexy. Eu sabia que estava me machucando sozinha. Não podia mais ficar perto dele, pois eu queria que ele me desejasse como mulher e não como sua melhor amiga.

Mesmo que ele, aparentemente, nutrisse algum sentimento por mim e que algo entre nós pudesse surgir, eu não poderia continuar morando com ele. E se isso desse errado, como iríamos conviver? Como continuaríamos sendo amigos? Eu sei que estou pensando negativamente, mas eu tinha que cuidar de mim e dos meus sentimentos. Era uma decisão sensata. Algo estava surgindo e o beijo que estávamos trocando era prova disso tudo. Era real e maravilhoso.

Estava sendo egoísta conosco, eu sei disso, mas não tinha escolha. Se nosso relacionamento desse errado, não poderia ficar perto dele, ver todas as mulheres entrarem e saírem de sua vida, estaria me torturando. E um dia, descobriria que ele iria se casar com uma delas. Eu precisava pensar em nós dois, embora, naquela noite, ele me disse palavras que negavam todos os meus pensamentos. Ele me queria como mulher para sempre. E isso só podia ser um sonho, mas não era.

Cadê às mulheres que eram o seu estereótipo? Eu não tinha nada a ver com elas. Baixinha, desajeitada e ruiva. Como ele podia estar tão certo de seus sentimentos? Eu esperava que sim, pois eu não aguentaria passar por aquilo tudo durante a nossa viagem e ser rejeitada depois. Eu não poderia suportar isso.

Eu o beijei tanto para não acordar daquele sonho delicioso. Fiquei totalmente sem fôlego. Ele me segurava à cintura com força, colando meu corpo contra o seu. Uma de suas mãos tocava minha nuca, acariciando e me seduzindo. Afastei o rosto algumas vezes, em busca de ar. Eu nunca havia sido beijada daquela forma, com tanta volúpia e necessidade.

Estávamos no meio das pessoas que brindavam alegres, mas eu e Alec continuamos ali abraçados, sem nos importar com as pessoas ao nosso redor, que nos olhavam abismados. Eu tinha medo de me afastar e acordar. Ele me parecia ter tanta necessidade de ficar colado comigo que não me largava um só segundo, mesmo quando precisava tomar fôlego, mas Alec não esperava muito e sua boca se apossava da minha logo em seguida e nossas línguas deslizavam uma na outra, provocando.

Sentia meu corpo todo esquentar. Minha coluna fisgava de uma maneira deliciosa e aquela sensação subia até não ter controle. Alec afastou o rosto e roçou o nariz no meu, sorrindo. Ah Deus. Que sorriso perfeito. Ele estava magnífico naquela noite. De tirar o

meu fôlego. Aliás, ultimamente, ele tem feito muito isso, pois me deixava sempre sem ar quando estava por perto.

- Dança comigo de novo, *princesa*? – Ele sussurrou afastando um pouco o corpo do meu. Eu senti frio. Estava esperando acordar a qualquer momento.

- Lá vem você com esse papo de *princesa* de novo. – Eu tentei prestar atenção para ver se minhas palavras soavam como eco. Quando eu sonhava, minha voz ecoava, mas não dessa vez. Dessa vez era tudo real.

- Seus cabelos longos, me lembra sempre uma *princesa*. – Ele pegou minhas mãos e as levou até seus ombros. – Uma *princesa* da Disney, só que de verdade.

- Eu não vou me irritar por causa disso. – Eu não sei como ainda não senti vergonha.

- E não é para se irritar. – Ele me beijou novamente, suas mãos seguraram a minha cintura e começou a levar meu quadril de um lado para o outro. – Dança, *princesa*. – Disse roucamente. Eu nem se quisesse ficaria brava com ele. Aquela voz rouca me fez estremecer.

- Eu estou dançando. – Disse baixinho, com a voz quase sem força para sair.

- Quero que dance mais. – Ele afastou um pouco mais e me segurou pela mão, me fazendo girar, me abraçando de costa. Ele beijou meu pescoço, minha orelha. – Você é tão suave. – Sussurrou em meu ouvido.

- Ah. – Eu gemi abafado e ele voltou a me girar, me fazendo ficar de frente para ele novamente. Sua mão foi até a minha cintura e a outra segurava a minha no ar. – Você dança muito bem, me lembro que me disse que não sabia dançar.

- Tive uma boa professora em casa. – Ele sorriu e piscou logo em seguida. A música acabou e nós paramos. – Minha mãe costumava dançar com meu pai e pedi para ela me ensinar alguns passos.

- Tia Lili mandou muito bem! – Ele gargalhou inclinando a cabeça.

- Você quer beber algo? – Seus dedos entrelaçaram com os meus e nós começamos a caminhar. Olhei nossas mãos juntas e ele percebeu isso, pois as levantou e beijou as costas da minha mão demoradamente.

- O que você sugere para beber? – Eu umedeci os lábios.

- Precisamos celebrar o natal. – Ele acenou para um garçom que se aproximou de nós imediatamente. – Duas taças de champanhe, por favor. – Alec pediu.

- Você não precisa fazer isso. – Ele beijou a palma da minha mão.

- Mas eu quero. Hoje eu ganhei um presente do papai Noel. – Ah, ele não podia estar falando sério. Meu coração deu um salto. Eu posso acordar do sonho agora. Pensei.

- E o que seria? – Eu precisava ouvir. Não custava sonhar alto, não é? Se era para continuar sonhando, que sonhasse direito.

- Você. – Ele foi direto ao ponto. Não fez rodeio. Eu senti minhas pernas bambearem. As taças abastecidas chegaram. Ele me entregou uma e me encarou, com a sua no ar. – A nós, hoje.

- A nós. – Eu não queria só o hoje, por isso disse somente isso. Encostei a minha taça na dele e o olhei nos olhos.

- A nós. – Ele repetiu baixinho antes de beber o conteúdo de uma vez. Eu molhei a boca apenas. Alec arqueou a sobrancelha para mim.

- O que foi? – Indaguei e fiz o mesmo que ele, antes de beber mais um gole.

- Nada. – Ele se aproximou de mim, levando a mão livre até minha cintura. – Eu quero mais uma taça. – Ele beijou meu pescoço, eu senti os lábios molhados e gelados tocarem a minha pele, gemi. – Gosto desse som. – Alec beliscou com a boca o lóbulo de minha orelha. Gemi de novo. – Isso é melhor do que música. – Ele disse e senti sua língua deslizar por minha orelha. Apoiei meu corpo no dele e o ouvi rir em meu ouvido. – Beba. – Ele levou a mão até a minha que segurava a taça e guiou-a para minha boca. Bebi. – Vou pedir mais bebida para nós, mas dessa vez, algo mais forte.

- Você quer me embebedar? – Indaguei encarando-o.

- Se isso te levar para a minha cama, com certeza. – Caçoou, eu percebi.

- Você não precisa fazer isso para me arrastar para a cama, pois estamos dividindo a mesma. – Eu levei a mão até o botão da camisa branca e desabotoei, provocando. Ergui lentamente os olhos.

- E o que eu preciso fazer para termos mais alguma coisa do que dividir uma cama comigo? – A voz dele estava rouca. Gostava do som dela e gostava mais ainda, de saber que eu estava causando uma comoção interna nele.

- Me beijar? – Eu disse em dúvida. Não sabia se estava conseguindo provocá-lo direito.

- Ah, eu quero te beijar inteira, Harriet. – Ele beijou meu rosto. – Você não percebeu ainda que não consigo afastar minhas mãos de você? – Realmente. Aquilo fazia sentido. Ele sempre tinha as mãos me tocando em algum lugar.

- Isso é real, Alec? – Indaguei um pouco confusa.

- É claro que é. – Ele tocou meu queixo e me beijou. – Você não sente isso? – Alec não esperou minha resposta, me beijou de novo.

- Acho que sim, você não está fazendo isso muito bem. – Segurei seu maxilar com força e o beijei. Alec começou a rir e tive que afastar o rosto. – O que aconteceu de tão engraçado?

- Eu não consigo mover a boca com você apertando. – Ele sorriu e eu comecei a gargalhar.

- Eu não levo muito jeito para fazer isso. – Me afastei dele o suficiente para sentir o corpo esfriar. Meu vestido era longo e de mangas compridas, mas estava um frio de rachar os ossos naquele dia. Esfreguei meus braços.

- Vem, vamos dançar e nos aquecer um pouco. – Ele se virou para mim movendo de um lado para o outro, dançando.

- Você quer me fazer rir? – Eu indaguei.

- Eu quero fazer um monte de coisas com você e rir é uma delas. – Ele girou rapidamente, empolgado e distraído, não percebeu que o garçom passava, batendo na bandeja. – Oh merda. – Todo mundo olhou para nós. Eu comecei a rir enquanto ele conversava com o garçom pedindo desculpas.

- Eu acho que devia ter filmado. – Disse assim que ele se virou.

- Dei uma gorjeta para ajudar o garoto. – Ele me abraçou ,sorrindo. – E pedi uma garrafa de vinho para nós.

- Você quer me embriagar mesmo. – Eu rocei o ombro em seu peito.

- Quero. – Alec disse sorrindo bem perto do meu ouvido, ele beijou meu pescoço, em seguida, bochecha até aproximar a boca da minha. – Eu quero sentir o seu gosto misturado com vinho. – Ele deslizou a língua por meu lábio superior e estremeci.

- Você é sempre assim atirado? – Eu senti minha bochecha esquentar.

- Só com quem tenho intimidade e confiança. – Ele piscou se afastando. – Ou seja, só com você.

- Ah, conta outra. – Eu avistei o garçom se aproximando.

- O que? – Eu não tive tempo de responder, o garçom trouxe-nos a garrafa e duas taças vazias. Alec se encarregou de segurá-las e enchê-las. – Feliz Natal, Harriet.

- Feliz Natal, Alec. – Ele tocou a taça na minha.

- Que mais natalis como este aconteça conosco. – Ele disse antes de virar o copo e beber de uma vez. Eu o acompanhei e assim que engoli, sua boca se apossou da minha. – Hum. – Ele murmurou e se afastou, lambendo os lábios.

- Faz mais isso? – Senti meu estômago esquentar e borbulhar. Alec encheu as nossas taças. – Juntos?

- No três hein. – Ele contou e viramos. Em seguida, nos abraçamos e beijamos. Senti a garrafa fria roçar em minhas costas, mas não me importei. Eu só queria beijá-lo e beijá-lo. Quanto mais sua língua brincava com a minha e seus dentes mordiscavam meus lábios, mais eu desejava-o. Alec se afastou e pegou ar. – Quer mais um pouco? – Ele ofereceu o vinho e eu aceitei. – Dessa vez, não viramos o copo de uma vez. Bebemos e começamos a dançar.

- Você ia me beijar no dia da minha formatura, Alec? – Eu perguntei após algumas músicas.

- Eu queria. – Ele me abraçou por trás e beijou meu pescoço. – Nos atrapalharam e eu fiquei confuso.

- Eu também. – Eu beijei seu rosto.

- Você me parecia muito normal, até achei que não tinha notado o que quase aconteceu entre nós. – Ele suspirou.

- Eu sou distraída, mas não tanto assim. – Falei indignada. – Achei que tivesse compreendido errado.

- As mulheres sempre complicam a coisa toda. – Ele levou a mão até o cabelo, como de costume, mas não os bagunçou, pois estavam curtos e arrumados.

- Complicamos a coisa toda? – Me afastei dele cruzando os braços. – Vocês que não nos compreendem.

- Se vocês explicassem o que pensam, talvez entendêssemos. – Ele disse cuidadosamente e me abraçou novamente. – Vamos dançar. – Deslizou as mãos por meus braços, desfazendo os nós e me girou, sorrindo. – Você parece uma sereia nesse vestido.

- Eu até sei o que você vai falar agora. – Fechei os olhos.

- *Princesa Ariel*. – Falamos ao mesmo tempo e acabamos rindo.

- Está muito parecida com ela. – Ele tocou meu cabelo. – Só faltava usar um top, ficar de barriga de fora e mostrar esses *peitões* maravilhosos.

- Alec! – O repreendi e senti o meu rosto esquentar. – Você está reparando nos meus seios.

- Ora, eles são bem grandes e visíveis. – Ele suspirou olhando para eles.

- Tire os olhos. – Eu tentei soltar minhas mãos para tampar, mas Alec me segurou.

- Você está vermelha da cor do seu cabelo. – Ele começou a rir.

- Eu acho que estamos bêbados. – Eu suspirei.

- Você está, eu não. – Ele levantou as sobrancelhas algumas vezes, sorrindo maliciosamente.

- Sou muito fraca para bebida. – Fechei e abri os olhos. – Suas sobrancelhas estão mexendo pra cima e pra baixo. – Ele gargalhou e inclinou a cabeça para trás.

- É, você está bêbada. – Ele me girou mais uma vez enquanto dançávamos.

- Você conseguiu o que queria. – Deixei-o me guiar.

- E o que seria isso? – Ele me puxou, grudando o corpo no meu.

- Me embebedar. – Falei rindo em seguida.

- Você é fraca para beber, não é minha culpa. – Suspirou. – Vamos esperar só mais uma música e subiremos para o quarto, está bem?

- Sim. – Murmurei. Ele me beijou e uma música lenta começou.

- Eu pedi para tocarem essa música para nosso primeiro natal, sozinhos e juntos assim. – Ele sussurrou em meu ouvido.

- Que muitos natais como esse aconteça. – Eu disse em resposta.

- Só depende de você. – Ele beijou meu pescoço.

E a música que eu vivia cantarolando no chuveiro tomou conta de tudo. Alec havia percebido isso nesses últimos tempos. Eu não conseguia tirar *She Will Be Loved* da minha cabeça e a cantava sempre que me encontrava sozinha, ou achava que estava. Ele tocou meu rosto e me fez encará-lo. Seus olhos azuis-esverdeados estavam fixos em mim. Em seguida, fechou-os e aproximou o rosto do meu, roçando meu nariz delicadamente até me

beijar.

Só pensava em me deixar levar por suas carícias, seus beijos eram de tirar o fôlego e me deixavam praticamente inconsciente. Não me lembro de termos esperado a música acabar. Alec me levou para o quarto, sem se afastar de mim um só instante. No elevador, ele me prensou contra o espelho e ergueu minhas mãos até a minha cabeça, colando o corpo todo no meu. Eu queria abraçá-lo e acariciar suas costas, apertá-lo. Era o efeito do álcool nos descontrolando. Posso dizer por mim que tudo o que eu mais desejava fazer com Alec, a bebedeira me ajudou a expor para ele.

- Eu ainda não acordei do meu sonho. – Sussurrei ao conseguir uma brecha para respirar. O ouvi rir e, em seguida, seus lábios se apossaram dos meus.

Ele soltou minhas mãos e desceu uma das suas até a minha coxa, subindo o meu vestido. Sua mão deslizou por meu joelho até a coxa e a apalpou. Eu gemi ao sentir a força com que ele apertava. Sua boca afastou da minha e a deslizou por meu queixo até a minha garganta. O elevador se abriu e nos assustamos. Nos afastamos rapidamente e nos viramos para a porta, mas não havia ninguém, era só um aviso de que chegamos ao nosso destino.

Alec não me pediu permissão, nem nada, ele me pegou no colo e me carregou até o quarto. Ainda bem, pois eu não tinha forças para caminhar. Ele abriu a porta e me carregou até a cama. Se livrou rapidamente do casaco e se deitou vagarosamente sobre mim. Isso está mesmo acontecendo? Pensei. Eu não percebi que tinha falado em voz alta até ouvi-lo rir e me responder.

- Está acontecendo, Harriet. – Ele me olhou. – Quanta roupa você está usando.

- Foi você que me deu esse vestido. – Me defendi.

- Não tinha pensado nisso quando o escolhi, me desculpe, mas te dou outro depois. – Ele começou a puxá-lo com força sobre meus seios e rasgou-o.

- Ah. – Eu murmurei. – Ele é tão lindo.

- Te dou outro igual depois. – Ele se afastou para me livrar do vestido completamente.

- Você não está com pressa demais? – Me tampei.

- Eu só quero te livrar da roupa. – Ele se levantou.

- Hey, onde você vai agora que estou quase nua e com frio? – Ele me olhou rapidamente. Seus olhos estavam escuros.

- Vou acender a lareira para você não sentir frio agora. – Ele piscou e sorriu. – E vou te aquecer muito até te fazer suar daqui a pouco.

- Acho bom mesmo. – Eu disse e levei as mãos até a testa. – Oh Deus, eu estou nua na sua frente.

- Está sim e é uma visão e tanto, Harriet. – Ele já estava na minha frente, sorrindo. – Que maravilhosa.

- Não me olha desse jeito, Alecsander. – Eu levei as mãos até os seios, tampando-os.

- Ah, não vai tampar não. – Ele encaixou uma perna entre as minhas e foi se

deitando, deixando um braço de cada lado do meu corpo, ele se apoiou no cotovelo e com a mão livre, afastou as minhas mãos dos seios.

- Você está vestido. – Eu murmurei.

- É pra você me despir, Harriet. – Senti meu rosto esquentar. – Pode começar quando quiser, mas eu não vou esperar você.



XXI

HARRIET

EU NÃO TIVE MAIS TEMPO DE RESPONDER. Alec me beijou novamente e com a mão livre, me tocou o seio, apalpando e apertando. Eu gemi entre seus lábios. Sua mão era macia e, enquanto me tocava, eriçava todo o pelo do meu corpo. Ele continuou acariciando meu seio e me beijando por muito tempo, parecia não saciar nunca daquilo.

Suspirei e virei o rosto afastando a boca em busca de ar. Ele desceu os beijos para meu corpo e eu fechei os olhos, absorvendo a maciez dos seus lábios tocarem minha pele, a deixarem molhada e, onde sua boca tocava, minha pele queimava. Gemi quando ele circulou a ponta dos dedos por meu mamilo.

A respiração dele foi se tornando forte e os seus lábios ficaram exigentes conforme a nossa excitação crescia. Eu me movia abaixo dele, gemendo. Uma de minhas mãos acariciava sua nuca e esfregava, inconscientemente meu quadril no dele.

Ele ergueu o rosto para mim, sorrindo. Eu sentia meu corpo todo quente e minha testa suave. Alec umedeceu os lábios e afastou a mão do meu seio. Segurou a ponta dos meus dedos e levou até sua camisa. Eu comecei a desabotoá-la e assim que terminei, afastei um lado e Alec ajudou a me livrar dela. Joguei para algum lugar do quarto, mas só tinha olhos para suas tatuagens.

Eu quis perguntar o significado de todas elas, mas aquele não era o momento. Teria que deixar para outra hora. Simplesmente levei a ponta dos dedos àquela em especial que estava bem abaixo de seu braço, quase escondida, que marcava meu nome. Mordi o lábio inferior e fixei meus olhos nos seus.

- Você estará comigo para sempre agora. – Ele murmurou.

- Desde... – Ele levou a ponta dos dedos até meus lábios, praticamente me

interrompendo.

- Faz algum tempo. – Disse sorrindo.

Acaricieei seu peito fazendo contornos e deslizando a ponta dos dedos até chegar à calça social que ele vestia. Eu parei ali e olhei para ele. Perguntei sem sequer abrir a boca, se podia abri-la, mas Alec apenas me beijou em resposta.

Quando comecei a penetrar minha mão dentro da cueca sem desabotoar a calça, Alec se afastou e levou a mão até a minha e me guiou até o botão. Eu abri e deslizei o zíper. Olhei para baixo e suspirei. Era perceptível sua ereção, mas vê-la achei mais incrível ainda, mesmo sob a cueca boxer azul.

Ele continuou segurando a minha mão e levou-a para dentro da cueca. Senti-o vibrar quando o toquei e isso me estimulou a continuar. Apertei e deslizei. Ele voltou sua atenção para mim e olhei-o nos olhos, percebi o quanto estavam escuros. Sua boca tomou posse novamente da minha. Eu continuei tocando-o e ele afastou a boca da minha para deslizar beijos molhados por meu pescoço, colo, o vale entre os seios e apalpar um e, em seguida, senti seus lábios sugarem meu mamilo.

Afastei a mão de dentro da cueca e o apertei nas costas, arranhando-o. Eu gemi, estremeci e perdi o ar. Eu jamais senti nada daquilo. Alec estava me deixando zozila e completamente sem reação. Ele sugou o outro mamilo. Ele dava muita atenção aos meus seios e, eu não fazia ideia, até aquele momento, que Alec era fascinado por eles.

Alec deslizou beijos pela minha barriga e contornou a língua em torno do meu umbigo. Eu tremi e apoiei uma perna sobre a cama, erguendo o quadril. Ele parou um instante e se afastou. Abri os olhos e o encarei. Minha mão brincava com seus cabelos e ele sorriu.

- Vou poder ver sua tatuagem. – Ele suspirou. – Aquele dia, quando você disse que queria fazer uma tatuagem na sua virilha, eu fiquei louco de tesão. – Eu gargalhei.

- Bem, acho que vai se surpreender. – Eu consegui dizer alguma coisa. – Mas fique sabendo que a fiz na boa intenção. – Ele desceu os olhos até minha calcinha e começou a me livrar dela, mas parou no meio do caminho.

- Puta que pariu, Harriet. – Ele resmungou e, em seguida, sorriu. – Você fez mesmo meu nome com a âncora.

- Eu não me arrependo. – Me defendi.

- Você sempre me quis aqui, não é? – Ele deslizou a calcinha e a jogou no chão. Seus dedos foram diretos para o meio das minhas pernas. – Diz que você sempre me quis aqui. – Eu gemi.

- Acho que agora, eu falo o que você quiser. – Ele gargalhou.

- Você é muito pirada mesmo. – Ele afastou os dedos e ergueu o corpo, se sentando. Tirou a calça e a cueca com naturalidade. Em seguida, se deitou novamente sobre o meu corpo, sua mão deslizava para cima e para baixo. – Sua pele é maravilhosa.

- E você está me bajulando muito. – Alec riu e beijou meu pescoço.

- Eu sempre bajulo você. – Se defendeu.

- Você nunca me elogiou desse jeito. – Alisei seu peito para cima e para baixo.

- É que eu não sabia se podia, mas agora eu sei que posso. – Ele me deu um beijo lento e, em seguida, se afastou novamente. – Você gosta quando falo. – Senti meu rosto aquecer.

- Você observa tudo. – Eu não tinha mais o que falar. Levei os dois braços em volta de seu pescoço. Sua mão parou sobre o meu quadril e seu rosto se aproximou do meu novamente. Aliás, seu corpo roçou o meu e eu senti o membro ereto entre minhas pernas. Sua mão deslizou entre minhas pernas e ele acariciou o púbis. – Alec. – Afastei os lábios dos seus e sussurrei.

- Xiu. Vamos apreciar o momento. – Ele murmurou entre meus lábios.

- preservativo. – Ele parou me olhando.

- Eu nunca transei sem camisinha, mas eu quero tanto sentir meu corpo completar o seu Harriet. – Ele beijou minha orelha. – Eu sou limpo.

- Eu também sou. – Eu fechei os olhos. – Me instiga mais, por favor. – Sussurrei desesperadamente.

- Eu vou. – Ele mordeu o lóbulo de minha orelha. – Só fica quietinha e me deixe agir, está bem?

Assenti aceitando sua proposta. Ele voltou a me beijar, sua mão deslizou por minha perna e me puxou, fazendo-a enrolar em sua cintura, em seguida, ele voltou a me acariciar. Arfei e ergui os seios contra o seu peito. Empurrei o quadril e senti o membro penetrar lentamente. Ele moveu mais o quadril se afastando e penetrando. Seu dedo me acariciava e apertava.

Senti uma ansiedade de mover meu quadril contra o dele, pois um desejo de ser preenchida tinha se apossado do meu corpo completamente, eu não estava mais raciocinando. Ele me segurou. Sua boca apenas brincava com a minha, até que afastou o dedo e forcei meu quadril novamente contra o dele que fez o mesmo. Ele gemeu e mordeu meu lábio inferior. Senti sangue na minha língua, mas não me importei.

- Você é muito apertada. – Ele sussurrou, antes de beijar rapidamente e, várias vezes, a minha boca. – É como eu imaginava.

- Você imaginava isso? – Ele apenas concordou, pois deslizava sua boca por meu pescoço e se guiava para meus seios.

Sua boca chupou meu mamilo de novo, senti a língua deslizando e contornando-o, em seguida, deslizou seus dentes, me fazendo arrepiar dos pés a cabeça. Seu quadril deslizou se afastando e investindo novamente, mas foi vagarosamente e deliciosamente. Deslizando para dentro com perfeição, causando arrepios em meu corpo.

Ele gemia contra o meu mamilo e eu forçava meu corpo contra o dele. Sentia calor por todo o corpo. Eu estava ardendo e, conforme as ondas tomavam conta do meu corpo, eu me sentia desaparecer, flutuar e ficar inconsciente.

Me recordo nitidamente de nós dois gritando juntos, gemendo em sintonia e o som dos nossos corpos quando se chocavam um no outro. E era maravilhoso quando isso

aconteciam, pois me guiava cada vez mais para longe daquele mundo. Só havia eu e Alec e mais ninguém.

Senti sua boca na minha quando começamos a gritar e, mesmo assim, não paramos, nossos desejos se tornaram desenfreados. Só conseguimos controlá-los quando não havia mais forças para continuar. E, então, adormeci, abraçada a Alec.

Eu realmente achava que iria acordar e ver que tudo aquilo não passou de um sonho, pois era o que eu vinha fazendo ultimamente: sonhar com Alec. Seja dormindo, fazendo amor ou o beijando. Eu não podia controlar, já achava que estava enlouquecendo, mas...

Dessa vez não foi um sonho. E fui despertada por um toque suave e molhado no seio esquerdo. Eu não associei de pronto o que estava acontecendo, principalmente por achar delicioso e quis deixar fluir. Da minha boca disparava gemidos que meu consciente não identificou inicialmente.

O toque úmido foi deslizando e se tornando mais agradável, mas ainda sentia algo tocando o meu seio, brincando com o mamilo e apalpando-o de vez em quando. Minha perna se ergueu e senti um sopro quente roçar minha virilha. Abri os olhos ao entender o que estava acontecendo, mas não tive tempo de pensar e muito menos evitar.

Não que eu não quisesse fazer uma coisa dessas, longe disso, eu jamais negaria ao que veio em seguida. Gemi tão alto, minhas mãos foram parar nos ombros de Alec e eu não sabia se o afastava para poder raciocinar ou se o empurrava para aumentar ainda mais a tortura. Eu nunca tinha experimentado aquilo, até aquele dia. E foi incrível. Todo o meu corpo implorava por mais.

Ouvia-me dizendo para ele fazer mais aquilo em uma voz desconhecida e meu corpo todo convulsionava deliciosamente. Empurrava meu quadril contra o seu rosto e Alec chupava com volúpia. E ele ainda mordiscava. Isso me deixava ainda mais fora de mim. Eu não percebi que já estava inconsciente fazia tempo.

Senti a língua de Alec me lambe e deslizá-la subindo lentamente, parando apenas nos meus seios para sugar. Ouvi o som de seus lábios chupando meu mamilo e seus gemidos, até que sua boca se apossou da minha. Sua mão foi para minha perna e a ergueu. Abri os olhos quando ele afastou os lábios dos meus com um sorriso no rosto.

- Bom dia! – Ele bem acabou de falar e o senti deslizar o quadril entre minhas pernas, roçar a cabeça do pênis até encaixá-la e afundá-la para dentro de mim. Gemi. – Hum. Está tão molhada. – Ele murmurou e começou a mover.

- E eu acho que você tem um apetite voraz. – Ele inclinou a cabeça rindo, mas voltou a me olhar só que dessa vez, sério.

- Você não faz ideia por quanto tempo eu estou esperando isso. – Ele afundou o pênis com mais força e gemeu. – Preciso recuperar o tempo perdido.

Eu não consegui respondê-lo, aliás, eu não sabia o que podia falar, apenas capturei seus lábios e o abracei tanto com os braços quanto com as pernas, me entregando. Eu não pensei e nem queria pensar no que tudo aquilo significava. Eu só pensava em aproveitar o momento com ele.

Eu não sabia o que ele planejava, mas uma hora iria descobrir. Fechei os olhos e o

deixei cuidar de mim como nunca fizeram comigo. E foi maravilhoso. Alec me fez sentir a mulher mais feliz e desejada do mundo naquele momento. Bem. Não só naquele momento.

Quando acordei algumas horas mais tarde, o espaço ao lado na cama estava vazio. Passei a mão pelo travesseiro e o cheirei. Realmente foi real. Eu havia dormido com Alec, feito amor à noite toda. Suspirei e sorri. Ouvi a porta abrindo e voltei a me deitar no meu lado da cama, sentindo o rosto esquentar.

Alec estava sorrindo e me parecia que tinha percebido meu constrangimento, mas não comentou nada. Ele foi até a cama e senti seu perfume masculino. Ele usava uma roupa que não tinha visto ainda e percebi que estava diferente e não era só o cabelo. Alec segurou meu rosto firmemente e me beijou. Seu beijo foi exigente e possessivo. Quando se afastou, ele ficou me olhando nos olhos.

- Bom dia, *Merida*, dormiu bem? – Ele tocou meus cabelos. – A sua trança não existe mais. – Comentou e o observei enrolar os dedos nos fios vermelhos.

- Eu dormi, mas meu corpo está doendo muito. – Ele puxou um pouco o lençol e seus olhos foram diretamente para o seio descoberto. – Para de olhar para o meu seio, Alec. – Senti meu rosto esquentar de novo.

- Não dá. – Eu o senti tocar a ponta do dedo no mamilo e me afastei. – Ah, você não pode fazer isso comigo, Harriet.

- Eu posso e vou. – Eu puxei o lençol rapidamente e me cobri de novo.

- Já que não vou ganhar nada agora, vamos dar uma volta pela cidade. – Ele sorriu. – Eu preciso conhecer o local onde eu nasci né?

- Viemos aqui para isso. – Ele gesticulou negativamente.

- Eu não vim aqui só para conhecer a cidade. – Ele aproximou o rosto do meu e deu um selinho rápido na minha boca.

- Ah não? – Eu o empurrei e percebi o quão irritado ficou por afastá-lo.

- Não. – Piscou e sorriu maliciosamente. – Agora você sabe o que eu planejei desde o começo.

- Me seduzir? – Eu bati levemente em seu ombro. Ele riu. – Valeu a pena tanto esforço? – Indaguei insegura.

- Valeu e muito. Valeu tanto que quero repetir várias vezes. – Ele era um pervertido mesmo.

- Mais tarde. Agora preciso tomar um banho e me vestir. – Ele arqueou a sobrancelha sorrindo maliciosamente.

- Isso é uma promessa, *princesa*? – Ah, Deus. Ele nunca iria acabar com os apelidos.

- Vai me dar licença para tomar banho e me vestir? – Eu achei melhor não respondê-lo.

- Eu já te vi nua, Harriet. – Falou bastante indignado.

- Depende muito das circunstâncias, não acha? – Ele gesticulou veemente. – Por favor, Alec? Eu fico com vergonha.

- Só dessa vez! – Ele se levantou e apontou o dedo indicador para mim. – Na próxima, eu não vou deixar, vai precisar se acostumar comigo vendo-a nua a partir de agora.

- Ainda bem que vou me mudar e poderei ficar livre de todo esse constrangimento toda vez quando voltarmos à Bruxelas. – Me levantei rindo, me virei e o encontrei sério de braços cruzados. – O que foi?

- Eu achei que você não fosse mais embora depois dessa noite. – Eu podia sentir a indignação em sua voz.

- Mas, Alec. Agora mais do que nunca eu preciso me mudar. Se morarmos juntos, vamos ter uma vida de casados. E acabamos de começar. – Disse sem pensar no que aquelas palavras poderiam causar a ele ou sequer pensar nos planos dele. Caminhei rapidamente até o banheiro e me tranquei.

- Harriet. – Eu o ouvi atrás da porta. Sua respiração estava sobrecarregada.

- Alec, eu só vou mudar para a casa dos meus avós que fica a poucos quilômetros de distância da sua. – Eu o respondi. – Nós vamos continuar nos vendo.

- Mas eu não quero, Harriet. – Ele disse com raiva e bateu fortemente na porta. – Eu quero você comigo em casa. Poxa, agora que começamos algo.

- Tente entender, Alec. – Ele não disse nada. – Não podemos morar juntos de uma vez. Acabamos de começar tudo isso. Me entenda, por favor?

Realmente achei que ele fosse compreender por que eu estava fazendo isso, mas não aconteceu como eu esperava. Ao invés de aproveitarmos a viagem juntos, Alec optou por me deixar para trás. Quando saí do banheiro, eu não o encontrei no quarto. Eu aguardei-o por algumas horas e, mesmo quando senti fome, fiz questão de almoçar e jantar no hotel para não correr o risco de desencontrá-lo. Eu tinha que explicar meu ponto de vista para ele. Ele precisava me entender.

Eu não estava acreditando que ele podia ser tão infantil a ponto de desaparecer sem me dar notícias por pirraça. Eu realmente não queria acreditar. Voltei ao quarto após almoçar e olhei ao redor. Nenhum sinal de Alec. Olhei para as nossas roupas ainda jogadas no chão. Suspirei e comecei a dobrá-las. Peguei o meu vestido rasgado no chão e o levei até o nariz. Senti o perfume de Alec impregnado no vestido. Fechei os olhos e sentei na cama sentindo-me decepcionada.

Eu cansei de esperar por Alec, no fim da tarde, preferi sair a ter que continuar no quarto. Dublin precisava ser explorada e, na última vez, eu não aproveitei tanto. Andei pelas ruas, comprei algumas lembranças e, quando voltei para o hotel, já era tarde.

Eu tinha esperanças de encontrar Alec, tanto que quando entrei, senti o nosso cheiro misturado, ele ainda não tinha voltado ao quarto, o procurei no banheiro ainda com esperança e não gostei muito ao encontrá-lo vazio. Senti um aperto no peito, afinal, ele inventou aquela viagem e, como me disse, era SEU plano para ficar comigo.

Eu sabia que aquilo não devia ter acontecido, por mais desejo que nutríssemos um pelo outro. Deitei na cama, olhando fixamente para a porta, esperando-o. A cada minuto que passava, a cada hora que mudava, minha esperança ia embora. E quanto mais eu ligava, mais desapontada eu ficava. Ele não me atendia.

E mesmo sentindo-me desapontada, eu continuei o aguardando no quarto até o amanhecer, mas ele não apareceu. Eu não queria perder a nossa amizade, mas me decepcionei tanto que num momento de raiva e, ao mesmo tempo, sentia falta desesperadamente do que vivemos numa única noite, com uma promessa de que poderíamos ter alguma coisa e, por isso, decidi ir embora, sentindo o peito apertado.

Me repreendi por ter sido tão fraca e por ter me iludido tanto. Arrumei a minha mala rapidamente e reservei uma passagem de avião, mas nunca deixando de olhar para a porta, não poderia esperá-lo mais. Pelo jeito, eu perdi mesmo, não só o amor da minha vida, mas o meu melhor amigo. Deixei suas coisas sobre a cama e fui embora sem parar de chorar.

Quando voltei dias antes do programado, Lili ficou assustada. Eu expliquei que havia deixado Alec para trás e o que aconteceu. Ela não me acusou, mas também não me ajudou a arrumar as minhas coisas. Era disso que eu tive medo esse tempo todo. Envolver-me com ele e estragar a nossa amizade.

Eu o conhecia muito bem para saber que tudo tinha que ser do seu jeito. Eu já havia planejado toda a mudança e mesmo com tudo que acabou acontecendo entre nós, eu não iria voltar atrás.

Meus avós me aguardavam ansiosamente em casa. Eu não passava tanto tempo com eles antes e prometi que iria voltar a morar com eles ao perceber que eu não podia ficar perto de Alec e vê-lo se relacionar com outras mulheres. Não era bom para o meu coração e não seria depois do que aconteceu.

Eu não esperava pelo que aconteceu com a gente no natal. Eu realmente não esperava. Eu não era o tipo de mulher que chamava sua atenção. Que merda. Eu não queria ir embora, ainda mais depois do que vivemos, mas estávamos começando algo e, morar com Alec, me envolvendo com ele, não seria saudável.

Eu pensei muito no voo de volta para casa. Eu não sabia se o esperava para conversar, mas eu fiz isso e percebi que, enquanto o esperava, que ele não queria conversar comigo e nem entrar em um consenso. Eu fiquei com raiva. Droga, eu fui embora de sua casa também e no instante em que meus avós abriram a porta, eu me arrependi. Devia tê-lo esperado. Devia ter tentado mais.

Acordar todos os dias num quarto que você não dormia mais fazia tempo, de certa forma, foi estranho. Tudo estava como havia deixado quando fui morar com Alec. Eu não fazia ideia de que algum dia voltaria para a casa dos meus avós.

Na verdade, eu não pretendia ficar ali muito tempo. Quando voltei ao trabalho, após o feriado, eu havia recebido algumas propostas de emprego. Uma em especial, em outro país.

Eu precisava me distrair e sair com algumas pessoas, mas não tinha intimidade com alguém especialmente. Por isso, ou eu trabalhava ou eu visitava Georgia. E nada do que eu fizesse, me fazia esquecer. Eu ainda me recordava de todos os detalhes daquela noite e de

todos os anos que eu e Alec fomos amigos.

Ele não me ligou, não me procurou, nem me mandou e-mail. Eu sei que deveria ter ido atrás dele. Eu sei disso. Estava tão arrependida, mas Alec não me procurou e ver as fotos que ele postou durante a viagem com outras mulheres, me impediu de ir atrás dele. Não parecia sentir minha falta e muito menos sentir algo por mim.

Nossa amizade acabou. E a pessoa que eu pensei que nunca afastaria de minha vida até que eu tivesse meus cabelos grisalhos, simplesmente não queria mais saber de mim.

Eu realmente não sei o que deveria ter feito e nem se a minha atitude estava certa. Tudo estava muito confuso e, embora Georgia me ajudasse muito, me desse alguns conselhos e até me incentivava a procurá-lo, todas às vezes que eu pensava em procurá-lo, as fotos que ele publicava na internet, me impedia. Cada noite com uma mulher diferente.

Nunca mais iria vê-lo, pensava. Nada me faria ir atrás dele depois do que vi. Alec havia me esquecido. Eu devia fazer o mesmo. Entretanto, algo mudou completamente em minha vida e eu me senti tão perdida, não sabia o que fazer. A primeira pessoa que pensei foi em Alec, mas tive medo de saber a sua reação. Lili apareceu para me salvar.

2014

Amar é arriscado. É necessário estar preparado para enfrentar todas as dificuldades que surgirem, é saber a hora de ceder, sem medo de arriscar. Deixei meu coração me guiar.



XXII

ALEC

NÃO ERA ASSIM QUE QUERIA COMEÇAR O NOVO ANO. Eu tinha planos para mim e para Harriet. Depois da noite espetacular que passamos juntos, eu sabia que nosso futuro seria incrível. Eu amava tudo nela, inclusive seus defeitos. Que, aliás, eu não conseguia descrever nenhum.

Eu sei que perdi um pouco a razão e ficar fora o dia todo, sem procurá-la e ignorá-la, tornava tudo pior. E quanto mais eu bebia num pub perto do hotel, eu pensava nisso. Passava na minha cabeça tudo o que tínhamos vivido e onde havíamos chegado. Ficar pensando e pensando, me fez beber e beber. Eu bebi tanto que não consegui me lembrar do caminho de volta e não fazia ideia de onde eu fui parar, acordei no dia seguinte sentindo uma imensa dor de cabeça, eu tinha parte do corpo embaixo de um banco em uma praça, enquanto o sol ofuscava os meus olhos.

Não sabia onde eu estava. Fiquei perdido e foi difícil conseguir voltar para o hotel. Fiquei metade do dia para conseguir localizá-lo. Me senti aliviado ao ver aquele prédio exuberante diante dos meus olhos. Parei na frente dele, me sentindo sujo. Olhei para o céu e suspirei.

Precisava conversar com Harriet. Era só o que eu conseguia pensar. Eu não podia ter sumido daquele jeito. Eu sei que agi por impulso e por sentir raiva de Harriet no momento. Ela era tão cabeça dura... Eu queria entendê-la. Mas não a encontrei quando entrei no quarto. Eu senti um vazio e fiquei assustado, pois achei que ela tivesse ido embora sem conversar comigo, mas sua mala e bolsa estavam ainda no canto, do lado da poltrona.

Ela não havia ido embora e isso me acalmou. Eu fui a sua procura, passei a noite toda ligando para ela e a porcaria do celular não funcionava, porque estávamos em outro país, é claro que o celular não iria funcionar. Eu desisti de tentar falar com ela, estava me sentindo exausto. Parecia que estava há muito tempo sem vê-la e isso piorava ainda mais a situação. Eu sentia sua falta.

Tomei um banho e fui procurá-la no hotel. Ela havia saído sozinha e sem mim. Como já conhecia a cidade, com certeza deve ter ido a algum lugar que gostaria de ir novamente. Sem ela, sentia como se tivessem me tirado o meu bem mais precioso que

tinha em toda a minha vida. E de fato era. Dei uma volta pelo quarteirão, mas não queria ficar longe do quarto, devia esperá-la.

Pensava apenas no que falaria. Enquanto subia as escadas, um táxi estava estacionando, o motorista desceu do carro e foi até a recepção. Acenei para o atendente e fui até o elevador. Havia muita gente esperando por ele, por isso, resolvi subir de escada.

Ao chegar no quarto, senti realmente que me tiraram o que eu mais gostava. O perfume dela estava impregnado no ar. Olhei ao redor a procura dela e conforme percebia que suas coisas não estavam ali, sentia meu coração se afundando. Eu não podia acreditar que ela estava fazendo tamanho absurdo. Sentei na cama, olhando para a parede na minha frente.

Se antes havia sentido um milhão de sentimentos ruins, daquela vez, eu senti o dobro. Ela tinha ido embora. Não deixou nenhum recado. Simplesmente foi e me deixou sozinho. Eu caí na cama de olhos fechados com raiva, mas eu não queria acreditar. Talvez tivéssemos nos desenhado. Saí do quarto e, enquanto esperava o elevador, sentia que a cada minuto a estava perdendo. Ela tinha acabado de ir embora, talvez pudesse encontrá-la ainda.

Quando finalmente consegui chegar ao hall, indaguei ao recepcionista sobre ela, mas ele não a viu. Corri para fora e desci a escada correndo, aguardando um táxi aparecer. Pareceram horas, mas foram apenas alguns minutos que demorei a conseguir um. Quando o taxista pegou a avenida principal, deu de frente com um engarrafamento. Esfreguei o rosto muitas vezes, furioso. Harriet deveria estar no mesmo trânsito que eu. Conforme passávamos por algum táxi, eu procurava por ela, mas nenhum sinal.

Fiquei preso no trânsito por cerca de duas horas, quando cheguei ao aeroporto. Já era tarde demais. Havia acabado de decolar um avião para Bruxelas. Levei a mão até o cabelo, olhando ao redor. Harriet não havia me dado à chance de conversar. Eu tinha me enganado sobre ela.

Harriet não sentia o mesmo que eu sentia por ela.

Voltei para o quarto do hotel me sentindo enganado, me joguei na cama, fechei e abri os olhos, olhando o teto, inspirando fundo. Eu não a forçaria, havia tentado e não foi como eu tinha planejado. Eu dei uma chance para nós dois, mas ela não quis. Me sentei na cama decidido. Eu podia amá-la muito, mas não insistiria em algo, pois quando um não quer dois não brigam.

Eu iria seguir a minha vida. Estava em Dublin e tinha bastante coisas para apreciar e aproveitar naquela cidade.

*

Quando voltei a Bruxelas, após virar o ano, constatei que havia feito o certo. Harriet não sentia nada por mim. Ela me abandonou. Foi embora e não deixou nenhum recado para mim. Não me mandou e-mail e não me deu notícias. Algumas de suas coisas ainda estavam em casa, mas ela fez questão de buscar a maioria.

Noite após noite, estive com uma mulher diferente. Se me lembrei de Harriet? Todas às vezes. A cada momento, ela esteve presente. A cada mulher que passei a noite, eu

pensava que não era ela, mas descobri que não precisava dela para me satisfazer. Não tive receio de me aproximar de mulher alguma. Afinal, eu já tinha recebido o meu mais importante não da minha vida, por isso, mandei para o inferno a insegurança e aproveitei.

Eu nunca bebi o suficiente para me embriagar até ficar inconsciente, mas Dublin me mostrou como era bom beber e esquecer de tudo. Aliás, eu me recordava tanto dela que a bebida se tornou minha solução, principalmente quando voltei para casa e não a encontrei mais lá. Aquilo era uma droga. A cada dia que constatava que ela não estava mais no quarto ao lado e nem dava notícias, doía mais e mais, por isso eu bebia. Fazia uma semana que tinha voltado para casa e voltado a trabalhar. Os ensaios e apresentações da banda voltaram ao normal e, mesmo gostando, não me satisfazia como antigamente. Mas resolvi ignorar o que estava sentindo e segui a diante.

Era um sábado, eu estava me arrumando no quarto. Procurava uma camisa que há muito não vestia, mas sabia que não tinha jogado fora. Iríamos nos apresentar num pub rústico e fizemos um repertório diferente para essa noite. Avistei a camisa escondida e quando a puxei, um papel pulou no ar. Eu peguei e olhei. Não era um papel comum. Era uma foto minha com Eloyse.

Me sentei na cama olhando para aquela foto. Eu devia ter escolhido Eloyse quando tive a oportunidade, pensei. Pelo menos, ela não teria me abandonado, pois queria ficar comigo. Suspirei e deixei a foto sobre o criado mudo ao lado da cama.

Eu fui tocar aquela noite pensando em Eloyse. Será que ela estava bem? Havia se casado? Me fiz inúmeras perguntas sobre ela. Foi a única pessoa capaz, mesmo sem estar presente, a me fazer esquecer de Harriet por alguns instantes. Eu bebi a noite toda de novo. Isso se tornou constante em minha vida. No dia seguinte, não me lembrava de nada ou, pelo menos, não queria recordar. Acordei com o celular tocando e não era o despertador. Senti a cabeça latejando. Olhei o visor, mas a visão estava confusa. Atendi.

- Alec? – No primeiro momento, meu coração saltou. Eu achei que fosse Harriet, pois a voz era conhecida. – É a Eloyse.

- Eloyse? – Indaguei confuso. Deixei a cabeça cair sobre o travesseiro e fechei os olhos.

- Sim. Eu não sabia que era o seu número, só percebi de quem era quando reconheci sua voz. – Ela suspirou.

- Ah! – Eu gemi de dor. – Tudo bem com você, Eloyse?

- Está sim e você? – Ela me parecia receosa. – Você me ligou. – Disse com pressa.

- Liguei? – Eu não me recordava de nada mesmo.

- Sim. – Ela deu uma pausa, acho que esperava que eu fosse falar algo, mas como não fiz, ela continuou. – Me ligou às duas da manhã.

- Ah! – Fingi que estava me recordando. – Devo ter ligado sem querer. Continua vindo à Bruxelas?

- De vez em quando. – Eu podia imaginá-la mordendo o lábio inferior, ela sempre fazia isso.

- Quando vir, me avisa para nos encontrarmos. – Eu abri os olhos.

- Eu não... – A interrompi.

- A não ser que esteja namorando. – Eu olhei para o teto. – Eu estou solteiro desde que você me abandonou.

- Você fez a sua escolha. – Eloyse resmungou.

- Me arrependo muito disso. – Eu inspirei fundo. - Sinto muito, Eloyse.

- Eu também. – Ela suspirou. – Quando for à Bruxelas, eu te aviso.

- Está certo, foi bom falar com você. – Ela se despediu de mim e eu fiquei olhando para o telefone.

Eloyse não demorou a aparecer. Quer dizer, nos comunicávamos diariamente por mensagens do celular. Eu não sentia nada por ela. Acho que nunca senti, mas como era a única pessoa capaz de distrair meus sentimentos por Harriet no momento, eu me preendi cada vez mais a ela, só que, em nenhum momento falamos sobre ficarmos definitivamente juntos quando ela viesse me visitar.

Eu comprei um carro, três semanas depois do primeiro telefonema de Eloyse. Estava na hora de ter meu próprio automóvel. Eu havia acabado de comprar e o estacionava em frente à minha casa, buzinando. Minha mãe não apareceu na porta como tínhamos combinado e eu fiquei preocupado. Sai correndo do carro e entrei em casa sem fôlego.

Minha mãe não estava na sala. Fui até o seu quarto e não a encontrei lá. Subi os degraus correndo ao ouvir um barulho no andar de cima e fui gritando, a chamando. Parei no corredor ao constatar o que estava acontecendo. Minha mãe estava na frente do quarto de Harriet, com os braços cruzados. A enfermeira ao seu lado sorriu para mim.

- Por que ninguém me responde? – Indaguei enquanto me aproximava. Minha mãe se virou para mim sorrindo.

- Estava distraída meu amor, me desculpe. – Ela continuou sorrindo.

- Você quer acabar me matando? – Eu respirei me sentindo aliviado.

- Me desculpe. – Ela tocou em meu rosto e segurou em minha mão. – Olha quem está de volta. – Me puxou para frente do quarto de Harriet e foi como se me dessem um soco na boca do estômago.

Ela estava lá, sentada, enquanto dobrava algumas roupas e as guardava ao guarda-roupas. Eu quis abraçá-la, mas me segurei. Seus olhos encontraram os meus. Harriet parecia triste e quando me viu, sua expressão mudou completamente e sorriu. Eu não consegui sorrir de volta. Ela não podia voltar daquele jeito para me assombrar. Não agora que eu estava conseguindo camuflar o que estava sentindo. Ela não podia voltar agora porque havia Eloyse.

- Vai embora. – Anunciei. – Vai embora agora.

- Alec, me escuta. – Ela se levantou.

- Meu filho! – Minha mãe me repreendeu, mas eu não dei importância.

- Eu não quero saber. – Eu fui até ela e a puxei pelo braço para sair do quarto. – Eu não quero mais saber de você aqui. – Disse com raiva.

- Alec, você está me machucando. – Ela tentou puxar o braço para se soltar e o apertei mais porque queria magoá-la o quanto ela me magoou. – Por favor, Alec. – Ela disse baixinho, seus olhos grandes me olhando fixamente nos olhos. Eu vi uma lágrima deslizar por seu rosto.

- Você não vai mais morar aqui. – Eu senti meu peito apertado ao dizer aquilo. O que eu estava fazendo? Machucando o amor da minha vida, mas ela merecia, não merecia? Ela me abandonou.

- Eu preciso de você. – Harriet me abraçou chorando. Eu tive dificuldade em descer os degraus com ela me agarrando daquele jeito. Meu celular começou a tocar. Devia ser Eloyse. Ela queria saber do carro. – Me escute, Alec, por favor.

- Chega, Harriet. – A afastei com força. – Que se dane você. Eu não quero mais saber de você. – Eu parei a encarando. – Eu não quero você perto de mim.

- Eu preciso de você. – Ela abaixou a cabeça e esfregou o braço que estava vermelho. Meu celular ainda tocava.

- Eu não quero saber do que você precisa. – Estávamos no último degrau de frente um para o outro.

- Mas nós precisamos de você. – Ela levou a mão até o ventre. – Eu me arrependi no momento que fui embora, Alec.

- Você não me procurou. – Eu anunciei. – Isso me diz o contrário.

- Eu achei que você fosse me procurar. – Ela sugou o ar e fechou os olhos.

- Achou errado. – Minha mãe se aproximou lentamente e abraçou Harriet.

- Alec, você não pode fazer isso com ela. – Eu não podia acreditar que minha mãe estava contra mim. – Vocês estão bem? – Minha mãe tocou o rosto de Harriet enxugando as lágrimas dela.

- Ela merece mais do que isso. – Eu esfreguei a mão no rosto. – Eu não vou continuar aqui discutindo isso, quando eu voltar eu não quero sinais de Harriet aqui. – Terminei de descer a escada dando as costas para elas para sair de casa.

- Eu estou grávida, Alec. – Harriet disse alto e com raiva. – Eu estou grávida de um filho seu.

Mil vezes merda. Eu me virei e a olhei. Seu braço roxo, o rosto vermelho, os olhos fundos. Eu tive vontade de agarrá-la e abraçá-la, mas não fiz o que tive vontade, no entanto, me sentia um miserável. Eu machuquei a mulher da minha vida e mãe do meu filho. Olhei-a de cima a baixo. Harriet vestia uma blusa larga que me impedia de ver sua barriga.

- Você já pensou em tirar? – Eu me arrependi no instante em que fiz aquela pergunta e vi o rosto assombrado de Harriet e minha mãe.

- Alecsander! – Minha mãe me repreendeu.

- Você quer eu faça isso? - Harriet indagou receosa e levou a mão até o ventre como se precisasse protegê-lo de mim.

- Não estou preparado para ser pai. – Eu tinha o dom de piorar ainda mais as coisas.

- Você não pode estar falando sério. – Minha mãe novamente se intrometendo.

- A senhora devia ficar calada mãe, eu sei o que eu quero. – Eu não sabia porra nenhuma, mas sentia tanta raiva de Harriet que estava sendo maravilhoso descontar nela e ver sua tristeza.

- Harriet, vai para o quarto, querida. – Minha mãe tocou no rosto dela. – Não decida nada agora.

- Ele está certo, Lili. Alec não está preparado para ser pai. – Harriet umedeceu os lábios. – Eu não vou obrigá-lo. – Ela deu as costas e voltou a subir os degraus.

- Onde você pensa que vai? – Eu me movi até a escada.

- Vou embora. – Ela parou um instante para me olhar. – Dessa vez, estou me despedindo.

Ela subiu os degraus lentamente e não olhou para trás. Minha mãe me encarava seriamente de braços cruzados. Eu me virei e fui até o sofá. Deitei a cabeça na poltrona e o celular voltou a tocar, olhei o visor e vi quem era. Harriet estava a poucos metros de distância de mim. Ignorei a ligação de novo e fiquei olhando para a escada. O que eu estava fazendo? Meu filho não tinha culpa de nada. Me ergui rapidamente e subi os degraus de dois em dois correndo. Encontrei minha mãe novamente na porta. Ela implorava para Harriet ficar.

- Por que você precisa de mim? – Anunciei ao me aproximar da porta. Harriet me encarou, ela estava ajoelhada de frente à cômoda e dentro dela havia roupas de bebê, ela tinha uma bolsa pequena na mão e guardava um macacão dentro dela. Entrei no quarto e me virei para minha mãe. – Eu vou ter uma conversa particular com a Harriet.

- Eu não vou sair daqui. – Minha mãe cruzou os braços. - Você pode machucá-la de novo.

- Eu só quero conversar com ela. – Eu me virei para Harriet. – Eu não vou te machucar, Harriet.

- Tudo bem, Lili, ele já me machucou o bastante por hoje. – Harriet suspirou e olhou para minha mãe assentindo. – Pode me aguardar na sala.

- Eu vou esperar no quarto dele. – Minha mãe apontou para mim e se afastou.

Eu fechei a porta e me virei para ela. Me encostei na parede e cruzei os braços. Sonhei muitas vezes com o momento que ela iria retornar e eu a receberia de braços abertos. E não foi bem assim que aconteceu. Fazia quase dois meses que não a via e a falta que ela me fazia ao invés de diminuir só aumentava. E vê-la ali e não poder tocá-la considerava um pecado.

- Me desculpe, Alec. – Ela fechou os olhos ao erguer a cabeça. – Eu não queria que fosse desse jeito.

- Mas foi. – Eu tentei repreender a raiva.

- Eu queria poder voltar naquele dia e reescrever aquele momento. – Ela suspirou. – Mas não tem como fazer isso, pois eu sempre paro no instante que saio do banheiro e não te encontro mais.

- Nenhum recado, Harriet. – Acusei.

- E você, deixou quando desapareceu? – Ela respirou profundamente. – Eu sabia que isso estragaria a nossa amizade. – Eu queria refutar a ela. – Não importa mais. Eu soube de você e Eloyse. – Harriet abaixou a cabeça e eu quis negar que não existia nada entre mim e outra mulher, mas ela ergueu o rosto sorrindo. – Eu só queria que você acompanhasse o desenvolvimento dessa criança.

- Harriet. – Eu me afastei da parede e me aproximei da cama me sentando nela.

- Eu entendo que é muita informação para você. – Ela não me deixou continuar. – E sei que se eu ficar aqui vou te atrapalhar com Eloyse. – Ela falava aquilo naturalmente. O fato de ter outra mulher em minha vida não a importava. – Ela sabe o que aconteceu entre nós? – Eu gesticulei negativamente.

- Como você sabe de Eloyse? – Eu suspirei.

- Eu vi a foto de vocês no seu quarto e deduzi que tivessem voltado e sua mãe me contou enquanto conversávamos. – Ela voltou a baixar a cabeça e guardar as roupas na bolsa.

- Quando ficou sabendo que estava grávida? – Eu fiquei olhando-a. Ela estava tão triste.

- Eu tive a certeza ontem, mas fazia alguns dias que estava desconfiada. – Ela terminou de guardar as roupas e fechou a bolsa. Ela estava tão diferente.

- Como desconfiou? – Eu queria tocar nela, abraçá-la, fazer amor de novo. Tocar em seu ventre.

- Atrasei o ciclo e não senti um pingo de cólica quando devia sentir. – Ela levou as mãos até os cabelos.

- Enjoos? – Eu apoiei as mãos na cama.

- Começou essa semana. – Ela se levantou. – Quando desconfiei os enjoos surgiram. É muito ruim. Tudo o que eu como passo mal. – Harriet pegou a mala maior e a depositou do meu lado na cama.

- Cadê seu carro? – Ela parou o que estava fazendo e me olhou.

- Na garagem,oras. – Harriet sorriu e me encarou.

- Vai para onde daqui? – Eu olhei para seu braço machucado. E senti raiva de mim.

- Eu não sei. – Ela foi até o guarda-roupa e retirou algumas roupas penduradas em cabides.

- E a casa dos seus avós? – Eu não queria deixá-la ir, mas não iria pedir para ela ficar.

- Eles não sabem ainda. – Ela levou uma mão até o cabelo e jogou uma mecha atrás da orelha.

- Não vai contar a eles? – Eu vi seu rosto ficar vermelho de repente.

- Eu vou, mas tudo na sua hora. – Ela jogou as roupas dentro da mala. – Eu quero contar a eles quando minha vida estiver estabilizada.

- Por isso veio pra cá? – Eu fechei os olhos me sentindo mal por constatar que era uma opção de ajuda.

- Meus planos não deram muito certo, não é? – Eu vi seus olhos umedecerem e ela desviou-os escondendo-os de mim.

- Você pode ficar aqui até achar um lugar para morar. – Eu disse por fim.

- E Eloyse? – Ela virou o rosto na minha direção. – Vai ter problema com ela.

- Não, não vou ter. – Eu me levantei. – Tenho certeza que pouco nos encontraremos e passarei mais tempo fora do que aqui.

- Tem certeza? – Harriet me encarou tristemente.

- Tenho sim. – Eu fui até a porta.

- Eu prometo não fazer barulho Alec e que encontrarei um lugar para ficar o quanto antes. – Me virei para ela. – E não te perturbarei com meus enjoos.

- Não se preocupe com isso. – Eu abri a porta para sair, mas queria voltar até ela.

- Obrigada, Alec. – A ouvi dizer, mas já estava longe do quarto para responder. Desci a escada rapidamente. Peguei o meu celular que estava no sofá e vi que tinha inúmeras chamadas perdidas.

- Eloyse. – Murmurei. Eu precisava falar com ela. Saí de carro e liguei para ela.

Eu não contei nada do que aconteceu a Eloyse. Eu nunca disse o que aconteceu entre mim e Harriet em Dublin. Aliás, eu não citava mais o nome de Harriet em nossas conversas por telefone e Eloyse não fazia perguntas. Eu pressentia que ela sabia o que aconteceu, mas não me pressionou a falar. Eu não sentia nada por ela, mas era muito bom poder conversar sobre qualquer outra coisa com Eloyse. E isso para mim era o suficiente, por enquanto.

Todas as manhãs, Harriet enjoava. Tivemos que parar de fazer café por sua causa, já que o cheiro lhe fazia mal. Ela voltou a me mandar e-mails, mas dessa vez para me informar as casas que visitava para comprar. Só que eram todas em outra cidade, a quilômetros de distância. Percebi que ela pretendia ir embora da cidade, mas eu não respondia nada, apenas lia.

Havia passado um mês que Harriet tinha voltado para minha casa. E tirando os enjoos matinais e os e-mails, quase não a via. Nos fins de semana, era informado pela minha mãe que ela havia saído para procurar casas. Ela realmente havia falado sério quando disse que não ficaria mais ali. Nem queria se fazer notar ali dentro, mas minha mãe, fazia questão de me alfinetar.

Eu demorei a ter coragem de encontrar Eloyse depois que Harriet voltou, pois

sempre que marcava de ir para lá, eu desistia e dava uma desculpa boba sobre uma apresentação emergente da banda. Eu sabia que a qualquer momento teria que encontrá-la, só que eu não queria, me contentava somente com as conversas por telefone. Para mim eram suficientes, mas ela queria me ver e com sua insistência, fui para Londres num fim de semana que, desmarquei todos os compromissos e fui encontrá-la.

Ela estava diferente para mim, mas continuava loira e bonita. Eloyse e eu passamos o fim de semana juntos, no seu mesmo apartamento. A janela que eu tinha passado o dia inteiro pensando em Harriet há alguns anos, ainda estava do mesmo jeito. Fizemos amor na sala e enquanto tinha meu corpo sobre o dela, eu olhava para aquela janela.

Harriet estava na minha casa dessa vez e pouco a encontrava. Ela estava esperando um filho meu e não dava notícias sobre sua gravidez. Ela realmente levou a sério tudo o que eu disse sobre não estar preparado para ter um filho. Aquilo era um absurdo. Eu queria aquela criança. Coloquei o preservativo e fechei os olhos imaginando como foi fazer amor sem camisinha com Harriet.

- Harriet. – Murmurei ao afundar o pênis nela.

- O que? – Senti as mãos dela tocar em meu rosto e me afastar. – Você me chamou do que? – Abri os olhos.

- Droga. – Eu suspirei ao perceber o que havia dito. Eloyse me encarava seriamente.

- Você me chamou de Harriet. – Ela fechou os olhos.

- Não era bem isso que eu queria dizer. – Eu me afastei dela.

- Eu ouvi, Alec. – Ela apoiou o cotovelo no colchão. – Eu achei que ela não existia mais em sua vida.

- Eu sinto muito, Eloyse. – Eu me levantei a procura de minha cueca.

- Tudo bem, Alec. – Eloyse disse por fim. – Eu não me importo com o seu passado com ela, mas não gosto do que aconteceu agora.

- Eu não tinha intenção de confundir vocês duas. – Vesti minha calça.

- Então, por que não continuamos? – Ela estava nua e esbelta na minha frente.

- Porque você não é ela. – Eu disse finalmente. – Daquela vez, quando nós terminamos, você estava certa.

- Mas vocês não estão juntos agora. – Ela alterou o tom de voz. – Você está aqui comigo, vai me abandonar nua na sua frente? – Olhei para ela, seu corpo. Ela continuava linda.

- Seria loucura se fizesse isso. – Eu peguei outro preservativo.

- Achei que fosse desistir. – Eloyse me abraçou o pescoço. – Eu vou te fazer esquecer-la, Alec. – Ela murmurou em meu ouvido.

- Faça isso, Eloyse. – Eu beijei sua boca. – Por favor.

- Eu vou fazer. – Eloyse beijou meu pescoço.

Eu achava aquela uma tarefa praticamente impossível para Eloyse, mas ela

acreditava piamente que conseguiria me conquistar. Eu acabei contando tudo a ela. Sobre Harriet e eu, quero dizer, contei sobre a real situação de Harriet. Eloyse não gostou nenhum pouco de saber que Harriet morava na minha casa ainda depois do que houve entre nós, mas entendeu que eu não podia fazer nada. Eu não a pedi em namoro, mas foi como se tivéssemos retomado de onde paramos anos atrás. Ela tentava me controlar a distância.

Me perguntava todos os dias se eu encontrava Harriet pelo corredor. Eu não gostava nada dessa obsessão dela, mas como Eloyse estava distante, eu entendia sua insegurança. Ficamos um mês sem nos ver, falávamos apenas por telefone. Cada um tinha suas obrigações e como eu não a convidava para vir até minha casa, demoramos a nos encontrar. Eu continuava dando as minhas desculpas a ela e não evitava sair com alguma mulher que encontrava nas apresentações. E não evitava também levar toda semana uma mulher diferente para casa.

Certa noite, eu estava entrando em casa muito bêbado e com uma mulher pendurada no meu pescoço. Não conseguia abrir a porta de casa e toquei a campainha algumas vezes. A mulher começou a me beijar no pescoço, a agarrei e a encurralei contra a parede. Senti uma perna enrolar em mim e forcei meu corpo contra o dela.

- Alec? – Ouvi uma voz familiar atrás de mim. Parei o que estava fazendo para ver quem era.

- Harriet? – Ela vestia um sobretudo preto e tinha os cabelos trançados. – O que está fazendo a essa hora fora de casa?

- Eu fui a um concerto. – Ela apontou para um carro preto e acenou. Havia um homem sentado no banco de trás. Ele acenou de volta e falou algo para o motorista. Me afastei da mulher rapidamente. – Precisa de ajuda com a porta? – Assenti, mas meus olhos não se afastavam do carro que já estava bem distante.

- Quem era aquele homem? – Perguntei exasperado. Ela abriu a porta.

- Agora já pode entrar. – Ela levou uma mão até o cabelo, levando a mecha atrás da orelha, me ignorando.

- Entre. – Eu ordenei para a mulher que não recordava o nome. – Me espere na sala.

- Está bem. – A ruiva, baixa e de seios grandes, entrou. Harriet olhou para a mulher que entrava e levou a mão até o ventre. Olhei para onde sua mão tocava. Já dava para notar sua barriga avantajada de grávida.

- Quem era aquele homem? – Segurei em seu braço quando percebi que ela iria entrar sem me responder.

- É um conhecido. – Ela suspirou. – Se chama Hugh. Ele se ofereceu para me acompanhar ao primeiro concerto de sua única filha violinista.

- Estão namorando? – A ouvi rir com escárnio.

- Eu não sou como você Alec que adora uma traição. – Ela gesticulou negativamente. – Ele é casado e ama sua esposa. Eu nunca namoraria com alguém que fosse casado.

- Por que vocês foram sozinhos? – Ela riu novamente.

- Isso não é da sua conta. – Ela soltou o braço e entrou na casa, parou um instante e se virou. – Eu achei a casa que irei comprar, assim que meu filho nascer eu vou embora. Só não vou agora, porque é muito longe e já estou fazendo meu pré-natal.

Eu fiquei lá parado, do lado de fora, olhando-a subir a escada. As coisas entre nós só pioravam. E, a cada dia, sentia mais falta dela do que gostaria de admitir. Ela realmente iria embora e acreditava que eu não queria aquele bebê. Mas eu queria.

QUERIA MUITO ESTAR AO SEU LADO, VENDENDO SUA BARRIGA CRESCER E ESTAR LÁ QUANDO UM DESEJO MALUCO SURTISSE.

Eu queria tudo aquilo e muito mais. Eu a queria, mesmo significando que o meu amor não era correspondido ou era. Eu não tinha mais ideia de nada. A cada dia, me encontrava mais confuso.

Eu tinha certeza de duas coisas: eu a amava e ainda a teria por alguns meses. Eu iria descobrir se ela ainda sentia o mesmo por mim. Ah, eu iria.

XXIII

HARRIET

SE EU ACHEI MESMO QUE VOLTAR PRA CASA E DIZER: “*Hey, Alec, eu estou grávida de um filho seu*”, iria aplacar a nossa situação e se não acontecesse de pronto, alguns dias depois iria melhorar. Eu realmente achava que isso iria acontecer, mas não foi bem assim. Quando Lili me recebeu sorridente ao saber da notícia e me levou para meu antigo quarto radiante, eu realmente tive um fio de esperança.

Ela não me julgou e eu achei que Alec não iria julgar também. Mas eu tinha ciência que somente eu havia parado no tempo e não tinha parado um minuto sequer de pensar naquele quarto de hotel. Ele havia seguido sua vida. Eu não. Mas como já estava ali, eu não podia fugir mais da situação da qual havia penetrado.

Eu soube no instante que o vi, que iria sofrer o tempo todo que fosse ficar ali, mas eu tinha uma perspectiva. Eu não importava mais. Tinha uma vida crescendo dentro de mim e eu não queria que crescesse sem pai, mas Alec não tinha a menor intenção de ser um e quanto mais eu constatava isso, mais eu tinha certeza de que precisava ir para longe dele e daquela cidade. E o emprego que haviam me oferecido em outro país, se tornava cada vez mais atraente.

Entretanto, eu ainda tinha esperança que Alec iria amolecer. Pelo menos, em relação àquela criança. Todos os fins de semana, ele sempre estava na companhia de uma mulher e fazia questão de levá-las para casa. Eu não sei dizer se ele sabia que eu ouvia tudo o que se passava em seu quarto.

A única coisa que eu podia dizer com certeza, é que se ele tinha o objetivo de me machucar, ele estava conseguindo a cada sussurro e gemido que eu ouvia. Chegou um momento que me senti saturada de presenciar aquilo e passei a aceitar convites para qualquer passeio que surgisse. Eu só queria me distrair.

Quando o encontrei àquela noite, na frente de casa, eu fiquei com nojo. Ele não era mais o garoto que havia conhecido há quase seis anos. Aliás, eu me enganei o tempo todo sobre como as pessoas eram. Elas nunca iriam manter a mesma essência por toda a vida. O que considerava uma pena. A melhor fase de Alec não existia mais. Ele se tornou um adulto egoísta.

Alguns dias depois do incidente em frente à casa dele, eu me encontrava ansiosa. Havia milhões de motivos. Iria encontrar meus pais pela primeira vez após descobrir a gravidez. Eu fiquei afastada deles apenas por medo. Eu não queria decepcioná-los, mas precisei pensar a cada dia como iria dizer a eles.

Eu estava grávida de três meses e duas semanas, não dava mais para evitar aquela conversa. Eu tinha esperado aquele tempo todo por Alec. Eu desejava que ele estivesse do meu lado nesse momento, mas quanto mais afastada eu me mantinha dele, menos chance tinha de ele me procurar.

A vida, às vezes, prega algumas peças na gente. Eu achava que conhecia Alec e tinha certeza que realmente iria aceitar depois de pensar. Cheguei a pensar que era questão de tempo, mas esse tempo me afastou cada vez mais dele. E eu caí na real alguns dias antes

de encontrar os meus pais, que meu filho não ia ter mesmo um pai e que teria que enfrentar isso sozinha.

Por isso, finalmente decidi que estava na hora de aceitar a promoção do emprego e ir para outro país. Comprei uma casa com um ótimo jardim e em um bairro bom, onde meu filho ou filha iria crescer com segurança.

E eu enfrentei naturalmente meus pais. Com tantas mudanças acontecendo, não podia mais deixá-los no escuro. Respondi a todas as suas perguntas sem relutar um só instante. Expliquei tudo, especialmente sobre Alec e a mudança que faria assim que o bebê nascesse. Infelizmente, meu pai não aceitou muito bem, mas eu não podia melhorar aquela situação.

Eu confesso que fiquei muito nervosa. Era doloroso ver a decepção do meu pai e dos meus avós. Minha mãe era a única que parecia tranquila e se sentou ao meu lado, para me consolar, segurou firme minhas mãos e me apoiou. Eu fiquei olhando para meus avós que discutiam com meu pai.

- Eu sinto muito. – Disse a minha mãe.

- Não diga uma coisa dessas. – Ela segurou minha mão. – Nunca lamentamos um filho.

- Eu acho que eles não pensam o mesmo que a senhora. – Eu funguei tentando controlar as lágrimas.

- Vai passar. – Ela apoiou a cabeça em meu ombro. – Por que vai para tão longe?

- A proposta é muito boa, poderei cuidar do bebê e eles aceitaram a minha condição. – Eu suspirei. – Eu realmente quero ir para lá.

- Mas não terá ninguém para te ajudar. – Ela afastou a cabeça do meu ombro e me encarou. – Você vai precisar de ajuda.

- Eu tenho que aprender sozinha. – Segurei em sua mão. – Mas pode me visitar sempre que quiser. Vocês estão sempre viajando. De vez em quando, façam um desvio e vão nos ver. – Pisquei para ela, tentando desconstrair.

- Já tem previsão para partir? – Ela afastou minha mão da sua e levou até o ventre.

- Depois que o bebê nascer. – Fechei os olhos. Era a primeira vez que alguém, além de mim e Lili, que acariciava o meu ventre. – Eu já tenho um ótimo obstetra, não quero encontrar um novo agora.

- Você vai ficar aqui. – Meu pai se voltou para mim anunciando. – Não vai ficar naquela casa, com aquele...

- Eu não quero me mudar. – Eu suspirei. – Já estou lá mesmo.

- Mas alguém precisa cuidar de você. – Meu pai disse e eu percebi que ele já aceitava a situação. Pelo menos, eu esperava que sim.

- A Lili cuida de mim. – Eu respondi prontamente.

- A Lili está doente, Harriet. – Meu pai se sentou na mesa de centro em frente ao sofá e segurou minha mão.

- Eu estou bem. – Eu fechei os olhos. – Mas eu tenho esperança de que Alec... – Voltei a fechar os olhos e achei melhor não concluir a frase. Eles compreenderam.

- Como você já é uma garota independente, eu não posso te obrigar, mas a nossa casa está aberta. – Foi a vez de minha avó falar alguma coisa.

Não foi difícil conversar com eles, afinal. Eu sabia que o aborrecimento inicial aconteceria, mas foi mais fácil contar a eles do que ao próprio Alec. Eu voltei para casa mais tarde aquele dia. Jantei com eles e finalmente comemorei a gravidez como devia ser. Passei na casa de Georgia antes de ir embora, para saber como ela estava.

Eu me sentia cada dia mais feliz por aquela criança. Quando cheguei em casa encontrei Alec andando de um lado para o outro e Lili sentada no sofá com o telefone na mão. Olhei o relógio ao fechar a porta, já passava da meia noite. Eles estavam discutindo, mas quando me viram pararam no mesmo momento.

- Harriet. – Alec anunciou aliviado e bagunçou os cabelos que já estavam enormes. Lili se levantou e foi até onde eu estava, me abraçando.

- Onde você estava menina? – Ela acariciou minha barriga quando se afastou.

- Com meus pais. – Eu joguei as chaves sobre a mesa de centro. – Depois fui até a casa de Georgia.

- E não atende o celular por quê? – Alec se aproximou raivoso.

- Eu o deixei no trabalho carregando. – Eu fui até o sofá, me sentei e estiquei as pernas sobre a mesa de centro. Me livrei do casaco. – Eu acho que não aguentarei andar até os nove meses, Lili. – Olhei para Lili que se sentou ao meu lado sorrindo. – Tem alguém pesando muito já. – Levei a mão até o ventre.

- Você precisa caminhar mais. – Ela tocou minha barriga sobre o vestido e a beijou. Eu ri sentindo um formigamento no ventre. – Tinha me esquecido que hoje era o dia que contaria para sua família.

- Foi difícil, Lili. – Eu fechei os olhos e apoiei a cabeça na almofada atrás de mim. – Mas no fim deu certo. Eles querem que vá morar lá.

- Ah é? – Lili continuou acariciando minha barriga. – O que você está olhando Alec?

Eu não abri meus olhos para ver como ele estava. Doía demais. Eu só precisava demonstrar que não me importava com a sua presença. O ouvi respirar fundo e percebi que estava muito perto de nós. Meu coração pulou inúmeras vezes. Eu não sabia se era o meu ou do bebê que estava acelerado daquele jeito. Eu esperei um pouco para descobrir o que ele iria fazer.

- Quer beber alguma coisa mãe? – O ouvi dizer. Sua voz estava distante de nós agora, então abri os olhos e encarei Lili que gesticulava negativamente. Eu só não sabia se ela respondia a pergunta dele ou se estava indignada com a nossa situação. Eu achei melhor não perguntar.

- Eu estou cansada. – Anunciei e me levantei. – Ainda preciso fazer um trabalho.

- Você fez toda a refeição que precisava de hoje? – Lili e seus interrogatórios de vovó coruja.

- Já sim. – Eu fui até a escada e parei lá um instante, olhando para Alec. Ele estava de costas fazendo uma vitamina no liquidificador. De repente, ele parou e se virou para mim. – Boa noite, Alec. – Murmurei já sabendo que ele iria me ignorar, como sempre. Ele só falava comigo quando lhe convinha. Não esperei sua resposta e subi lentamente os degraus.

As noites que se seguiram eu dormi muito mal. A barriga me atrapalhava e eu não conseguia achar uma parte confortável na cama, por isso passava quase toda a madrugada em claro e era vencida pelo sono, mas conseguia dormir quando estava quase na hora de acordar. Fazia uma semana que me sentia desconfortável e, a cada dia que passava, me sentia mais e mais cansada.

Minha coluna doía e eu não conseguia me deitar. Antigamente, eu não dormia porque Alec trazia mulheres para casa e quando ele parou, eu não dormia por causa do colchão que me causava enormes dores nas costas. Eu andei de um lado a outro no quarto, contando os passos que dava e os minutos passarem. A hora não passava de jeito nenhum.

Irritada, saí do quarto e parei na frente do quarto de Alec. Estava pronta para chamá-lo, mas me lembrei a todo o momento que havia prometido não incomodá-lo. Voltei para o meu quarto um minuto depois, peguei minha coberta e o travesseiro. Só me restava o sofá. Fui até sala e me deitei. Me pareceu bem mais confortável, que cochilei logo que me deitei.

- Harriet? – Senti me chacoalharem. – Harriet. – A pessoa sussurrava. – O que você está fazendo aqui, Harriet? – Abri os olhos para ver quem era. – Meu senhor, você está pálida.

- Eu só preciso dormir. – Voltei a fechar os olhos e senti o sono me abduzindo.

- Harriet. – A pessoa alisou meu braço várias vezes. Abri lentamente os olhos e percebi quem era. – O que você está fazendo aqui, Harriet?

- Alec? – Olhei para ele piscando inúmeras vezes. Ele vestia apenas uma cueca boxer. Estava quase sem roupa. – Eu estou dormindo.

- No sofá? – Ele se sentou na mesa de centro.

- Eu não consigo dormir mais no meu colchão. Eu acho que ele não serve mais para mim. – Meus olhos se fecharam de novo. – Minhas costas doem demais. – Disse de olhos fechados. O sono me puxava com força. – Faz dias que eu não sei o que é dormir.

- Por que você não disse isso antes? – Alec tocou meu braço novamente.

- Eu não quero incomodar ninguém. – Abri os olhos. – Você pode apagar a luz, por favor? É que está me incomodando um pouco. – Eu o ouvi ri.

- Você não vai ficar aqui. – Ele suspirou. – Eu não posso deixar você aqui assim. – Senti a coberta se afastar e abri os olhos. – Merda, Harriet. – Ele murmurou, mas eu não entendi o que ele quis dizer. Alec se agachou na minha frente e me pegou no colo.

- Eu estou pesando uma tonelada. – Eu despertei de repente. Senti-lo perto não era boa coisa.

- Não faz diferença nenhuma para mim ainda. – Eu senti sua respiração roçar em

meu ombro e fiquei arrepiada.

- Eu não vou conseguir dormir, Alec. Me deixe voltar para o sofá. – Eu o abracei o pescoço e apoiei a cabeça em seu ombro. Fazia tanto tempo que não abraçava-o que precisava aproveitar daquele breve contato. Fechei os olhos e senti seu perfume.

- Você não vai dormir na sua cama. – Ele terminou de subir os degraus e respirou fundo. – É, você está começando a ficar pesada. – Eu ri um pouco.

- Esse não é um bom comentário que se faz a uma mulher. – E me arrependi no instante que disse aquilo e senti seus ombros ficarem tensos. – Mas como foi para mim que falou algo estúpido como esse, não importa, só que fica de lição para não cometer a mesma gafe novamente. – E rapidamente me corrigi.

Ele não me respondeu, é claro. Abriu a porta e eu vi que estávamos em seu quarto. Deitou-me na cama e me cobriu com a sua coberta. Fiquei olhando para ele que se afastou. Foi até o guarda-roupa e vestiu uma camisa. Virei o rosto um instante e voltei a olhar para ele, apoiando os braços na cama.

- Onde você vai dormir? – Ele me encarou com a sobrancelha arqueada. Vestiu um short fino de cor azul clara que já o vi usar antes.

- Na cama, oras. – Ele apagou a luz e foi para o outro lado da cama. – Eu não deixaria você dormir no sofá, mas não abandono a minha cama de jeito nenhum. – Ele se jogou do meu lado, ficando de costas para mim.

Eu entendi que ele não queria conversar comigo. Apaguei a luz do abajur e me virei ficando de costas para ele. Eu estava do lado direito da cama e de frente para a foto dele com Eloyse. Aquela era uma fotografia nova. Com certeza foram fotografados na última vez que ele foi para Londres. Senti os olhos umedecerem.

Eu havia perdido o homem da minha vida e meu melhor amigo. Eu não fazia ideia de como ele e Eloyse se reencontraram depois de todo aquele tempo. Talvez eu nunca fosse saber. O que Alec e eu tínhamos antes havia se perdido em Dublin. Fechei os olhos, chorando em silêncio.

*

Três semanas havia se passado e eu estava eufórica. Era dia de descobrir se meu bebê seria na verdade uma menina ou um menino. Saí mais cedo do trabalho aquele dia. Depois daquela noite no quarto de Alec, havia decidido que meu sentimento por ele seria deixado para escanteio. Eu só me preocuparia com o bem estar do meu filho e claro, o meu.

Comprei um colchão novo para não perturbar ninguém e muito menos, desejava me torturar. Eu só pensava e contava às horas que faltavam para o ultrassom. Lili foi comigo. Eu não sabia dizer quem estava mais ansiosa, se eu ou ela. Quando entramos na sala, ela segurou minha mão e eu fiquei olhando para seu rosto. Pelo menos a avó paterna desejava aquele bebê tanto quanto eu.

- É uma menina. – Lili começou a chorar quando foi anunciado. Eu olhei para o monitor onde o doutor apontava, mas não conseguia ver nada. Minha visão ficou turva de lágrimas.

- Eu vou ter uma menina. – Murmurei.

- Sim. – Lili me abraçou. – Minha neta.

- Eu vou ter uma menina. – Disse em meio às lágrimas.

- Uma menina para que eu possa mimar. – Ela fungou e eu fiquei olhando para seu rosto úmido de lágrimas. Eu sabia que ela falava aquilo no calor da emoção, mas me doeu saber que minha menina iria crescer muito longe dela.

- Eu prometo trazê-la aqui de vez em quando. – E ela chorou mais ainda ao me ouvir.

Ver sua reação, me fazia pensar que, às vezes, eu devia ficar. Só que eu já tinha me decidido que não era ali que eu gostaria de criá-la. Eu tinha um desejo de criar a minha filha do mesmo jeito que foi feito comigo. Talvez um dia voltar para a cidade que nasceu e isso iria depender somente dela.

Fomos fazer algumas compras. Lili me fez comprar muitas coisas para garotinhas. Vestidos para festas, acessórios para o cabelo e enfeites para as roupinhas. Ela estava empolgada e isso cada vez mais me incomodava. Ela não iria ver minha filha vestindo nada daquilo, mas fazia questão de opinar como se não houvesse amanhã. Era cruel fazer aquilo com ela, mas eu não conseguia afastá-la. Era como se a presença de Alec estivesse por perto.

Voltamos para casa sem que eu conseguisse parar de pensar nisso e a cada minuto que passava, estava me remoendo por dentro. Entramos na casa com as mãos cheias de sacolas. Jogamos tudo sobre o sofá, ao lado de Alec que jogava vídeo game. Lili se sentou no sofá e eu fui até a cozinha a procura de um copo com água. Voltei e a observei mexendo nas sacolas, sorrindo, comentando algo para Alec que nem olhava o que ela estava mostrando. Me sentei no outro sofá, sobre algumas sacolas.

- O que foi Harriet? Notei que está pensativa desde que saímos do shopping. – Lili depositou um vestido sobre o colo e eu decidi ser honesta.

- Eu vou embora Lili, para muito longe. – Ela suspirou. – Eu vou para os Estados Unidos com a minha filha. Não pode continuar se iludindo que vai ficar perto dela, me dói ver isso. – A televisão de repente ficou escura.

- Então não vai. – Lili se virou para Alec que não parecia prestar atenção na nossa conversa. – Diz para ela não ir, meu filho, diz.

- Ela quer ir, não é? – Alec se levantou.

- Você é tão estúpido, Alec. – Ouvi Lili dizer. – É tão idiota que está deixando passar um momento de sua vida que nunca vai experimentar outro igual. Seu pai, se estivesse aqui e a situação fosse comigo, ele estaria orgulhoso ao descobrir que seria pai de uma menina. Soltaria fogos de artifícios de alegria. Faria uma festa.

- Ele não está aqui, está? – Alec olhou rapidamente para Lili, mas voltou a olhar para frente. Fechou os olhos e respirou fundo. Percebi que suas mãos estavam fechadas. Ele estava muito bravo. Lili o tinha irritado.

- Eu vou para meu quarto. – Me levantei rapidamente. Ouvir o som desesperador de Lili e o desprezo de Alec foi demais para mim.

- Fique aí, Harriet. – Ela se levantou nervosa. – Vocês dois estão esquecendo de algo muito importante agora. Há uma criança em jogo.

- Ele não tem obrigação nenhuma, Lili. – De repente, Alec se levantou e se aproximou de mim, me encarando. Levou a mão no cabelo e eu percebi que ele queria falar algo, mas não fez. – Não precisa se explicar, eu entendo você, é muita responsabilidade. – Ele gesticulou negativamente.

- Merda. – Ele levou a mão no cabelo novamente e se afastou rapidamente em direção à cozinha. O observei beber água e voltar ferozmente.

- Por que não me falou que iria para os Estados Unidos? – Eu não estava esperando que ele falasse alguma coisa.

- Eu achei que fosse irrelevante para onde eu fosse. – Ele se sentou praticamente se jogando no sofá. – Você não respondeu meus e-mails, entendi que...

- A merda o que você entendeu. – Ele explodiu. – Eu tinha que saber.

- Não vamos complicar mais as coisas, está bem? – Eu me aproximei dele. – Agora você já sabe. Não faz nenhuma diferença.

- Você está muito enganada. – Ele disse irritado. Meu coração afundou e acelerou. Eu só podia estar ouvindo coisas. – A minha mãe precisa ver essa... – Ele pausou um momento. – Essa garota. Precisa conhecer essa criança.

- Realmente preciso. – Lili finalmente disse.

- Ela vai conhecer quando nascer. – Suspirei. – Eu sinto muito, mas não posso desistir agora. – Eu me levantei e fui até Lili. – Me perdoa, por favor?

- Por que não? – Alec disse ferozmente atrás de mim.

- Porque eu recebi uma proposta da editora e aceitei. – Me virei para ele. – Aquela noite que o encontrei tentando abrir a porta, quando fui ao concerto, também foi uma noite de negócios, Alecsander.

- É só desistir disso tudo. – Ele disse exasperado.

- Não existe razão que me faça desistir disso. – Beijei a bochecha de Lili me despedindo. – Me desculpe mesmo.

- Nem *ele* te faz desistir? – Lili perguntou me olhando nos olhos.

- Eu cometi um erro, Lili e estou pagando por isso a cada dia que sinto meu coração se quebrando quando o vejo me desprezar. Alec não parece estar interessado em me fazer desistir. Eu tenho que seguir a minha vida. – Disse sorrindo e evitei olhar para ele. – Eu prometo trazê-la aqui e você poderá me visitar sempre que quiser, manteremos contato. Eu jamais manteria minha filha longe da família do pai, mesmo ela não tendo um.

- Eu posso morar com você? – Os olhos de Lili ficaram úmidos e ela suspirou.

- Você tem certeza? – Lili confirmou assentindo. – Eu vou pensar está bem? – Eu me ergui e fui para o quarto sentindo que era observada por ele.

Lili não tocou mais no assunto e a cada vez que conversávamos, ela evitava falar sobre minha ida. Ela estava triste, mas tinha aceitado finalmente. Mais um fim de semana havia se aproximado e eu não via a hora de poder descansar e dormir. Havia ficado até tarde no trabalho e me assustei quando cheguei em casa e encontrei Eloyse sentada no sofá, ao lado de Alec que bebia uma lata de cerveja.

Ela estava ainda mais bonita, notei. Cumprimentei-os e subi rapidamente para o meu quarto. Me livreí da roupa para tomar banho o quanto antes. Estávamos quase no fim da primavera e o calor já reinava. Como me acostumei fazer após o banho desde que descobri a gravidez, vesti um top e uma calça larga. Olhei-me no espelho e comecei a passar um óleo sobre a barriga. Fechei os olhos, apreciando os poucos movimentos que Giovanna já fazia na minha barriga. Sorri emocionada. Sim, havia escolhido um nome para minha menina totalmente inspirado em um romance que havia lido recentemente e a personagem principal era tão linda.

- Harriet a minha mãe... – Alec bateu duas vezes antes de abrir a porta e entrar no quarto. – Pediu para te chamar para jantar. – Ele disse baixinho, sua voz por pouco não sumiu.

- Está bem. – Olhei-o através do reflexo do espelho. – Diz a ela que depois que Giovanna parar de se mover eu vou. – Ele ficou olhando para mim, parado. – Ouviu Alec?

- Hã? Oi? – Ele olhou para meus olhos. – Ah, ouvi sim.

- Obrigada. – Eu olhei para baixo. Eu estava incrivelmente gorda. Diferentemente de uma loira alta e esbelta que estava na sala.

- Vou avisar. – Ele se virou e bateu a porta logo em seguida, sumindo.

Sorri gesticulando negativamente. Faltava somente quatro meses de tortura. Eu aguentei muito até agora, vou aguentar mais. Pensei. Senti que Giovanna se acalmava, vesti uma camiseta, preni o cabelo em um coque e descí. Alec, Eloyse e Lili estavam sentados na mesa. Passei por eles e me sentei ao lado de Lili.

- Cheiro de bebê. – Lili disse.

- É um óleo que eu passei na barriga. – Eu olhei para ela sorrindo.

- Falta muito para o bebê nascer? – Eloyse perguntou. Eu olhei para Alec rapidamente. Ele me olhou de volta. Eu não sabia o que ele tinha comentado com Eloyse, mas pelo jeito, ele falou absolutamente tudo sobre nós para ela, inclusive que iria embora quando Giovanna nascesse. Isso me irritou muito.

- Três meses e meio a quatro meses, mas se você tiver sorte e pedir muito a Deus, pode acontecer de a *minha filha* nascer de sete meses. – Eloyse ficou com o rosto vermelho e Lili gargalhou.

- O que acontece se ela nascer de sete meses? – Alec indagou. Foi à primeira vez em muito tempo que o ouvi perguntar algo sobre ela.

Lili respondeu em meu lugar e eu agradeci em pensamentos. Não queria ter que explicar aquilo para ele já que não se interessava por Giovanna. Eu comi em silêncio. Eloyse e Alec conversavam animados, mas eu não dava atenção a eles.

- Alec me disse que a ouviu chamá-la de Giovanna. – Lili gostava de pôr lenha na fogueira. Estava percebendo isso. – Quando o decidi

- É um nome provisório. – Eu suspirei. Na verdade, estava tão certa daquele nome quanto do meu. – Me inspirei em uma personagem de um livro, talvez a empolgação passe.

- É um nome legal. – Alec se prontificou na conversa. – Eu gosto como soa.

- Imagina se ela for ruivinha como você? – Lili realmente estava mexendo com fogo. Olhei para Eloyse e vi seu rosto ficar em brasas. – Você era pentelha como aquela personagem que você não para de assistir o filme... – Ela ergueu a mão e fechou rapidamente os olhos. – Lembrei, a Merida do filme Valente.

- Eu espero que ela não seja tão agitada assim. – Eu falei sorrindo. – Não conseguiria cuidar de uma pessoa agitada como a Merida nos dias de hoje e sozinha.

- É por isso que você tem que ficar ou me deixar ir com você. – Lili olhou para mim docemente. – Eu poderia te ajudar a cuidar de uma garota como a Merida.

- Ficar aqui? – Eloyse se levantou como um foguete e se virou para Alec. – Você não me disse nada disso.

- Ela não vai ficar, não é, Harriet? – Ele virou o rosto para mim como se me pedisse ajuda.

- Eu realmente não vou ficar. – Olhei-o nos olhos. – Essa é uma decisão irrevogável. – Achei melhor deixar aquilo claro para Eloyse.

- Então, eu poderei ir? – Ao ouvir sua mãe, Alec revirou os olhos.

- Pare de importuná-la, mamãe. Ela não quer que você vá. – Ele disse rispidamente. Mordi o lábio inferior e sorri.

- Pelo contrário, Alecsander. Eu estou pensando em aceitar a ajuda de sua mãe. – Toquei a mão de Lili. – Se ela quiser mesmo, quando minha filha nascer, vou adorar a companhia dela. Se você não se importar.

Alec abaixou a cabeça e não fez questão de me responder. Eloyse saiu da cozinha. Eu esperei o momento que ele fosse atrás dela, mas Alec não fez. Me levantei lentamente e fui até a pia para lavar a louça. Uma mão firme segurou a minha. Eu senti um frio enorme no meu ventre. Giovanna se mexeu.

- Eu lavo a louça hoje. – Ergui o rosto para encará-lo e depois olhei para as nossas mãos juntas.

- Eu posso lavar. – Eu suspirei. – Estou grávida, mas não invalida.

- Eu lavo. – Ele murmurou apertando a minha mão.

- Amanhã é a minha vez. – Eu acaricieei seu dedo um momento e deslizei a minha mão ficando de costas e respirando fundo.

- Fechado, Harriet. Eu vou sujar um monte de pratos para você lavar sua grávida, mas não invalida. – Eu me virei para ele rapidamente.

- Isso é jogo sujo. – Ele arqueou a sobancelha.

- Eu jogo sujo. – Seus olhos verdes piscaram para mim, risonhos. Senti borboletas flutuarem no estômago.

Fazia dias, semanas e meses, que eu não me sentia feliz como estava sentindo naquele momento. Eu fui dormir flutuando aquela noite. Alec havia agido como antigamente. Eu deitei a cabeça no travesseiro chorando. Mas era um choro alegre. Giovanna também estava alegre. Acho que ela sentia o que eu estava sentindo. Era delicioso demais aquela sensação. Me senti, mesmo com nenhuma esperança, a pessoa mais feliz do mundo.

Eu só precisava de Alec para completar a minha felicidade, embora me sentisse tão certa de que nunca mais o teria, mas isso não queria dizer que o pouco que tive da atenção dele não me comoveu, pelo contrário, me senti nas nuvens.

Passar o fim de semana na companhia de Alec e Eloyse me torturou. O que eu não ouvi nas últimas semanas das aventuras dele a noite, eu pude ouvir em dois dias. Eloyse era bastante, digamos... Escandalosa. Eu não aguentava mais o barulho que eles faziam. Já estava no meu limite.

Eu saí do quarto, batendo a porta e fui para a sala. Liguei a televisão. Era madrugada de domingo. Fiquei mudando os canais até parar em um filme de época. Peguei uma almofada e a amassei contra o peito, mas eu só conseguia pensar neles no quarto e no que faziam.

Foi inevitável não pensar na noite que passei com Alec. Eu recordava de seus beijos, suas palavras... Seus toques. Meu corpo colado no seu. O som dos seus gemidos em meu ouvido. Suspirei e fechei os olhos. Uma lágrima deslizou pelo meu rosto. Eu havia namorado duas pessoas em toda a minha vida e quando os relacionamentos acabaram, juntando tudo, eu não senti um terço da dor que senti com Alec. O fato de tê-lo em primeiro lugar na minha vida havia um enorme significado e eu o compreendia isso a cada dia que passava.

- Meditando? – Ouvi sua voz. Abri os olhos e sequei o lado da face que estava molhado.

- Não, eu só não consegui dormir. – Eu respirei o ar fortemente. Olhei-o rapidamente e me arrependi de ter feito isso.

- Problema com o colchão de novo? – Ele se sentou no outro sofá. Vestia apenas a cueca.

- Dessa vez não. – Apontei para a barriga gigante. – Ela não me deixa dormir.

- Ah. – Ele desviou o olhar um instante, respirou fundo e voltou a me olhar. Arranhou a garganta antes de falar. – Como é ter alguém dentro de você?

- Que pergunta é essa, Aleksander? – Eu ri nervosamente.

- É uma pergunta, oras. – Ele apoiou as costas no sofá e esticou as pernas. – Incomoda muito?

- No começo incomoda sim, mas logo você se acostuma. – Eu afastei a almofada. –

Eu gosto quando ela se mexe. – Levei a mão até a barriga.

- Ela está se mexendo agora? – Alec se mexeu, apoiou os braços sobre as pernas e juntou uma mão na outra.

- Um pouco. – Deslizei a mão para o lado direito da barriga sentindo-a mexer-se um pouco. Fechei os olhos. – Acho que vai ser muito levada essa menina.

- Eu posso sentir? – Eu abri os olhos no mesmo instante um pouco estupefata.

- Você quer? – Minha voz falhou.

- Sim. – Ele se levantou e se sentou na minha frente. – Onde eu toco?

- Aqui. – Peguei sua mão e a deposei onde a minha estava antes. Giovanna se agitou e Alec afastou a mão assustado. – Ela está reconhecendo você.

- Ela me reconhece? – Ele voltou novamente a mão.

- Te reconhece mesmo. – Eu fechei os olhos sentindo um pouco de dor, pois Giovanna começou a se mexer muito. – Ela ficou agitada.

- Dói quando ela faz isso? – Eu assenti.

- Ela geralmente não fica agitada desse jeito. – Senti sua mão acariciar minha barriga um pouco mais e, de repente, seus dedos enroscaram nos meus. – Então, sim, dói.

- Alec. – Ele rapidamente se levantou do sofá e soltou minha mão. Eu virei o rosto para a escada de onde o som vinha.

- Eu já estou indo, Eloyse. – Senti um vento atrás de mim e em seguida, o vi caminhar calmamente para a cozinha. – Você quer água?

- Eu quero meu amor. – Ouvi o som de seus passos ao descer os degraus. – Oi, Harriet. Sem sono, querida? – Eloyse disse sarcástica.

- Estou. – Eu resmunguei e voltei a olhar para a TV.

- Achei que já estivesse dormindo. – O ouvi dizer.

- É, você me deixou bem cansada, mas o cochilo há pouco renovou minha energia. – Eu tive a leve impressão de que Eloyse queria me provocar.

- Insaciável! – Ouvi a voz de Alec e, em seguida, som de beijos.

Eu não tinha paz em lugar nenhum. Fechei os olhos pensando que teria que me contentar com o pouco que tive de Alec antes de Eloyse aparecer. Seria o nosso único momento alegre.

O domingo à tarde, estava exausta de ouvir beijos e de encontrá-los pelo meio da casa, por isso fui visitar Georgia. Eu não entendia por qual razão ainda continuava me torturando daquele jeito, não devia continuar naquela casa vivendo aquilo. Parecia adorar sofrer. Saí a tarde e não dei satisfação a ninguém, apenas avisei a Lili para não se preocupar comigo, que talvez nem voltasse para casa.

Pelo menos, não vi mais Alec e Eloyse, a minha tarde foi agradável com uma boa conversa e um passeio a noite com Georgia. Ela estava triste por eu estar indo embora,

tanto que tentava me convencer de ficar, mas sabia que tínhamos que aproveitar nossos momentos. Eu já estava me despedindo dela. Queria gravar cada momento. Por isso, aonde íamos, fazia questão de fotografar e revelar as fotos para ela. Não queria que Georgia se esquecesse de mim.

XXIV

ALEC

EU NÃO TINHA IDEIA DO QUE ESTAVA ACONTECENDO comigo por estar agindo de uma forma tão estúpida e horrível com Harriet. Eu estava chocado por não conseguir falar a coisa certa. Ultimamente, tinha o dom de fazer somente as coisas erradas e, principalmente, tinha o dom de magoar Harriet. As palavras simplesmente saíam quando eram para magoá-la. Parecia que eu tinha prazer em fazer isso com ela, mas eu não tinha, pelo contrário.

Cada vez que via seu olhar desapontado e o quanto ela se esforçava para esconder isso de mim, me sentia um canalha que não merecia sua mínima consideração. Eu não conseguia me compreender. Eu a queria de volta na minha vida, estava desejando tanto aquela mulher que isso acabou atrapalhando meu discernimento. Afinal, eu não consigo falar quando meu coração bate desesperadamente por alguém.

Eu até tentei justificar a mim mesmo que estava em choque. Foram muitos acontecimentos nos últimos meses. A conversa dela com a minha mãe. O nome da nossa filha. A ida dela para tão longe de mim e, inclusive, vê-la acariciar sua barriga tão docemente e mais tarde poder sentir o que ela sentia todos os dias.

Me deu uma vontade enorme de entrar no quarto, abraçá-la por trás, envolver minhas mãos com as suas e acariciá-la para poder sentir mais vezes Giovanna se mexer. Eu pude visualizar tudo aquilo acontecendo. A gente se beijando em seguida. Eu estava completamente embriagado por aquela visão.

Estava tão certo quanto existe o dia e a noite, que a culpa era toda minha. Eu a afastei de minha vida num lapso de raiva. Eu só não sabia como poderia mostrar que o excesso de raiva daquele momento já foi embora fazia muito tempo. Eu tinha que me aproximar dela de novo e mostrar que tudo o que eu gostaria de ter na minha vida era ela e Giovanna.

Desejava muito poder participar de sua gravidez. Queria poder ajudá-la a escolher as roupas como minha mãe fez. Queria fazer tanta coisa. Eu estava ficando tão desesperado, que alguns dias depois de ela anunciar sua ida para os Estados Unidos e o nome de “*nossa filha*”, eu invadi seu quarto e mexi em suas gavetas apenas para ver o que ela tinha comprado. Eu segurei um vestido minúsculo nas mãos e sentei na cama, sentindo o cheiro de roupa nova lavada. Minha mãe estava ensinando tudo sobre como cuidar de uma criança para Harriet.

Olhei o quarto em volta e havia sobre a cama um livro próximo de um dos seus travesseiros, levantei-me e fui até lá para pegar. Abri a página do livro após analisar a capa. Era um livro de ajuda para mães de primeira viagem. A página detalhava o tipo de óleo que ela estava usando aquela noite, como precisava acariciar a barriga. Eu inspirei fundo e devolvi o livro no mesmo lugar que estava antes. Continuei olhando em volta e, no criado mudo, do outro lado da cama, estava o óleo de massagem, fui até lá e o peguei, abrindo-o para sentir o cheiro.

Aquele perfume ultimamente era tão familiar. Eu já o tinha sentido pela casa e, até aquela noite, não sabia que era dela. Uma delícia. Eu poderia me perder naquele perfume

enquanto a acariciava. Devolvi o pote sobre o criado mudo e notei que havia uma foto nossa, com o rosto colado num porta-retratos. Ela não o tinha tirado dali. E ver aquele quadro, me mostrou o quanto eu continuava perdendo tempo sendo um fraco esperando por ela ao invés de fazer alguma coisa.

Inspirei profundamente o ar antes de decidir sair de seu quarto. Eu queria poder continuar ali mais um pouco, só não queria ser pego em flagrante e, com certeza, não estaria preparado para justificar minha presença ali dentro numa situação dessas, pois tinha certeza que falaria alguma merda e a magoaria. O nervosismo me induz a fazer algo do tipo sempre. Pude perceber isso nos últimos meses. O adolescente Alec estava de volta. Guardei o vestido de volta a gaveta e sai do quarto.

Saí de lá tentando achar uma maneira de consertar o nosso relacionamento, nossa vida. Minha mente trabalhava pensando nos mínimos detalhes, mas nada se formava. Eu só pensava que precisava tomar muito cuidado com qualquer palavra que pudesse profanar na frente de Harriet a partir daquele momento. Não era mais um adolescente sem saber o que fazer ou o que falar com uma garota.

Se eu continuasse daquele jeito, a perderia completamente. Não sabia como começar a me aproximar dela e tinha a sensação que era assim que Harriet queria. Algumas vezes, quando me encontrava com ela, eu sabia que a oportunidade estava batendo na porta, mas as palavras não saiam e quanto mais medo eu tinha de me aproximar, mais o tempo passava e a sentia longe de mim.

Ela passou a me evitar depois que Eloyse veio me visitar. Harriet passava os dias fora e fazia questão de chegar tarde. Nos fins de semana, era impossível encontrá-la e eu sabia a razão de ela estar fazendo isso. Harriet estava sofrendo. Eu via isso claramente em seus olhos e em todas as vezes que a vi chorar. Tinha quase certeza, que ela decidiu que o melhor a ser feito, era me evitar completamente. Mas eu não queria que fosse assim.

Entretanto, lhe dava razão, pois quem foi que disse que não queria aquele bebê? Quem foi que começou a namorar outra pessoa depois da noite que tivemos juntos? Quem foi rude e imbecil depois disso tudo? Eu, é claro. E eu estava completamente arrependido. Aliás, eu havia me arrependido de absolutamente tudo no instante que disse todas aquelas palavras, mas não conseguia consertar, meu orgulho não me deixava.

No fundo, eu queria que Harriet batalhasse por mim. Mas ela não era assim. Era uma mulher inteligente e depois de tudo o que eu disse quando me contou da sua gravidez, ela não iria tentar. Tinha tantas coisas com que se preocupar. Havíamos combinado uma coisa naquele dia e ela estava cumprindo.

Eu queria que ela soubesse que eu não amava Eloyse. Eu estava mais apaixonado a cada dia que passava por Harriet e nossa filha. Ia ser uma menina. Caramba. A nossa garotinha. Eu precisava intervir nos objetivos de Harriet, mas não sabia como conseguir esse intento. Eu só pensava que estava perdendo a mulher da minha vida e minha filha todos os dias que se passavam.

Eu havia acordado naquele dia determinado. Fazia muito tempo que não a via e tinha a sensação de que algo muito valioso foi roubado de mim. Me sentia vazio. Precisava pelo menos vê-la. Acordei antes dela e fui tentar fazer alguma coisa comestível para ela, mas ao descer a escada, parei no último degrau ao vê-la vestir um casaco. Olhei o relógio na

parede da cozinha.

- Harriet? - Esfreguei o rosto e bocejei ao constatar o horário.

- Alec? - Ela me olhou assustada. - O que está fazendo a essa hora acordado?

- Você não costumava sair mais tarde para trabalhar? - Ignorei sua pergunta. - Por Deus, Harriet, são 5h30 da manhã.

- Eu... - Ela gaguejou e seu rosto ficou vermelho.

- Não vai comer nada? - Fingi que não tinha reparado em seu constrangimento.

- Estou sem fome. - Ela jogou a bolsa no ombro.

- Você precisa comer alguma coisa. - Eu apontei para a cozinha. - Me deixe preparar algo para você comer, assim não sentirei remorso por vê-la sair sem comer nada, sem contar que a Dona Lili arrancaria minha pele ao saber disso.

- Ela não precisa saber. - Harriet deu as costas para mim e foi em direção à porta. Sua silhueta estava tão diferente. Ela estava mais bonita do que antes e sua barriga estava bem grande. Eu queria abraçá-la.

- Tudo isso para ficar longe de mim? - Nem sei como criei coragem, mas tive um impulso ao sentir que ela escapava de minhas mãos de novo. Ela parou de andar ainda de costas pra mim, com a mão na maçaneta, respirou fundo e se virou.

- Você agora cozinha? - Eu sabia que ela não me responderia.

- Um ovo mexido... Mas acompanhado de um suco de laranja e torradas, até que fica reforçado.

- Eu não posso comer gordura. - Ela alisou a barriga inconsciente do gesto.

- Posso fazer com manteiga. - Eu estendi a mão. - Vem, Harriet, me deixe cozinhar para você?

Seus olhos imediatamente ficaram úmidos. Ela levou uma mão até eles enxugando as lágrimas. Me matava a cada vez que a via chorar. Eu não merecia uma lágrima dela, mas Harriet era tão doce que nunca admitiria que eu estivesse errado.

Ela caminhou lentamente em minha direção. Movi a mão que estava erguida e ela a segurou. Eu queria abraçá-la, mas me contive, pois não queria fazê-la chorar mais. Entramos na cozinha e puxei a cadeira para que ela se sentasse.

- Aonde você vai a essa hora? - Eu fiquei de costas para ela enquanto me movia de um lado a outro para preparar algo comestível a ela. Na verdade, eu tentei demonstrar que a pergunta era casual, sem compromisso, apenas para não ficarmos em silêncio.

- Hum. - Ela murmurou, mas fiz questão de fingir que não ouvi. - Eu vou à ioga. Estou me preparando para ter um parto normal.

- E faz isso todo dia? - Eu queria me virar para ela para poder dizer que gostaria de acompanhá-la.

- Sim. - Ela se limitou a responder, percebi. Mexi o ovo na frigideira e me virei rapidamente pra ela.

- E dói? - Ela arqueou a sobrancelha. - O que foi que disse de errado? - Harriet sorriu e gesticulou negativamente.

- Não dói, mas é desconfortável por causa da barriga. - Ela mordeu o lábio inferior.

- Eu gostaria de ver como é. - Me perdi nos seus lábios rosados e senti brevemente o sabor deles, não havia percebido as palavras escapando dos meus lábios até reparar na expressão de Harriet.

- Mesmo? - Ela sussurrou e baixou a cabeça, juntando as mãos sobre a mesa e entrelaçando os dedos.

- Eu posso ir? - Eu dei um passo em direção a mesa. Harriet ergueu a cabeça.

- O ovo Alec. - Ela olhou atrás de mim.

- Merda. - Me virei rapidamente e mexi mais o ovo. - Não queimou.

- Ainda bem, pois estou ficando com fome. - Eu a ouvi arrastar a cadeira ao se levantar. - O que mais você disse que teria pra eu comer?

- Torrada e suco. - Virei o rosto e a vi caminhar lentamente até a geladeira.

- Você vai querer? - Ela pegou a caixa do suco de laranja e foi até o armário, mas não me olhou ao pegar os copos.

- Vou. - Senti meu peito acelerar ao perceber quanto tempo perdi de ter aquele momento com ela. - Eu estou falando sério sobre ir à ioga com você.

- Vai ter que levantar cedo todos os dias. - Ela depositou os copos sobre a mesa e levou uma mão até o cabelo, jogando-o para trás.

- Sem problema. - Disse, mas pensei que; faria qualquer coisa para reconquistá-la, não importava a hora e nem o dia.

- Está bem. - Ela voltou até o armário novamente e pegou a torrada. - Vai começar quando?

- Hoje. - Ela parou no caminho de volta à mesa para me olhar. Harriet não parecia acreditar no que eu estava dizendo. - O que foi dessa vez, Harriet?

- Ah, nada. - Ela se sentou novamente e me parecia ofegante. Apoiou a cabeça na mão respirando fundo. - Tem outras grávidas que frequentam também.

- Sem problema. - Ajeitei o ovo no prato e o levei até a mesa. Havia feito o suficiente para nós dois comermos.

- Isso é só pra mim, né? - Ela indagou pegando o prato só pra si. - Porque, não sei se você percebeu, agora eu como muito.

- É. - Resmunguei e peguei outro ovo para mim. - Esqueci que agora você come por dois.

- Ultimamente tenho bastante apetite. - Ela se serviu de suco.

- Você se esqueceu de pegar o patê. Quer que eu pegue pra você? - Me virei novamente para ela que se limitou somente em assentir enquanto estava concentrada

comendo o ovo.

- Nossa. - Ela lambeu os lábios. - Faz tanto tempo que não como ovo.

- Parece que está bom. - Resmunguei, mas no fundo eu apreciei vê-la comer algo preparado por mim.

*

Após comer, eu tomei banho rapidamente e vesti uma roupa bem quente para acompanhá-la. Fomos em carros separados, pois de lá, ela iria para o trabalho. Eu não consegui ficar só olhando pra ela na ioga, eu me juntei a ela para falar a verdade. Foi bom, pois, naquele dia, foi a primeira vez que vi sua barriga de perto e não apenas através de um espelho, quando ela ficou somente de top.

Era uma grávida maravilhosa. Tão pequenina, mas linda demais. Fiquei ao seu lado, olhando para a forma oval de sua barriga, prestando atenção em sua respiração. Confesso que fiquei excitado ao ver seus seios fartos subirem e descerem. Eu tive que esconder minha virilidade quando a sessão acabou.

- Eu vou tomar banho. - Harriet havia prendido os cabelos e estava toda suada. - Obrigada por ter vindo Alec. - Ela se virou para pegar a mochila, mas a segurei pelo braço e a fiz se virar para mim.

- Eu... - Sufoquei e minha voz não saiu. - Eu posso... - Umedeci os lábios. - Vir amanhã mesmo?

- É claro, mas a partir da segunda sessão você paga normalmente. - Ela desceu os olhos para a minha mão que a segurava. Eu deslizei-a e segurei a sua, entrelaçando meu dedo no seu. Estava na hora de começar a mostrar para ela que eu estava ali.

- Eu farei qualquer coisa... - Ouvi passos atrás de mim.

- Harriet! - Uma voz grossa surgiu nas minhas costas.

- Jim. - Harriet esticou o pescoço e soltou sua mão da minha. - Tudo bem? - Ela se desvencilhou de mim e abraçou o homem.

- Está sim. - Ele afastou-a e acariciou a barriga dela com um pouco de intimidade. - Como está nossa garota?

- Mexendo muito! - Harriet sorriu largamente e depositou a mão sobre a do homem. Olhei de um para o outro.

- Ouvi dizer que é dessa para a pior. - O homem com alguns fios de cabelos grisalhos afastou-se. - Avisa a seu avô que vou aparecer novamente nesse fim de semana.

- Pode deixar, vamos esperar ansiosos. - Harriet o beijou no rosto. - Até logo.

- Cuida da nossa menina. - O tal Jim se virou e foi embora. Eu me senti invisível. Em nenhum momento eles olharam para mim.

- Eu não o conheço. - Chamei sua atenção. Harriet me olhou assustada.

- Sinto muito, Alec. Esqueci completamente... - A interrompi e conclui a frase ao perceber o quanto ela estava relutando consigo mesma.

- De mim. - Ela gesticulou negativamente.

- Eu não ia dizer isso. - Harriet suspirou. - Eu ia dizer que esqueci as boas maneiras, me desculpe, Alec.

- Você e ele parecem bem próximos. - Eu resolvi mudar de assunto ao perceber o quanto havia demonstrado que vê-la abraçada e íntima de outro homem, mesmo ele sendo bem mais velho que ela, me abalou. Me abalou mais ainda o fato de ela ter se esquecido rapidamente de mim.

- Jim é um amigo da família. Passávamos muito tempo juntos quando eu vivia viajando com meus pais. - Ela pegou sua mochila. - Ele se aposentou recentemente e sempre nos encontramos nos fins de semana na casa dos meus avós.

- Você nunca me falou dele. - Eu arranhei a garganta. Precisava saber o que estava acontecendo entre os dois.

- Ele é amigo da minha família, por isso não disse nada sobre ele para você. - Saímos da sala. - Eu também não o conhecia muito bem, até que ele passou a frequentar a casa dos meus avós.

Algumas pessoas entravam e se esbarravam em nós. Eu abracei Harriet nos ombros para protegê-la. Ela ergueu o rosto e olhou para mim e fingi não notar. A levei até o vestiário e paramos na frente da porta. Ela se afastou ficando de frente para mim.

- Obrigada. - Ela disse quando devolvi sua mochila.

- Harriet. - Eu umedeci os lábios. Ela lentamente baixou a cabeça. - Vai fazer o que no fim de semana? - A peguei totalmente de surpresa ao fazer aquela pergunta, pois rapidamente ela ergueu o rosto me encarando, seus olhos estavam arregalados e confusos. Eu reparei sua expressão suavizar lentamente e, em seguida, Harriet sorriu.

- Além de ficar com a minha família. Eu não tenho nenhum compromisso. - Ela esfregou o ventre lentamente. - Ninguém além dos meus pais e avós quer a minha companhia.

- Achei que... - Arranhei a garganta e levei a mão até o cabelo. Eu senti um pouco de receio. - Achei que podíamos ir ao cinema.

- Eu não sei, Alec. - Sua mão ainda acariciava a barriga. - Eu não estou muito disposta para ir ao cinema.

- Um filme em casa? - Eu levei as mãos atrás das costas e as cruzei.

- É melhor, pelo menos fico mais à vontade. - Ela umedeceu os lábios e senti uma imensa vontade de beijá-la. - Eu escolho o filme.

- Ah, eu já tinha um filme em mente, Harriet! - Eu queria demonstrar que estava chateado, mas tinha certeza que meu sorriso me condenava.

- Quem sabe aguentamos assistir mais um... - Ela suspirou.

- Pipoca? - Ela assentiu rapidamente. - Suco ou coca-cola?

- Adoro coca, mas estou proibida. - Ela ergueu a mão antes de me deixar perguntar o que estava acontecendo. - Eu não quero te preocupar com os meus problemas, Alec. - Ela

olhou para a barriga e acariciou-a enquanto falava.

- Mas... - Ela ergueu o rosto e deslizou a mão até o meu rosto, fazendo-me calar.

- Por favor, não. - Ela sorriu quando eu consenti. - Obrigada. - Harriet sussurrou. Eu não pude evitar sentir seu perfume delicado.

- De nada. - Resmunguei.

- Até mais. - Ela se virou e entrou no vestiário desaparecendo em seguida.

- Até. - Fiquei olhando para a porta à minha frente, consternado e preocupado.

À noite eu fui para casa após o trabalho. Estava muito cansado e desmarquei o ensaio com a banda. Tomei banho e fui dormir. Acordar cedo demais me deixou indisposto, mas no dia seguinte consegui acompanhá-la novamente à ioga. Eu não toquei mais no assunto de sábado à noite e nem sobre o filme, até o dia chegar.

XXV

ALEC

NA MANHÃ DE SÁBADO, fui ao mercado comprar alimentos saudáveis para comermos durante o filme. Pedi para minha mãe se deitar mais cedo naquele dia e me ajudar a preparar a comida. Eu sou péssimo na cozinha. Não levo o menor jeito com as panelas, então minha mãe fez praticamente tudo sozinha, eu só atrapalhei, para falar a verdade.

Preparei a TV e o home theater. Harriet tinha saído cedo, disse a minha mãe que iria à casa dos pais, mas que voltaria aquele dia. Só que era mais de sete horas e ela não tinha aparecido ainda. Fiquei na sala andando de um lado para o outro, na frente da minha mãe que tentava ver alguma coisa na TV, mas eu a impedia.

- Eu quero ver o jornal, Alec. - Minha mãe reclamou a um dado momento. Eu não interrompi minhas voltas sobre o tapete da sala. Ela arranhou a garganta. - Assim você vai fazer um buraco no chão meu filho. - Ela gritou, e parei de andar, ficando de frente para ela.

- Cadê ela, mãe? - Meu coração estava acelerado.

- Liga para ela e pergunta. Acho que só assim você vai ter sua resposta. - Minha mãe sorria para mim.

- Você sabe onde ela está, não sabe? - Sentei do lado dela no sofá.

- Eu não sei, Alec. - Ela segurou minha mão e a apertou.

- Por que está sorrindo desse jeito para mim como se estivesse armando alguma coisa? - Apertei a sua mão.

- Acho maravilhoso vê-lo tão apaixonado. Você se parece tanto com seu pai. - Ela suspirou. - No nosso primeiro encontro, ele foi até a minha casa me buscar e o encontrei na sala desse mesmo jeito que estava agora a pouco. - Minha mãe baixou a cabeça. - Só estava a me recordando, filho. - Ela voltou a me encarar. - Liga para ela e pergunta.

- Eu não quero parecer pegajoso. - Minha mãe gesticulou negativamente.

- Liga! - Ela se virou e tirou o telefone do gancho. - Talvez ela precise de você agora.

Senti um aperto no peito e, rapidamente, peguei o telefone de sua mão e disquei os números, mas quando levei o aparelho até a orelha, à porta se abriu. Senti um alívio quando a vi aparecer. Joguei o telefone no sofá e corri até ela a abraçando. Eu percebi seu rosto assustado quando me viu aproximar, mas eu não me importei, eu precisava abraçá-la, simples assim.

- Está me sufocando, Alec. - Ela bateu algumas vezes nas minhas costas bem de leve e senti o seu perfume suave. Ela cheirava como um bebê recém-nascido.

- Eu estava preocupado. - Disse me afastando dela.

- Eu tive um contratempo. - Ela levou a mão até o ventre. - Meus pais tiveram que me trazer.

- Que tipo de contratempo? - Indaguei me sentindo preocupado. Me deu vontade de

levar a mão até seu ventre e, não consegui me controlar, deposei a minha mão sobre a dela, o que a surpreendeu, mas logo em seguida, ela disfarçou.

- Eu achei que ela fosse nascer antes do tempo. – Harriet inspirou fundo.

- Antes do tempo? – Senti um frio na barriga. Se a bebê nascesse antes de reconquistá-la, eu a perderia. Eu sei que pode parecer egoísmo da minha parte, mas não queria que a minha filha nascesse ainda. Ela precisava me dar mais um tempo.

- É. – Harriet abaixou a cabeça, olhando para minha mão sobre a dela. Eu percebi seu constrangimento e, por isso, afastei a mão rapidamente.

- Você vai *me* contar sobre isso? – Indaguei quando ela ergueu o rosto para me encarar.

- Eu já estou melhor. – Ela se afastou de mim.

Eu sabia que Harriet não me contaria nada. Ela estava levando muito a sério esse negócio de me manter longe da minha filha.

- Eu não sei se fico satisfeito com seu comentário ou preocupado. – Eu resmunguei mais para mim do que para alguém ouvir, mas não tive muito sucesso.

- Vai ter que se contentar, Alec. – Ela se sentou ao lado de minha mãe no sofá.

- Ele preparou algumas coisas para vocês comerem. – Minha mãe disse. – Devia dar um desconto, Harriet. – Mamãe tocou em sua perna. – Seja menos ranzinza e aproveite esse momento. Vocês precisam desse momento.

- Eu não sei se quero isso, Lili. – Eu não queria prestar atenção na conversa delas, mas não pude evitar de ouvir o que ela disse e isso me irritou.

- Eu acho que perdi a vontade de ver o filme. – Caminhei rapidamente até a cozinha para pegar um copo de água.

- Ah, qual é Alec. – Harriet resmungou alto. – Eu passei por um terremoto hoje, mas estou aqui porque você pediu e agora está bravo por não contar nada para você?

- É compreensível, não? – Eu fui até a sala com o copo na mão. – Eu estou preocupado com você e a *nossa filha*.

- Minha filha; Você deixou isso muito claro antes. Você não tem o direito de chamá-la de filha. – Harriet se levantou e levou as mãos na cintura. – Ou você se esqueceu que disse para eu abortar?

- Eu vou para o quarto. Vocês precisam ter essa conversa e não quero atrapalhar. – Minha mãe se levantou e foi até Harriet, a abraçando e depois acariciando sua barriga. – Boa noite, querida. – Ela se virou e veio em minha direção, me dando um beijo. – Boa noite. Está na hora de terem essa conversa.

- Boa noite, mãe. – Eu esperei minha mãe sumir e me virei para Harriet. - Droga, você nunca vai se esquecer disso? – Pressionei a mandíbula com força como se algo dentro de mim estivesse doendo muito. E estava.

- Não tem um dia que eu passe tentando me esquecer do que aconteceu conosco depois, Alecsander. – Harriet umedeceu os lábios. – Porque sua hostilidade todo esse

tempo não favoreceu. Agora acha que é fácil esquecer? Não é não, pois eu mudei todos os meus planos para seguir sozinha, com a *minha filha*.

- Eu achei que poderíamos esquecer isso tudo nos reaproximando. – Eu não sabia o que dizer a ela.

- É por isso que eu estou aqui, Alecsander. – Harriet fechou os olhos. – Eu ainda estou te dando a chance de ser o pai dela, mas não venha me dizer que é pai agora, pois você está muito longe de ser um.

- Certo! – Me virei de volta para a cozinha sem conseguir dizer mais nada. Eu não tinha o que dizer. Ela estava certa, eu não merecia aquela consideração. Se eu pensei que da noite para o dia poderíamos ficar juntos, é claro que pensei. Seria um tolo em mentir sobre isso. – Vou pegar as coisas.

- Precisa de ajuda? – Me virei diante de sua pergunta. Ela estava agindo como se não tivéssemos acabado de discutir.

- Senta essa sua bunda grande e fica quieta. – Ela se esforçou para olhar sua bunda, mas com a barriga grande, não teve sucesso. Fiquei olhando para ela, perplexo, mas acabei rindo do seu jeito e tive uma imensa vontade de abraçá-la. Eu a amava muito.

- Mandão. – A ouvi resmungar quando voltei em direção à cozinha.

- Eu vou enfiar a comida garganta abaixo se você não ficar quieta. – A ouvi gargalhar.

- Quanta gentileza! – Ela continuou me provocando, mas me fez sorrir, era só uma questão de persuasão.

Arrumei a pequena mesa de centro da sala e Harriet parecia estar esfomeada, pois não me esperou sentar no sofá para comer. Fiquei olhando para ela, estupefato. Ela percebeu que a observava e parou o que estava fazendo para me encarar.

- O que foi?

- Você nunca comeu desse jeito. – Respondi desconcertado.

- Ah, é fase da gravidez. – Ela suspirou. – Às vezes, deixo de lado as boas maneiras.

- Eu não ligo para as boas maneiras. – Enchi o copo dela com suco de laranja.

- Obrigada. – Ela se ajeitou no sofá, tirou o casaco e pegou o copo levando-o até a boca. – Que filme vamos assistir?

- Eu pensei em alguma animação, mas vi que já tem disponível O novo do Hobbit. – Sentei ao seu lado segurando o copo de refrigerante diet. – Eu já tenho, aliás.

- Eu estava louca para assisti-lo. – Harriet me olhou. Seus cabelos cheios e bagunçados tampavam seu rosto.

- Acho que ainda estamos em sincronia. – Toquei em seu cabelo o afastando do rosto. Olhei-a nos olhos.

- Alec... – Eu toquei em seus lábios.

- Não, Harriet. – Deslizei a ponta dos dedos por sua boca, contornando-a. Olhei seu

rosto, ela estava vermelha e senti calor emanar dela. Aproximei o rosto do dela, roçando os lábios em sua bochecha. – Você está tão quente. – Sussurrei roucamente.

- Eu não... – Eu não deixei-a concluir a frase. Apossei de seus lábios e deslizei a língua por eles, pedindo para me dar abertura e penetrá-la.

Como eu senti falta daquele perfume, de sua pele e de seu beijo. Sua boca era tão macia e quente, mas quando ela a abriu para mim, senti mais calor ao deslizar a língua. Eu não tinha planejado beijá-la, mas eu queria tanto que o desejo se tornou incontrollável. A abracei, puxando-a para mais perto de mim, inconscientemente, minha mão foi até o seu ventre e eu pude sentir a comoção ao tocá-la. Meus dedos a seguravam pelos cabelos emaranhados.

Eu queria fazer mais, queria que ela se sentasse em meu colo para poder beijá-la mais e, não hesitei em fazer o que queria, a puxei fazendo-a se sentar sobre minhas pernas sem me importar com o peso. Afastei os lábios dos seus e a olhei, ela estava escondida no emaranhado de cabelo.

Deslizei a mão por seu pescoço e queixo, puxando-a para me beijar de novo. Ela sorriu e me abraçou, seus dedos foram para os meus cabelos. Nunca imaginei que ela fosse me beijar de novo ou até me acariciar. Eu achava aquilo completamente impossível de acontecer.

- Isso está acontecendo mesmo? – Indaguei antes de voltar a beijá-la. Harriet se afastou rindo.

- Parece um sonho. – Ela disse.

- É muito real, Harriet. – Acaricieei seu ventre olhando para ele. – Muito real. – Voltei a olhá-la e percebi que seus olhos estavam umedecidos. – Não vai embora para longe de mim. – Pedi.

- Isso não é mais uma escolha. – Ela suspirou.

- Você não precisa ir. – Murmurei. – Você pode ficar.

- Meu futuro é lá agora, Alec. – Ela abaixou a cabeça. – Eu não tenho mais escolha.

- Por que não? – Fiquei confuso ao notar que ela não me responderia. – Me fale Harriet. – Sussurrei.

- Shi. – Ela tocou meus lábios com os seus e voltou a me beijar.

Era um beijo que transmitia a falta que sentia e, ao mesmo tempo, sentia como se ela tivesse se despedindo de mim. Apertei-a como pude contra o meu peito. Minha mão ávida tocou-a no seio e Harriet não me impediu. Eu sabia que não podia fazer amor com ela, por mais que eu desejasse muito aquilo, mas acariciei-a.

Eu tinha me esquecido onde estava e o que iríamos fazer antes. Ela era o centro da minha atenção, até o meu celular tocar. Harriet afastou-se de mim, o que me fez choramingar e pegou o aparelho sobre a mesa. Ela tentou não ver quem estava ligando, mas não conseguiu e, por isso, ficou constrangida.

- Eloyse. – Ela disse aquele nome como se recordasse o que estávamos fazendo e se levantou do meu colo.

- Não faz isso, Harriet. – Peguei o celular de sua mão e o joguei no sofá.
- Está errado, Alec. – Ela não me pareceu brava. – Nós não podemos fazer isso.
- Mas... – Ela não me deixou concluir o que eu iria dizer e saiu da sala, rapidamente.
– Harriet. – Gritei.

- Resolva sua situação com a Eloyse, Alec. – Ela se virou após subir alguns degraus da escada.

- Você ficará comigo se eu fizer isso? – Indaguei enquanto pegava o celular.

- Você não pode me pressionar a uma resposta como essa, não é justo. – Ela acariciou o ventre.

- Eu posso sim. – O telefone não parava de tocar, mas não afastava os olhos dela e percebi que a assustei com o que disse. – Me diz Harriet, se eu terminar com ela, você volta para mim?

- Você não pode terminar com ela por minha causa, tem que terminar porque quer Alec. Se não gosta dela, não tem por que continuar esse relacionamento. – Ela inspirou fundo. – E você precisa fazer mais do que isso para ficarmos juntos.

- Eu amo você, isso não é o suficiente? – O telefone parou de tocar e me levantei.

- Você tem que amar nós duas. – Ela inspirou fundo. – Não estou mais sozinha, agora eu tenho uma família.

- Eu amo. – Eu murmurei.

- Eu preciso de mais do que palavras, Alec. – Ela abaixou a cabeça e moveu-se para voltar a subir a escada, mas voltou a me olhar. – Há muito mais em jogo agora. Eu não posso abrir mão do que conquistei para ficar com você. Eu ainda estou magoada e você precisa curar essa mágoa. Só você é capaz disso. Me conformei com essa vida nova, me conformei por você nem querer olhar na minha cara. É única coisa que eu sei até agora.

Fiquei a olhando subir a escada lentamente, segurando a barriga. Me sentia triste por saber que ela ainda estava magoada e, ao mesmo tempo feliz. Eu ainda tinha uma chance. Só precisava saber o que fazer para usá-la a meu favor. Estava na hora de consertar as coisas entre mim e Harriet. Peguei o celular e disquei o número que me ligou há pouco. Não haveria mais ninguém atrapalhando nossa vida.

XXVI

HARRIET

EU NÃO ACREDITO. EU NÃO ACREDITO. EU NÃO ACREDITO. Não parava de me repetir isso. Passei mais ou menos uma hora tentando dormir, ficava repetindo na minha cabeça tudo o que falei a Alec. E me senti fraca. - No entanto, eu não estava esperando nada do que ele me falou, ele havia me desestruturado novamente. Justo no momento em que eu consegui me fortalecer.

Precisava me conformar de novo. Não poderia me iludir por aquelas palavras. Por mais tocante e enervante que fossem elas. Eu senti meu coração encher de novo. E por isso me abri mais do que gostaria de fazer. Precisei correr para não cometer mais nenhuma estupidez. Ele estava namorando outra.

Novamente, me repito que, - Eu não acredito que tive a coragem de falar tudo aquilo para ele, mas tudo o que Alec disse, removeu no meu segredo mais profundo, aquelas palavras foram muito mais do que eu recebi dele esses meses todos e eu não fazia ideia do quanto estava desejando aquilo até o momento. Me amoleceu completamente.

Tê-lo tão perto, me tocando, me dizendo palavras bonitas e, ao mesmo tempo, me fazendo promessas. Eu não tinha estrutura física e emocional para suportar tudo ao mesmo tempo. Me abalou demais e foi tanto que não consegui dormir mesmo que tivesse um pouco de sono. E, dessa vez, a culpa da minha insônia não era do meu colchão novo.

O meu nervosismo misturado com a ansiedade deixavam-me em frangalhos. Na verdade, eu não achava uma posição confortável e estava impaciente demais para ficar na cama. Me levantei e fiquei andando de um lado para o outro no quarto com a minha cabeça querendo explodir. Eu não sabia se doía por tanto chorar ou por manter meus olhos abertos tanto tempo.

Alec me pegou desprevenida e não foi só essa noite. Houve outros momentos que eu percebi sua diferença, mas era pouco notável, até que... Ele resolve me acompanhar à ioga, preparar algo para eu comer e praticamente se declarar. Era muito para mim em apenas uma semana.

Eu não estava com a saúde muito estável ultimamente para suportar essa pressão. Fechei os olhos e levei a mão até a nuca, pois a sentia dolorida e eu não podia tomar remédio algum para amenizar a dor ou me ajudar a dormir.

Olhei para meu ventre gigante. Pelo menos era a impressão que eu tinha ao me olhar no espelho; Enorme e gorda. Para deitar estava, cada vez mais, se tornando desconfortável. Fui até a porta e segurei a maçaneta, mas não me movi. Eu não me lembrava de ter ouvido Alec ir para o quarto. Disse alguns impropérios em pensamentos e saí do quarto.

Precisava fazer alguma coisa para me distrair. Desci a escada lentamente e havia uma claridade refletindo contra a parede, sinal de que ele ainda estava na sala. Continuei descendo e parei no último degrau, olhando-o de costa. Na TV, passava O Hobbit, mas eu não podia entender o que estava acontecendo. Me aproximei e parei ao lado do sofá. Ele olhou para cima tranquilamente.

- Não consigo dormir. – Levei as minhas duas mãos para trás e as cruzei.

- Vem cá. – Ele ergueu a mão para mim e eu a segurei. – Giovanna não está te deixando dormir dessa vez?

- Mais ou menos. – Achei melhor limitar minha resposta. Não sabia até que ponto poderia deixá-lo a par.

- Se você me falar o que está acontecendo, posso tentar te ajudar. – Ele tocou algumas mechas de cabelo e jogou-as para trás do meu ombro.

- Ah. – Virei o rosto para a TV, mas senti seus dedos me tocarem no queixo e, sutilmente, ele me fez encará-lo novamente.

- Me conta. – Seu dedo continuava tocando meu queixo. Ele deslizava o dedo em círculos. Eu achei tão gostoso e íntimo o seu toque que meus olhos arderam novamente, mas dessa vez foi com vontade de chorar.

- Eu estou tensa. – Mordi o lábio inferior. – Estou sentindo uma tonelada sobre os meus ombros e isso dói.

- Eu não sei fazer massagem muito bem. – Ele enrugou os lábios, pensativo. – Mas eu posso tentar. Faço qualquer coisa para amenizar sua dor. – Eu não consegui controlar e meus olhos umedeceram dessa vez. Ele tinha que estragar tudo e desmoronar minha estrutura, mas a única coisa que eu pude fazer foi concordar, afinal, a culpa era toda dele por eu estar sentindo aquilo. Fiquei de costas para ele.

- Dói aqui. – Levei minha mão na nuca. – Se apertar vai poder sentir o quanto eu estou tensa.

- Se eu te machucar... – Alec deslizou os dedos quentes por meus ombros, apertando-os sutilmente.

- Está doendo, Alec, mesmo sem você tocar. – Fechei os olhos. – Geralmente esse tipo de massagem dói antes de ter algum resultado. – Os seus dedos quentes começaram a apertar o nervo e eu senti uma fisgada. – Isso.

- Por que você está sentindo isso? – Ele afastou a alça da minha camisola para o lado.

- Minha pressão não deve estar regular de novo. – Suas mãos eram tão leves e quentes e ele massageava com tanta delicadeza que fazia minha pele se arrepiar. Mordi o lábio inferior tentando me concentrar na massagem ao invés de pensar no efeito de seu toque.

- Então, você não está mesmo tão bem quanto quer aparentar. – Alec sussurrou em meu ouvido.

- De onde você tirou isso? – Indaguei e senti que ficava mais tensa.

- Eu sou o culpado, Harriet? - Ele continuou sussurrando ao pé do meu ouvido.

- Hum. – Eu não tinha o que responder. Ele apoiou o queixo sobre o meu ombro esquerdo e abaixei a cabeça sem conseguir respondê-lo.

- Eu já entendi. Não precisa me responder. – Ele beijou meu ombro e voltou a

massagear.

- Falta muito para o filme acabar? – Olhei para a TV.

- Acho que está na metade. – Ele deslizou os dedos por minha coluna, apertando.

- Eu posso ficar aqui? – Me virei e o encarei.

- Era para estarmos assistindo, Harriet. – Ele me virou de volta e me puxou para encostar as costas no sofá. Alec jogou o braço sobre os meus ombros. – Vou voltar o filme. – Ele pegou o controle remoto que estava ao lado dele.

- Não. – Eu toquei em sua mão. – Não precisa voltar.

- Tem certeza? – Ele estava confuso, é claro.

Ele não entendia o que eu realmente queria era estar perto dele, sentindo seu perfume e tê-lo me abraçando como o momento permitia.

Eu não sabia quando teria aquilo de novo ou se o teria. Eu só pensava em ficar perto dele sem me preocupar com o seu poder de me desestruturar de vez em quando, mas Alec tinha o dom de me acalmar também.

Apoiei a cabeça em seu ombro e uma mão em seu peito ficando um pouco de lado. Minha barriga gigante encostava a sua.

- Tenho certeza. – Respondi após um momento e suspirei, olhando para a TV sem me importar realmente com o filme.

Seu perfume era tão bom. Ele tinha um corpo tão delicioso que poderia me apoiar e dormir ali por uma semana. Sem precisar mudar de posição.

Alec ficou acariciando minha cabeça, brincando com meu cabelo e, de vez em quando, seu dedo tocava, ou na minha bochecha ou no meu ombro. Eu prestava atenção em tudo o que ele fazia e em todo lugar que ele me tocava, eu sentia calor, como se tivesse me queimando.

Minha visão começou a ficar nublada e meus olhos se esforçavam para fechar, mas teimava em deixá-los abertos, até que tudo ficou escuro para mim, fui vencida pelo cansaço e sono.

E não me importava por estar recebendo tão pouco, pois minha consciência e meu coração se contentavam por Alec estar ao meu lado me abraçando e me protegendo, preenchendo meu vazio. E aquilo foi o suficiente para mim. Queria aproveitar mais para poder recordar depois.

Eu sei que qualquer pessoa pensaria que eu estava me contentando com migalhas, mas eu não me importava, pois estava me fazendo bem e Giovanna tinha se tranquilizado. Estar grávida significa que noites insones virão. Fazia dias, ou até meses, que eu não dormia direito. Ele estava me fazendo dormir, como faria uma criança dormir.

Não senti e nem mesmo percebi quando ele me carregou para a cama de tão exausta e entorpecida no sono eu estava, quando acordei na manhã seguinte, me mexi na cama e senti que era macia demais. Um pouco mais usada do que a minha que estava me acostumando ainda.

Abri os olhos e vi um teto todo branco. Não vi nada do meu quarto ali. Olhei ao redor e meu coração ficou apertado ao ver Alec sentado na poltrona me encarando. Ele vestia apenas um short de dormir. Estava totalmente descolado e de cabelo bagunçado.

- Bom dia. - Sua voz ainda estava rouca de sono.

- Está há tempos acordado? - Eu tentei me sentar e ele, rapidamente, se levantou.

- Acabei de acordar, estava com vontade de ir ao banheiro. - Ele me segurou pelo braço e sentou na cama ao meu lado. - Dorme mais, você precisa descansar.

- Mas me sinto nova em folha. - Espreguicei erguendo os dois braços para cima e bocejei.

- Não foi o que os seus roncos acabaram de me dizer. - O encarei muito séria. Ele tinha um enorme sorriso no rosto.

- Vai à merda, Alec. - O cutuquei com o ombro. – Não ronco coisa nenhuma!

- Já fui. - Ele tinha uma resposta engraçada sempre na ponta da língua.

- Ah! - Tampei o rosto com as duas mãos. – Você é um babaca!

- Deita, Harriet. Eu não vou deixar você se levantar, fique ciente disso. - Ele começou a me empurrar para deitar na cama.

- Vai me sequestrar no seu quarto? - Indaguei, mas deixei-o me empurrar. Olhei para o lado da cama e procurei o porta-retratos dele com Eloyse e não estava mais lá.

- Eu posso te sequestrar? - Ele se deitou ao meu lado me olhando, suas mãos estavam cruzadas e jogadas sobre a cama.

- Você está fazendo isso neste *exato* momento. Acho que eu não tenho muita escolha. - Ele sorriu discretamente.

- E não tem mesmo. - Alec moveu o pescoço e o ombro, levou a mão até meu cabelo e o arrumou deixando-o do outro lado.

- Eu preciso cortar esse cabelo. Está me atrapalhando muito ultimamente. - Toquei numa mecha.

- Faz trança. Você fica adorável de trança. - Eu senti as bochechas esquentarem.

- Eu não consigo mais. Me canso tão rápido. - Segurei minha barriga com as duas mãos. - Está pesado, parece que comi uma melancia e não tive indigestão.

- Minha mãe pode fazer a trança em você. - Eu olhei para ele.

- Eu não quero incomodá-la. - Eu suspirei. - É minha responsabilidade não dela.

- Então eu faço trança em você. - Eu abri a boca como se fosse dizer um ‘O’ para demonstrar meu espanto.

- Por algum acaso você sabe fazer uma trança, Alec? - Indaguei com a sobrancelha arqueada, mas continuava muito surpresa.

- Não, mas eu posso aprender. - Ele ergueu a mão e a deslizou até tocar a minha barriga. - É minha responsabilidade, Harriet.

Ele sussurrou como se tivesse me contando um segredo e ninguém mais, além de mim, pudesse saber. Meu corpo todo tremeu. Seu olhar pregado no meu tão intenso e cheio de significado. Isso me fazia acreditar que estávamos em sincronia de novo.

- Você não precisa. - Sussurrei de volta.

- Eu quero isso. - Alec deslizou a mão até tocar a minha, a levou até os lábios e beijou. Sua boca estava quente e praticamente senti minha pele queimar com seu toque sutil. - Eu quero me reaproximar de você e começar de onde nós não devíamos ter parado.

- Pedindo desse jeito não tenho por que dizer não. - Disse desconcertada. Ele sorriu.

- Tranças e massagens todos os dias. - Ele mordeu o lábio olhando diretamente em meus olhos.

- E eu vou ficar mal acostumada. - Ele sorriu de orelha a orelha.

- Minha intenção é essa, princesa Merida. - Ele tocou meu rosto e riu após dizer meu apelido. Seu riso foi tão contagiante que eu ri com ele e nem sabia do que estávamos rindo.

Sabe quando você se pega rindo sem razão nenhuma? Eu estava desse jeito, mas imagino que acordar ali, com ele perto de mim, pode ter uma participação nisso tudo, pois me sentia feliz, como há muito eu não me sentia.

As borboletas estavam flutuando novamente dentro de mim. E eu me sentia como se fosse possível andar sobre as nuvens.

Nós ficamos em silêncio, olhando um para o outro. Eu não tinha o que dizer e acho que o momento não pedia nenhum comentário. Ele segurava a minha mão e a apertava bem forte. Eu acabei adormecendo assim após um tempo.

Quando acordei, horas mais tarde, Alec não estava mais no quarto. Me levantei e fui até o meu tomar um banho e me vestir apropriadamente. Infelizmente, não havia uma roupa que eu vestisse que me deixaria apresentável e eu queria muito ficar bonita para ele.

XXVII

HARRIET

EU DESCI DEVAGAR A ESCADA, a televisão estava ligada, mas não vi ninguém na sala. Fui até a cozinha, encontrei Lili e Alec conversando enquanto ela preparava o almoço. Ela me viu primeiro e sorriu, Alec percebendo minha presença se virou para mim. A mesa estava pronta ainda para o café da manhã, me sentei sobre ela.

- Bom dia. – Eu não tinha percebido até sentir o cheiro da comida que estava com tanta fome. Me sentei rapidamente a mesa.

- Eu conversei com a minha mãe, Harriet. – Alec se sentou de frente para mim. – Ela vai me ensinar a fazer trança em você.

- É? – Eu quis sorrir, mas me esforcei para não demonstrar nada.

- Eu não levo muito jeito. – Ele disse desconcertado. – Digo, não levo jeito com essas coisas de *mulherzinha*.

- Eu sei. – Eu olhei para Lili e pisquei. – Inclusive cozinhar.

- Tem isso também. – Alec abaixou a cabeça olhando para o chão, mas o vi sorrir.

- Depois que eu ajudar Lili, nós te ensinaremos como fazer uma trança.

- Eu já estou terminando. – Lili secou a mão na toalha e foi se sentar. – Não precisa se preocupar.

- Posso lavar a louça. – Alec gesticulou negativamente. – Secar? – Indaguei insegura e ele negou novamente. – O que eu vou fazer?

- Hoje? – Ele arqueou a sobrancelha um instante. – Vai descansar,oras!

- Não é justo. – Lili sorriu para mim.

- Você estava muito cansada. – Ela me disse.

- Mas já descansei. – Eu peguei o copo que estava sobre a mesa e o enchi com suco.

- Eu estive pensando, Harriet. – Mordi o lábio inferior. Pela primeira vez, tenho que admitir que prefiro quando ele me chama pelos apelidos e não pelo nome. Soa mais *carinhoso, íntimo e cúmplice*. – Você gostaria de ir comigo no bar hoje? Vou tocar com a banda. – Ele interrompeu meu devaneio e, bem, me deixou um pouco surpresa. Fazia muito tempo que não o via tocar.

- Eu não posso dormir tarde. – Ele me olhou sorrindo com os olhos.

- Nós voltaremos cedo. – Alec apoiou os dois braços sobre a mesa e cruzou os dedos parecendo bem descontraído. E eu estava tremendo, é claro. Eu o veria tocar e cantar para um monte de mulheres. Isso seria provação demais, mas minha emoção falou mais que a razão.

- Tudo bem. – Consegui articular uma pequena frase. Me senti ridícula por não estar sendo mais coerente.

Após o almoço, nós fomos para a sala. Lili pegou a escova e prendedor de cabelo.

De costas para ela e Alec, eu senti as mãos dele tocar e pentear muito delicadamente o meu cabelo. Lili foi instruindo e, volta e meia, ele errava e tinha que voltar tudo de novo. Era engraçado ver Lili brigando com ele, mas controlava o riso, já Alec gargalhava infinitamente.

Toda vez que ele voltava tudo do começo, penteava o meu cabelo. Demorou cerca de duas horas para ele conseguir terminar a trança e deixá-la pelo menos decente. Alec parou de frente para mim, me olhando.

- Dá para ver suas pintinhas agora. – Ele tocou a ponta do dedo no meu nariz.

- Engraçadinho você! – Eu levei a mão no nariz para tampá-lo.

- São lindas, Harriet, não precisa escondê-las. – Ele tirou a minha mão do nariz.

- Que horas nós vamos sair? – Mudei de assunto de propósito. Eu senti meu rosto arder com seu comentário.

- Daqui a três horas. – Ele se sentou do meu lado no sofá. – Podemos assistir a um filme, se quiser.

- Bem. – Eu me virei para ele, levando as minhas mãos no colo. – Eu estava com vontade de assistir, você sabe, um filme do Harry Potter.

- Sabia! – Ele disse sorrindo. – Eu tinha separado ele ontem, pois sabia que mais cedo ou mais tarde você acabaria falando *daquele filme* para mim.

- Obrigada! Obrigada! – Peguei a almofada e a apoiei no colo. – Já estou pronta. – Alec riu e gesticulou negativamente.

- Não sei como não se cansa! – Ele se levantou e pegou o HD externo para conectá-lo ao Home Theater.

- Estamos falando de *A Ordem da Fênix*. – Eu o repreendi.

- Eu prefiro o livro. – Alec aumentou o som do home theater e voltou para se sentar ao meu lado. – Eu pego o lenço antes de começar o filme?

- Por favor? – Ele gargalhou ante a minha resposta.

- Pipoca também? – Eu gesticulei negativamente em resposta. – Já volto.

Ele trouxe lenço e chocolate para mim, pois sabia que quando assistia a um filme, eu gostava de comer M&Ms. Eu sabia que Alec estava me mimando e eu estava adorando isso. Tinha que me aproveitar. Giovanna também estava adorando toda a atenção que ele estava nos dando.

*

Eu tentei não sentir ciúmes de Alec enquanto via tantas mulheres, praticamente se jogarem aos seus pés bem diante dos meus olhos. Eu sabia que acompanhá-lo naquela apresentação seria um erro e dos grandes. Ele havia escolhido uma mesa para mim, bem perto do palco e me reconfortava quando ele olhava para mim e apenas para mim praticamente o tempo todo.

Na hora do intervalo, Alec foi até a mesa, perguntou algumas coisas, ele tentava falar

comigo, mas as pessoas não deixavam. Tanto homens quanto mulheres o cumprimentavam e, em nenhum momento, ele os ignorava. Eu entendia muito bem o que as pessoas queriam dizer a ele. Alec cantava e tocava muito, merecia reconhecimento.

No fim da apresentação, ele foi se sentar na minha mesa e pediu algo para comer. Eu não consegui pensar em outra coisa que não ele no palco, cantando para mim. Foi inevitável, me derreti completamente por ele. Outra banda subiu no palco para o encerramento e as mulheres começaram a prestar atenção no outro vocalista. Para minha alegria. Enquanto comia, ele me olhava sorrindo.

- Você tocou magnificamente. – Disse para quebrar o silêncio. – Mas acho que já deve ter escutado isso hoje.

- Não escutei de você. – Ele olhou para o prato um momento, até levar o garfo à boca. – Diz de novo?

- Não vou aumentar mais o seu ego que já está muito inchado. – Eu olhei para o lado, somente para fazer algo que não fosse ficar olhando para ele.

- Diz de novo princesa, *Ariel*. – Meu peito praticamente se derreteu de tanto que aqueceu por causa de seu tom rouco na voz e da forma como pronunciou um dos meus apelidos.

- Você estava magnífico no palco. – Olhei para seu rosto que lentamente abriu um sorriso.

- Eu tinha uma plateia especial para me incentivar hoje. – Alec piscou para mim e seu sorriso entortou.

Meu Deus, como ele estava charmoso naquele momento. Eu não sabia o que falar em resposta. Estava totalmente sem palavras. Não sabia se era pelo que ele falou ou se o seu sorriso me afetou o cérebro e derreteu meus neurônios. Provavelmente, me causou um grande dano cerebral.

Eu fiquei tão abalada que não sabia o que fazer e muito menos o que falar. Tudo parecia um sonho. Alec dando atenção a mim e sendo carinhoso, era como se eu tivesse criando aquilo na minha cabeça, pois o que eu mais desejava na minha vida era tê-lo perto de mim e da minha filha.

Será que aquilo realmente estava acontecendo? Eu me perguntava isso repetidamente em pensamento, pois eu podia muito bem estar fantasiando tudo aquilo. E só de pensar nisso, meu consciente se manifestou. Senti meus olhos umedecerem e abaixei a cabeça. Não queria que ele notasse o quanto ele estava me deixando confusa e abalada.

- Depois me passa os nomes das músicas que tocaram hoje. Tem algumas que eu não conheço. - Achei melhor mudar de assunto. Fechei os olhos um instante para agradecer mentalmente que minha voz soou tranquila, sem tremedeira, embora estivesse sentindo o meu corpo todo tremer incontrolavelmente.

- Nós gravamos um cd. Faço uma cópia e te dou. - Alec me encarou sorrindo.

Continuamos conversando um pouco mais, até decidirmos ir embora. Eu só pensava no quanto o universo conspirava contra mim. Não importava o quanto tentasse evitar, não

dava certo. Talvez eu não estivesse pedindo com convicção. Era só o que me faltava àquela altura; ter que ouvir as músicas tocadas e cantadas por ele quando eu quisesse ouvir. Isso só me faria lembrar dele.

Comecei a pensar na volta para casa, sentada ao seu lado no banco do passageiro, enquanto ele dirigia e eu tentava prestar atenção com a conversa que trocávamos no momento, que me reaproximar de Alec seria um grande erro. Eu já havia me conformado com o rumo que a nossa vida havia tomado anteriormente, mas mudar isso seria muito mais doloroso do que antes.

Não dormi aquela noite, embora o sono predominasse intensamente, mas eu tinha um objetivo. Sair mais cedo que o habitual. Eu tinha consciência que Alec iria acordar cedo para me acompanhar novamente à ioga. Eu fiquei prestando atenção a qualquer movimento do quarto em frente. Me senti como uma pessoa paranoica ao extremo.

Faltando mais ou menos trinta minutos para me levantar, eu resolvi que não adiantava ficar na cama por mais tempo insistindo e fui tomar banho, me troquei rapidamente e saí da casa sem os sapatos nos pés, só quando senti o frio bater fortemente no rosto, calcei os sapatos e fui para a garagem.

Naquele dia, voltei para casa por volta da meia-noite. O que eu fiquei fazendo durante o tempo livre? Nada realmente que fosse necessário, fui à casa de Georgia para me manter afastada longe de casa. E fui repetindo isso todos os dias durante aquela semana. Não achava certo me iludir com Alec. Havia Eloyse e o outro lado do mundo nos separando agora. A minha saúde não estava muito bem. Da mesma forma que Alec me acalmava, ele me desestruturava.

Eu estava sentindo tanto medo de algo prejudicar a minha gravidez, mas tanto medo que não conseguia racionalizar direito. Não pensava nas consequências ou que minha ação poderia causar uma reação em Alec. Eu não pensava em nada, apenas em mim. Faltava pouco tempo para minha vida mudar completamente e eu precisava que a minha vida continuasse tranquila até que aquele dia finalmente chegasse.

Fazia cinco dias que eu não o via. E não me sentia muito bem ultimamente. Minha cabeça latejava de tanto pensar e me sentia tão confusa, ficava pensando em Alec me acompanhando à ioga e em outros momentos, me beijando, se declarando para mim. Tudo parecia bom, mas eu o medo predominava.

Como eu saía mais cedo de casa, conseqüentemente chegava mais cedo na academia. Eu já estava me alongando quando algumas grávidas entraram na sala conversando uma com as outras. Elas não conversavam muito comigo e eu também não desejava conversar com ninguém. Sempre fiquei afastada por opção.

Às vezes, cumprimentava uma ou outra, mas por educação. Eu me sentei corretamente quando duas mulheres se sentaram uma em cada lado e eu fiquei no meio. Elas estavam rindo e conversando. Eu estava entre elas e isso me incomodou. Procurei um lugar melhor para ficar, mas já estava lotado.

A professora entrou na sala e deixou a porta aberta. Achei estranho, pois ela sempre a fechava quando entrava. Ela jogou a bolsa e olhou em direção a porta sorrindo e acenou, como se tivesse chamando alguém para entrar. E realmente estava.

A primeira sensação que tive ao conseguir perceber em mim foi que: - eu fiquei sem fôlego. Totalmente sem fôlego. Alec estava parado diante da porta. Alto, vestindo preto, com o cabelo novamente cortado e penteado. A roupa era um pouco colada e mostrava seu corpo definido.

Ele não era mais do tipo magro, mas também não tinha nada de corpulento. Era do tipo saudável com braços fortes sem exageros como ditava a moda no mundo todo. Ele estava sexy pra *caralho*, percebi e meu coração desejou saltar pela boca por causa disso.

Minhas mãos começaram a tremer quando ele entrou na sala e tirou os sapatos sem afastar os olhos dos meus. Meu coração começou a doer ferozmente e, aos poucos, começou a surgir um peso sobre meus ombros a cada passo que ele dava em minha direção sem sequer piscar ou olhar por onde ele andava.

Meus ombros ficaram tensos quando ele caminhou, parou na minha frente e descruzou as mãos que estavam escondidas nas costas e ergueu para mim um singelo buquê. Devia ter ao menos 7 rosas brancas. Pelo menos, eu acho que tinha contado essa quantidade mesmo.

Eu não consegui desviar meus olhos dos dele e muito menos perceber a comoção que se formava ao meu redor. Ele não sorria para mim. Estava sério e isso mexeu comigo de um jeito inexplicável. Só percebi isso momentos depois, quando eu desmaiei ao ouvir a voz rouca e ressentida, mas muito deliciosa de Alec anunciando meu nome.

- Harriet. - Meu corpo todo vibrou. Parecia ter entrado em colapso e tudo que vi diante de mim ficou escuro de novo, ecoando no meu subconsciente.



XXVIII

HARRIET

EU NÃO ME LEMBRO DE QUASE NADA. Recordo-me de algumas partes dos acontecimentos. Lembro-me de ser carregada, mas logo as imagens escureceram novamente e eu não consegui descobrir quem me carregou no colo. Sentia meu corpo chacoalhar, mas compreendia o porquê. Estava sendo carregada

Eu me lembro de ter visto carros no meio do caminho, escutado buzinas e muitas imprecações. E tudo isso se repetia na minha mente sem cessar. Era como se um eco que ficasse repetindo e, aos poucos, os sons iam diminuindo.

Abri os olhos com um pouco de dificuldade, pois estavam pesados e havia um pouco de claridade na direção do meu rosto. Levei a mão para tampar os olhos e senti uma pequena físgada na parte de cima da mão. Eu olhei para o esparadrapo e senti uma pequena fraqueza. Respirei fundo e olhei ao redor.

Eu estava num quarto de hospital e meu coração congelou. Alec estava sentado numa cadeira e tinha a cabeça apoiada na cama, mas o rosto estava virado para o outro lado. Sem sequer hesitar, levei minha mão até tocar sua cabeça e enrolar meus dedos em seu cabelo. E fiquei acariciando, sentindo a maciez até que ele levantou a cabeça e se virou para mim com um sorriso nos lábios.

- Ei! – Minha voz estava bem baixa, saiu como se tivesse sussurrado.
- Você está se sentindo bem? - Ele segurou minha mão.
- Eu acho que estou bem sim. - Me mexi na cama. - Onde eu estou?
- Em um quarto de hospital. Onde mais estaria depois de desmaiar na minha frente? -

Com a mão livre, ele circulou mostrando o local rapidamente. - Você me deu um baita susto.

- Minha pressão deve ter brincado comigo um pouquinho. - Disse constrangida e levei a mão até o ventre. - Está tudo bem com Giovanna? – Ele assentiu e senti alívio com a sua resposta.

- Você não acha isso contraproducente? - Ele apertou a minha mão.

- É só eu não passar nervoso, Alec. - Umedeci os lábios e os senti bem secos. - Eu estou com sede. - Alec se levantou rapidamente e soltou a minha mão ficando de costas para mim enquanto enchia um copo com água.

- Eu te causei isso? - Eu senti meu corpo se arrepiar. Eu não sabia o que dizer. Fiquei em silêncio quando ele se virou para mim, enquanto pensava em algo para responder a ele. - Me responde Harriet. - Estremeci de novo. Peguei o copo e tentei ganhar tempo bebendo água.

- Eu não acordei me sentindo bem hoje. - Virei o rosto para esconder o que estava sentindo e ergui o braço para entregar o copo vazio a ele.

- Por que você se esconde de mim Harriet? - Ele voltou a segurar a minha mão. - Eu já te disse o que eu quero.

- Alec... - Eu sussurrei seu nome, mas não tinha o que dizer. Eu me sentia tão confusa.

- Eu sei que não é tão fácil acreditar em mim depois de todas aquelas coisas que te disse e que perdoar não é uma tarefa simples, mas eu quero te mostrar e eu achei que você quisesse isso de mim também. - Eu virei os olhos em sua direção. - Por que está fazendo isso com a gente, Harriet?

Eu o encarei olho no olho por um interminável minuto. Não disse-lhe nada. Apenas abaixei a cabeça. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Eu queria acreditar que as coisas realmente iriam dar certo, mas algo dentro de mim se negava, achava aquilo totalmente impossível, pois eu não podia voltar atrás. Minha cabeça girava e girava.

Eram muitas coisas que passavam na minha mente ao mesmo tempo. Eu me senti tão cansada de tudo aquilo e percebi que o cansaço vinha fazendo muito tempo, eu só não tinha percebido ainda, até aquele momento.

Sem constrangimento, surgiu uma vontade de chorar e foi a primeira vez que chorei na frente de alguém desde que minha vida mudou completamente. Levei as mãos até o rosto numa tentativa idiota de esconder o que estava sentindo. Alec se aproximou de mim e me abraçou, sem ao menos dizer uma palavra. Os hormônios dessa gravidez estavam acabando comigo.

Eu o abracei a cintura e escondi meu rosto em seu peito. Eu sentia tanto, mas tanto a sua falta. Virei o rosto e toquei o nariz em seu peito quando consegui controlar o choro e senti seu perfume. Ele estava tão cheiroso. Suspirei ao sentir o peito se apertar ainda mais.

- Eu prometo que nunca mais vou te fazer chorar desse jeito, Harriet. - Ele tocou em meu queixo e me forçou a olhar em seus olhos que estavam tristes e preocupados. - E nem

te farei desmaiar. - Um sorriso amarelo se formou em seu rosto.

- Eu já estou melhor. - Disse constrangida. - Tanto que já posso ir trabalhar.

- Você não vai trabalhar essa semana. - Alec se afastou de mim. - O doutor te deu alguns dias de descanso, ele alega que você tem estado sob muita pressão e aconselhou que descansasse um pouco. - Ele se sentou. - Para o bem de Giovanna.

Meu peito em um momento estava batendo tranquilamente e no outro parecia frenético. Também pudera! Era tão bom ouvi-lo pronunciar o nome de nossa filha. Parecia uma bonita melodia saindo de seus lábios. Meus olhos umedeceram de repente e eu me esforcei para controlar as lágrimas. Eu não consigo mais me recordar como e nem por que aconteceu, mas eu o amava a cada dia mais.

- O que se faz alguns dias quando se está em casa sem nada para fazer? - Indaguei mudando de assunto. Aliás, estava virando mestre nisso, com certeza.

- Comer, ver TV, dormir. - Ele suspirou sorrindo. - Tudo o que eu gostaria de fazer se tivesse muito tempo livre.

- Acho uma boa ideia. - Respondi sorrindo.

Conversamos sobre um monte de coisas irrelevantes, mas não tocamos no assunto sobre o que ele foi fazer na academia àquela manhã. Eu não sabia se me sentia aliviada por isso ou preocupada. Eu estava confusa, do mesmo jeito que eu gostaria de conversar com ele sobre isso, eu não queria.

Tinha muita coisa acontecendo na minha vida que eu não podia mudar seu percurso da noite para o dia. Eu precisava pensar e ter certeza do que estava sentindo. Eu decidi aproveitar aqueles dias de descanso para ponderar o que devia fazer. Alec ou a mudança para os Estados Unidos.

*

Fui liberada do hospital algumas horas mais tarde para ir embora. Alec não saiu do meu lado um instante, até me deixar instalada no quarto e ter comido alguma coisa. Ele foi trabalhar quando percebeu que eu estava bem mesmo para ficar sozinha com a sua mãe.

Foi à única vez que o vi pelos sete dias que se seguiram. Ele não veio me procurar para saber se eu estava bem. Toda vez que batiam na porta do meu quarto, eu tinha esperança de vê-lo, mas era Lili ou os meus pais. Eu não estava muito satisfeita com as visitas, muitas vezes fiquei mal humorada, mas eu tentava não demonstrar.

Era uma grande tortura. Eu o ouvia chegar tarde da noite e levantar bem cedo no dia seguinte. Aquilo estava me deixando angustiada. Ele tinha prometido que nunca mais causaria algum dano em mim, mas era o que estava fazendo, de novo. Será que me fez aquela promessa da boca para fora? Chegou um momento que eu pensei que sim.

Foram sete dias me torturando. Sete dias pensando nele e tentando entender o que estava acontecendo. Eram tantas desavenças entre nós que cheguei a pensar que nunca acabaria. E quanto mais eu pensava nisso, mais me desanimava e mais eu decidia ir embora.

Eu quis encontrá-lo no corredor todas as vezes que o escutava chegar, mas algo em

mim me impelia de agir. Era como se houvesse uma voz sussurrando em meu ouvido: “não faça isso, ele já te magoou mais de uma vez e pode fazer isso de novo”. E isso mexia com o meu orgulho. Eu não conseguia mover um passo em direção à porta.

Eu me levantei da cama e fui até a porta. Eu só precisava ouvi-lo um pouco. Seus passos eram lentos e eu até consegui ouvir um pouco sua respiração. Impossível de me controlar, toquei a porta como se tivesse tocando ele, encostei o ouvido e fiquei ali prestando bastante atenção.

Os passos pararam, mas não o ouvi abrindo e fechando a porta do quarto. Achei que tinha deixado algo escapar e pensei em voltar para cama, mas quando me afastava lentamente, ouvi um suspiro alto e, em seguida, passos novamente. Parecia estar tão perto de mim. Levei a mão até o peito e o ouvi abrir e fechar a porta de seu quarto batendo-a com força.

Inspirei fundo sorrindo. Ele queria me ver, mas algo o impedia e eu queria saber o que era. Alec pensava em mim e isso contagiou meu peito. Voltei para a cama com a esperança de que no dia seguinte iria encontrá-lo. Era fim de semana e ele gostava de acordar tarde. Me deitei e escondi os olhos com o braço, sentindo um fio de esperança.

*

Na manhã seguinte, levantei cedo e fui preparar o café da manhã para todo mundo. Lili me encontrou na cozinha bem disposta e percebi seu desagrado ao me ver, mas optei por ignorá-la a ter que conversar sobre não poder fazer arte, que dizia meu médico que estava proibida, no entanto, Lili não comentou nada a respeito, para minha surpresa. Parece que notou o quanto eu estava cansada de ser tratada como uma pessoa inválida.

Enquanto fazíamos nossa refeição, eu olhava em direção a escada e nem sinal de Alec. Eu tinha esperança de vê-lo. Quando acabei de comer, Lili rapidamente se levantou para não me deixar fazer nada e levou meu prato e copo até a pia. Eu gesticulei negativamente, mas achei melhor evitar uma briga. Quando ela terminou de lavar a louça, ela se sentou ao meu lado.

- Não vai voltar para o quarto? - Lili me parecia nervosa.

- Não. Estou cansada de descansar e ficar em repouso. - Comentei entediada. - Tédio está me consumindo.

- Vai visitar seus pais? - Impressão minha ou ela estava me expulsando?

- Não. Já os vi essa semana muitas vezes. - Lili olhou em direção a porta da casa.

- Hum. - Lili resmungou.

- O que está acontecendo, Lili? - Eu alterei o tom da voz.

- Nada. - Ela me disse constrangida.

- Não é o que parece! - Me levantei.

- Aonde você vai? - Ela perguntou. Me virei para ela e notei que Lili ficou aliviada. Aliviada por quê? Me perguntei em pensamento.

- Vou ver algum programa na TV. - Me virei para não ver sua reação e fui para a sala.

Eu tentei me concentrar na TV, no entanto, não consegui. Mudei de canal várias vezes, mas nada me chamava atenção. Na verdade, eu estava atenta aos barulhos e na escada que eu não parava de, praticamente, torcer o pescoço para olhar a cada vez que eu tinha a sensação que alguém estava descendo.

Acho que isso acontece com todo mundo, pois quando se quer tanto algo, acaba pensando que aquilo pode acontecer a qualquer momento. Eu estava com excesso de expectativa para vê-lo. Não fazia ideia do que falar, mas precisava estar em sua presença bem de pertinho. A campainha tocou e lenta e preguiçosamente, me levantei.

- Eu atendo! - Lili disse muito nervosa da cozinha. Levantei a mão me virando para ela, avisando-a para parar.

- Eu estou perto, Lili. - Praticamente gritei. Ela devia parar de pensar que estava invalida. Eu já estava me sentindo muito bem, mas ninguém queria saber disso. - Eu atendo. – Repeti e me virei indo até a porta.

Ouvi passos acelerados na escada e senti meu peito se apertar. Finalmente Alec iria aparecer para mim. Toquei na maçaneta e abri a porta, mas Alec me chamou atenção.

- Eu atendo, é para mim. - Ele disse acelerado e praticamente sem fôlego.

Eu olhei para ele enquanto se aproximava e não vi quem estava na porta.

- Harriet! - Eu fechei os olhos um instante reconhecendo aquela voz e me virei em seguida para ela.

- Eloyse? - Ela carregava uma mochila nas costas. Engoli saliva.

- Ei. - Alec disse como se tivesse sussurrando para mim. - O que você está fazendo aqui embaixo? - A sua atitude me magoou de uma maneira que não conseguiria explicar nunca.

Finalmente compreendi o nervosismo de Lili todo aquele tempo. Ela não queria que eu encontrasse Eloyse. Nem eu desejava ter que passar por aquilo. Eu tive esperanças de que isso não iria acontecer mais e que tudo iria ser diferente, pois Alec disse que seria assim, mas eu estava redondamente enganada. Engoli em seco.

- Entediada. - Respondi rispidamente. Me virei para Eloyse um instante, mas voltei a olhar para ele. - Eu vou subir para meu quarto. - E passei por ele, praticamente me esbarrando em seu ombro.

- Harriet. - Alec praticamente cuspiu o meu nome.

Eu não olhei para ele e muito menos para Eloyse. Subi os degraus rapidamente, sentindo meu peito subir e descer. Quando cheguei ao segundo andar, estava totalmente sem ar. Entrei no quarto e bati a porta com força. Encostei-me nela e levei a mão no peito, sentindo as lágrimas inundarem meus olhos. Ele tinha prometido nunca mais me fazer chorar, mas era só isso que ele sabia fazer.

Eu não queria estar sentindo aquele sentimento de perda. Não havia perdido nada. Eu e Alec não tínhamos um relacionamento. A única coisa que tínhamos juntos era uma filha e fim. Ele podia estar aceitando Giovanna, mas isso não significava que alguma coisa iria acontecer entre mim e ele, pois tudo entre nós estava errado, sempre foi errado, desde o

começo.

Pensar nisso foi como se uma parte dentro de mim tivesse se quebrado. Minha filha pelo menos teria um pai. Ela não tinha culpa de nada. Levei a mão trêmula na barriga ao sentir uma pontada muito forte. Sentei lentamente na cama e respirei profundamente infinitas vezes. A dor lancinante, aos poucos, foi se dissipando. Deitei na cama e tampei os olhos com o braço, chorando, me recordando do momento que fiquei esperando por ele naquela manhã até o horário que ele desceu a escada correndo para encontrar Eloyse.

Faltava mais ou menos dois meses para Giovanna nascer e eu estava cansada de ter esperança em Alec. Cansei de implorar por uma migalha de sua atenção. Enxuguei o rosto e me levantei decidida. Eu não precisava continuar ali. Não estava me fazendo bem viver com aquelas inseguranças e mudanças de Alec.

Um momento ele estava me perseguindo e fazendo promessas, no outro não estava mais. Tirei a mala do guarda-roupa e a joguei na cama. Peguei o celular e disquei para meu pai. Eu não precisaria morar com ele para Giovanna ter contato com o pai. Pelo menos, ele a havia aceitado.

*

Ouvi a campainha no momento que consegui fechar a mala. Estava levando o essencial para alguns dias. Quando conseguisse me organizar, empacotaria o restante para minha mudança. Bateram na porta duas vezes e meu pai enfiou a cabeça para dentro do quarto. Atrás dele pude ver Lili chorando com a mão na boca como se tentasse controlar o choro. Aquilo partiu meu coração. Olhei em seus olhos, pois ela estava desolada. Eu queria dizer que sentia muito por deixá-la naquele estado, mas não consegui pronunciar uma única palavra.

- Está pronta? - Meu pai abriu um pouco mais a porta. Eu só consegui confirmar com a cabeça. Não estava em condições. - Vai levar só isso? - Assenti para ele novamente.

Eu queria tanto chorar, mas me controlei, não queria que Alec me visse saindo de sua casa chorando. Queria que ele se recordasse do quanto eu era forte e não estava me importando com o fato de ele estar com Eloyse ainda. Se eu achei que eles tinham terminado por que o porta-retratos não estava mais em seu criado mudo? Sim, me agarrei a essa possibilidade como se precisasse de ar. Na verdade, eu tinha consciência que acreditei no que eu queria acreditar. Engoli em seco e saí do quarto, com meu pai atrás de mim.

- Em breve eu venho para empacotar o restante das minhas coisas, Lili. - Eu respirei fundo e não virei o rosto para ela. Tentei me concentrar no corrimão enquanto descia a escada. - Fale para o Alec separar os livros dele para não levar embora quando buscar as coisas na biblioteca.

- Está bem. - Ela fungou.

- No dia que Giovanna nascer irei avisá-la. - Eu não sabia que podia ser tão cruel com alguém como estava sendo naquele momento com Lili. Meu peito rasgou, ela não merecia ser tratada daquele jeito. - E gostaria muito que fosse me visitar de vez em quando, antes de irmos. Ainda quero que você vá comigo para os Estados Unidos. - Achei melhor me corrigir.

Terminei de descer a escada e me virei para ela que abaixou a cabeça cabisbaixa. Peguei em sua mão e a puxei para um abraço bem forte. Senti como se tivesse a vendo pela última vez em toda a minha vida. Que sensação horrível aquela.

- Vai me visitar, está bem? - Disse ao me afastar. Enxuguei as suas lágrimas. - Eu te amo Lili e sempre vou te amar.

- Para de falar menina senão eu não paro de chorar. - Lili disse aos prantos.

Eu não encontrei Alec e muito menos Eloyse o que me deixou um pouco desapontada. Eu queria ver seu rosto quando me visse partir, mas foi melhor assim no final das contas, eu estava sendo uma boba apaixonada. Ainda queria que ele me impedisse. Entrei no carro do meu pai e fiquei olhando para a porta e, em seguida, para toda a casa. Olhei para a janela do meu quarto e senti pesar-me os ombros.

Lili que estava na porta ainda continuava chorando, mas era como se tivesse me esperando desistir, o que não aconteceu e fui embora. Já estava na hora de tomar aquela decisão. Era doloroso demais ir embora, mas eu tinha que pensar no quanto devia doer para Eloyse também me ver ali. Eu estava fazendo a coisa certa, pensei. Se Alec realmente quiseser ser pai de Giovanna, ele saberá onde me encontrar.

XXIX

ALEC

EU PENSAVA QUE ESTAVA TUDO BEM, pelo menos para mim estava. Eu tinha feito tantos planos, mas acabei ficando sem tempo, tanto que eu tinha cancelado as minhas apresentações para poder organizar a minha vida.

Entretanto, eu soube no instante que Eloyse apareceu em minha casa, pelo olhar de Harriet, que tudo havia desabado. Eu queria falar, explicar as coisas, mas ela não me deu tempo. Eu queria dizer que eu não a tinha chamado para vir em minha casa. Quando estava preparando o meu discurso para encontrar Harriet naquela manhã, avistei Eloyse atravessando a rua e desci correndo para evitar um encontro entre elas, mas deu tudo errado e eu fiquei tão nervoso que falei do jeito que não devia.

Poxa vida. Harriet já devia ter percebido que eu havia terminado com Eloyse. Sinceramente, ver Eloyse diante de Harriet, me fez ter mais certeza ainda do meu sentimento. Harriet era tão perfeita. Do jeito que jamais alguém poderia ser para mim. Eu podia ser considerado bobo ou cego, mas quem poderia julgar um sentimento como o meu por ela? Harriet tinha tudo o que eu queria em uma mulher.

É claro que eu tentei ir atrás de Harriet. Para mim pouco importava se Eloyse estava ali, mas quando subi a escada e parei em sua porta, a ouvi chorar e resmungar inúmeros palavrões para mim, *que nem sabia que ela conhecia todos eles*, fraquejei na hora de bater na porta. Eu não consegui simplesmente reagir. Eu me recordei do que havia acontecido quando ela desmaiou e o medo que senti por ser a causa de seu desmaio.

Eu não podia causar aquilo de novo. Ela já estava em um nível alto de estresse. Suspirei o ar que segurava e encostei a testa na porta. Eu queria tanto entrar para abraçá-la e confortá-la. Senti os olhos arderem com raiva de mim e dos meus atos. Eu havia causado todo aquele estrago em nossas vidas. Respirei profundamente e me afastei voltando para a sala. Encontrei minha mãe segurando Eloyse perto da escada.

- Eu cuido disso, mãe. - Segurei Eloyse pelo braço e a puxei em direção à porta. - Fique de olho em Harriet para mim, por favor.

- Você nem precisava pedir isso. - Minha mãe respondeu e eu escutei o barulho dos seus sapatos enquanto eu abria a porta.

- Harriet, Harriet e Harriet. - Eloyse disse com a voz abafada e eu percebi que ela apertava os dentes com força. - Sempre a Harriet.

- E vai ser ela para o resto da minha vida. - Eu disse alterando a voz. Abri a garagem, enquanto a segurava, em seguida a empurrei para dentro do carro com força.

Eu nunca gostei de ser rude e muito menos de usar a força com uma mulher, mas Eloyse praticamente me obrigou. Fui para o outro lado do carro e entrei.

- Vou levá-la ao aeroporto e espero nunca mais vê-la na minha vida. - Eu estava muito bravo e preocupado. Harriet não podia se estressar. Meus pensamentos estavam voltados a ela. Somente nela.

- Alec. - Eloyse resmungou. - Eu não acredito que você está terminando comigo

depois de tudo o que passamos. Você me procurou para fazer isso de novo?

- Eu sei, eu estou muito errado nessa história toda. - Respirei profundamente. - Mas quero acertar dessa vez. Eu amo a Harriet e isso não pode mudar, continuar nosso relacionamento não vai levar a gente a lugar algum e seremos infelizes. A minha felicidade é ela. Agora, você precisa descobrir quem é a sua.

- É você, Alec. A minha felicidade é você. - Ela abaixou a cabeça tristemente.

- Você pensa isso agora, mas quando encontrar a pessoa certa, vai entender o quanto eu estou certo agora. - Eu peguei em sua mão. - Eu desejo muito que você encontre e seja muito feliz.

- Se você mudar de ideia... - A interrompi.

- Eu não vou mudar de ideia. - Eu me senti fadigado com a insistência dela. Foi assim a semana toda pelo telefone. Ela não estava desistindo facilmente.

Eloyse não disse mais nada no caminho até o aeroporto, liguei o som e deixei as músicas envolverem o ambiente. Eu não tinha mais o que falar naquele momento, mas depois de comprarmos sua passagem e de levá-la até o embarque, eu disse mais uma vez, para ela não fazer aquilo de novo.

- Eu vou pedi-la em casamento, hoje, Eloyse. - Disse encarando-a olho no olho. Seus olhos umedeceram. - Eu quero me casar com ela antes de minha filha nascer, quero mostrar a ela que vamos viver o resto de nossos dias juntos. - Eloyse começou a chorar descontroladamente. - Eu amei você e nunca vou esquecê-la, Eloyse. Você foi a minha primeira e única namorada, mas a Harriet é a mulher da minha vida, sempre foi ela desde o começo. O que eu sinto por você não é o suficiente para ficarmos juntos.

- Hum. Entendi. - Ela fungou e secou o rosto com as mãos. - Eu vim aqui com o objetivo de atrapalhar qualquer aproximação de vocês. - Ela soluçou duas vezes seguidas e buscou ar. - Não imaginei que você fosse agir dessa forma, mas Alec. - Ela pausou um instante e umedeceu os lábios. - Eu consegui estremecer o seu plano. - Ela sorriu timidamente. - Vai embora que acho que não vai encontrá-la quando chegar em casa.

- Eloyse... - Eu senti um peso no coração.

- Eu conheço uma mulher conformada, Alec. Harriet está conformada com a sua distância e eu sei disso desde que reatamos, mas hoje, quando ela me viu, acho que ela perdeu qualquer esperança que pudesse ter por você. - Ela abaixou a cabeça.

Eu não consegui dizer mais nada. Fiquei olhando para Eloyse reconhecendo a verdade em suas palavras. Quando Eloyse ergueu o rosto, secando-o, disse:

- O que está fazendo aqui ainda? - Ela bateu levemente em meu braço. - Vai logo, Alec. Ela vai embora.

Eu deixei-a me empurrar sem prestar mais atenção enquanto ela falava sobre se arrepender de ajudar a outra. Corri. Esbarrei nas pessoas. Tropecei no meio do caminho quase caindo no chão. Minha mente estava borbulhando. Eu pensava no choro que eu ouvi do lado de fora de seu quarto. Eu devia ter entrado. Devia ter seguido meu instinto naquele momento.

Descobri enquanto ia para casa, que nós seres humanos causamos a nossa própria infelicidade. A oportunidade bateu na minha porta um milhão de vezes e eu não a usei a meu favor. Eu pensei que estava fazendo diferente resolvendo uma coisa de cada vez, mas eu já tinha resolvido meu relacionamento com Eloyse antes e o fato de ela aparecer sem ser convidada em minha casa não devia mudar meus planos, já que desde o início daquela manhã já tinha escolhido as palavras que iria usar para pedir Harriet em casamento.

Droga, droga e mil vezes droga. Eu não devia ter priorizado Eloyse. Não devia. Estava bem consciente disso. Parei o carro de qualquer jeito na garagem e praticamente pulei para fora, batendo a porta com força. Senti alívio quando vi o carro dela ainda estacionado no mesmo lugar. Eloyse estava errada, muito errada. Harriet não tinha ido embora, ela não tinha desistido de mim. Abri a porta e quando entrei, encontrei minha mãe encarando o chão, sentada no sofá com as duas mãos entrelaçadas sobre o colo e um lenço na mão. As mechas tampavam seu rosto.

- Cadê a Harriet? - Eu caminhei e parei de frente para ela. Minha mãe ergueu o rosto e vi que ela estava chorando.

- Foi embora. - Ela não titubeou para falar. - Você a deixou ir embora. - Me acusou. - Como pode deixar isso acontecer?

- Mas o carro dela... - Minha mãe se levantou.

- Ela foi embora. - Ela disse por entre os dentes com raiva. - Vai lá em cima ver com seus próprios olhos.

- Eu vou. - Subi correndo os degraus. - Se a senhora estiver pregando uma brincadeira em mim... - Eu parei de falar quando cheguei no corredor e encontrei a porta de seu quarto aberta.

Eu não queria acreditar. Aquilo não podia ser verdade, parei de frente para o quarto e entrei logo em seguida. A maioria de suas coisas ainda estava lá. Sentei na cama e fechei os olhos sentindo um pouco do seu perfume. Harriet não tinha partido ainda e isso queria dizer que eu tinha alguma chance. Abri os olhos e levei a mão até o bolso da minha calça tirando a caixa preta e a segurando diante dos meus olhos. Eu tentava lembrar-me do discurso e tinha certeza que iria falar tudo errado na hora, mas não me importava, pois eu sabia que ela entenderia o que eu estava querendo dizer.

Eu estava mais certo do que tudo em minha vida que eu estava preparado para dar o próximo passo, tanto que até planejei nossa lua de mel em Dublin e dessa vez iríamos aproveitar lado a lado todos os momentos. Algumas pessoas poderiam achar que era coincidência e outras pensariam que era apenas o acaso confundindo a nossa vida, mas eu acreditava que era o destino, que Dublin era o centro de nossa história. Eu nasci lá, Harriet é apaixonada pela cidade e, nosso amor, foi vivido em uma única noite lá e daquilo tudo veio Giovanna.

Abri a caixa. Havia apenas um anel solitário que me custou uma fortuna, mas não me arrependi desde o instante que o comprei. Aquele anel era só uma prova do tamanho do meu sentimento por ela. Fechei a caixa e a levei de volta ao bolso. Eu não podia esperar mais um minuto para mudar nossa vida.

Imaginei-a em seu antigo quarto, onde entrei poucas vezes, mas recordava bem do

quarto de uma menina quase adolescente e de cabelos revoltos enquanto lia a um livro deitada de barriga para cima e os pés para fora da cama, no entanto, sabia que não a encontraria se distraíndo com um livro, ela estaria chorando. Desci a escada e encontrei minha mãe andando de um lado a outro. Ela tinha um braço cruzado e estava bem nervosa. Parei no final da escada e a encarei.

- Deixe o quarto dos fundos aberto. - Minha mãe soluçou.

- Eu sabia que esconder isso dela não seria nada bom. - Minha mãe se lamentou. – Você não podia ficar afastado dela, Alec. Você tinha que ver a decepção de seu rosto, dia após dia.

- Eu só pensava no bem-estar dela. O médico disse que ela não pode passar por muitas emoções. – Levei a mão até o cabelo e puxei o quanto pude. – Eu só queria cuidar dela. Mas não adianta mais ficar pensando nisso. Aconteceu, não podemos voltar no passado. - Eu concordava com ela. - Ela ainda não foi embora. - Suspirei. - Não foi para os Estados Unidos, ainda. - Achei melhor consertar minha frase em seguida. - Ela ainda está perto. Eu espero que não seja tarde demais para me aceitar. Não depois de hoje.

- Eu vou com você. - Minha mãe soltou os braços, relaxando os ombros.

- Não mãe, eu resolvo isso. - Eu a toquei nos braços e os apertei sutilmente. - Eu tenho que cuidar disso, entende? - Ela assentiu. - Só me deseje sorte.

- Toda a sorte do mundo meu filho, você merece. - Eu fiquei tocado com o tom de voz de minha mãe, mas não disse nada, me afastei dela e me virei para sair.

- Que Deus me ajude! - Eu murmurei somente para mim. Eu não era do tipo religioso, mas me agarrei a isso quando saí de casa e entrei no carro, dando a partida imediatamente.

Descobri que aquele não era o meu dia de sorte. Logo que virei na esquina do 2º quarteirão, me deparei com um engarrafamento e em pleno sábado. Após meia hora buzinando e reclamando, passei por um acidente. A maioria das pessoas estava curiosa, por isso a demora. Eu pisei fundo e dirigi tranquilamente até a casa dos pais de Harriet.

Estacionei o carro atrás do BMW prata e arrumei o cabelo antes de descer. Caminhei tranquilamente até a porta e toquei a campainha. Qualquer pessoa que me conhecia poderia me chamar de medroso quando visse o meu estado. Eu estava esfregando as mãos na calça que além de suadas elas não paravam de tremer.

Escutei passos se aproximarem lentamente e, em seguida, a porta foi destrancada. Eu realmente não esperava dar de cara com ela na porta e quando me vi de frente a Harriet parada na porta me encarando, eu esqueci tudo o que havia pensado em falar a ela.

Ela levou um lenço no nariz. Ainda estava chorando. Aquilo apertou meu coração até que a dor se tornou insuportável. Ela respirou fundo e percebi que estava se controlando para não chorar mais na minha frente, mas seu rosto delatava o que ela fez até aquele momento. Ela estava toda pipocada de manchas vermelhas no rosto e no pescoço. Eu já a vi daquele jeito inúmeras vezes, mas dessa vez quem a fez chorar daquele jeito foi eu.

- Alec. - Ela choramingou meu nome.

- Harriet. - Dei um passo a diante e ergui os braços para abraçá-la. Ela deu um passo para trás o que fez minhas pernas e braços pararem onde estavam. - Eu preciso falar com você.

- Pode falar. - Harriet esfregou o rosto e o ergueu, empinando o nariz.

- Podemos conversar em um lugar mais reservado? - Pigarreei.

- Não. - Droga. Ela conseguiu controlar suas emoções rapidamente e eu não consegui decifrá-la. Eu detestava quando ela fazia isso, mas a conhecia tão bem que aquela pose não me enganava mais.

- Tudo bem. - Eu encolhi os ombros e dei novamente um passo para frente, praticamente entrando na casa. Quando Harriet tentou se afastar eu segurei em seus braços. Ela tremeu. - Eu te amo. - Soltei um de seus braços e levei a mão até o bolso da calça, onde se encontrava a pequena caixa do anel.

- Você me evitou. - Ela umedeceu os lábios. - Não conversei mais comigo depois que saí do hospital.

- Eu estava preparando algumas coisas. - Apertei a caixa e me controlei para não mostrá-la de uma vez. - Eu estava preparando uma surpresa.

- Eu vi muito bem a surpresa hoje. - Droga, ela entendeu tudo errado do que eu disse.

- Eu não sabia que Eloyse iria aparecer hoje. - Apertei os dentes um contra o outro.

- Mas você disse... - Eu dei mais alguns passos ficando bem próximo dela.

- Você sabe que eu sempre falo as coisas erradas quando fico nervoso. - Arranhei a garganta. - Me perdoa, Harriet.

- Hum. - Resmungou e baixou a cabeça timidamente.

- Por favor. - Quase que minha voz não saiu. Deslizei a ponta dos dedos por seu braço.

- Tudo bem. - Ela olhava fixamente para meus dedos.

- Eu... - Eu não sabia como falar aquilo. Eu tinha planejado tudo, mas simplesmente sumiu de minha cabeça. Comecei a tremer de tão nervoso que fiquei. Ela ergueu o rosto, seus cabelos estavam presos e eu gostei de poder enxergar sua expressão. - Você é tão linda, Harriet. - Eu disse roucamente.

Deslizei a ponta dos dedos por seu rosto. Ela não se moveu. Olhei-a nos olhos e me senti sendo conduzido para dentro dela. Ela estava tão triste e isso me fez desejar cada vez mais fazê-la feliz.

Tirei a mão esquerda do bolso e a ergui abrindo a caixa. Seus olhos desviaram dos meus. De par em par, seu olhar foi se tornando surpreso.

- Eu quero você na minha vida pelo resto de meus dias. - Minha voz soou muito fraca, mas fiquei satisfeito por ter conseguido articular algumas palavras. - Mora comigo no meu quarto? - Tentei esboçar um sorriso.

XXX

ALEC

EU SEI QUE AQUELE ERA UM PEDIDO DE CASAMENTO DIFERENTE, mas nós já morávamos juntos e ela não podia ficar nervosa, tinha que fazer de um jeito diferente para ela não passar mal.

- Alec. - Ela ergueu a mão e tocou o anel solitário de diamante. - Isso foi caro.

- Eu não me importo com o valor, Harriet. Eu planejei as palavras certas durante esta semana, para você não passar mal. Eu só queria que soubesse que... – Pausei um momento. Pelo menos não levei um não de pronto. Isso era um bom sinal. - Você é a mulher da minha vida e este anel combina tanto com você. O imaginei em seu dedo e em como ele a deixaria mais perfeita.

- Isso é... - Ela gaguejou, seus lábios tremiam.

- Harriet. - Ouvi a voz de seu avô e, em seguida, ele apareceu atrás de Harriet. - Alec. - Percebi um tom rancoroso em sua voz. - O almoço está pronto, querida. - Ele não disse mais nada, deu as costas para nós e sumiu dentro da casa.

- Não me espere para almoçar Vovô. - Harriet não parava de olhar para o anel brilhante diante dela.

- Você precisa se alimentar. - Eu disse com receio.

- Não tenho fome. - Ela sorriu finalmente e apoiou a mão sobre a minha ainda erguida.

- Fica comigo, Harriet. - Disse de repente.

- Por que agora? – Ela indagou incerta ainda.

- Porque eu te amo e não consigo mais viver um dia sem você. – Exalei um suspiro lentamente e Harriet fez o mesmo. Eu podia apalpar sua incerteza. – *Nada faz sentido* sem você na minha vida.

- E Giovanna também? - Ela fez a pergunta que mais desejava.

- Eu quero ficar com vocês. - Eu suspirei. - Me deixe ficar e cuidar de vocês agora?

- Ah Deus. - Os olhos dela ficaram marejados. - Você demorou tanto, Alec. - Uma lágrima deslizou por seu rosto. - Eu tinha perdido as esperanças em você.

- Eu serei um bom pai e um bom marido. - Toquei em seu rosto com a mão que estava livre. - Eu prometo que farei as duas felizes, só me diz que não é tarde demais. - Beije seus lábios. - Diz que aceita ficar comigo.

- Você demorou. - Ela tocou meu rosto e depois bagunçou meu cabelo. - Eu te amo e eu *nunca diria não para a felicidade*, Alec. Você faz parte da minha felicidade, sem você na minha vida é como se tudo fosse preto e branco.

- Eu sempre gostei de colorir as coisas. – Deixei um sorriso escapar dos meus lábios e ela fez o mesmo. – Está na hora de colorir nossas vidas. Não é tarde, é?

- Não! – Ela mordeu o lábio inferior.

- Ah! - Suspirei aliviado e a abracei fortemente. Fui inundado por seu perfume. Era uma mistura doce com cheiro de bebê. Eu já havia sentido aquele perfume antes, mas vindo dela, tão perto assim, era muito melhor. Levei uma mão até seu rosto, a afastando um pouco. Eu estava tremendo. - Você vai experimentar o anel ou vai me torturar por mais tempo?

- Eu devia fazer você se ajoelhar, mas... - Ela sorriu e ergueu a mão para mim. - Você o coloca no meu dedo?

- Minhas mãos estão tremendo, Harriet. Acho que eu não consigo. - Me agachei um pouco e aproximei o rosto do dela, tocando rapidamente meus lábios nos seus, deixando-a estupefata por um momento, mas um sorriso se formou no rosto dela logo depois.

- As minhas também estão. - Ela riu um riso nervoso. Eu toquei em sua mão e entrelacei nossos dedos, apertando-os um pouco.

- Acho que precisamos respirar fundo para nos acalmar. - Suguei e exalei o ar. Harriet fez o mesmo. Seus seios subiam e desciam rapidamente.

- É só um anel. - Ela fechou os olhos. - Não preciso ficar tão nervosa assim.

- Não é qualquer tipo de anel. - A corriji. - É um anel de noivado, Harriet.

- Você não está ajudando Alec. - Ela sorriu.

- Eu vou tentar, estica a mão. - Ela fez o que eu pedi e seus dedos não paravam. Olhei para os lados. - Não podemos entrar?

- Ai Jesus! - Harriet exclamou e levou a mão erguida até o cabelo, mas como ele estava preso, não pode bagunçá-los. Ela inspirou fundo e voltou a erguer a mão para mim. - Me pede de novo?

- Pedir de novo? - Arqueei a sobrancelha. - Você não faz ideia do quão difícil é falar tudo o que eu falei.

- Ah! - Ela encolheu os ombros. - Você está me deixando mais nervosa, Alec. *Isso não é bom para minha gravidez.*

Eu a encarei seriamente. Senti minha testa enrugando. Ela mordeu o lábio superior e abaixou a cabeça. Toquei sutilmente em seu rosto fazendo-a olhar para mim. Sua pele era tão macia que não havia hipótese de compará-la a alguma coisa. Harriet era única. Ela suspirou, seus lábios rosados ficaram úmidos e, em seguida, ela baixou a cabeça de novo.

Senti meu peito vibrar e as palavras engasgadas há muito tempo em minha garganta, quiseram se libertar. Eu precisava pronunciá-las para conseguir expressar o que eu realmente desejava.

- Case-se comigo, Harriet. - Seus olhos encontraram-se com os meus. Eu não sabia mais quais eram as palavras, até dizê-las em voz alta e fiquei surpreso por ter essa coragem inesperada dentro de mim. Desci minha mão e segurei a sua. - Eu quero você em minha vida, prometo amá-la pelo resto de meus dias, pois sem você eu não vejo um futuro para mim. É até estranho dizer isso agora, depois de tanto tempo, mas só a ideia de ver você longe de mim, foi mais doloroso do que pude imaginar algum dia. Fica comigo, seja

a minha, more no meu quarto, comigo e não mais no quarto do lado. - Brinquei com seu dedo anelar e aguardei sua resposta, olhando-a nos olhos intensamente. Queria que ela acreditasse e percebesse como eu estava me sentindo naquele momento. – Eu nunca acreditei que o amor surgiria de uma amizade, ainda mais como a nossa, mas agora tenho as respostas que eu precisava. Quem mais poderia saber tudo e ainda assim gostar de mim? Quem mais poderia ser se só havia uma companheira em toda a minha vida para todas as horas, sejam elas boas ou ruins? Todas as minhas conquistas, eu sempre pensei em você para compartilhá-las. Sempre foi você. Desde o instante que eu te vi. Então, Harriet, case-se comigo e me faça o homem mais feliz do mundo.

- Eu nunca te desapontaria e sua felicidade sempre foi minha prioridade. – Harriet sorriu. - É claro que quero te fazer o homem mais feliz desse mundo! - Ela gesticulou positivamente e, em seguida, seu rosto foi umedecendo gradativamente de tanto que chorava.

Eu coloquei o anel em seu dedo e senti um arrepio em todo o meu corpo. Eu ainda estava tremendo e meu coração batia em descompasso, mas não era medo e sim, me sentia feliz *pra caralho*! Olhei para a sua mão e abaixei um pouco a cabeça para beijá-la no dedo. Beije a palma de sua mão e mordisquei-a.

Ela estremeceu e isso foi mais do que um estímulo. Deslizei beijos por seu braço, ombro, puxei-a para ficar mais perto de mim e a beijei no pescoço. Seu perfume era tão incrível, tão maravilhoso. Mordisquei sua orelha levemente e, em seguida, segui por sua bochecha até chegar nos lábios.

Foi como se uma corrente elétrica atravessasse meu corpo. Eu nunca experimentei nada parecido com isso. Somente Harriet era capaz de fazer isso comigo. Sua boca era quente e úmida, tão macia. Ela era deliciosa e eu tinha ciência de que jamais me cansaria de beijá-la. Penetrei a língua em sua boca e ela me abraçou com força. Sua barriga contra mim não impediu meu corpo de reagir. Seus seios estavam amassados contra o meu peito e eu sentia suas formas.

Não tinha outra forma de matar a falta que eu sentia, a não ser apertá-la contra mim. Era uma necessidade descomunal que me dominava tanto que cheguei a cogitar que nunca mais aquela falta por ela fosse acabar, mesmo a tendo nos meus braços e ao meu lado.

- Eu te amo. - Ela disse ofegante quando afastamos os lábios. - Vem cá. - Ela enlaçou os dedos nos meus e me puxou para dentro.

- Eu achei que fôssemos para nossa casa. - Eu nem sei como consegui pensar em alguma coisa ainda. Eu estava desorientado por causa do beijo que havíamos acabado de trocar.

- Nós vamos. - Ela me olhou com sorriso nos olhos. - Mas antes, precisamos conversar com meus pais.

- Ah Deus. - Eu quis esfregar meu rosto, mas suas mãos estavam enroscadas com as minhas ainda. - Seu pai me odeia.

- Acho que depois de você decidir se casar comigo, ele não vai te odiar mais. - Seu sorriso era largo. Harriet estava radiante.

- Que Deus me ajude! - Ela riu roucamente. - Eu faço qualquer coisa por você, até enfrentar o seu pai, meu amor. - Achei que seu sorriso não podia aumentar, mas foi o que aconteceu. Pensei comigo mesmo que gostaria de ver aquele sorriso pela vida toda e decidi que faria o possível para que acontecesse sempre.

*

Conversar com seus pais não foi tão bom como Harriet esperava, mas no final deu tudo certo. Claro que tive que levar um soco no nariz primeiro. Pelo menos a raiva deles foi aplacada e eles me perdoaram. Eu não levei um soco só do pai dela, mas da mãe também e acredite, doeu mais do que o outro.

Harriet ficou indignada e quis brigar com seus pais, mas eu consegui acalmá-la, ela não podia ficar agitada. Eu entendia seus pais e faria o mesmo se aquilo algum dia acontecer a Giovanna.

Em primeiro lugar, jamais deixarei minha filha morar com um rapaz antes do casamento, como sua mãe fez. Nem todos os rapazes são respeitadores como eu fui com Harriet. É claro, enquanto a via no meio de sua família me via com a minha daqui a alguns anos e, ao contrário de muitas pessoas, não senti medo de ter aquilo e muito menos, achei antiquado. Olhei para Harriet e, em seguida, para seu ventre.

Giovanna, Giovanna... Murmurei em pensamentos.

Decidi naquele dia, que seria um pai completamente presente, mas muito autoritário e protetor.

*

Levei Harriet para casa. A contragosto de seus pais, é claro. Eles ainda queriam me punir, mas Harriet sempre foi boa demais para pensar em alguma coisa desse tipo. Eu estacionei o carro em frente a nossa casa e ordenei para que ela ficasse no carro. Era mais de 5h da tarde e quando abri a porta de casa, minha mãe estava andando de um lado a outro no meio de uma imensa bagunça na sala. Fiquei parado na porta um instante. A ideia de carregar Harriet no colo para dentro de casa simplesmente sumiu da minha cabeça diante daquela bagunça toda.

- Mas o que tudo isso está fazendo aqui? - Eu estava estupefato.

- Mais coisas chegaram querido. - Minha mãe disse impaciente. - Cadê a Harriet?

- Caramba, não estava programado para chegar semana que vem? - Eu apoiei a mão.

- Por que não pediu para levarem tudo para o quarto de hóspedes?

- Alec. - Assim que ouvi a voz de Harriet atrás de mim, me virei para ela. - O que está acontecendo?

- Ah. - Gaguejei, mas segurei firmemente em sua mão. - Era para ser uma surpresa, mas nem tudo saiu como eu esperava. - Comecei a puxá-la para dentro da casa. - Tem mais coisas no quarto de hóspedes.

- Harriet, querida. - Disse a minha mãe.

- Mas o que é isso? - Um grande Ó se formou em seus lábios. - Meu Deus, quanto vermelho.

- Eu achei melhor do que decorar com rosa. - Me justifiquei. - Branco e vermelho.

Ela foi até uma almofada e a segurou, levando até o peito e apertando.

- O berço é branco? - Eu assenti diante de sua preocupação.

- Tem alguns detalhes discretos. - Eu entrei e encostei a porta, fui até a estante e me agachei. Peguei um papel que estava bem escondido e levei até ela. - O meu plano é que seu antigo quarto fique assim. - Mostrei para ela o desenho que a decoradora fez para mim.

- Meu Deus. - Seus olhos umedeceram. - Eu amei esse laço na parede. Parece até com um embrulho de presente de verdade. - Ela levou a mão até os lábios. - Eu estava sofrendo tanto para escolher uma decoração linda para o quarto da minha filha, mas nada me agradava. - Ela fungou e ergueu o rosto para mim. - É tão lindo.

Ela se sentou no sofá e pegou as colchas, mas percebi que suas mãos tremiam. Fui até ela e me agachei ficando de frente. Peguei em sua mão e enrosquei nossos dedos. O anel de noivado brilhava em sua mão.

- Você está gelada. - Murmurei.

- É muita coisa para absorver num dia só. - Meus olhos encontraram os da minha mãe que imediatamente desapareceu em direção ao quarto de hóspedes. - Eu acho que estou passando mal. - Voltei meus olhos para Harriet ao ouvir seu anúncio. - Eu preciso... - Ela soltou uma de minhas mãos e levou a sua até a cabeça. - Eu só preciso me deitar.

- Devíamos ir ao médico. - Murmurei apreensivo, mas já a ajudava a se deitar direito no sofá.

- Eu já vou melhorar. - Ela ergueu a mão em minha direção e eu a segurei. - Vem aqui pertinho de mim, eu só preciso acreditar que tudo isso está mesmo acontecendo.

Meu coração ficou apertado com a sua declaração. Me aproximei e sentei no chão ficando de frente com ela. Com a mão livre, acariciei seu cabelo, seu rosto e ela fechou os olhos. Aproximei o rosto do dela observando cada nuance, até roçar meus lábios nos dela.

- Está acontecendo na vida real Harriet. - Deslizei minha boca na sua. - Você é minha agora. - Ela riu baixinho e abriu os lábios para mim quando lhe pedi permissão para penetrar a língua em sua boca para aprofundar aquele contato delicioso.

XXXI

ALEC

BEIJÁ-LA É SEMPRE TÃO GOSTOSO, ME ENTREGO tão intensamente a ela e ao que estamos vivendo quando a beijo. É como se perdesse a noção de tempo e espaço. Eu nunca senti algo parecido com isso em toda a minha vida. Era tão novo e assustador, mas ao mesmo tempo, me fazia desejar viver aquilo para o resto da vida. E eu estava totalmente decidido a nunca mais abrir mão disso. Eu acho que isso é amor que sempre está nos surpreendendo.

Com Harriet devia acontecer o mesmo naquele momento, pois ela aprofundava mais e mais o beijo, me puxava para ela e me abraçava com força. Parecia estar com medo de aquilo acabar a qualquer momento. Afastei um pouco os lábios dos dela e encostei a testa na sua. Sua respiração ofegante roçava minha pele. Acariciei sua cintura um momento e levei a mão em seu rosto, tocando-a no queixo.

Eu queria falar tantas coisas, mas não tinha fôlego. Abri os olhos e ela me observava. Eu não precisei falar nada do que desejava, bastava olhar nos olhos dela para demonstrar o que estava sentindo. Puxei seu rosto de volta e a beijei de novo. Minha língua tocava a sua e meus dedos se emaranhavam em seus cabelos.

- Hum. - Ouvi o farfalhar de uma saia e em seguida minha mãe arranhou a garganta. Afastei-me de Harriet e ergui a cabeça na direção da voz. - Acho que vocês deviam ir ao quarto.

- Boa ideia mamãe. – Disse ironicamente. Levantei-me rapidamente, mas não conseguia afastar minhas mãos de Harriet um segundo. Comecei a puxá-la pelo braço para se levantar. - Harriet precisa descansar.

- Sei... - Minha mãe lançou um sorriso malicioso para mim.

- E eu preciso matar um pouco a falta que sinto dela. - Harriet se levantou e a abracei nos ombros.

Ela ergueu o rosto para mim. Harriet estava ruborizada. Eu a achei tão magnífica que quase perdi o fôlego. Aproximei o rosto do dela que o ergueu oferecendo os lábios para mim. Roci meu nariz no seu e dei um selinho demorado. Eu não conseguia ficar muito tempo sem beijá-la.

- Você pode fazer amor? - Murmurei sem pensar muito no que acabava de falar. Eu só pensava no quanto eu sentia a sua falta.

- Alec. - Ela me repreendeu e virou o rosto na direção de minha mãe. - Não estamos a sós aqui.

- É claro que pode menino. - Foi minha mãe que respondeu e ela praticamente ignorou o fato de Harriet ficar constrangida na sua frente. - Só precisa tomar cuidado.

- Eu sou cuidadoso, mamãe. - Mordisquei o lábio inferior.

- Alec. - Harriet puxou a minha camisa e olhei para ela.

- Você é tão linda. - Suas bochechas estavam muito vermelhas. Meu coração bateu

descompassado, como se fosse sair pela boca a qualquer momento. – Eu acho nunca me cansarei de falar isso para você. - Disse de uma vez e descobri que nunca me cansaria de olhar para ela, pois não conseguia afastar os olhos dos dela.

- Eu estou uma bola Alec. - Ela olhou para baixo e apontou sua barriga.

- É a bolinha mais linda que já vi. - Eu já disse rindo, pois sabia que ela não iria gostar daquele comentário, tanto que a senti beliscar minha cintura, disse com a voz exaltada. - Isso dói, Harriet.

- Eu sei. - Ela piscou e jogou um beijo para mim.

- Vamos subir. - Beije seu rosto. - Eu tenho uma surpresa para você no meu quarto.

- Que sem vergonha você! - Harriet levou a mão direita no rosto.

- Eu estou falando sério. - Comecei a puxar em direção a escada e ela me deixou levá-la. - Você está melhor?

- Um pouco. - Eu me afastei dela e parei a frente da escada a olhando. - O que foi?

Eu não disse nada, simplesmente a peguei no colo e ela gritou surpresa, batendo em meu ombro. Não dei a mínima atenção para seus argumentos para me fazer largá-la. Eu só estava dando mais um passo para nossa vida juntos.

- Você não pesa quase nada, Harriet, tem certeza que engordou? - Disse quando cheguei ao último degrau.

- Eu estou muito gorda, não precisa ser delicado comigo. - Ela suspirou. – Sei muito bem quais são as minhas condições agora.

- Mulheres, como entendê-las? - Murmurei. - Poderia abrir a porta? - Parei de frente com a porta do meu quarto.

- Vamos dormir juntos sempre? - Ela abria a porta enquanto pronunciava a sua pergunta.

- Este quarto é nosso agora. - Eu a ergui no meu braço para esconder meu rosto em seu pescoço e sentir seu perfume. – E você aceitou morar no meu quarto.

- Mas não somos casados ainda. - A olhei, ela estava mordendo o lábio inferior.

- Eu não quero ficar um minuto longe de você quem dirá esperar mais tempo. Mas posso dormir no seu quarto, se preferir. - Eu a fiz se sentar na cama, de frente com o guarda-roupa. Me ajoelhei de frente a ela e me ajeitei no meio de suas pernas. - Vamos fazer de conta que já estamos casados. - Sussurrei, olhando diretamente em seus olhos.

- Mas... - Toquei os seus lábios com os meus.

- Eu já me sinto casado com você há muito tempo, Harriet. - Deslizei a ponta dos dedos por seu pescoço. - Desde que te conheci, eu não tinha percebido na época, mas você sempre foi a minha escolhida.

- Ah. - Ela suspirou e sorriu em seguida. - Amo você falando assim.

- Eu não tenho mais vergonha de falar o que estou sentindo para quem vale a pena. - E era verdade, pois eu nunca falei nada parecido para alguém. - Você vale a pena.

- Te amo. - Ela tocou meu rosto com as duas mãos.

- Eu sei. - Deixei-a me beijar, mas me afastei logo em seguida. - Você nem reparou que tem algumas caixas no chão.

- Eu vi sim, só não sabia como tocar no assunto. - Ela desviou o rosto e olhou atrás de mim.

- É um guarda-roupa novo e gigante. - Sorri e a boquinha dela se formou em um “Ó” surpreso. - Para caber todas as suas coisas.

- Será que cabe? - Ela ficou em dúvida.

- Se não couber, daremos um jeito. - Eu soltei o laço de sua trança e deslizei o dedo entre seus cabelos soltando-os por completo. - Eu quero te amar agora, Harriet.

- A minha barriga... - Eu percebi um olhar assustado nela.

- Vamos descobrir como nos amar assim mesmo? - Murmurei em seu ouvido.

- Eu tenho vergonha. - Ela baixou a cabeça.

- Não precisa ter vergonha de mim. - Comecei a puxar sua blusa e ela ergueu o braço. - Eu amo você grávida Harriet.

- Tem um gigante melancia na minha barriga, Alec. - Ela disse rindo.

- É só a nossa Giovanna, meu amor. - Fiquei a olhando. Seus seios eram tão grandes naturalmente, mas estavam bem maiores por causa da gravidez. A barriga bem redonda e dura. Levei os lábios até ela e a beijei, em seguida, toquei com as mãos e apoiei meu ouvido. - Ela está acordada! - Minha filha estava agitada.

- Você não faz ideia. - Percebi o tom de voz choroso de Harriet e ergui a cabeça. - Quantas vezes imaginei isso acontecendo, ver essa cena. - Seus lábios tremeram e lágrimas rolaram por seu rosto.

- Eu vou fazer isso todos os dias até ela nascer, meu amor. - A abracei. - Eu quero seguir tudo, até o dia em que ela nascer, as primeiras palavras que pronunciar os primeiros passos... Tudo. - Enxuguei seu rosto.

- Eu nem consigo acreditar, parece surreal demais para mim. - Ela suspirou exausta.

- Eu amo minha filha desde que soube de sua existência, Harriet. Eu fui burro todo esse tempo de me manter afastado. - Ela gesticulou concordando.

- Você tem curiosidade de ver seu rosto? - Suas mãos tremiam.

- Pra caralho. - Ela mordeu o lábio inferior e riu logo em seguida.

- Pensei que fosse a única. - Ela me abraçou. - Não estou feia, então?

- Nem um pouco, esses seios estão uma loucura. - Toquei no seio direito sobre o sutiã. – Deliciosamente tentador. - Suspirei e fechei os olhos sentindo o peso e percebendo que ele não estava mais cabendo em minha mão.

- Você pode fazer o que quiser com eles. - Ela disse bem baixinho, mas mesmo assim foi capaz de me fazer gemer.

- É claro que eu vou fazer. - Abri os olhos e empurrei o sutiã para o lado. O mamilo estava inchado e começando a escurecer. Senti minha boca ficar seca e não consegui dizer mais nada.

Acaricieei o mamilo com as pontas dos dedos um minuto até notar a mudança de sua pele e, em seguida, apalpei-o. Harriet gemeu e isso foi um estímulo para me fazer continuar. A empurrei para se deitar e a acompanhei, deitando de lado, apoiei o braço na cama e a cabeça nele. Harriet ficou me olhando. Voltei a apalpar o seio e acariciá-lo. Aproximei o rosto do seu para beijá-la.

Eu não estava acreditando que tinha a mulher da minha vida na minha cama, comigo, me beijando e me deixando fazer amor com ela. Dessa vez ela estava ali por vontade própria e não tinha nada a ver com insônia e um colchão velho a incomodando. Harriet estava ali comigo para sempre.

- Para sempre. - Ela murmurou e eu percebi que estava resmungando em voz alta. Ergui a cabeça para encará-la.

- É para sempre minha. - Voltei à cabeça, mas não beijei-a nos lábios. Fui em direção a seu pescoço. Minha mão pressionava seu seio e ela se contorcia na cama. - Linda. - Murmurei baixo em seu ouvido e a mordisquei o lóbulo de sua orelha.

- Lindo. - Ela enroscou os dedos em meu cabelo.

Eu me ergui rapidamente para me livrar da camisa. Joguei-a no chão e voltei a beijá-la. Harriet tocou meu abdome e sua mão deslizou para a minha calça. Por um momento achei que ela queria me livrar da roupa, mas me tocou sobre a calça e deslizou a mão para cima e para baixo contornando o volume, para me excitar ainda mais.

Eu estava ficando louco de desejo. Empurrei meu quadril contra a sua mão para que ela me tocasse mais e mais forte, como se assim pudesse melhorar a minha situação. Afastei-me quando percebi que estava com muito calor e perdia completamente controle.

Me liberei da calça e Harriet aproveitou para fazer o mesmo e livrou-se de sua roupa, ficando totalmente nua para mim. Olhei-a por inteiro. O monte de Vênus entre suas pernas eram ruivos e eu não me recordo de tê-lo notado ou sequer me lembrava que ela tinha uma tatuagem na virilha e era meu nome que estava gravado em sua pele. Então a olhava como se fosse a primeira vez, de novo. Tão perfeita.

Eu ainda estava de cueca, com um desejo desenfreado tomando conta do meu corpo a cada minuto. Por um momento tive medo de não me controlar e machucá-la. Ela era tão pequena, tão frágil... Mas tinha tanto fogo. Suspirei e me sentei na cama. Toquei sua perna deslizando a mão por sua coxa até virilha. Deslizei o dedo por seu monte de Vênus e ela murmurou um gemido, seus lábios tremeram.

Me deitei enquanto penetrava o dedo e a tocava no clitóris. Meu pênis duro tocou em sua perna e ela gemeu, o esfreguei mais vezes enquanto meus dedos trabalhavam dentro dela. Ela estava molhada, bem preparada para mim, mas eu queria mais. Apoiei a cabeça no braço, olhando-a, admirando-a se contorcer.

- Alec. - Ela choramingou.

- O que você quer meu amor? - Aproximei o rosto de seu ouvido e mordisquei. -

Pede Harriet que eu te dou. - Afundei mais o dedo e circulei o polegar em seu púbis.

- Eu quero você. - Desci beijos por seu pescoço, umedei-o e mordisquei-o até descer os lábios em seu seio e chupar seu mamilo como se tivesse realmente mamando dele. Sua pele era tão deliciosa.

- Eu já estou aqui. - Disse depois de chupar um mamilo.

- Eu quero você dentro de mim. - Ela suspirou.

- Daqui a pouco. - Esfreguei o pênis de novo em seu quadril e gemi, pois ela o segurou com força e apertou a cabeça. - Isso é jogo baixo.

- Não quero esperar mais. - A olhei nos olhos, meus dedos ainda trabalhavam. Ela contorcia o corpo e mordia o lábio tremendo.

- Eu vou te erguer um pouco. - Eu afastei os dedos e ela gemeu. Ergui suas pernas e seu quadril depois de ficar entre elas. Peguei o travesseiro e o coloquei debaixo dela.

Harriet apoiou as pernas em meus ombros sorrindo, esfreguei as mãos em suas coxas e quadris e fiquei de joelhos. Roci a cabeça do pênis em sua vagina e ela estremeceu. Afundei lentamente e sai. Tive que controlar meu quadril com a necessidade de afundar rápido e com o máximo de força para dentro dela. Deslizei e sai inúmeras vezes lentamente.

Harriet gemia, meu quadril batia no dela e quando isso acontecia, sentia a cabeça do pênis tocar até o fundo. Isso me enlouquecia e ela percebia, tanto que me apertava toda vez que a penetrava. Eu fechei os olhos e me deixei guiar. Senti quando a penetrava sua pele macia e molhada em torno do pênis. Meu quadril se contorcia e por mais força de vontade que eu tinha para me controlar, não precisei de mais estímulos que Harriet me deu para perder o controle.

- Mais forte e mais rápido. - Harriet murmurou entre os gemidos.

- Ah, Harriet, Harriet. - Disse e me afundei violenta e rapidamente para dentro dela. Abri os olhos e olhei para onde a gente estava se unindo. - Lindo! Magnífico! - Ela se apertou mais em volta do pênis. - Isso, me aperta desse jeito.

Ela puxou meus braços e me fez ficar com o peito sobre sua barriga. Bagunçou meus cabelos e meu rosto estava sobre seus seios. Não havia lugar melhor para cair. Me apoiei nos braços, forçando meu corpo contra o dela e chupei um mamilo, mordendo, lambendo e mamando com vontade.

Harriet me estimulava cada vez mais enquanto gemia e pedia mais força. Escutei o barulho de nossos quadris batendo um contra o outro, sentindo meu pênis deslizando perfeitamente para dentro e para fora. Eu estava quase extasiado, faltava tão pouco.

- Mais forte Alec. Mais... - Ela sussurrou, se contorceu e tremeu violentamente. Seus dedos estavam cravados nas minhas costas e eu a sentia pulsando e apertando em volta do pênis.

Eu me afundei mais algumas vezes, não consegui me segurar por mais tempo para aproveitar aquela pele deliciosa e cheirosa grudada em mim. Quando a penetrei mais uma vez antes de perder a força por completo, eu caí para o lado depois de ejacular a última

gota dentro dela.

Sentia meu corpo pegando fogo ainda. Tinha acabado de gozar, mas queria muito mais ainda. Fechei os olhos para tentar acalmar um pouco. A culpa era toda de Harriet. Por que ela tinha que ser tão gostosa na cama? Senti seus dedos em meu peito e em seguida seus lábios.

- Eu preciso me acalmar Harriet. - Abri os olhos e a encarei.

- Eu não estou satisfeita ainda. - Ela fez círculo contornando meu peito.

- Você acabou de gozar. - Nem preciso dizer que isso fez meu pênis pulsar um pouco, né?

- Eu sei, mas não aplacou a minha vontade completamente ainda. - Ela suspirou. - Acho que nunca vai acontecer.

- Eu também acho que vai ser sempre assim. - Me virei para ficar de frente com ela. - Precisamos nos acalmar um pouco pelo bem da nossa garota.

- Eu sei! - Ela suspirou. - Mais tarde, talvez?

- Com certeza. - Eu me levantei e peguei as roupas no chão.

- Aonde você vai? - Olhei para seu rosto e a vi preocupada.

- Preciso pegar suas malas no carro. - Fui até ela e beijei sua testa. - Descanse um pouco, eu volto logo.

- Ah! - Ela umedeceu o lábio. - Eu gosto da sua cama.

- Nossa cama! - A corrigi e beijei rapidamente a sua boca. - Amo você. - Sussurrei.

- Eu também amo você. - Ela se cobriu.

- Que pecado esconder seu corpo. - Deslizei um pouco a coberta para expor seus seios.

- Bobo! - Ela escondeu de novo e seu rosto ficou vermelho.

- Daqui a pouco eu volto para te descobrir. - Fui até a porta e joguei um beijo para ela.

- Vou contar os minutos. - Ela suspirou, mas seu suspiro foi de deleite ao invés de cansaço.

Desci rapidamente a escada e quando cheguei até a sala, as coisas não estavam mais na sala e um cheiro vinha da cozinha. Olhei para minha mãe de costas para mim que cantarolava enquanto cozinhava. Ela estava feliz por mim e Harriet, sem dúvidas.

Eu fui até a garagem e carreguei as malas para dentro de casa. Quando cheguei no quarto, assim que entrei, Harriet dormia. Um seio estava exposto. A cobri e beijei sua testa. Ela dormia de barriga para cima e uma mão se escondia embaixo do travesseiro. Me deu uma vontade grande de me deitar com ela, mas achei que podia fazer melhor. Tomei banho rapidamente e fui ajudar a minha mãe a fazer o jantar.

Quando voltei, Harriet ainda dormia. Olhei o relógio e resolvi que devia acordá-la para comer alguma coisa, fazia muitas horas que ela estava dormindo. Deitei ao seu lado na cama e beijei seu pescoço. Ela moveu-se resmungando. Senti-a tão quente e cheirosa. Aproximei meu rosto de sua boca e a beijei.

- Hum, estou com mau hálito, Alec. – Eu segurei seu rosto, ao ouvi-la, pois ela já o virava para o lado, incomodada.

- Eu não me importo. – Dei um beijo em sua bochecha. – Está na hora do jantar.

- Já? – Ela finalmente abriu os olhos.

- Você dormiu bem. – Apoiei o corpo no braço, ficando de lado, apenas a admirando.

- Fazia muito tempo que não dormia assim. – Ela olhou em minha direção. – Obrigada! – A mão que carregava o anel de noivado tocou em meu rosto e me acariciou suavemente. – Agora vai ser do jeito que deveria, não é?

- É o que está predestinado a acontecer, meu amor. – Disse sem ressentimento ou peso na consciência. Poderia até estar soando meloso demais, mas eu não podia fazer nada, eu simplesmente queria me declarar para ela o tempo todo. Harriet sorriu.

- Acho que posso me acostumar a despertar com você me beijando. – Ela disse rindo.

- E com choro de madrugada também. – Ela mordeu o lábio inferior ao perceber do que eu estava falando.

- Vamos ter que revezar. – Ela mal começou a falar e eu já gesticulava a cabeça negativamente.

- Ah não, princesa Merida, não posso atrapalhar meu sono de madrugada. – Disse na defensiva e Harriet gargalhou.

- Eu acho que você não vai conseguir ficar longe dela. – Harriet ergue-se um pouco e me beijou rapidamente.

- Realmente, quando os urubus começarem a ficar em volta dela, eu estarei com uma espingarda para espantá-los. – Ela gargalhou com o que eu disse. – Sinceramente, não vejo graça no que eu disse.

- Eu já imagino essa cena, Alec. – Ela continuou sorrindo.

- Alec? – Minha mãe bateu na porta. – A comida está esfriando, meus amores.

- Já estamos indo. – Respondi, mas nem me movi da cama e muito menos afastei os olhos dela.

- Estamos indo? – Harriet deslizou a coberta mostrando os seios para mim.

- Meu Deus, é claro que não estamos indo! – Respondi claramente interessado no que ela me mostrava. – Jogou muito sujo agora, minha querida.

- Vai se acostumando. – Quanta ousadia dela, mas eu confesso que gostei muito disso tudo.

Eu não deixei de fazer sexo desde que eu e Harriet tivemos nossa primeira vez junto, mas nenhuma das vezes chegou a se aproximar intensamente da minha experiência com

ela, mesmo estando grávida. Era maravilhoso fazer amor com ela.

*

Duas semanas havia se passado, desde que eu e Harriet resolvemos nossa situação. Eu não podia estar me sentindo mais feliz do que já estava. Eu saía mais cedo do trabalho naquele dia para acompanhá-la a mais uma consulta. Eu iria ver Giovanna e meu coração estava batendo fortemente. Deus, eu iria ver Giovanna! Minhas mãos suavam frias. Meu celular tocou e no visor apareceu a foto de minha mãe.

- Oi. – Disse enquanto parava o carro no farol.

- Harriet está em casa. – Ela disse imediatamente. – E está andando de um lado para o outro.

- Combinei de buscá-la no trabalho. – Olhei o relógio para ver se não estava atrasado. – Eu estou adiantado. O que ela está fazendo em casa?

- Ela disse que saiu mais cedo e agora fica ali na sala andando de um lado para o outro. – Olhei para o farol que não saía do vermelho.

- Eu chego em 10 minutos. – Avisei e desliguei o aparelho, buzinando quando o sinal mudou para o verde e o carro na minha frente, não saía do lugar. Bati fortemente no volante. – Anda carroça, o semáforo já está verde, que caralho! – Resmunguei.

Eu demorei mais do que devia para chegar em casa. Parei o carro de qualquer jeito na garagem e corri para dentro, Harriet estava recebendo um copo com água de minha mãe, mas continuava em pé.

- Harriet? – Disse um pouco receoso. Ela me viu e veio em minha direção.

- Alec! – Ela me abraçou com força.

- O que aconteceu meu amor? – A abracei com força e percebi que ela estava tremendo.

- É o trabalho. – Ela bufou. – Eles querem que eu vá para os Estados Unidos de qualquer jeito.

- Eles não podem te obrigar. – A segurei nos braços ao me afastar.

- Eu já assinei o contrato, Alec. – A senti soprar o ar no meu rosto.

- A gente não precisa se preocupar com isso agora, não é? – Acaricieei seu rosto suavemente com a ponta dos dedos. Ela era tão linda. – Vamos dar um jeito.

- Eles querem uma posição o mais rápido possível. – Ela mordeu o lábio inferior e fechou os olhos. Afastou-se de mim e levou a mão na barriga, agachando-se. – Alec... – Ela me segurou com força no braço. – Meu Deus, isso dói.

- O que está doendo? – Senti um arrepio transpassar toda a minha coluna até a nuca.

- Contração. – Ela gritou e agachou-se mais.

- Ela está tendo contração? – Eu nem tinha percebido que minha mãe ainda estava na sala até ouvi-la.

- Você já teve filho, devia saber o que é isso, mãe. – Resmunguei. Abaixei-me e peguei Harriet com cuidado no colo e a carreguei para deitar-se no sofá. – Pega mais almofadas para ela, mãe. – Gritei.

- Ah, droga. – Harriet dobrou as pernas e virou-se no sofá. – Isso dói demais. – Algumas lágrimas rolaram por seu rosto.

- Harriet, de zero a dez, qual o tamanho da sua dor? – Minha mãe agachou-se na frente dela, ficando de joelhos no chão. Segurou sua mão.

- Por Deus, eu não consigo pensar em nada disso, só sei que nunca senti uma dor como essa. – Ela juntou os dentes enquanto rosnava o que me parecia ser um grito. – É pior do que cólica.

- Vamos levá-la ao hospital mãe. – Meu coração estava acelerado.

- Precisamos esperar um pouco mais. – Minha mãe levou a mão até a testa de Harriet.

- O caralho que vamos esperar. – Meu coração apertou quando a ouvi gritar novamente e chorar. – Vamos ao hospital agora. Ligue para o médico dela enquanto busco as coisas no quarto.

- Alec, nós não podemos alardear. – Minha mãe estava tão calma que ao invés de me acalmar também, só me deu vontade de sacudi-la.

- O diabo que vou me preocupar se é um alarme falso, ou não. Ela tem pressão alta, não podemos esperar ter um ataque ou um filho. – Bufe e dei as costas para elas, indo diretamente para o quarto o mais rápido que pude para pegar a bolsa que não estava pronta ainda para quando Giovanna resolvesse nascer, mas não poderia arriscar.

Droga, será que *minha filha* estava querendo nascer antes do tempo?

Eu precisei me sentar na cama um momento ao pensar nisso, até que ouvi o grito de Harriet, o que me despertou do pequeno devaneio. Corri de volta a sala e minha mãe olhava pra mim, desesperada.

- Sangue Alec. Ela está sangrando.

Senti uma fraqueza me dominar enquanto a via chorar e retorcer-se no sofá. Meu estômago embrulhou. A ouvi me chamar algumas vezes.

Eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo.

- Teremos que ir ao hospital, querida. – Ouvi minha mãe dizer a ela, mas não conseguia me mover dali e ir até ela. – Vai precisar aguentar mais um pouco. – Minha mãe virou o rosto em minha direção. Ela estava suada e toda descabelada. – O que você está fazendo aí parado ainda? Vamos Alec! – Ela chamou minha atenção. – Essa não é uma boa hora para você passar mal!

Eu fechei os olhos, inspirei todo o ar que podia e caminhei lentamente até ela. Realmente havia sangue, mas não era muito e eu pude resistir.

Não posso dizer o mesmo de Harriet. Ela estava sofrendo muito.

Enquanto dirigia, eu apertava o volante com força, ao som de seu sofrimento no

banco de trás e pensava no quanto eu queria estar sentindo aquela dor no lugar dela.

*

Eu não me lembro de muita coisa exatamente. Lembro-me de chegarmos ao hospital e levarem Harriet imediatamente para a sala de parto, eu a acompanhei a todo o momento, mas desmaiei pelo menos, umas três vezes. Era muito sangue e o cheiro muito forte, não podia controlar os meus batimentos, mas a maior parte do tempo eu consegui segurar sua mão.

Até que ouvi o choro alto e fino de Giovanna. O som de seu choro me deixou mais estável. Eu e Harriet ficamos olhando para ela, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. A enfermeira levou-a até nós. Harriet tocou-a no rosto e ficou olhando para mim. Retirei o celular do bolso e tirei uma foto delas.

- Nosso bem mais precioso, Alec. – Ela levou a mão até o rosto, enxugando-o.

- Vamos precisar ligá-la aos aparelhos. – A enfermeira sorriu. – Mas ela está indo muito bem.

- Irei vê-la daqui a pouco. – Disse ao ver o nervosismo de Harriet por ver Giovanna ficar cada vez mais longe dela.

- Você promete? – Ela segurou forte minha mão.

- Sim. – Toquei em seu rosto.

- Você deveria ficar tranquila. A cirurgia ainda não acabou. – Olhei para o lado, ao ouvir o enfermeiro, mas rapidamente desviei os olhos. Voltando a encarar Harriet.

- Eu estou tentando. – Ela fechou os olhos um instante. – Me sinto tão cansada.

- É claro. – Eu beijei sua testa. – Assim que você e Giovanna saírem daqui, iremos nos casar. – Sussurrei para ela.

- Eu quero o casamento dos sonhos, Alec. Acho que podemos esperar um pouquinho. – Harriet foi fechando os olhos lentamente, sua voz soava baixa e estava bem lenta.

- Teremos o casamento dos seus sonhos, Harriet. Seja aqui ou nos Estados Unidos. Vou aonde você for. Se não conseguirmos resolver o problema do seu novo trabalho. Eu vou com você. Eu nunca mais vou abandonar vocês. Não se esqueça disso. – Ao me ouvir, ela piscou algumas vezes, acho que estava absorvendo o que havia acabado de ouvir e me pareceu satisfeita. E finalmente ela dormiu.

EPÍLOGO

HARRIET

É MUITO DIFÍCIL FAZER UM DISCURSO. Muito mesmo. Ainda mais quando é no dia do seu casamento. Eu já havia chorado muito. Alec e eu esperamos um ano para nos casarmos. Queríamos que Giovanna estivesse andando para ser nossa dama de honra. E ela estava linda. O vestido vermelho, ideia de Alec, ficou maravilhoso nela. Eu chorei muito quando ela caminhou, ao lado de Lili para me levar as alianças. Foi uma das cenas mais comoventes na minha vida.

Enquanto olhava para ela, antes de fazer um discurso na festa, eu percebi que em todo o tempo que a carreguei no ventre, fui apenas uma barriga de aluguel. Giovanna era igualzinha a Alec. Cabelos eram escassos, mas negros iguais aos dele. Olhos verdes da cor de uma esmeralda, tão intensos como os de Alec. Eu queria pelo menos que herdasse os meus cachos cheios, mas meus desejos parecem que não foram e nem serão atendidos.

Estava sentada na mesa. Ao lado de Alec que segurava Giovanna no colo. A aliança que havia colocado em seu dedo destacava. Olhei em seus olhos, aproximei o rosto do dele e o beijei. Todos os convidados bateram palmas. Voltei a olhar a minha volta. Eu fiz questão de convidar as pessoas da faculdade, inclusive Julian, meu ex-namorado que, por incrível que pudesse parecer, estava namorando Cecília.

Me levantei e todo mundo parou de falar. Georgia e sua neta Mirela foram as minhas madrinhas. Eu sei que todo mundo achou estranho o fato de uma senhora com mais de 60 anos ser minha madrinha, mas eu não estava me importando. Elas eram as pessoas mais próximas além de Alec, Lili e minha família. Não queria outras madrinhas para o meu casamento. Estava muito feliz com elas.

- Eu quero fazer um discurso. – Todo mundo aplaudiu e alguém me entregou o microfone. – Primeiramente, obrigada a todos pela presença. – Retirei um papel que estava amassado entre os seios. – Desculpe pela falta de discrição, mas eu não sabia onde esconder esse papel. – A maioria das pessoas riu do que eu disse. Senti meu rosto esquentar e, em seguida, Alec segurou uma de minhas mãos me confortando. – O que eu tenho para falar não é somente sobre mim e Alec, até porque não vou contar todos os nossos segredos, mas o que eu aprendi ao longo desses anos todos que Alec e eu nos conhecemos, até nos tornarmos marido e mulher. - Arranhei a garganta e estiquei o papel, antes de começar.

Eu nunca, nunca mesmo, disse isso para alguém, mas mesmo desejando mostrar as pessoas que não queria ser igual a elas, desejando expor sempre que sou uma mulher diferente, intelectual e desajeitada, quando criança, eu era igual a todas as garotas da minha idade. Sonhava em me casar com o príncipe encantado. A diferença é que eu não acreditava que ele fosse chegar em um cavalo branco, como a maioria das personagens de contos de fadas.

E, por coincidência ou não, Alecsander Bevilacqua me dava apelidos de princesas e me tratava como uma. Ele me fazia sentir especial. Acho que todos os homens deviam fazer as mulheres se sentirem assim. E não uma vez, mas todos os dias.

Não é o que as pessoas dizem que a maioria das pessoas está destinada a alguém?

Mas a maioria das pessoas se esquece de que quando encontra alguém, aquela pessoa certa, a destinada, não precisa mais fazê-la se sentir especial. Não precisa ser conquistado. Não precisa receber agrado. Não precisa mais fazer absolutamente nada. Preferem ter um relacionamento estagnado e desgastado.

Eu não me refiro somente aos homens, eu me refiro ao que eu percebi. Não tive muita experiência, mas conheci pessoas que tiveram, observei tantos detalhes que achei importantes para levar comigo.

Percebi que um relacionamento entre duas pessoas é muito mais do que desejo sexual. É claro que isto é necessário e saudável, mas quando sento no sofá da nossa casa, para assistir a um filme com Alec ou fazemos as coisas que gostávamos de fazer antes de ficarmos juntos e que nos fazia bem, eu sei que não vamos e não queremos perder aquilo. É o que nos define. É o que nos une o tempo todo.

Com ele, eu quero discutir numa tarde de sábado sem um motivo qualquer, como qualquer casal, mas quando a discussão acabar, iremos nos sentar para ver um filme, ou iremos à Place Saint Gery ou ficaremos na nossa biblioteca para fazer o que gostamos, para nos conectarmos de novo, como foi no começo de tudo.

Todo relacionamento precisa ter uma base. Quando nos importamos com ele e não queremos perdê-lo, nós optamos por voltar ao começo de tudo. Talvez, voltaremos à escola e sentaremos debaixo da árvore ou compraremos uma casa com um enorme jardim para nos sentarmos e lermos um livro juntos. Ou, talvez, trombaremos um no outro de novo.

O importante é querermos continuar e manter o que temos. Pode ser que as pessoas me achem maluca por querer que seja perfeito. Eu quero sim um casamento perfeito e saudável. Com brigas e reconciliações, mas eu quero também um relacionamento onde o meu, agora marido, me conheça. Saiba tudo ao meu respeito. Da mesma forma que eu saberei sobre ele.

Todo mundo aqui sabe que Alec e eu nos conhecemos bem. Até sei que algumas pessoas nos queriam juntos ou percebiam o que havia entre nós antes mesmo de percebermos. Não é mãe? – Eu olhei para ela, sorrindo. Ela estava tão bonita e saudável. Era tão bom vê-la assim, bem. Suspirei. – Sogra. – Pisquei para Lili. – Eu não havia planejado fazer um discurso tão longo. Eu só iria falar dos contos de fadas e que o Alec era o meu príncipe encantado e me empolguei. Acho que bebi demais. Alguém tira a taça da minha mão? – Os convidados riram. Eu respirei profundamente para continuar.

Quando batemos um no outro na escola e foi como nos conhecemos. Olhando para um garoto tímido e totalmente desajeitado, eu percebi que ele seria o meu melhor amigo e da nossa amizade, iria surgir o amor. Como eu percebi isso? Eu não faço ideia, mas meu coração sentiu algo especial naquele momento e me disse para insistir e ir atrás dele.

Alec querido, quando eu insisti em me aproximar de você, eu já estava apaixonada, mas ele gostava de outra garota e não insisti em nada além da amizade, entretanto, sempre fui a sua escolhida, ele sempre me procurava ou voltava para mim.

Sem você, minha vida não faz sentido. Eu não me lembro da minha vida antes de você. Tudo parece um pequeno borrão agora, pois não tinha significado. Foi somente

quando te conheci que as coisas começaram a fazer sentido para mim.

Levei a mão até o peito, sentindo-o apertado. Queria chorar, estava emocionada. Eu olhei para todos que estavam em silêncio e umedei os lábios. Virei o rosto para Alec que estava sorrindo, olhando para mim. Ele se levantou e tirou um papel do bolso.

- Meu discurso é efêmero, espero que goste, porque ele é todo para você. – Mordeu o lábio, com os olhos conectados com os meus. – E acho que complementa o seu. - Ele pegou o microfone e eu me sentei, pegando Giovanna, que não parava de beliscar os doces que estavam no meu prato e no de Alec. Ele não olhou para ninguém, além de mim, enquanto lia o discurso.

A vida nos surpreende, pois quando você menos espera, ela te dá um presente. Um presente que você levará para vida toda e tem um nome; amizade. É algo que não sufoca, mas de certa forma, une uma pessoa a outra. Ter amigos nos ensina tantas coisas, nos faz amadurecer, pois amizade significa enfrentar as batalhas e as dificuldades do outro que, de certa forma, temos como aprendizado. Amigos são como uma peça valiosa de preço inestimável, pois ninguém compra e sim se conquista.

Amizade é segurar a mão quando o outro precisa, é enfrentar o sofrimento, é partilhar dos momentos felizes, dos sonhos e pesadelos. É fazer o outro sorrir quando ele está chorando. Amigo que é amigo cuida, se preocupa e respeita cada momento seu. Conhece seus defeitos e aceita como são, até quando o outro se intromete nos seus assuntos, mesmo com o intuito de ajudar.

Amigo que é amigo está sempre pronto a ajudar e nunca pede nada em troca. Amizade verdadeira, ela é pura e não exige provas de sua autenticidade. Podemos identificá-la através dos gestos, da confiança e companheirismo.

Uma amizade de verdade, tem sentimento, um sentimento que a maioria de nós tem medo de dizer o que é, mas eu não tenho. Harriet foi me conquistando, foi se tornando parte da minha vida e quando percebi o amor que nutria por ela se transformou.

E eu entendi que tudo o que tínhamos podia ser o começo de algo mais forte e bonito, que estava começando a surgir dentro de mim. Eu a desejei como mulher. Entretanto, amar alguém sempre foi difícil. Mas quando da amizade nasce o amor? Você fica surpreso, assustado e em dúvida, pois sente seu coração bater mais forte pela única pessoa que tem medo de perder, não sabe o que fazer, nem como agir, cada movimento se torna um risco.

Amar já é arriscado. É necessário estar preparado para enfrentar todas as dificuldades que surgirem, é saber a hora de ceder. Sem ter medo de arriscar. Deixei meu coração me guiar. E, de repente, percebi que estive o tempo todo ao lado da mulher que queria para a minha vida.

Eu sempre fechava os olhos para me recordar da música que meu pai tocava para minha mãe. Eu sabia o ritmo, mas não a letra e, há três dias, eu me lembrei. É uma música romântica, mas muito bonita. Meu pai sempre foi meu herói e tinha um ótimo gosto para música. E eu sei que você ama essa música, minha esposa.

Antes que pudesse perceber, os integrantes da banda de Alec se levantaram e estavam na nossa frente, com seus instrumentos. Um tocava guitarra e o outro baixo.

Mordi o lábio ao sentir a mão de Alec tocar a minha e me fazer levantar. E ele começou a tocar. *With or Without You* do U2. Ah se ele soubesse que eu ouvia essa música no momento que trombava meu corpo no dele, há exatos 7 anos. Quase desmaiei ao ouvir sua voz rouca e seus olhos pregados nos meus. Foi impossível controlar minhas lágrimas.

*See the stone set in your eyes
See the thorn twist in your side
I wait for you
Sleight of hand and twist of fate
On a bed of nails she makes me wait
And I wait... without you*

Alec segurou uma de minhas mãos e a levou até seus lábios, beijando-a suavemente. Senti meus pelos ficarem eriçados com o contato.

*With or without you
With or without you
Through the storm we reach the shore
You give it all but I want more
And I'm waiting for you*

Alguém me trouxe um lenço e eu não fazia ideia de quem foi, mas aceitei, com certeza. Não conseguia tirar os olhos e deixar de cantar junto com Alec. A voz, os gestos e todo mundo cantando ao mesmo tempo, estava perfeito. Jamais iria esquecer aquele momento. O abracei e Giovanna o segurou pela camisa, ficando entre nós. Alec aproximou o microfone da minha boca, para que eu cantasse. Todos os convidados estavam cantando. Ele se aproveitou disso e aproximou o rosto do meu, cantando em meu ouvido, com uma voz rouca e bastante sensual.

*With or without you
With or without you ohoo
I can't live
With or without you*

- Agora somos Alriet, definitivamente. – Ergui o rosto para encará-lo e arqueei a sobrancelha, ele percebeu que eu não tinha entendido. – Minha mãe tem nos chamado assim quando você não está por perto. É a junção de nossos nomes e achei bonito.

*And you give yourself away
And you give yourself away
And you give
and you give
And you give yourself away*

- Sua mãe me disse que nada faz sentido sem Alriet na vida dela, eu não tinha compreendido, mas agora entendi. – Sorri para ele. As pessoas continuavam cantando. Abri meus lábios. – Me beije enquanto ouvimos este coro atrás de nós maravilhoso.

*My hands are tied
My body bruised, she's got me with
Nothing to win*

and nothing left to lose

- Acho que está na hora de irmos para a nossa lua de mel. – Alec olhou ao redor rapidamente. – *Dublin* nos espera, meu amor.

*And you give yourself away
And you give yourself away
And you give
and you give
And you give yourself away*

- Eu separei alguns filmes para levarmos. – Ao me ouvir, ele gargalhou inclinando a cabeça para trás.

*With or without you
With or without you
I can't live
With or without you*

- Agora que acabou a música, podemos ir? – Tudo estava silencioso ao nosso redor. Eu assenti e enrosquei meus dedos nos dele, antes de acenar para as pessoas. Alec segurou Giovanna no colo. Olhei para os convidados. Eles estavam esperando por alguma coisa. Voltei a olhar para Alec.

- Acho que devemos nos beijar agora. - Ao me ouvir, ele sorriu maliciosamente. Inclinei a cabeça para ele, oferecendo os lábios.

Alec tocou em meu rosto com a ponta dos dedos e aproximou o rosto do meu. Brincou com seu nariz no meu e beijou a minha bochecha. Senti sua respiração roçar a minha pele, antes de sua boca tomar posse da minha. Beijá-lo sempre me deixava totalmente sem fôlego. Sua boca tocando a minha, o corpo colado no meu. O coração batendo um contra o outro em sintonia. Afastei os lábios dos seus um momento.

- Eu te amo. – Disse olhando em seus olhos.

Agradecimento

Lembrar-me de todas as pessoas que passaram pela minha vida não é fácil e estou me esforçando para não deixar de citar ninguém, entretanto, é tão difícil, pois na vida da gente, tantas pessoas passam por ela; algumas deixam sua marca, outras podem ser esquecidas com o tempo. É assim com todo mundo.

Primeiramente, agradeço a minha família, meu pai por acreditar em mim, ao meu irmão por achar bonito o fato de eu escrever, mesmo após anos não entender isso, até eu dizer: vou publicar um livro. Aí as coisas pareceram fazer mais sentido para ele. A minha mãe que mesmo não entendendo o quanto eu gosto de escrever me apoia. A minha melhor amiga, Ana Carolina Castilho, que sem os incentivos dela Alriet não teria saído da gaveta.

As minhas parceiras, que através de Alriet construímos uma amizade forte.

A minha agente Graziela Rustiguela Franzoni da GRF – Consultoria de Texto por acreditar no meu trabalho.

E a você que leu a história de Alec e Harriet até aqui, espero que encontre seu romance perfeito e dividam o mesmo amor por algo em comum e construam memórias inesquecíveis juntos.

Se você quiser falar comigo, contar a sua história, estou à sua disposição. Pode me enviar e-mail: grazielefontes@hotmail.com ou me procurar nas redes sociais, como Grazi Fontes ou autora Grazi Fontes. Pode me procurar que estarei sempre disponível. Gosto de conversar e conhecer pessoas.

Um beijo,

Grazi Fontes

[1] Kilt é uma saia masculina, pregueado na parte de trás, trespasado na parte da frente, de comprimento da cintura até os joelhos e sem o uso da cueca..

[2] Discman: leitor de CD portátil.

[3] Nome de uma cerveja comum da Bélgica

[4] Ponto turístico de Bruxelas. Que fica entre a estação central e ao Grand Palace.

[5] Merida é personagem principal do filme Valente em mais uma produção da Disney. O filme lançado em 2012 nos principais cinemas de todo o mundo e teve recorde de bilheteria.

[6] Rua dês Boucherse é uma rua turística onde há muitos restaurantes. Fica próxima a galeria Royales.

[7] É um prato típico da Bélgica. Carne cozida com molho de cerveja escura.

[8] Brussels Mid é uma estação de trem localizada em Bruxelas.